

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MAURO LUIZ FERREIRA SILVA

***HUIOTHESÍA E THEÓSIS: ADOÇÃO COMO FILHOS E FILHAS DE DEUS, RUMO  
À DIVINIZAÇÃO***

São Leopoldo

2022

MAURO LUIZ FERREIRA SILVA

***HUIOTHESÍA E THEÓISIS: ADOÇÃO COMO FILHOS E FILHAS DE DEUS, RUMO  
À DIVINIZAÇÃO***

Tese de Doutorado  
Para a obtenção do grau de  
Doutor em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: História das  
Teologias e Religiões  
Linha de Pesquisa: Cristianismo e História  
na América Latina

Pessoa Orientadora: Valério Guilherme Schaper

São Leopoldo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586h Silva, Mauro Luiz Ferreira  
*Huiotesia e Theósis*: adoção como filhos e filhas de Deus, rumo à divinização / Mauro Luiz Ferreira Silva ; orientador Valério Guilherme Schaper . – São Leopoldo : EST/PPG, 2022.  
235 p. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2022.

1. Adoção (Teologia) – Ensino bíblico. 2. Apoteoses. 3. Parentalidade – Aspectos religiosos. I. Schaper, Valério Guilherme, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MAURO LUIZ FERREIRA SILVA

**HUIOTHESÍA E THEÓISIS: ADOÇÃO COMO FILHOS E FILHAS DE DEUS, RUMO  
À DIVINIZAÇÃO**

Tese de Doutorado  
Para a obtenção do grau de  
Doutor em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: História das  
Teologias e Religiões

Data de Aprovação: 21 de janeiro de 2022

PROF. DR. VALÉRIO GUILHERME SCHAPER (PRESIDENTE)  
Participação por webconferência

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> KARIN HELLEN KEPLER WONDRACEK (EST)  
Participação por webconferência

PROF. DR. FLÁVIO SCHMITT (EST)  
Participação por webconferência

PROF. DR. PAULO AUGUSTO DE S. NOGUEIRA (PUC-Campinas)  
Participação por webconferência

PROF. DR. ISIDORO MAZAROLO (PUC-RS)  
Participação por webconferência

*À Trindade Santa — Pai, Filho e Espírito  
Santo — Amor da minha vida*

## AGRADECIMENTOS

Embora haja dedicado a Deus este trabalho, preciso agradecer ainda. Quem te poderia conhecer, meu Deus? Quem, chamar-te Pai? Mas Tu és Amor, e Perdão, e Adoção. Assim, pude me atrever. Obrigado. Chamaste-me pela cruz, grande sarça. Ouvei e vi. Então, tirei as sandálias, e todo adorno. E despi-me todo, e fui santificado.

Trindade Bendita, Una e Santa, que me amaste! Do pó me levantaste de novo tua imagem, nova mente, teu reflexo. E me deste auxílio: Tua própria Pessoa, teus santos anjos, tua Palavra poderosa.

Aline-Cristo-Mauro, uma comigo, amou-me com esse doce amor que Tu lhe deste. E sofreu, e orou, sentindo em sua carne a dor que deste a mim. E nos concedeste alívio, e uma espera boa, e bom fim. Victória, Gabriel, Nicholas e Jonathan, nossos rebentos, alegraram-se conosco, embora privados tantas vezes de mim.

Também a Igreja, filhos-irmãos-e-irmãs, ovelhas, esperaram-me fortalecido a fim de cuidar melhor. E oraram pedindo forças, e rebrilhamos no Espírito. Estamos fortes.

E, na fraqueza ou força, orientação. Valério-Guilherme-Schaper-café-e-prosa, sorrisos largos, conselho e ânimo. Muito obrigado, professor.

E de meus pais, Mário e Nazir, tantas saudades! Podem ver isto? Estão sorrindo? Fortaleceu-me poder honrar sua memória, meus velhinhos. Homenagem de seu caçula. *In memoriam.*

E minha irmã Lenice Ferreira Silva de Sena. Riso e prece. Obrigado. E meu sogro Antônio, e minha sogra, Maria. Que grande encorajamento!

E do Dr. Flávio Schmitt e do Dr. Rodolfo Gaede Neto, considerações preciosas na banca de qualificação. Considero-os muito.

E ao Walmor Ari Kanitz, pela “segunda milha”; chegamos! E à Faculdades EST, querida casa investidora. E à CAPES e ao povo brasileiro pelos recursos.

Meu muito obrigado!

*Bem-aventurados todos os que lavam as suas roupas no sangue do Cordeiro, e assim ganham o direito à árvore da vida, e podem adentrar na Cidade através de seus portais.*

*Ó, vem depressa, meu amado; torna-te semelhante ao jovem cervo, ou ao filhote da gazela saltando vigorosamente sobre os montes perfumados!*

*‘Com toda a certeza, venho rapidamente!’  
Amém. Vem, Senhor Jesus!*

Ap. 22:14, Ct. 8:14, Ap. 22:20. Bíblia  
Sagrada

## RESUMO

Esta tese é um estudo sobre adoção como filhos e filhas de Deus, e divinização. Encontra-se dividida em quatro capítulos. No primeiro deles expõe-se o modo como Deus Pai e seu Filho Eterno se relacionam, tanto sob a perspectiva de serem diferentes pessoas, quanto sob a perspectiva da ocultação dessa sua diferencialidade. O segundo capítulo enfoca a criação dos seres humanos, vivificados a partir do sopro divino personalíssimo, feitos imagem de Deus, gerados para a filiação. No terceiro capítulo encontramos, sobretudo a partir da pena paulina e, em especial, de sua Epístola a Filemon, a concreção da adoção como filhos e filhas de Deus, ou *Huiiothesía*. No quarto e último capítulo analisamos o clímax da filiação, a saber: as pessoas salvas, tornadas filhas de Deus a partir da fé no Unigênito, serem, ao fim desta era, divinizadas, feitas participantes da glória do Filho Eterno, algo a que a tradição ortodoxa denomina *Theósis*.

**Palavras-chave:** *Huiiothesía*. *Theósis*. Adoção. Filiação. Divinização.



## **ABSTRACT**

This thesis is a study on adoption as sons and daughters of God, and divinization. It is divided into four chapters. In the first one, the way in which God the Father and his Eternal Son relate to each other is exposed, both from the perspective of being different people, and from the perspective of their differential being hidden. The second chapter focuses on the creation of human beings, vivified by the very personal divine breath, made in the image of God, generated for filiation. In the third chapter we find, especially from the Pauline pen and, in particular, from his Epistle to Philemon, the concreteness of adoption as sons and daughters of God, or *Huiothesía*. In the fourth and last chapter we analyze the climax of filiation, namely: saved people, made daughters and sons of God through faith in the Only Begotten [Son], being, at the end of this age, divinized, made partakers of the glory of the Eternal Son, something which the Orthodox tradition calls Theosis.

**Keywords:** *Huiothesia*. Theosis. Adoption. filiation. Divinization

## SUMÁRIO

ABREVIATURAS.....	12
TABELAS DE TRANSLITERAÇÕES .....	13
1 INTRODUÇÃO .....	17
2 PAI E FILHO ETERNOS.....	21
2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	21
2.2 TRINDADE E ETERNIDADE.....	22
2.3 O MISTÉRIO DO AMOR .....	25
2.4 ERULINDALË .....	28
2.5 COMUNHÃO EXTERIOR: O FILHO COMO OUTRO .....	30
2.5.1 O Filho no seio do Pai .....	30
2.5.2 O Filho, detentor da criação.....	33
2.5.3 O Filho que sempre vê o Pai .....	38
2.5.4 O Filho e seu Pai, na antiga glória.....	44
2.6 COMUNHÃO INTERIOR: O FILHO NA UNIDADE ABSCÔNDITA .....	48
2.6.1 O Filho como Palavra Eterna .....	51
2.6.2 O Filho como Sabedoria de Deus .....	53
2.6.3 O Filho como Imagem de Deus.....	57
2.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	60
3 FILHOS E FILHAS DE DEUS - CRIAÇÃO .....	63
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	63
3.2 SOPRO E AMBIVALÊNCIA.....	65
3.3 ATO ESPECIALÍSSIMO.....	67
3.4 <i>CREATIO EX-NIHILO</i> .....	69
3.5 O SOPRO VIVIFICADOR .....	74
3.5.1 Espírito de Deus, habitante.....	76
3.5.2 Espírito de Deus, vivificador.....	77
3.5.3 Espírito de Deus, para vivificar e coabitar .....	82
3.5.4 Deus e o mundo.....	90
3.5.5 Deus, revelação e mistério.....	94
3.5.6 Espírito humano .....	99
3.6 O HUMANO COMO IMAGEM DE DEUS .....	102
3.6.1 Domínio .....	103
3.6.2 Espiritualidade.....	105
3.6.3 Coletividade .....	108
3.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	110

<b>4 FILHOS E FILHAS DE DEUS – ADOÇÃO OU <i>HUIOTHESÍA</i></b> .....	<b>113</b>
4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	113
4.2 ADOÇÃO .....	114
4.3 PAULO E A ADOÇÃO ESPIRITUAL .....	116
4.4 A EPÍSTOLA DE PAULO A FILEMOM .....	118
4.4.1 Onésimo, o escravo adotado .....	119
4.4.2 Aspectos gerais da adoção .....	121
4.4.2.1 <i>Adoção planejada, sonhada</i> .....	122
4.4.2.2 <i>Adoção como favor divino, libertador</i> .....	126
4.4.2.3 <i>Adoção e nova intimidade</i> .....	144
4.4.2.4 <i>Adoção, agonia e protesto</i> .....	157
4.4.2.4.1 <i>Corrie ten Boom</i> .....	164
4.4.2.4.2 <i>Dietrich Bonhoeffer</i> .....	165
4.4.2.5 <i>Adoção e investimento da vida</i> .....	167
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	171
<b>5 FILHOS E FILHAS DE DEUS – DIVINIZAÇÃO OU <i>THEÓSIS</i></b> .....	<b>173</b>
5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	173
5.2 ORTODOXIA E <i>THEÓSIS</i> .....	173
5.3 <i>THEÓSIS</i> .....	175
5.3.1 <i>Theósis</i> como glorificação escatológica .....	181
5.3.2 O anseio pela adoção-glorificação .....	195
5.3.3 <i>Theósis</i> , em Georges Florovsky .....	198
5.3.4 <i>Theósis</i> : imortalidade, incorrupção, e incorporação a Cristo, em Florovsky .....	201
5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	215
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	<b>217</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>221</b>

## ABREVIATURAS

AT	Antigo Testamento
a.C.	antes de Cristo
<i>apud</i>	citado por
aor.	aoristo
CA	Confissão de Augsburgo (1530)
ca.	<i>circa</i> ; cerca de
cf.	confrontar; confira
comp.	compare
d.C.	depois de Cristo
ed.	edição
fut.	futuro
ind.	indicativo
KJA	Bíblia King James Atualizada (2012)
méd.	médio
NT	Novo Testamento
p.	página, -s
part.	particípio
pass.	passado
perf.	perfeito
prep.	preposição
sic	sem alteração nenhuma; tal e qual
ss	seguintes
Translit.	transliteração
v.	volume, -s

## TABELAS DE TRANSLITERAÇÕES<sup>1</sup>

### GREGO<sup>2</sup>

Maiúscula	Minúscula	Translit.	Som/Pronúncia
A	α	a	a em amor
B	β	b	b em bondade
Γ	γ	g	g em aguerrida (mas não como em gelo)
Δ	δ	d	d em de
E	ε	e	e (breve) como em fé
Z	ζ	z	dz em Edson
H	η	e	e (longo) como em benigno
Θ	θ / θ	th	como no inglês “thing”
I	ι	i	i em timbre
K	κ	k	c como em casa (mas não como em cima)
Λ	λ	l	l em lar
M	μ	m	m em mansidão
N	ν	n	n em nada
Ξ	ξ	x	x em táxi (mas não como em lixo ou exato)
O	ο	o	o (breve) como em pó
Π	π	p	p em paz
P	ρ	r	r em respeito
Σ	σ / ς	s	s em saúde (mas não como em casa)
T	τ	t	t em ter
Υ	υ	u	no francês tu; no alemão Güte
Φ	φ	f	f em força

<sup>1</sup> Evitamos, nas transliterações, o uso de acentos e aspirações, mantendo tão só as consoantes e vogais, no grego, e as consoantes e sinais vocálicos, no hebraico.

<sup>2</sup> Tabela baseada em LAMBDIN, Thomas O. *Introdução ao hebraico bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 11-13., com exemplos de pronúncia adaptados de REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. *Noções do grego bíblico: gramática fundamental*. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 11.

X	χ	ch	qu como em <b>aquilo</b>
Ψ	ψ	ps	ps em <b>psiquiatria</b>
Ω	ω	o	o (longo) como em <b>alô</b>

### Hebraico<sup>3</sup>

Consoantes e sinais vocálicos <sup>4</sup>	Translit.	Som/Pronúncia
א	'	sem som
ב / בּ	b e <u>b</u>	b de <b>boca</b> , e v de <b>ver</b>
ג / גּ	g e <u>g</u>	g de <b>água</b>
ד / דּ	d e <u>d</u>	d de <b>dar</b>
ה	h	h de “ <b>hotel</b> ” em inglês
ו	v ou w	v de <b>vaca</b>
ז	z	z de <b>zebra</b>
ח	ħ	r gutural, como em <b>rua</b>
ט	ṭ	t de <b>tabela</b>
י	y	l de <b>ilha</b>
כּ / כ	k	k de <b>Kibon</b>
כּ / כּ	<u>k</u>	ch do alemão, como em <b>Bach</b>

<sup>3</sup> Tabela adaptada de VITA, Rosemary, AKIL, Teresa. *Noções básicas de hebraico bíblico para ler e traduzir*. São Paulo, SP: Hagnos, 2004, p. 29-30., COHEN, Ohad; BAKER, Sarah. *Hebraico Bíblico A: Unidades 1-30*. Ramat Gan, Israel: eTeacher Biblical; The Hebrew University of Jerusalem, 2012, p. 28., e HOLLENBERG, Johannes; BAUMGARTNER, Walter. *Gramática elementar da língua hebraica*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1991, p. 2, 3 e 8. O shva móvel (ְ) foi transliterado como “e”, enquanto o quiescente como “-”.

<sup>4</sup> Como padrão da língua, também os signos desta coluna se leem da direita para a esquerda.

ל	l	l de luz
ם / מ	m	m de mapa
ן / נ	n	n de nada
ס	s	s de ser
ע	'	sem som
ף / פ	p	p de para
ף / פ	f ou ph	f de fazer
ץ / צ	ş	ts de tsé-tsé
ק	q	q de quilo
ר	r	r de maré
ש	ś	s de sino
ש	š	ch de chuva
ת / ת	t e ṭ	t de tabela
ַ	ā	a longo
ֵ	ē	e longo
ִ	î	i longo
ֹ	ō	o longo
ֺ	ô	o longo
ֻ	u ou û	u longo
ֶ	a	a breve
ֵ	e	e breve

.	i	i breve
τ	o	o breve
υ	u	u breve



# 1 INTRODUÇÃO

Um adorável garoto de 10 anos. Educado, inteligentíssimo, filho obediente, crente consagrado. Enfermo dos rins desde o nascimento. Marcelo Ferreira Silva, meu irmão. Hoje, madrugada de 08 de dezembro de 2021, sonhei com ele. Eu diria aos membros de minha congregação que a dor mais forte que já senti está ligada ao Marcelo.

Dele aprendi as primeiras letras do alfabeto, e fiz meus primeiros ensaios de leitura. Meu irmão contava histórias para mim. Gostava de se sentar no chão, cruzando as pernas quase sempre feridas pela filtração deficiente do sangue, e me contar uma história da Bíblia ou um conto infantil. Éh, meu irmão!

Como eram boas as vezes em que ele estava em casa, dormia em casa e não no hospital. Nos últimos dias em que isso aconteceu, papai trouxe “moedas de chocolate”. Era uma comemoração. Todos ficávamos felizes com meu irmão em casa, e ele sorria com os chocolates. Mas ele foi se enfraquecendo, como a flor que murcha cedo, ao sair do sol.

Eu estava com 4 anos; Marcelo, 10; e aquela foi sua última ida ao hospital. Mamãe quase enlouqueceu, e eu também. Meu pai tentava fugir da dor, sorrindo diante do féretro pela ida de meu irmão aos céus antes de toda a família.

Dois anos depois, morreu dona Umbelina, mãe de minha mãe. Mais dois anos, e morreu vovó Ziza, mãe de papai. Todos os irmãos de mamãe, e as irmãs, exceto uma, já partiram. Incontáveis irmãos e irmãs em Cristo, desde minha infância até hoje, foram embora.

Já celebrei muitos funerais. Durante o mestrado, mais precisamente um ano antes de seu término, celebrei o culto fúnebre de papai. Recentemente, um ano antes da conclusão do doutorado, celebrei o funeral de mamãe. Eu estivera diante dela no hospital, testemunhando o exato momento em que sua respiração foi parando até de todo parar. Chamei o médico plantonista. Ele a examinou, tocou no meu ombro, e disse: – É! Descansou!

No dia em que minha esposa e eu comemoraríamos cinco anos de casados, o filho de um membro de nossa congregação foi cruelmente assassinado. O garoto

tinha apenas 16 anos, era manco, e dois rapazes, irmãos, trucidaram-no a facadas; vinte e sete, ao todo.

Os planos de almoçar fora, eu e minha esposa passarmos o dia juntos, e tudo o mais, tiveram de esperar. Eu era o pastor da família da vítima, e eles precisavam de amparo. No IML, para que o dono da funerária costurasse o corpo do rapaz, a fim de diminuir o fluxo de sangue e pô-lo no caixão, eu segurava firmemente os ombros do cadáver, mantendo-o sentado na pedra fria de mármore. O pai do garoto, em prantos, olhava nos meus olhos e proclamava vingança. Segurando o corpo de seu filho, eu dizia: “A vingança não é remédio”. À tarde celebrei o funeral.

Guilherme. Omitirei seu sobrenome. Numa manhã fui visitá-lo a seu pedido. Almocei com ele, sua jovem esposa e seu filhinho. Cochilei depois do almoço, compartilhei o Evangelho. Fazia pouco, celebráramos o batismo daquele rapaz. Quanta alegria! Guilherme era daquelas pessoas de riso largo, quase infantil, mas que também choram com facilidade. Um coração grande, mas um olho ainda maior. Esse, o seu grave erro. Guilherme era ladrão.

Um dia o rapaz se casou com uma fisioterapeuta. Chamou-nos para a festa, apresentou-nos a nova família, abraçou-nos e rimos juntos. Mas não se emendou completamente. O ladrão continuou a roubar, e decidiram interromper sua carreira. Aos 29 anos, Guilherme foi morto a tiros na frente de sua casa.

A morte é um remédio divino, um modo de conter o caos no mundo. Mas é também maldição. Pessoas obstinadamente pecadoras morrem, bem como as justas, e quase todas deixam de si saudades. Tenho muitas saudades; a morte é minha inimiga.

Um dos mais lidos escritores cristãos da atualidade é o americano Philip Yancey. Recentemente, lendo uma de suas entrevistas, vi-o dizer que escreve para si. Seus livros são respostas, ou tentativas, para as suas próprias perguntas.

Esta pesquisa não é outra coisa senão a busca de resposta às dores que mais me afligem, tendo como pano de fundo a morte, especialmente a de meu irmão, a de meu pai e a de mamãe. Anseio pela reversão da morte, por sua total aniquilação no evento último; mas não apenas eu. Com todas as pessoas adotadas pela fé em Jesus como filhas de Deus, expecto o alvorecer do dia de ouro, aquele em que os mortos

em Cristo, definitivamente livres do pecado e do mal, receberão corpos imarcescíveis, imperecíveis, gloriosos.

Este é o assunto desta tese: a adoção como filhos e filhas de Deus, e sua exaltação final. A pesquisa será bibliográfica, à luz dos escritos, sobretudo, de autores como Wolfhart Pannenberg (1928-2014), Karl Barth (1886-1968), Norman Champlin (1933–2018), Georges Florovsky (1893-1979) e os Pais da Igreja.

Nós nos aproximaremos do tema de quatro modos complementares, lançando o olhar: sobre a comunhão originária de Deus-Pai e seu Filho Eterno; depois, sobre o caráter especial da criação de nossos primeiros pai e mãe; sobre a adoção dos filhos e filhas de Adão e Eva como filhos e filhas de Deus, o que Paulo chama de *Huiothesía*<sup>5</sup>; e sobre a doutrina ortodoxa da divinização, ou *Theósis*<sup>6</sup>.

No primeiro capítulo buscaremos responder às perguntas: De que maneira o Filho Eterno, embora sendo tão divino quanto seu Pai, é efetivamente Deus, o Filho? Que papéis desempenha na sua relação filial com o Pai? As respostas a essas perguntas são essenciais à compreensão do que seja propriamente ser filho ou filha de Deus.

No capítulo seguinte, iremos em busca de respostas essencialmente antropológicas: O que é o ser humano? No que consistiu o sopro divino instilado em suas narinas? Em que consiste o humano como *Imago Dei*? Afinal, quem é esse ser que Deus adotará e ao qual franqueará a participação em sua divindade?

Admitimos que, neste ponto, as seis hipóteses levantadas sobre o que tenha sido propriamente o sopro de Adonai em Adão descortinaram uma nova compreensão da profundidade e beleza do relato criativo do Gênesis. Certamente, novas derivações advirão da novidade encontrada ali.

O terceiro capítulo trata da *Huiothesía*, da adoção como filhos e filhas de Deus. E as perguntas orientadoras serão estas: Quais os efeitos da fé no Unigênito? No que implica, propriamente, a adoção espiritual como filho ou filha de Deus, e de que maneira essa relação equivale àquela filiação primeira, a do Filho Eterno?

---

<sup>5</sup> As transliterações *Huiothesía* e *Theósis*, bem como as expressões *Imago Dei* e *Imago Filii*, termos-chave da nossa pesquisa, sempre aparecem destacadas em itálico e inicial maiúscula. Única exceção, é certo, quando constem de citações.

<sup>6</sup> Variações gráficas encontradas em diversos escritos: *theosis*, *theósis*, *theiosis* e *theopoiesis*.

Ali, a carta de Paulo a Filemon nos servirá de guia, onde, através da adoção espiritual de Onésimo pelo apóstolo, vislumbraremos cinco aspectos implicados no processo de adoção dos filhos e filhas de Deus.

No quarto e último capítulo se faz, necessariamente, como que um retorno ao dogma trinitário, esposado no capítulo inicial. Pois a *Theósis*, doutrina ortodoxa da união íntima com Deus na glorificação, implicando no compartilhamento de atributos essencialmente divinos, participação na natureza divina, será vista como certa ampliação das relações intratrinitárias. O ser humano adotado como filho no Filho, e glorificado, nelas será incluído.

De volta às angústias e saudades, consideremos as palavras de Paulo, o apóstolo: “Estou absolutamente convencido de que os nossos sofrimentos do presente não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada”<sup>7</sup>. *Huiiothesía* e *Theósis* são palavras de consolo. Simplesmente, Evangelho.

Em vista desse imenso conforto, dessa esperança radical e futura que supera toda dor e todo pranto, Karl Barth declarou enfaticamente: “Cristianismo que não seja totalmente escatologia, nada, absolutamente nada tem a ver com Cristo”<sup>8</sup>.

Sigamos, pois, abandonando essas dores que para trás deixaremos. Definitivamente. Com renovada esperança.

---

<sup>7</sup> Romanos 8:18. BÍBLIA King James Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica Ibero-Americana; Abba Press, 2012, p. 2189. Priorizamos utilizar, ao longo da pesquisa, a aclamada versão King James Atualizada. Em seu “Prefácio” discorre Lisânias Moura: “Planejada inicialmente, a pedido do rei James, por volta de 1607, para ser um trabalho criterioso de revisão de alguns excessos doutrinários observados na conhecida versão da Bíblia de Genebra, a obra ganhou força e iluminação espiritual incontornáveis; e daquele trabalho apenas corretivo produzido pelos mais brilhantes estudiosos de todas as denominações cristãs britânicas reunidas na Universidade de Oxford, surgiu a mais lida e amada tradução das Escrituras Sagradas desde 1611 até nossos dias em todo o mundo. Quando manuscritos originais mais antigos da Bíblia [...] foram encontrados na região montanhosa de Vadi Qunram, [...] um precioso trabalho de revisão da própria Bíblia King James teve início, e uma nova, precisa e rica tradução surgiu”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. IX-X. Outrossim, optamos por não abreviar os nomes dos livros bíblicos. Fizemo-lo apenas na epígrafe e, forçosamente, nas citações. Quando uma versão bíblica distinta for utilizada, dever-se-á a certa ênfase almejada no caso particular, que procuraremos discriminar.

<sup>8</sup> BARTH, Karl. *Carta aos Romanos*. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2008, p. 484.

## 2 PAI E FILHO ETERNOS

### 2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Deus é Pai. Desde sempre<sup>9</sup>. Oh! Quanta consolação nessa verdade! A filialidade, as vinculações humanas nas quais se experiencia amparo, arraigam-se todas na santidade de um mesmo solo: a paternidade divina.

Deus, Pai e Filho, inspira o heroísmo sacro daqueles e daquelas que, possuindo sincero e copioso altruísmo, outorgam legados magníficos – guerreiros e guerreiras cuja história vindicamos nossa; vê-se figurado em reis e rainhas vestidos de glória, recostando-se a tronos elevados encravados em nobilíssimas e áureas recâmaras, diligentemente consagrando duques e condes, exaltando a fidalguia e coroando a realeza; move os provedores e protetores, as provedoras quotidianamente incansáveis, entregando o suor de sua carne e as lágrimas de suas almas, transfigurados em bens, àqueles e aquelas que desfrutam seus cuidados.

É das relações eternas que nascem as temporais. No seio de Deus e ante a sua face, o Filho Eterno. No seio de Deus e ante a sua face, nas entranhas do Filho, os filhos e filhas por adoção. Da filiação do Unigênito recebem e aprendem filiação; da paternidade eterna, cuidado. Na filiação do Unigênito se revela o que somos e o que efetivamente podemos vir a ser. É ela nosso modelo, o referente para nos relacionarmos, de fato, com o Pai.

A síntese da noção paulina do modo pelo qual Deus assume parentesco com a humanidade é esta: Deus nos adota em Cristo<sup>10</sup>. Por meio de seu Filho, Deus concede *status* filial a pessoas que, por si próprias, não seriam “[...] capazes de tão

---

<sup>9</sup> Como veremos, Jesus Cristo é identificado como Filho Eterno. Pressupõe-se daí, necessariamente, a eterna paternidade do Pai. “Ao glorificar a deidade do Pai por meio de seu envio e em sua própria relação com o Pai, Jesus mesmo, como correspondência à pretensão do Pai, está tão intimamente ligado a ele que em eternidade Deus não é Pai de outro modo senão na relação com ele”. PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009, v. 1, p. 422.

<sup>10</sup> Cf. Efésios 1:4 e 5.

grande dignidade e excelência”<sup>11</sup>. Pela obra do Filho, e à semelhança da relação com Ele, o Pai se aparenta das pessoas por ele adotadas. Dá-se a *Huiiothesia*<sup>12</sup>.

A relação entre o Pai e seu Filho Unigênito é o assunto deste capítulo, visando uma identificação, *a posteriori*, de equivalência e diferenciação, a saber: de que modo a relação do Filho Unigênito com seu Pai se assemelha, e se distingue, da relação deste com seus filhos e filhas adotados e adotadas pela fé no Unigênito?

## 2.2 TRINDADE E ETERNIDADE

Deus é. Desde sempre.

Espírito, Pai e Filho.

Pai e Filho, eternamente.

Deus é porta-voz, falando como mensageiro.

Deus tem alguém com quem abrir seu coração.

Alguém que o admire, que o ame e tudo faça por Ele.

Deus tem Pai. Portanto, Deus é Filho!

Aproximemo-nos do mistério. Não ousemos querer torná-lo racional. Aproximemo-nos de joelhos. Gregório de Nazianzo (ca. 329–389), o Teólogo, já dizia em seu Discurso XXVII (1º dos Teológicos), que “[...] não só é irresistível e insuportável o mal, mas [...] faz perigar nossos grandes mistérios”<sup>13</sup>. Em nota explicativa da fala de São Gregório, escreve certa monja<sup>14</sup>:

<sup>11</sup> CALVINO, João. *A instituição da Religião Cristã*: Tomo 2, Livros III e IV. São Paulo: UNESP, 2009, p. 387.

<sup>12</sup> “[...] *huiiothesia* [...], formado de *huios*, ‘filho’ e *thesis*, ‘posição’, cognato de *tithemi*, ‘pôr’, significa o lugar e condição de filho dados àquele a quem não lhe pertence por natureza”. VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; JR. William White. *Dicionário Vine*: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 374. [sic]. Embora a escrita “*huiiothesia*” aqui apareça, ao longo da tese preferimos utilizar outra transliteração possível, mais consentânea com a pronúncia grega mais provável: “*huiiothesía*”.

<sup>13</sup> NAZIANZO, São Gregório de. *Discursos teológicos*: Os Padres da Igreja 5. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 20.

<sup>14</sup> Dizemos “certa monja”, em virtude de, na folha de rosto da obra citada (cf. nota anterior), ler-se: “Tradução do original grego, introdução e notas por monja da Abadia de Nossa Senhora das Graças”. Desse modo, manteve-se no anonimato a identidade da religiosa.

No desejo desenfreado de compreender tudo só pela razão, a heresia acaba por destruir o 'mistério', isto é, a Revelação da Trindade, que só se pode aceitar pela fé que ultrapassa a razão.<sup>15</sup>

Ser para sempre Deus parece-nos simples, óbvio. De certo modo, previsível. A existência de um deus sugere a existência de não deuses, seres criados, adoradores e adoradoras, devoção. Deus o é sobre alguma coisa – dizemo-lo à luz da seguinte acepção de “coisa”: “O que existe ou pode existir”<sup>16</sup>.

Em oposição, tudo o que tiver algo acima de si não poderá ser chamado Deus. Ele está sempre acima, sempre elevado. Nunca abaixo. Deus é o ápice de todos os sistemas possíveis.

São duas as qualificações fundamentais que os filósofos atribuíram a Deus - a de Causa e a de Bem. Na primeira, Deus é o princípio que torna possível o mundo ou o ser em geral. Na segunda, é a fonte ou a garantia de tudo o que há de excelente no mundo, sobretudo no mundo humano<sup>17</sup>.

No monoteísmo cristão, tomamos por certas ambas as designações filosóficas. E a fé cristã não enxerga deuses e deusas menores. Não se podem ver em parte alguma, pois, de fato, inexistem. É esta a afirmação categórica do apóstolo Paulo aos cristãos de Corinto:

Pois, ainda que haja os chamados deuses, quer no céu, quer na terra – como de fato há muitos deuses e senhores – para nós, contudo, há um único Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, por intermédio de quem tudo o que há veio a existir, e por meio de quem também vivemos.<sup>18</sup>

Deus, em sua divindade, está só. “Só o Senhor é Deus”<sup>19</sup>, bradava o antigo Israel. “Só o Senhor é Deus”, assevera a fé cristã, apostólica<sup>20</sup>. Um Senhor. Um Deus.

Um, porém, trinitário. É esta a compreensão de Lutero (1483–1546), conforme claramente exposto em seus sermões pregados em Wittenberg entre os anos de

<sup>15</sup> NAZIANZO, 1984, p. 20.

<sup>16</sup> DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. *Coisa*. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/coisa>>. Acesso em: 18 out. 2019.

<sup>17</sup> DICIONÁRIO - D em *Só Filosofia*. Virtuous Tecnologia da Informação, 2008-2019. Disponível em: <[http://filosofia.com.br/vi\\_dic.php?pg=2&palvr=D](http://filosofia.com.br/vi_dic.php?pg=2&palvr=D)>. Acesso em: 18 out. 2019.

<sup>18</sup> 1ª aos Coríntios 8:5 e 6. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2227-2228.

<sup>19</sup> Cf. 1º Reis 18:39.

<sup>20</sup> O cristianismo deve ser entendido como depositário da doutrina dos apóstolos (cf. Atos 2:42, 16:4; Efésios 2:20; Judas 1:17; Apocalipse 21:14), os quais, por sua vez, proclamavam o único Deus (cf. Atos 15:19 ss.).

1531-1534, formulados a partir do Credo Apostólico, símbolo reputado como “base comum de todas as igrejas cristãs”<sup>21</sup>.

‘Creio em Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, nosso Senhor, o qual foi concebido pelo Espírito Santo, [...]’ Que significa isso? Creio que Jesus Cristo, verdadeiro Deus, gerado do Pai desde a eternidade, [...] vive e reina eternamente. Isto é certamente a verdade.<sup>22</sup>

E, não tendo Deus alguém sobre si, nenhuma das pessoas jamais pode estar sobre a outra. Nenhuma abaixo. Nenhuma das pessoas pode ser considerada mais ou menos divina. Pai e Filho, igualmente poderosos, igualmente eternos<sup>23</sup>, permanecem, por todas as eras, lado a lado.

Mas... Deus necessitaria de Pai? Não havendo anterioridade, o que seriam paternidade e filialidade, no núcleo trinitário? Perguntemos pelo *status* paternal, e pelo filial. As funções de Pai e Filho no seio da Trindade devem ser escolhas do *modus relationis*<sup>24</sup>: das relações de amor eterno, ou modos de eterna emanção<sup>25</sup>.

Causa-nos estranheza a ideia de escolha. Quando algo assim teria ocorrido? Perguntamos, porém: O Pai é Pai eternamente, ou se tornou o Pai? O Filho é Filho eternamente, ou se tornou o Filho? É-nos lícito falar de “tempo”? O que seria o “tempo”, na eternidade trinitária?

<sup>21</sup> LUTERO, Martim. *Dez sermões sobre o credo*. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 7.

<sup>22</sup> LUTERO, 1987, p. 25.

<sup>23</sup> Adaptação de trecho do primeiro artigo “da fé e da doutrina”, da Confissão de Augsburgo. Embora a CA seja primariamente um texto confessional luterano, podendo “ser considerada a ‘cédula de identidade [...]’ da Igreja Luterana, não está reduzida a apenas este enfoque. Ela “mostra a identidade específica do movimento da Reforma”, em cujo espírito redigimos este trabalho. Eis a íntegra do excerto: “Em primeiro lugar, ensina-se e mantém-se, unanimemente, de acordo com o decreto do Concílio de Nicéia, que há uma só essência divina, que é chamada Deus e verdadeiramente é Deus. E, todavia, há três pessoas nesta única essência divina, igualmente poderosas, igualmente eternas, Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, todas três uma única essência divina, eterna, indivisa, infinita, de incomensurável poder, sabedoria e bondade, um só criador e conservador de todas as coisas visíveis e invisíveis”. WACHHOLZ, Wilhelm; DREHMER, Darci. *A Confissão de Augsburgo: Edição comemorativa 1530-2005: Confissão de Fé apresentada ao Invictíssimo Imperador Carlos V. César Augusto, na Dieta de Augsburgo, no ano de 1530. Edição comemorativa*. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre, RS: Concórdia, Curitiba, PR: Encontro Publicações, 2005, p. 10. [sic].

<sup>24</sup> Em latim, “modo de relação”.

<sup>25</sup> O uso que fazemos do termo “emanção” distancia-se da visão neoplatônica de efluência de uma essência eterna. Refere-se à efusão do amor. Pois, se as relações trinitárias se fundam no amor, são livres. Contrastando, por exemplo, criação pela Palavra e emanção, Paul Tillich nos oferece rico subsídio: “Criação através da Palavra, em contraste com um processo de emanção, tal como elaboração no neo-platonismo, aponta tanto para a liberdade da criação, quanto para a liberdade do criado”. TILLICH, Paul. *Teologia sistemática: três volumes em um*. 2. ed. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987, p. 135. [sic].



Discorrendo sobre a superioridade do Filho de Deus sobre os anjos, o autor da Carta aos Hebreus combina trechos dos Salmos 45 e 102, enquanto escreve:

[...] 'Tu, Senhor, no princípio estabeleceste os fundamentos da terra, e os céus são obras das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; envelhecerão como vestimentas, e como um manto tu os enrolarás, e como roupas serão trocados; mas Tu és imutável, e os teus dias não terão fim'.<sup>26</sup>

Imutabilidade e eternidade, conceitos imbricados na divindade, distinguem-se de mudança e tempo. De fato, comenta Norman Champlin:

Os próprios céus perecerão, para nada dizermos sobre a terra; e isso é assim porque céu e terra serão transformados, embora Deus permaneça imutável, visto que ele é imutável e eterno. É popular dizer que o tempo faz desaparecer todas as coisas. [...] Deus, porém, vive tanto antes quanto depois do tempo, pelo que coisa alguma é capaz de fazer modificar a sua natureza eterna, embora suas obras estejam sempre em estado de fluxo.<sup>27</sup>

A irrestritibilidade temporal divina impossibilita delimitações nas entranhas da eternidade. Referindo-nos à Trindade no infindável decurso das eras, a eternidade passada, portanto, nada temos a dizer sobre qualquer mudança ou variação<sup>28</sup>. Falemos das relações eternas, sem começo ou fim, fora de nossa percepção criatural do espectro temporal. A Trindade é Deus. Consideremos o “que”, em detrimento do “quando”.

### 2.3 O MISTÉRIO DO AMOR

O Pai demonstra seu amor na perfilhação<sup>29</sup>, enquanto o Filho, na filiação. Não há paternidade do Filho em relação ao Pai, nem filialidade do Pai em relação ao Filho. É esse o *modus relationis* intratrinitário de Pai e Filho.

<sup>26</sup> Hebreus 1:10-12. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2390.

<sup>27</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. 5. ed. São Paulo, SP: Hagnos, 2001, v. 2, p. 552.

<sup>28</sup> Cf. Tiago 1:17.

<sup>29</sup> Este não é um “tomar por filho” em perspectiva adocionista. Refere-se a um modo eterno e paternal de relação, tendo no outro seu filho. Paul Tillich fornece valiosa síntese acerca da cristologia adocionista: “Ensinava que Deus, ou o Logos, ou o Espírito, adotara um indivíduo plenamente humano e o transformara no Cristo, e lhe dera a possibilidade de se tornar plenamente divino na sua ressurreição. O representante ocidental deste tipo de pensamento é Teodoto de Roma e, no oriente, Paulo de Samosata. Essa cristologia começava com a existência humana dando ênfase aos textos bíblicos sobre a humanidade de Cristo, para finalmente mostrar que Jesus, levado pelo Espírito ainda na terra, fora elevado à esfera divina”. TILICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 2000, p. 82.

O absoluto joanino é este: “Aquele que não ama não conhece a Deus, porquanto Deus é amor”<sup>30</sup>. “Amor”, aludindo à constituição básica de Deus, é o termo usado para se falar de sua contínua autodoação.

É digna de referência a definição belíssima citada pelo teólogo anglicano James Innell Packer, conhecido como J. I. Packer (1926–2020):

‘O amor, geralmente’, escreveu James Orr, ‘é aquele princípio que leva um ser moral a desejar e a se deleitar no outro e alcança sua forma mais alta naquele relacionamento pessoal em que cada um vive na vida do outro e encontra sua alegria em se dar ao outro e em receber de volta a efusão da afeição do outro em si mesmo’ [...]. Assim é o amor de Deus.<sup>31</sup>

Ao pensarmos na Trindade, mais especificamente na eterna relação Pai-Filho, perguntamos pelo que possa ser doado a quem tudo possui. O que o Pai teria para oferecer a seu Filho? O que o Filho teria para oferecer a seu Pai? Pois relacionar-se não é justamente dar, bem como receber a doação que outra pessoa faz? Não é sempre partilhar, ainda que os únicos objetos intercambiados sejam tão somente os próprios “sis” das pessoas em relação?

O amor eterno seria marcado, no lado receptor, por autolimitação e espera na recepção, tornando infinda, no doador, sua autodoação? A comunhão eterna é oferta generosa, ilimitada e contínua, de cada pessoa às duas outras, enquanto estas se autolimitam em sua recepção daquela que se dá? Na comunhão eterna, trinitária, Deus como que teria olhos, fechando-os quando não quisesse ver?

Ou, inversamente, ocorreria uma autodoação progressiva, de pessoa perfeita que não se entregaria de todo às outras duas igualmente perfeitas, num tempo ao menos psicológico, durante o qual toda porção doada seria absolutamente recebida?

Em nota dos tradutores das *Confissões*, em trecho no qual Agostinho de Hipona (354–430) buscava responder à questão “O que é o tempo?”, faz-se importante síntese do “tempo psicológico”, algo possível antes das eras, caso a mútua autodoação intratrinitária fosse percebida como processual:

O tempo é um ser de razão com fundamento na realidade. Santo Agostinho estuda o problema do tempo apenas sob o aspecto psicológico: como é que nós o apreendemos. Não o estuda sob o aspecto ontológico: como é em si

<sup>30</sup> 1ª de João 4:8. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2461.

<sup>31</sup> PACKER, J.I. *O conhecimento de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. posição 2134 (edição Kindle).

mesmo. Para este último caso, teria de o considerar como indivisível. (N. do T.)<sup>32</sup>.

E por que qualquer das pessoas não se entregaria ou não receberia, de todo, as outras duas? Pois não lhe faltaria a potência para entregar-se inteiramente ou para acolher de modo absoluto. Não faltaria às pessoas divinas o poder de assimilarem a doação integral que qualquer delas fizesse de si. As três são o Ilimitado, o Eterno. Igualmente, não haveria receio algum em fazê-lo<sup>33</sup>. Aqui, a ideia de *receio* desconhece fraqueza ou fragilidade externa.

A Deus nada intimida. Ele é Todo-Poder. Porém, nos profetas bíblicos, por exemplo, mostra-se excessivamente humano, *internamente* “frágil”. O Deus que nada teme sofre por amar. “No coração dos profetas está um Deus que intencionalmente se entrega ao poder incontrolável e irresistível do amor”<sup>34</sup>. Ele parece recear não ser amado, por pura e íntima sensibilidade.

Em Miquéias, lamentando a idolatria de Israel e Judá, Deus surge, para nosso espanto, pranteador: “Por isso lamentarei e uivarei, andarei descalço e despido; uivarei durante as noites como os chacais, e gemerei de tristeza como um filhote de coruja”<sup>35</sup>. Um Deus impassível só pode ser encontrado em abstrações que se distanciem da real personalidade divina. E devemos crer que essa sensibilidade, conquanto atributo divino, seja eterna.

A Trindade é o amor mais profundo. “Deus é amor”. Ao mesmo tempo, ilimitada autorrevelação e total aceitação da entrega do outro. A interpenetração absoluta dos distintos centros volitivos<sup>36</sup>, partícipes da mesma essência vital, é um

---

<sup>32</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões. De magistro* = Do mestre. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 218. [grifo nosso].

<sup>33</sup> Para maior discussão do tema, sugerimos a leitura do Capítulo 6 - Os profetas: a Resposta de Deus, em YANCEY, Philip. *A Bíblia que Jesus lía*. São Paulo: Editora Vida, 2000.

<sup>34</sup> YANCEY, 2000, p. 164.

<sup>35</sup> Miquéias 1:8. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1690.

<sup>36</sup> Quase sinonimizamos “ser” e “querer”, “pessoa” e “vontade”, derivando para “Deus como vontade” (cf. Mateus 6:10), negando, porém, quanto à eternidade divina, a ideia de que a vontade nasça do “descontentamento do próprio estado”. VONTADE. Virtuous Tecnologia da Informação, 2008-2021. Disponível em: <[http://filosofia.com.br/vi\\_dic.php?pg=2&palvr=V](http://filosofia.com.br/vi_dic.php?pg=2&palvr=V)>. Acesso em: 13 dez. 2019. A negação se deve a que “ter absolutamente” e “querer absolutamente” são simultâneos à eternidade trinitária, sem qualquer possibilidade de descontentamento.

acordo, a aliança fulcral, mãe de todas as alianças nos céus e na terra. Como diria Leonardo Boff, “A Santíssima Trindade é a Melhor Comunidade”<sup>37</sup>.

Não há medo na Trindade; nenhum receio. O amor absoluto o exclui<sup>38</sup>. Amor e respeito, na Trindade, são sinônimos. Portanto, não há segredos. As distintas intenções, os diferentes gostos são possíveis e benquistos. A Trindade não conhece o desamor, o ultraje, a exploração. Não há perigo de cisão no núcleo do Amor. Espírito, Pai e Filho, três divinos, um só Deus, não apenas nada têm a aprender; de igual modo, nada têm a temer.

No entanto, estaria qualquer dessas pessoas obrigada a fazer tudo o que pudesse fazer? Ou, diversamente, na comunhão trinitária, havendo absoluto conhecimento de cada pessoa acerca das demais, as relações seriam marcadas pela entrega de honra ilimitada e perfeita de cada uma às outras duas? As relações intratrinitárias seriam, na eternidade, a grande doação de admiração, o louvor inebriante, perfeito e imenso? Mas... Também este já não seria inteiramente conhecido, de antemão, pelos três oniscientes?

## 2.4 ERULINDALË

Em *O Silmarillion*<sup>39</sup>, obra-prima da literatura inglesa, J. R. R. Tolkien (1892-1973)<sup>40</sup> principia a narrativa com a “Música dos Ainur: Ainulindalë”. Deus, a quem Tolkien em seu conto denomina Eru, ou Ilúvatar, cria os mais belos seres, e lhes

<sup>37</sup> Título de livro lançado pelo teólogo BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. São Paulo, SP: Vozes, 1988. Na página 96, o autor relata a origem do título de sua obra: “No VI Encontro Intereclesial de comunidades eclesiais de base, realizado em fins de julho de 1986 em Trindade, no Brasil central, havia atrás do altar do Santuário um enorme painel onde estava escrito: ‘A Santíssima Trindade é a melhor comunidade’”.

<sup>38</sup> Ao célebre texto de 1<sup>a</sup> de João 4:18 é conferida imediata e plena concretude no evento das relações intratrinitárias, marcadas pela absolutização do amor, o “perfeito amor”: “No amor não existe receio; antes, o perfeito amor lança fora todo medo [...]”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2462.

<sup>39</sup> Em artigo da Revista TIME, o redator Timothy Foote escreveu sobre *O Silmarillion*: “[...] A revelação póstuma de Tolkien de sua mitologia privada é majestosa, uma obra mantida por tanto tempo e com tanto poder na imaginação do escritor, que domina o leitor”. [...] *Tolkien's posthumous revelation of his private mythology is majestic, a work held so long and so power fully in the writer's imagination that it overwhelms the reader*. FOOTE, Timothy. *Middle-Earth Genesis: The Silmarillion*. By J. R. R. Tolkien. Time. Monday, Oct. 24, 1977. Disponível em: <<http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,915707,00.html>>. Acesso em: 04 dez. 2021. (tradução nossa).

<sup>40</sup> Para dados biográficos, sugerimos a leitura de HAMMOND, Wayne G. *J.R.R. Tolkien*. Encyclopedia Britannica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/J-R-R-Tolkien>>. Acesso em: 04 dez. 2021.

manda entoar-lhe uma canção. O enredo é belíssimo, esteticamente comparável aos primeiros capítulos do Gênesis. Eis pequeno trecho:

Havia Eru, o Único, que em Arda é chamado Ilúvatar; e ele fez primeiro os Ainur, os Sacros, que eram os rebentos de seu pensamento e estavam com ele antes que qualquer outra coisa fosse feita. E falou com eles, propondo-lhes temas de música; e cantaram diante dele, e ele estava contente. Mas, por muito tempo, cantaram cada um a sós, ou apenas alguns juntos, enquanto os demais escutavam; [...]. Contudo, enquanto ouviam, chegavam sempre a um entendimento mais profundo e aumentavam em uníssono e harmonia. E veio a acontecer que Ilúvatar convocou todos os Ainur e declarou a eles um tema poderoso, revelando-lhes coisas maiores e mais maravilhosas do que as que revelara até então; e a glória do seu começo e o esplendor do seu fim deslumbraram os Ainur, de modo que eles se curvaram diante de Ilúvatar e ficaram em silêncio<sup>41</sup>.

Tolkien escreveu *Ainulindalë*. Contudo, de um canto ainda mais primevo talvez pudesse ele falar, a que chamaríamos, servindo-nos da mesma linguagem élfica criada por Tolkien, “Erulindalë”: a eterna “canção” que os três eternos cantariam, cada um aos outros, antes de todas as eras. A comunhão dos três perfeitos não decairia jamais, fastidiosa. Seria sempre prazer essa entrega de admiração infinda, absoluta.

Nossa suposição parte, indisfarçavelmente, da criatura. É insofismável que, por toda a criação, as manifestações de amor ou cuidado, mesmo quando esperadas, conhecidas de antemão, gerem prazer. Sequer as ações instintivas dos animais se furtam a esse testemunho. Não seria esse um vislumbre da natureza do Criador? O amor sempre no amor se deleita. Inescapavelmente. Esse é o seu cárcere e a sua liberdade.

Desde já, perguntamos: Se na mútua autodoação, e no louvor, era absoluto o prazer... Sendo a alegria, o amor e demais virtudes, eternos, não era, por certo, desnecessária a criação? De fato, não se deveria indagar por que Deus não criara a existência desde sempre, a fim de a sua própria não permanecer monótona. Pertinente seria indagar por que, não havendo qualquer enfado, mas absoluto amor e gozo, Deus se tenha disposto a criar.

Diria o Bispo de Hipona:

O que faltaria, portanto, ao vosso bem – que para Vós consiste em Vós mesmo – se essas criaturas espirituais ou quaisquer outras interiormente não existissem ou se permanecessem informes? Não as fizeste por necessidade.

---

<sup>41</sup> TOLKIEN, J. R. R. *O Silmarillion*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019, p. 39.

Levado unicamente pela plenitude da vossa Bondade as amoldastes e impusestes-lhes uma forma.<sup>42</sup>

A criação, segundo Agostinho, deriva do Amor – gracioso, desobrigado –, e para Ele converge. Pai e Filho, na eternidade passada, bastar-se-iam um ao outro. Entretanto, decidiram criar.

E, se, em meio à criação, aos humanos quis o Pai chamar de filhos e filhas, à semelhança de seu Unigênito, perguntemos por essa relação adotiva, concretizada no tempo. Identifiquemos paralelos entre a comunhão de Pai e Filho na eternidade passada, e a comunhão do Pai com sua criação, especificamente com seus filhos e filhas por adoção. Façamo-lo, mas ainda não. Por ora, abramos caminho para reflexão futura, buscando responder mais detidamente, de algum modo, à questão essencial: No que tem consistido a comunhão eterna do Pai e seu Filho?

## 2.5 COMUNHÃO EXTERIOR: O FILHO COMO OUTRO

Para que nossa jornada se mostre possível, voltemo-nos às falas sobre a comunhão paterno-filial, à medida que se nos apresentam no Evangelho de João<sup>43</sup>. Discirnamos como se dá externamente, desde sempre e para sempre, a comunhão do Pai e seu Filho Amado. Externamente, dizemos, do modo como claramente se revelam como pessoas distintas.

### 2.5.1 O Filho no seio do Pai

Desde o verso inicial do capítulo primeiro de João, o discurso sobre o Verbo aponta para um princípio anterior ao relato de Gênesis: o princípio “Antes da criação (cf. Gênesis 1.1) [...]”<sup>44</sup>. O prólogo do Evangelho de João apresenta, notadamente, os conceitos de Trindade e pré-existência do Verbo.

<sup>42</sup> AGOSTINHO, 1987, p. 261. [sic].

<sup>43</sup> É notável que, comparado aos outros três evangelhos canônicos, o Evangelho de João apresente, com abundância ímpar, discursos metafísicos enunciados, ora por Jesus, ora pelo evangelista. De fato, “O Evangelho de João é um **argumento convincente** da divindade de Jesus. Ele se dedica a apresentar Jesus como o *Verbo de Deus* (Jo 1.1), que *se fez carne* (Jo 1.14)”. RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, Wayne. *O novo comentário bíblico NT, com recursos adicionais: a Palavra de Deus ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010, p. 217. [grifo nosso].

<sup>44</sup> Nota de rodapé “1.1”. BÍBLIA Shedd. São Paulo: Vida Nova; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997, p. 1483. [grifo do autor].

Consideremos o verso dezoito, respectivamente na versão de Portugal chamada O Livro, e na Nova Versão Internacional: “Nunca ninguém viu a Deus, mas o seu Filho único, que vive na intimidade do Pai, esse o revelou”<sup>45</sup>. “Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido”<sup>46</sup>.

Sobre a variação “Filho Unigênito” (ou “Filho Único”) *versus* “Deus Unigênito”, J. Ramsey Michaels (1931 – 2020), teólogo de Harvard, professor do Gordon–Conwell Theological Seminary, registra em seu Comentário de João:

É improvável que algum escriba tenha alterado essa expressão joanina tão comum, “filho unigênito”, pondo em seu lugar algo tão inusitado e pouco familiar como **Deus unigênito**<sup>47</sup>.

Para Michaels, o grego μονογενής θεός<sup>48</sup> (“(o) único Deus”<sup>49</sup>) “[...] tem o apoio dos melhores manuscritos e com toda probabilidade é correto”<sup>50</sup>. Seguem em mesma linha os editores<sup>51</sup> da Bíblia Shedd, afirmando sobre esse verso, em nota de rodapé: “**1.18 Deus unigênito.** Esta é uma declaração clara da deidade de Jesus Cristo. [...]”<sup>52</sup>. Também no rodapé, a KJA assinala: “‘Filho’, assim como no original de King James (1611). No NTG (Novum Testamentum Graece): Deus Unigênito”<sup>53</sup>.

Pannenberg, por sua vez, passa ao largo do debate, parecendo sinonimizar as expressões. Discorrendo sobre “A Unidade da Essência Divina e seus Atributos”, e tendo em vista esse mesmo verso, afirma, simplesmente:

<sup>45</sup> João 1:18. A BÍBLIA Sagrada. O Livro (2000). Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Jo%C3%A3o+1%3A18&version=OL>>. Acesso em: 11 dez. 2019. Para a comparação, preferimos aqui, em lugar da King James Atualizada, que apresenta a tradução literal do grego εἰς τὸν κόλπον (em o seio), cf. SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004, p. 342., utilizar esta versão de Portugal, na qual o hebraísmo encontra-se interpretado: “no seio” significa, neste contexto, de fato, “na intimidade”. E, de outro lado, utilizamos a Nova Versão Internacional, que manteve, no corpo do texto, a expressão “Deus Unigênito”, tradução do grego μονογενής θεός. SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. *Novo Testamento trilingue: grego, português, inglês*. São Paulo, SP: Vida Nova, 1998, p. 252.

<sup>46</sup> João 1:18. A BÍBLIA Sagrada. NVI-PT (1993). Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Jo%C3%A3o+1%3A18&version=NVI-PT>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

<sup>47</sup> MICHAELS, J. Ramsey. *Novo comentário bíblico contemporâneo: João*. Deerfield, Florida: Vida, 1994, p. 36. [grifo do autor].

<sup>48</sup> SCHOLZ, 2004, p. 342. Translit. *monogenes theos*.

<sup>49</sup> SCHOLZ, 2004, p. 342.

<sup>50</sup> MICHAELS, 1994, p. 36.

<sup>51</sup> Na página de “Apresentação”, são listados os nomes dos principais editores que prepararam as “notas de estudo”, sob a liderança do “[...] amado Dr. Shedd: Gordon Chown, [...], Dewey Mulholland, [...], Enéas Tognini, [...]”. BÍBLIA Shedd, 1997, p. ix.

<sup>52</sup> BÍBLIA Shedd, 1997, p. 1484. [grifo do autor].

<sup>53</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2024.

“Ninguém jamais viu a Deus; mas o único Filho, que Lhe está mais próximo, esse desvendou sua essência” (João 1.18). O Deus que habita em uma luz inacessível (1ª a Timóteo 6.16) é conhecido pelo Filho (cf. Mateus 11.27). Por isso deve ater-se ao Filho quem quiser conhecer o Deus incompreensível. Esse é o sentido da distinção de Lutero entre *deus revelatus* e *deus absconditus*. O multiestratificado conceito do *deus absconditus* (cf. Isaías 45.15) abrange, ao lado da abscondidade de Deus para o pecador, tanto em seu agir salvífico quanto em seu agir julgador, e da insondabilidade de seus conselhos, também a incompreensibilidade de sua essência. A partir de sua revelação no Filho, porém, manifesta-se a essência desse no mais incompreensível Deus. Revela-se de tal modo que o próprio Deus abscondito se torna manifesto [...].<sup>54</sup>

Teria Pannenberg ignorado a discussão sobre o original grego? Quiçá, para ele, cujo “[...] conhecimento da exegese bíblica contemporânea é, para um teólogo sistemático, assombroso”<sup>55</sup>, o impasse essencialmente inexistia. Parece não haver o que debater, quando da afirmação de intimíssima proximidade do Filho com o Pai, ou do *Verbo* com seu Deus (conforme o início do argumento joanino), e da desabscondidade da própria essência de Deus no Filho. A divindade do Unigênito, então, em perspectiva pannenbergiana, encontrar-se-ia sobremodo afirmada.

O Unigênito não apenas vê o Pai; revela-o. E revela sua essência incompreensível, sua abscondidade. Revela-a como nunca fora revelada, porque “Ninguém jamais viu a Deus”, exceto o Filho em seu seio. Pois se este a revela, se a traz “para fora”<sup>56</sup>, conhece-a inteiramente, e a possui, tendo em vista, justamente, sua exclusiva posição de Filho.

Nas Institutas da Religião Cristã, o reformador francês João Calvino (1509–1564) menciona que o Filho estava junto ao Pai, “no seio”<sup>57</sup>, tradução literal do grego τὸν κόλπον<sup>58</sup>, mantendo-se o idiomatismo hebraico do verso dezoito, “[...] que expressa o relacionamento entre o filho e o pai, entre um amigo e outro”<sup>59</sup>.

<sup>54</sup> PANNENBERG, 2009, v. 1, p. 458.

<sup>55</sup> Asserção do Dr. Enio Mueller, na “Apresentação à Edição Brasileira”. PANNENBERG, 2009, v. 1, p. 16.

<sup>56</sup> O termo traduzido por *revelou*, ou *tornou conhecido*, é “ἐξηγήσατο aor. méd. ἐξηγήσομαι [...] levar para fora, explicar [...]”. Frequentemente usado para a publicação ou explicação dos segredos divinos”. RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 162. [grifo do autor].

<sup>57</sup> CALVINO, João. *A instituição da Religião Cristã*: Tomo 1, Livros I e II. São Paulo: UNESP, 2009, p. 134.

<sup>58</sup> SAYÃO, 1998, p. 252. Translit. *ton kolpon*.

<sup>59</sup> RIENECKER, 1995, p. 162.



“O único Filho”<sup>60</sup> está, desde sempre e para sempre, “no seio do Pai”, em proximidade absoluta e recíproca. Proximidade é o seu lugar, sua condição, haja vista, em João 1:18, o verbo εἰμι<sup>61</sup> encontrar-se flexionado no particípio presente como ὢν<sup>62</sup>. E “Um particípio é um adjetivo verbal”<sup>63</sup>; isto é, o Unigênito é Filho *no seio do Pai*.

Apesar da autodiferenciação de Pai e Filho, não há entre eles qualquer distância. A versão de João 1:18, traduzida ao português, por nós desconhecida e citada por Pannenberg, declara, como vimos: “Ninguém jamais viu a Deus; mas o único Filho, que Lhe está mais próximo [...]”. Mais próximo, em sentido absoluto. Mais que todos os demais seres.

No dizer de Pannenberg,

[...] no processo da história a unidade do próprio Deus trinitário ainda permanece abscondita. Não estão absconditas as diferenças trinitárias de Pai, Filho e Espírito. Essa diferencialidade caracteriza justamente a realidade divina que se revela no evento da revelação<sup>64</sup>. Mas é abscondita a unidade da essência divina nesta sua diferencialidade<sup>65</sup>.

O Filho está absolutamente próximo, no seio do Pai. Conhece-Lhe as entranhas e as revela. É um com seu Pai<sup>66</sup>, mas dEle difere. E isto, a absoluta unicidade das diferentes Pessoas, até o raiar da glória escatológica, o fim da história, é-nos misterioso.

## 2.5.2 O Filho, detentor da criação

“O Pai ama o Filho, e todas as coisas entregou em suas mãos.” (João 3:35)<sup>67</sup>. Diferentemente dos demais textos bíblicos analisados neste ponto 2.5, este verso não é uma fala enunciada por Jesus ou pelo evangelista. Estamos ouvindo João, o Batista.

Após entrarem num debate judaico acerca da purificação cerimonial, os discípulos do Batista pareceram revelar ciúmes de seu mestre, ao verem que Jesus

<sup>60</sup> “Var.: ‘um Deus Filho único’. Jesus é o Filho único (1, 14, 18; 3, 16-18), amado pelo Pai (15, 9; 17, 23), em intimidade perfeitamente recíproca com ele [...]”. Nota de rodapé ‘r’. A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1986-1987.

<sup>61</sup> “eu sou, estou, existo; acontecer; haver”. REGA, 2004, p. 35. Translit. *eimi*.

<sup>62</sup> Translit. *on*.

<sup>63</sup> REGA, 2004, p. 199.

<sup>64</sup> Pannenberg se refere à encarnação e ministério terreno de Jesus Cristo.

<sup>65</sup> PANNENBERG, 2009, v. 1, p. 459.

<sup>66</sup> Em João 10:30, Jesus afirma: “Eu e o Pai somos um.”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2048.

<sup>67</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2029.

batizava no Jordão e atraía muitos seguidores. A fim de reencaminhar-lhes o pensamento, João desenvolveu sua argumentação entremeando-a com aforismos:

Um homem não pode receber coisa alguma, a não ser que lhe tenha sido dada do céu. O que tem a noiva é o noivo [...]. Quem vem das alturas está acima de todos [...]. O Pai ama o Filho, e todas as coisas entregou em suas mãos<sup>68</sup>.

Esse verso 35 de João 3 também se traduz como: “O Pai ama o Filho, e deu-lhe autoridade sobre tudo o que existe”<sup>69</sup>. A expressão grega πάντα δέδωκεν<sup>70</sup>, traduzida como “todas as coisas entregou”, “entregou tudo”, ou “deu-lhe [autoridade sobre] tudo”, traz o perfeito de δίδωμι<sup>71</sup>, o verbo “dar”<sup>72</sup>.

Ora, é-nos necessário atentar para o sentido fundamental do “perfeito”:

Basicamente, quando se faz uma afirmação usando o perfeito, a atenção pode estar direcionada para os seguintes aspectos: • para a ação do passado: podendo considerar o processo de consumação dessa ação desde diversas perspectivas [...], • ou (e isso é o que acontece geralmente) para o *resultado atual* da ação passada. Focalizando este resultado, até pode acontecer que a ação do passado fique quase ignorada.<sup>73</sup>

Devemos supor, então, que o Deus apresentado neste terceiro capítulo do Evangelho de João, no diálogo de Jesus com Nicodemos, como Aquele que “deu o seu Filho Unigênito” (v. 16) – ação realizada “antes da fundação do mundo”<sup>74</sup> –, entregou Seu Filho aos mesmos que, de antemão, já haviam sido entregues ao Unigênito.

<sup>68</sup> João 3:27, 29, 31 e 35. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2029.

<sup>69</sup> A BÍBLIA Sagrada. O Livro (2000). Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Jo%C3%A3o+3%3A35&version=OL>>. Acesso em: 11 dez. 2019. [sic]. Versão escolhida por expressamente trazer a ideia de concessão de autoridade.

<sup>70</sup> Translit. *panta dedoken*.

<sup>71</sup> Translit. *didomi*.

<sup>72</sup> RIENECKER, 1995, p. 166.

<sup>73</sup> REGA, 2004, p. 246.

<sup>74</sup> Apocalipse 13:8. A BÍBLIA Sagrada. O Livro (2000). Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Apocalipse+13%3A8&version=OL>>. Acesso em: 11 dez. 2019. Na KJA, em lugar de “antes da”, lê-se neste verso “do Cordeiro, que foi imolado **desde** a criação do Universo”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2506. [grifo nosso]. Optamos por esta versão de Portugal, devido à ideia de imolação do Cordeiro na eternidade passada. Esse mesmo conceito desponta em Efésios 1:4, segundo o qual “[...] Deus nos escolheu [...]” em Cristo “[...] antes da criação do mundo [...]”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2506., e, de modo ainda mais explícito, em 1ª de Pedro 1:20, segundo o qual o Cordeiro, como tal, foi “conhecido, de fato, antes da criação do mundo [...]”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2435. Parece-nos, desse modo, solucionado o aparente conflito de versões, quanto a Apocalipse 13:8. Pois se o Cordeiro foi morto *na* fundação do mundo, foi-nos como seu alicerce. Eis o primeiro de todos os acontecimentos da *história*.

Deus-Pai entregou todas as coisas, na eternidade passada, ao Filho que, por sua vez, era entregue ao mundo pelo mesmo Pai. Ou seja, o Filho que vinha “dos céus”, para ser entregue ao mundo, estava “acima de todos”; ele era o possuidor de tudo, simultaneamente como sua origem e como seu herdeiro. A criação acha-se constituída, por assim dizer, “filha” no Filho, e sua herança. No início, o Pai entregou-lha.

Mesmo sentido encontramos na Carta aos Hebreus: “[...] seu Filho, a quem deu todas as coisas e por meio de quem criou tudo o que existe.”<sup>75</sup>. Deus, o Pai, quanto a seu Unigênito, deu-lhe “todas as coisas” e, por meio dele, “criou tudo o que existe”. Tendo-as dado, então, criou-as.

Em todas as criaturas às quais dedica seu amor, o Pai ama o Filho. [...] as criaturas se tornam objeto do amor do Pai pelo fato de serem incluídas na eterna dispensação do Pai ao Filho. Em outras palavras: pelo fato de o eterno Filho se manifestar nas criaturas, elas se tornam objeto do amor do Pai.<sup>76</sup>

A entrega da criação ao Filho implica em que ela carregue em si a imagem dEle. O Filho é o Mediador da criação, perfilhando-a ao Pai. Discorrendo sobre o Filho, Paulo escreve aos Colossenses:

Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação; porquanto nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou dominações, sejam governos ou poderes, tudo foi criado por Ele e para Ele.<sup>77</sup>

A criação, gravura filial, tão só enquanto manifesta a glória do Filho, o qual “[...] é a imagem do Deus invisível [...]”, manifesta a glória do Pai filialmente revelado. Somente assim “Os céus revelam a glória de Deus, o firmamento proclama a obra de suas mãos”<sup>78</sup>. É por meio do Filho que se manifesta a glória do “Deus invisível”. O Filho é o clarão, a imagem visível da ofuscante<sup>79</sup> Invisibilidade. O Filho é imagem (da

<sup>75</sup> Hebreus 1:2. A BÍBLIA Sagrada. O Livro (2000). Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Hebreus+1%3A2&version=OL>>. Acesso em: 11 dez. 2019. Nesta versão, quando se diz “tudo o que existe”, em lugar de “Universo”, como o faz a KJA, mais facilmente abrange-se aquilo que não se vê, o mundo espiritual, o qual também foi criado no Filho, cf. Colossenses 1:16.

<sup>76</sup> PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009, v. 2, p. 52.

<sup>77</sup> Colossenses 1:15-16. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2328.

<sup>78</sup> Salmo 19:1. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1032.

<sup>79</sup> Ao dizermos “ofuscante”, referimo-nos à “luz inacessível”, resplandecente: “[...] Deus [...]. Ele é o bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que é imortal e habita em luz inacessível a quem ninguém viu nem pode ver. A Ele sejam honra e poder para sempre. Amém!”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2364.

peessoa) do Pai, a partir de quem tudo o que existe foi criado. Ele é a glória esplendorosa do Pai.

Havendo Deus, desde a antiguidade, falado, em várias ocasiões e de muitas formas, aos nossos pais, por intermédio dos profetas, nestes últimos tempos, nos falou mediante seu Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo o que existe e por meio de quem criou o Universo. Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando tudo o que há pela Palavra do seu poder. Depois de haver realizado a purificação dos pecados, Ele se assentou à direita da Majestade nas alturas, [...]”<sup>80</sup>

Deus é visto na criação porque o Filho que revela o Pai se revela na criação. “Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido observados claramente, [...]”<sup>81</sup>. A natureza divina será a divindade da pessoa de Deus, revelada no Filho, tanto quanto é certo que a visibilidade da *natureza divina* seja o mesmo que a *imagem da pessoa de Deus*, a saber, aquela igualmente revelada pelo Filho.

A criação é, desse modo, revelação do Pai, de sua imagem, porquanto filiomórfica. Sua glória é ter a forma do Filho. Ela se mostra sempre com características da filiação no Filho. É sempre filha de Deus, o Pai da criação<sup>82</sup>. Essa é a maneira pela qual Ele se relaciona com a criação feita semelhante a seu Filho.

Assim, o Gênesis e os dias da criação apontam para o Filho e, a partir dele, para o Pai. A criação exalta sua inspiração: o Filho. Toda ela possui o aroma da filialidade, o aroma de Cristo.

Mas, ainda que ela experimente perfilhação no Unigênito, também é certo que, dentre todas as coisas a ele entregues, haja entregas ainda se realizando, especiais devires. Asseverou Jesus: “Ninguém pode vir a mim a menos que o Pai, o qual me enviou, o atrair [...]”<sup>83</sup>. Nessa perspectiva, os diferentes tempos salvíficos passam a corresponder a diferentes tempos da perfilhação da criação.

Quanto aos tempos da salvação, escreveu o teólogo reformado Robert Charles Sproul, ou R. C. Sproul (1939–2017):

<sup>80</sup> Hebreus 1:1-3. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2389.

<sup>81</sup> Romanos 1:20. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2173.

<sup>82</sup> Referimo-nos aos atos de criação, cuidado, proteção, redenção e glorificação da criação pelo Criador. Deste modo, a criação é *filha*. Isto não implica em sua personalização. Do Cristo glorificado, as vestes reluzentes não têm personalidade, conquanto possuam glória. Cf. Mateus 17:2.

<sup>83</sup> João 6:44. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2036.

A palavra *salvação* é empregada com diferentes sentidos, e o verbo *salvar* aparece em diversos tempos verbais. É fácil lembrar: vários sentidos gerais, vários tempos verbais. [...] elas [as Escrituras] falam do futuro quando *seremos salvos*. *Somos salvos*. *Estamos sendo salvos*. *Seremos salvos* [...].<sup>84</sup>

Não deve causar espanto a sinonímia entre tempos salvíficos e tempos da perfilhação, pois se os tempos salvíficos manifestam-se mediante certas condições associadas ao arbítrio humano, precisamente o mesmo ocorre na perfilhação.

Essa ambiguidade salvífico-temporal, ou adotivo-filial, a entrega realizada e ainda se realizando, encontramos-la plenamente avivada ao sintetizarmos a narrativa de “O Rico e Lázaro”<sup>85</sup> e o argumento de João 1:12. No primeiro texto, o rico, num “lugar de sofrimento”<sup>86</sup>, em diálogo, à distância, com Pai Abraão, é por este chamado de “filho”. Mas, “‘Filho de Abraão’, no NT, significa herdeiro da promessa pela fé em Cristo (cf. Rm 2.28s; Gl 3.14ss).”<sup>87</sup>, o que impossibilitaria ser dispensado esse tratamento ao rico. Abraão, entretanto, é pai, e o rico, em tormentos, inequivocamente, filho! Fora criado para a perfilhação. É assim tratado, pois assim é percebido, sentido por Abraão, o amigo de Deus e pai de Israel<sup>88</sup>.

De outro lado, em João 1:12 o evangelista diz-nos que “A filiação se limita aos que creem e recebem a Cristo.”<sup>89</sup>: “Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, [...]”<sup>90</sup>. É certo que, se a filiação divina é um poder a ser recebido, o nascimento natural não a produz. Ela não é inata, mas deriva de um ato de fé.

À exceção de Cristo, o Unigênito, todos os filhos e filhas de Deus são-no mediante adoção. Fazendo uso da linguagem do primeiro capítulo de João, temos que eles e elas recebem, pela fé, “o poder de serem feitos filhos” e filhas. E só recebem esse poder pelo fato de serem criados e criadas para a perfilhação divina. Tal estado de coisas caracterizaria uma “filiação de direito”. Essa é a condição inicial tanto de Lázaro quanto do rico.

---

<sup>84</sup> SPROUL, R. C. *Salvo de quê?* compreendendo o significado da salvação. São Paulo: Vida, 2006, p. 22-23.

<sup>85</sup> “O Rico e Lázaro” encontra-se narrado em Lucas 16:19-31.

<sup>86</sup> Lucas 16:28. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1984.

<sup>87</sup> Nota de rodapé “N. Hom. 19.9”. BÍBLIA Shedd, 1997, p. 1466.

<sup>88</sup> Cf. Isaías 41:8 e Tiago 2:21, 23.

<sup>89</sup> Nota de rodapé “1.12”. BÍBLIA Shedd, 1997, p. 1483.

<sup>90</sup> João 1:12. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2389.

Se toda a criação, como visto, é adotada no Unigênito, seu *status* natural é o de *ser para a filialidade*. Todavia, os seres dotados da capacidade de crer tornam-se filhos e filhas, “de fato”, exclusivamente mediante a recepção de Cristo, a acolhida decorrente da fé; e o restante da criação, igualmente propriedade do Filho, aguarda a plena filiação das pessoas salvas, para que também ela seja glorificada<sup>91</sup>.

### 2.5.3 O Filho que sempre vê o Pai

João Batista dissera a respeito de Cristo: “Ninguém jamais viu a Deus; o Filho unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.”<sup>92</sup>. Mais tarde, num debate entre Cristo e os judeus, estes murmuram acerca da origem do Unigênito: “Não é este Jesus, o filho de José? Cujo pai e mãe nós conhecemos? Como pode então Ele dizer: ‘Eu descí do céu?’”<sup>93</sup>

Censurando a murmuração, o Unigênito reafirma seu envio pelo Pai, diferenciando-se dos profetas e demais crentes. O Filho discorre sobre si próprio:

[...] ‘E serão todos ensinados por Deus’. Sendo assim, todo aquele que ouve o Pai e dele aprende, vem a mim. Não que alguém tenha visto o Pai, a não ser Aquele que vem de Deus. Só Ele viu o Pai.<sup>94</sup>

Ora, é certo que o Filho revele seu Pai justamente por relacionar-se com Ele de modo singular: o Filho, eternamente diante do Pai, sempre o vê. Segundo Michaels, “[...] ‘ouvir’ o Pai e dele ‘aprender’ não são a mesma coisa que vê-lo”<sup>95</sup>. De fato, Henry Alford (1810–1871), teólogo anglicano de Cambridge, comentando esta fala de Cristo sobre seu conhecimento singular do Pai, afirma:

[...] a menção de ἀκούσας παρὰ τοῦ πατρὸς<sup>96</sup> pode levá-los a pensar em uma comunicação pessoal do Pai para cada homem, e assim a necessidade da missão do Filho pode ser invalidada. Esta era a única maneira pela qual um judeu poderia interpretar mal o verso 45; ele não podia sonhar em ver o Pai com os olhos corporais. — ὁ ὢν παρὰ τοῦ θεοῦ<sup>97</sup> é Jesus mesmo [...]. Seu

<sup>91</sup> Cf. Romanos 8:19-21.

<sup>92</sup> João 1:18. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2024.

<sup>93</sup> João 6:42. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2036.

<sup>94</sup> João 6:45-46. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2036.

<sup>95</sup> MICHAELS, 1994, p. 128.

<sup>96</sup> “aquele que da parte do Pai tem ouvido”. SAYÃO, 1998, p. 271. Translit. *akusas para tou patros*.

<sup>97</sup> “aquele que vem de Deus”. SAYÃO, 1998, p. 271. Translit. *ho on para tu teou*.

conhecimento do Pai é completo e imediato; o nosso, parcial e derivado apenas por meio Dele.<sup>98</sup>

O Filho, apenas, desfruta da visão beatífica. Isto levanta, de imediato, a pergunta pelo porquê dessa exclusividade. Pois o mesmo não se pode dizer da voz de Deus. O Invisível não é, em absoluto, o Inaudível<sup>99</sup>.

É próprio dos ídolos, frequentemente fabricados como (adulterada) semelhança dos humanos<sup>100</sup>, reimprimirem sua imagem em seus adoradores e adoradoras. É próprio do ser humano aferrar-se à forma, à aparência, em detrimento da essência<sup>101</sup>. De fato, a idolatria costuma ser o fabrico e a adoração de alguma exterioridade. Os ídolos soem ter forma. Deus, não. Ao humano, que sempre vê, na forma, limitação, Deus precisa invisibilizar-se para ser “visto” em sua onipotente transcendência. Só pode ser Deus o “Deus Invisível”.

O teólogo ortodoxo russo Vladimir Lossky (1903–1958) declara, em sua *magnun opus* “A Teologia Mística da Igreja Oriental” (1944):

[...] o espírito em oração deve se precaver de emprestar à divindade uma imagem, qualquer que seja. ‘Querendo ver a face do Pai celeste, diz São Nilo do Sinai, não se esforce em discernir durante a prece qualquer imagem ou figura. Fuja do desejo de ver sob uma forma sensível os anjos, as potências, ou Cristo; de outro modo, você se arrisca a cair na loucura, a tomar o lobo pelo pastor e a adorar os demônios ao invés de Deus. O começo do erro está na vontade do espírito que tenta captar a divindade numa imagem ou numa figura’. Ao contrário, libertando-se de toda representação de Deus ‘o espírito recebe em si as marcas de uma imagem deiforme, ele se reveste de uma

<sup>98</sup> [...] the mention of ἀκούσας παρὰ τοῦ πατρὸς might lead them to think of a personal communication from the Father to each man, and thus the necessity of the mission of the Son might be invalidated. This was the only way in which a Jew could misunderstand ver. 45; he could not dream of a seeing of the Father with bodily eyes. — ὁ ὢν παρὰ τοῦ θεοῦ is Jesus Himself [...]. His knowledge of the Father is complete and immediate; our, partial, and derived through Him only. ALFORD, Henry. *The Greek Testament: The Four Gospels*. London: Gilbert & Rivington Printers, Cambridge: John Deighton, 1859, p. 549. (tradução nossa).

<sup>99</sup> É clara a advertência de Moisés a Israel, corroborando a invisibilidade do Deus que se faz ouvir: “Então, de repente, Yahweh falou a todos vós do meio das chamas. Ouvíeis claramente o som das palavras, mas não pudestes ver ninguém, nenhum ser tomou forma: nada, além de uma voz poderosa!”. Deuteronômio 4:12. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 348.

<sup>100</sup> Cf. Romanos 1:23.

<sup>101</sup> Não se pode ignorar a relação íntima da idolatria com os prazeres advindos da conjunção defeituosa entre sentidos humanos e aparência do mundo. Disto resulta que a absoluta imanência dos ídolos contrarie sua pretensão de divindade, e que se amplie, por conseguinte, o conceito de idolatria, como exposto a seguir: “os ídólatras incluem os que são gananciosos ou cobiçosos: ‘o devasso, o impuro, o ganancioso — esse ídólatra — são excluídos da herança no Reino de Cristo e de Deus’. A questão é que pessoas gananciosas, cobiçosas, que fazem dos desejos objeto de devoção, são tão ídólatras quanto qualquer um dos que se inclinam diante de ídolos em templos pagãos. Assim, *pleonexia* (‘cobiça’) e *eidōlōlatría* (‘idolatria’) são empregados como sinônimos [...]”. HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo, SP: Vida Nova, Paulus, Loyola, 2008, p. 654. [sic].

beleza inefável à semelhança do Senhor', segundo São Marcos o Eremita [...].<sup>102</sup>

Daí que a encarnação<sup>103</sup> se deu num tempo oportuno. Por pouco tempo. O suficiente à consumação da obra redentora. E o Filho, quando da chegada do Espírito, seu representante, permanece oculto em meio aos crentes<sup>104</sup>.

Nesta era, a percepção da infinitude parece carecente da pressuposição de amorfia. Somente o Filho estaria isento desse vício<sup>105</sup>. O Filho, que sempre está no seio do Pai, não o limita. Mais que escutar e aprender do Pai, o Filho o vê. Se essa visão se deu outrora, o Filho é supra-humano; se ela perdura, o Filho continua a sê-lo.

Lembremo-nos do Salmo 115, e do efeito da visão bem-aventurada:

Suas mãos não apalpam; seus pés não caminham; som nenhum emite sua garganta. Sejam como eles quem os fabrica e todos os que neles depositam confiança! Confia no Senhor, ó Israel! Ele é o seu auxílio e o seu escudo.<sup>106</sup>

Depois de ironizar a inércia dos ídolos (sequer funções básicas da existência humana lhes são possíveis), o salmista lança uma impreciação sobre seus adoradores e adoradoras: “Sejam como eles” todos e todas que os adoram! Em seguida, convoca Israel a confiar no Senhor, adorando-o com exclusividade. Cabe-nos perguntar se, tanto quanto quem se põe diante do ídolo, em adoração, e a ele se assemelha, aqueles e aquelas que se põem diante do Pai, cultuando-o, também a Ele se

<sup>102</sup> LOSSKY, Vladimir. *Ensaio sobre a Teologia Mística da Igreja do Oriente*. Capítulo X: O Caminho de União. Disponível em: <<http://precedejesus1.blogspot.com/2019/05/vladimir-lossky-ensaios-sobre-teologia.html>>. Acesso em: 29 out. 2021.

<sup>103</sup> Sempre quando nos referirmos à encarnação de Cristo, teremos em vista o seguinte: “ENCARNAÇÃO - [Do lat. *In + caro*, carne] Revestir-se de carne. Deu-se a encarnação quando a Segunda Pessoa da Trindade tomou a nossa forma e substância para executar o plano redentivo de Deus (Jo 1.12). O processo, que se constitui no maior mistério das Sagradas Escrituras, em nada lhe alterou a divindade. Jesus é o verdadeiro homem e o verdadeiro Deus”. ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 113. [sic].

<sup>104</sup> Cf. Mateus 18:20 com João 14:26 e 15:26.

<sup>105</sup> Não sustentamos com isso, que o Pai tenha forma. Apenas que, seja como for, o Filho possa vê-lo. Em verdade, perguntamo-nos se Deus, por sua infinitude, não possua forma, ou se, para enxergarmos a imensidade da sua onipotência, Ele se revele, a nós, informe. Fazemos a pergunta a grande mestre do passado, que dissera: “Não deve causar espécie afirmar que Aquele que é simples e **destituído da forma corpórea** é infinito e pela sua imensidade supera quantitativamente qualquer corpo, visto que já a nossa inteligência, incorpórea e simples, ultrapassa quantitativamente e abarca todos os corpos, graças ao conhecimento que a caracteriza”. TOMÁS de Aquino, Santo. *Compêndio de Teologia*. Porto Alegre, RS: Concreta, 2015, p. 87. [grifo nosso].

<sup>106</sup> Salmo 115:7-9. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1148.



assemelham. Parece ser justamente essa a compreensão apostólica sobre a visão beatífica:

Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, todavia, sabemos que quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, pois o veremos como Ele é.<sup>107</sup>

Só o vê quem a Ele se assemelha. Pensemos, em vista deste conceito, o Filho Eterno, o qual vê e revela o Pai. A paternidade do Pai corresponde à sua divindade sobre seu Filho, não obstante seja este tão divino quanto seu Pai<sup>108</sup>. Paulo fala dessa relação paterno-divinal, igualando sentidos: o Pai do Unigênito é seu Deus: “[...] o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória [...]”<sup>109</sup>.

É digna de citação a análise de Champlin sobre tal estado de coisas:

*O Deus de nosso Senhor, Jesus Cristo:* O Senhor Jesus chamava o Pai de ‘...meu Deus...’ (João 20:17), dirigindo a ele as suas orações pessoais. (Ver Luc. 10:21; Mat. 11:25 e a totalidade do décimo sétimo capítulo do Evangelho de João). O Pai era o Deus de Jesus, desde que o Filho tomou sobre si mesmo a forma humana. Na Trindade divina há plena igualdade; mas na missão que Cristo tomou sobre si, embora fosse ele o Deus-homem, tomou uma posição de subordinação. A passagem de Fil. 2:6-8 é perfeitamente clara com relação a isso. Todavia, essa subordinação não está relacionada apenas a sua missão terrena; pois até mesmo em seu estado celeste, em que ele é o Senhor de tudo, está ele em subordinação ao Pai, já que se identificou aos homens remidos como seus irmãos. (O trecho de I Cor. 15:28 deixa tudo isso bem claro, asseverando que quando todas as coisas finalmente estiverem sujeitas a Deus, por intermédio do ministério universal do Filho de Deus, então o próprio Filho se sujeitará ‘...àquele que todas as cousas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos’). Mas nada disso interfere na posição do Filho como membro da Trindade. [...] A ideia que Deus seja ‘tudo em todos’ é tão-somente outra alusão ao ‘Deus trífuno’, e não apenas a Deus Pai em particular [...].<sup>110</sup>

Toda exaltação no núcleo da Trindade é adoração a Deus. A unidade essencial das três Pessoas origina e mantém o culto monoteísta, realizado na forma

<sup>107</sup> 1ª de João 3:2. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2458. À luz deste verso, Agostinho apresenta importante desdobramento: “[...] essa sentença pode também ser entendida como se o apóstolo João estivesse se referindo à imortalidade do corpo. Com efeito, por esse lado, **seremos semelhantes a Deus — mas somente ao Filho**, o único da Trindade que assumiu um corpo, no qual morreu, ressuscitou e o qual conduziu ao céu”. AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 475. [grifo nosso].

<sup>108</sup> Este parágrafo pode causar estranheza. Não ignoramos que, à primeira vista, o Pai apenas seja Deus do Filho, em sua relação com este, no evento da encarnação. Contudo, como se vê no parágrafo seguinte, intuímos que a adoração do Filho ao Pai, tendo neste seu Deus, anteceda a encarnação, sem que se crie um tipo de politeísmo, ainda que, na eternidade, fosse o Pai, por exemplo, Deus de Deus-Filho, e de Deus-Espírito.

<sup>109</sup> Efésios 1:17. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2299. Cf. Efésios 1:3 e Romanos 15:6.

<sup>110</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado*: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2002, v. 4, p. 545. [sic].

de glorificação íntima do Único Deus. À humanidade que cultua, concede-se, graciosamente, a honra de tomar parte nas relações intratrinitárias e eternas: esse é o verdadeiro culto, o único possível, mediado pelo Unigênito. “Portanto, vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se tornou para nós sabedoria da parte de Deus, justiça, santificação e redenção,”<sup>111</sup>. E, ainda, “Todavia, agora, em Cristo Jesus, vós que antes estáveis distantes, fostes aproximados mediante o sangue de Cristo”<sup>112</sup>.

O Filho que cultua “tem visto o Pai”, e a perenidade dessa condição faz supor que o Filho seja, eternamente, imagem da sua Pessoa. Diferentemente dos filhos e filhas por adoção, o Filho não contempla seu Pai para se assemelhar a Ele, mas o contempla, com total, exclusiva e sempiterna contemplação, precisamente por ser sua imagem perfeita, seu clarão.

Retornemos à citada imprecisão do Salmo 115, novamente pressupondo-a afirmar a conformação dos adoradores e adoradoras a seus deuses, antes mesmo de ser ela propriamente uma imprecisão. Perguntemos por essa identificação quanto à pessoa do Unigênito, aquele que vê o Pai, construindo nosso argumento por meio da adução de outros trechos da Escritura.

Em Mateus 19, ao dialogar com um jovem cuja identidade desconhecemos, o Senhor discorre sobre “bondade”. Conta-nos o evangelista:

E eis que, aproximando-se dele um jovem, disse-lhe: Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna? E ele disse-lhe: Por que me chamas bom? Não há bom, senão um só que é Deus [...].<sup>113</sup>

A resposta do Mestre não julga impossíveis ou necessariamente ilegítimas as manifestações humanas de bondade. Restringe o “ser bom” à divindade. O Senhor também não abdica de sua própria divindade. Tão somente categoriza a bondade

<sup>111</sup> 1ª aos Coríntios 1:30. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2215.

<sup>112</sup> Efésios 2:13. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2301.

<sup>113</sup> Mateus 19:16-17. A BÍBLIA Sagrada. Almeida, Revista e Corrigida (2009). Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Mateus+19%3A16-17&version=ARC>>. Acesso em: 11 dez. 2019.). Diferente dos textos paralelos de Marcos 10:17 e Lucas 18:18, nos quais há consenso nas versões, a narrativa do encontro de Jesus e o moço rico sofre, aqui, variação textual. Na KJA e na Bíblia de Jerusalém temos, neste verso 16, respectivamente: “Mestre, que poderei fazer de bom para ganhar a vida eterna?”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1810, e “Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?” A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1875. Parece de todo possível a conciliação das versões, pela razoabilidade destas palavras: “*Por que me chamas bom?* Pode significar o mesmo que ‘por que você está me perguntando o que é bom?’. O único que pode responder a essa pergunta sobre a bondade é Deus. Mas o fato de Jesus ter respondido é uma afirmação silenciosa de sua divindade”. RADMACHER, 2010, p. 57. [grifo do autor]. Sem dúvida, apto a especificar qual seja a bondade salvadora, somente o Bom, o Divino.

absoluta como exclusividade divina. Com isso, parece interrogar o rapaz: “Pensas que sou Deus? Reconheces minha unidade com o Pai?”.

A pergunta implícita prepararia o jovem para o desafio que lhe seria posto. Deus deve ser seguido sem hesitação. Entretanto, o moço fracassaria em sua escolha, optando por continuar vivendo em função das riquezas:

‘Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro nos céus. Vem e segue-me!’ Ao ouvir isto, o rapaz foi-se embora triste, porque era muito rico.

O Cristo divino está habilitado a reclamar do jovem inquiridor um ato bondoso capaz de agraciar o rapaz: “dá [...] e terás um tesouro no céu. Vem e segue-me!”; Cristo é essencialmente bom. O ser humano pecador comprovadamente não o é. Em Mateus 6:22, outra afirmação do Senhor, encontramos importante detalhamento dessa “bondade”: “Os olhos são a lâmpada do corpo. Portanto, se teus olhos forem bons, teu corpo será pleno de luz.”<sup>114</sup>. Isto se refere peculiarmente ao Filho.

A bondade se acha no olhar, ou melhor, os olhos são luz que se revela ao mundo exterior pela aluminação do interior do corpo. O humano é um ente cuja manifestação no mundo se dá por meio do corpo, e aqueles que fazem desse corpo luz, são os olhos. Olhos bons captam luminosidade, difundem-na corpo adentro, e este, transluzindo, emana-a mundo afora.

Ora, os olhos veem. Olhos bons põem-se diante daquele que é bom. Contemplam-no<sup>115</sup>. Essencialmente, portanto, Mateus 6:22 não se referiria aos olhos e visão naturais, pois o Deus Invisível precisa ser visto com os olhos da fé. Isto diz Jesus aos fariseus, tacitamente, no evento da cura do cego de nascença:

Então revelou Jesus: ‘Eu vim a este mundo para julgamento, a fim de que os cegos vejam e os que vêem se tornem cegos.’ Alguns fariseus [...] perguntaram a Jesus: ‘Porventura, nós também somos cegos?’ Afirmou-lhes

<sup>114</sup> Mateus 6:22. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1775.

<sup>115</sup> A magnitude dessa vista encontra expressão, por exemplo, nos ditos notáveis de Jó e do salmista Davi: “De fato, meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito; contudo, agora os meus olhos te contemplaram!”. Jó 42:5. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1007.; “Entretanto, os meus olhos te contemplam, ó Soberano, Senhor: em ti deposito toda a minha confiança; [...]”. Salmos 141:8. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1175. “**6.22 Olhos.** [...] Nossa visão espiritual é nosso vínculo com a eternidade”. BÍBLIA Shedd, 1997, p. 1336. [grifo do autor].

Jesus: 'Se vós fôsseis cegos, não seríeis culpados; mas uma vez que alegais: 'Nós vemos!', por essa razão, o pecado persiste dentro de vós'.<sup>116</sup>

Enquanto os olhos naturais veem, os espirituais podem estar cegos, e vice-versa. A prova de que estes últimos se põem no que convém é simplesmente esta: luz por todo o corpo.

Nossa reflexão chega a termo, quando examinamos Apocalipse 2:18: "Ao anjo da igreja em Tiatira escreve: 'Assim declara o Filho de Deus, cujos olhos são como chama de fogo e os pés como bronze reluzente: [...]'"<sup>117</sup>. O Unigênito, aquele que sempre vê o Pai, tem olhos sobremodo bons, capazes de fazer fulgurar todo seu corpo, da cabeça aos pés<sup>118</sup>. Mais que qualquer outro ser, nos céus ou na terra, o Filho mantém o olhar em seu Pai, e seu corpo refulge.

Além de ser o clarão, a perfeita imagem do Pai, Cristo ainda difere dos demais seres, como visto, noutra aspecto fundamental: enquanto os olhos das criaturas tornam-se bons por contemplarem o Pai, por passarem a vê-lo, os olhos do Unigênito contemplam-no, não com o fim de fulgurar, e assim o corpo, mas como evidência de sua bondade essencial. Contemplam-no desde sempre e para sempre. A visão humana, de outro lado, somente se tornará absolutamente boa na visão beatífica<sup>119</sup>.

#### 2.5.4 O Filho e seu Pai, na antiga glória

Em sua oração sacerdotal, o Senhor faz uma petição: "E agora, Pai, glorificame junto a Ti mesmo, com a **glória que Eu tinha contigo antes que o mundo existisse**"<sup>120</sup>.

No que consiste a "glória"? As definições são diversas. Simplificadamente, temos:

---

<sup>116</sup> João 9:39-41. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2047. "Jesus tinha vindo para dar vista espiritual àqueles que sabiam que estavam cegos, mas também para corrigir o defeito daqueles que estavam satisfeitos com a "visão" que já possuíam, para que agora pudessem avançar sobre uma nova base de fé". BRUCE, 2009, p. 1729.

<sup>117</sup> Apocalipse 2:18. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2487.

<sup>118</sup> Na descrição de Cristo em glória, segundo Apocalipse 1:12-16, as partes descobertas, visíveis, do corpo do Senhor, são cheias de luz: sete estrelas em sua destra, rosto incandescido, pés resplandecentes. O Glorificado, por inteiro, reluz.

<sup>119</sup> Cf. 1ª de João 3:2 e Lucas 18:19.

<sup>120</sup> João 17:5. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2063.

[Do hb. *kabod*; do gr. *doxa*; do lat. *glória*] Manifestação do esplendor da presença de Deus. [...] Foi o que se deu, por exemplo, quando Israel recebeu as tábuas da Lei.<sup>121</sup>

Numa definição mais extensa,

A glória consiste em honra exaltada, em louvor ou reputação, ou em alguma coisa que ocasiona o louvor ou é o objeto desse louvor. O termo pode ser sinônimo de ‘adoração’ ou de ‘louvor adorador’. Também pode significar esplendor, magnificência e bem-aventurança, em sentido terrestre ou celestial. Outrossim, pode referir-se a resplendor ou brilho, às emanações de luz, ao halo imaginado em torno de figuras santificadas, ou ao esplendor e brilho do Ser divino. A própria presença de Deus pode ser chamada de glória, por causa de seu estado exaltado.<sup>122</sup>

Sempre quando diretamente associada a Deus, é a glória exclusiva “da divindade”, a saber, o esplendor, a exaltação do divino como tal, honra superior à de todos os entes, relativa “ao próprio ser de Deus”<sup>123</sup>; a “suprema glória”<sup>124</sup>. O Unigênito que sempre tem visto o Pai, estando sempre em Seu seio, comunga eternamente dessa glória majestática<sup>125</sup>.

Entretanto, perguntamos pelo que seja esse retorno à glória conjunta, essa tal glória com o Pai, cujo distintivo, na fala de Cristo, parece ser a anterioridade absoluta: glória “antes que o mundo existisse”. Cabe-nos analisar, concomitantemente, a relação entre glória conjunta e comunhão originária.

No magnânimo último capítulo de sua “Teologia Sistemática”, intitulado “A Consumação da Criação no Reino de Deus”<sup>126</sup>, discorrendo sobre a realização escatológica e sobre a dupla glorificação, mediante a qual Deus glorificará as criaturas, transformando-lhes o ser, a fim de lhes franquear a participação em sua eterna glória, simultaneamente recebendo delas “a honra de sua divindade,

<sup>121</sup> ANDRADE, 1996, p. 140.

<sup>122</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. São Paulo, SP: Hagnos, 2001, v. 2, p. 912-913.

<sup>123</sup> RIENECKER, 1995, p. 573.

<sup>124</sup> 2ª de Pedro 1:17. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2447. O termo aqui traduzido por “suprema” é μεγαλοπρεπούς (SCHOLZ, 2004, p. 874. Translit. *megaloprepous*.), flexão de “μεγαλοπρεπής magnificente, sublime, majestoso. A palavra era usada nos papiros como um termo de honra e respeito para personalidades políticas. Quando foram feitos os preparativos para a recepção de um senador romano no Egito, as instruções foram: ‘que ele seja recebido com especial magnificência’ [...]. Era comum para os judeus usar tais afirmações quando se referiam ao próprio Deus [...]”. RIENECKER, 1995, p. 573. [grifo do autor]. Translit. *megaloprepes*.

<sup>125</sup> Mesmo durante a Paixão, clímax do esvaziamento de todo fausto, o Cristo é Rei e Senhor. Ele diz a Pilatos: “‘Meu Reino não é deste mundo.’ [...] ‘Então, tu és rei?’ [...] ‘Tu dizes acertadamente que sou rei. [...]’”. João 18:36-37. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2067.

<sup>126</sup> PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009, v. 3, p. 693.

agradecendo-lhe”<sup>127</sup>, ou seja, glorificando-as e sendo nisto glorificado, Pannenberg aponta a comunhão de Pai e Filho, em João 17:5, como substrato primevo dessa glorificação recíproca:

[...] na exposição do evangelho de João tal glorificação recíproca caracteriza a relação entre Pai e Filho. O Filho glorificou ao Pai (Jo 17.4) através da proclamação do senhorio de Deus. Agora ele pede ao Pai que o glorifique através da readmissão na comunhão originária com o Pai (Jo 17.5).

O retorno da glória seria, pois, a reassunção de forma e posição antigas, o regresso ao trono de glória, a dissolução do esvaziamento narrado pelo apóstolo Paulo:

[...] Cristo Jesus, [...] tendo plenamente a natureza de Deus, não reivindicou o ser igual a Deus, mas, pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo plenamente a forma de servo e tornando-se semelhante aos seres humanos.<sup>128</sup>

A dissolução da *kénosis* não implica aniquilação do homem Jesus, mas justamente em que o Ressurreto seja o primeiro glorificado, o primeiro humano a receber corpo celestial<sup>129</sup> e a se assentar no trono divino.

E, quando da reassunção do Filho, aquela mesma e antiga glória é sublimada. O Filho pede o retorno da glória que possuía junto ao Pai antes de haver mundo. Contudo, agora o mundo existe, e contemplará a glória do Exaltado. “Os discípulos e a Igreja glorificada, unidos completamente a Cristo no futuro, contemplarão a glória do Senhor”<sup>130</sup>. Esse era um dos anelos do Unigênito que disse:

Pai, Eu desejo que os que me deste estejam comigo onde Eu estou e contemplem a minha glória, a glória que me outorgaste porque me amaste antes da criação do mundo.<sup>131</sup>

<sup>127</sup> PANNENBERG, 2009, v. 3, p. 815.

<sup>128</sup> Filipenses 2:5-7. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2317. *Kenósis* ou *kénosis* é o termo “[...] usado para explicar o esvaziamento da glória de Cristo quando de sua encarnação. [...] Quando se trata da *kenósis* de Cristo, há de se tomar muito cuidado. É contra o espírito do Novo Testamento, por exemplo, afirmar que o Senhor Jesus esvaziou-se de sua divindade. Ao encarnar-se, esvaziou-se Ele apenas de sua glória. Pois em todo o seu ministério, agiu como verdadeiro homem e verdadeiro Deus”. ANDRADE, 1996, p. 167. [sic].

<sup>129</sup> Cf. 1<sup>a</sup> aos Coríntios 15:20-26, 42-45.

<sup>130</sup> Nota de rodapé “10”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2065.

<sup>131</sup> João 17:24. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2065.

A criação redimida será incluída nessa glória exaltada, posto que no esvaziamento o Filho se fez carne, unindo a criação a si mesmo. Em Jesus, a humanidade redimida será plenamente revestida da glória da divindade.

Trono e glória são figuras frequentemente associadas, na história e na Escritura<sup>132</sup>. Profetizou Jeremias: “Um trono de glória enaltecido desde o princípio é o lugar do nosso santuário”<sup>133</sup>. Ana, mãe do profeta Samuel, cantou que Deus “Levanta o pobre do pó e, desde o esterco, exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória [...]”<sup>134</sup>.

Ora, o próprio Cristo afirma no Apocalipse: “Ao vencedor, Eu lhe concederei que se assente comigo no meu trono, assim como Eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono.”<sup>135</sup>. A referência à paixão (“Eu venci”) e à reassunção (“me assentei”) deixa claro que seu pedido fora atendido. Cristo recebera de volta a glória eterna, a posição junto de seu Pai, e a compartilharia.

Esse assentamento no trono não é, portanto, experiência nova. É parte da reassunção, o retorno do rei ao seu trono eterno: “Entretanto, a respeito do Filho, revela: “O teu trono, ó Deus, subsiste por toda a eternidade; e o cetro do teu Reino é bastão da justiça.”<sup>136</sup>.

Tal unidade de Pai e Filho no trono, bendito retorno à antiga glória, expressa-se claramente nas últimas páginas da Escritura:

Então, o anjo me mostrou o rio da água da vida que, translúcido como cristal, fluía **do trono de Deus e do Cordeiro**. [...] E nunca mais haverá maldição. Nela estará **o trono de Deus e do Cordeiro**; e os servos do Senhor **o servirão**. Eles contemplarão a sua face, e o seu Nome estará sobre as frentes dos seus servos. Assim, já não haverá noite, nem necessitarão eles da luz dos candelabros, nem da luz do sol, pois o Senhor Deus os iluminará, e eles reinarão para todo o sempre.<sup>137</sup>

<sup>132</sup> Cf Jeremias 14:21; Mateus 19:28, 25:31; etc.

<sup>133</sup> Jeremias 17:12. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1410.

<sup>134</sup> 1º Samuel 2:8. A BÍBLIA Sagrada. Almeida, Revista e Corrigida (2009). Disponível em <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=1+Samuel+2%3A8&version=ARC>>. Acesso em: 15 jun. 2021. Aqui, o hebraico וְכִסֵּא כְבוֹד (ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm; SCHENKER, Adrian. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997, p. 445.) foi traduzido como “trono de glória”, enquanto a KJA optou por “lugar de honra”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 520. Translit. *vəkisē' kəbuôd*.

<sup>135</sup> Apocalipse 3:21. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2490.

<sup>136</sup> Hebreus 1:8. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2389-2390.

<sup>137</sup> Apocalipse 22:1, 3-5. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2523-2524. [grifo nosso].

É notável a menção de um trono singular (“O trono é de Deus e do Cordeiro, o que certamente subentende a deidade do Cordeiro, Cristo.”<sup>138</sup>), conseqüentemente, de uma só glória, um governo único, monocrático, sobre toda a criação.

## 2.6 COMUNHÃO INTERIOR: O FILHO NA UNIDADE ABSCÔNDITA

Quando chegou o dia do meu nascimento, quarta-feira, vinte e um de janeiro de mil novecentos e setenta e seis, mamãe estava no culto noturno de oração. Sentiu contrações, saiu do templo e, levada à maternidade por meu pai, deu à luz um bebê de quase quatro quilos. Mais um pouco, eu teria nascido no templo, desocultando-me em terra santa.

Cresci sendo levado por meus pais, semanalmente, ao templo da Primeira Igreja Batista em Honório Gurgel, no Rio de Janeiro. Nossa igreja utilizava um velho hinário chamado “Cantor Cristão”<sup>139</sup>; uma de suas canções mais queridas, intitulada “Firme nas promessas”, dizia: “Firme nas promessas, não irei falhar, vindo as tempestades a me consternar. Pelo Verbo Eterno eu hei de trabalhar. Firme nas promessas de Jesus”.

Cresci cantando aquelas palavras. Lindas. E incompreensíveis. Até que a fase adulta chegasse, e eu fosse feito capaz de me maravilhar com o mistério que aquela estrofe carregava: o Verbo Eterno.

Antes de o universo existir, antes da água de cujo ventre a terra derivou<sup>140</sup>... E antes dos ares, dos mares, dos céus e da terra, antes de todas as eras, mesmo antes de haver antes e depois, Deus era. Deus, e nenhuma criatura, então. Deus somente, mas nunca só. Pai e Filho desde sempre. Perfeita, una, santa e doce abscondidade. O abscondito que sequer do vazio era conhecido. Nem ao menos o vazio se preenchia dele. Deus oculto e só visível eternamente a Si.

---

<sup>138</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002, v. 6, p. 655.

<sup>139</sup> “O Cantor Cristão foi o segundo hinário dos evangélicos brasileiros. Foi publicado em 1891 e sua primeira versão continha apenas 16 hinos. As edições se sucederam, sendo sempre acrescidas de hinos novos. Em 1921 saiu a 17ª edição do hinário, já com 571 hinos [...]”. CANTOR Cristão. Disponível em: <<https://cantorcristaobatista.com.br/CantorCristao/>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

<sup>140</sup> “[...] desde a Antiguidade, por intermédio da Palavra de Deus foram criados os céus e a terra, e esta foi formada da água e por meio da água”. 2ª de Pedro 3:5. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2450.



Até depois de haver criatura, e céus, e terra, e mares, a unidade eterna de Pai e Filho permanece oculta. Misteriosa, até que o Filho a revele em ações e em palavras. O Filho não somente revela o Pai; dá a conhecer aspectos de sua relação com Ele. Mas, quando revela uma coisa ou outra, fá-lo de modo essencialmente abscôndito, posto que perceptível apenas na experiência da relação com o Pai. A filiação eterna, abscôndita, só se pode conhecer pela participação do ser humano temporal nessa mesma filiação.

Unicamente os filhos e filhas de Deus conhecem e reconhecem a filiação do Unigênito<sup>141</sup>, porquanto ela só pode ser conhecida como revelação<sup>142</sup>. Apenas como tal, dá-se a conhecer a eterna filiação, a qual, cabe-nos enfatizar o paradoxo, é filiação, antes de ser eterna. Pois somente um filho ou filha sabe, assim, de seu próprio pai, não importando ser eterna ou temporal essa filiação.

Tanto quanto a vida é intransmissível em sua autoexperimentação, em seu encontro consigo, em seu sentir a si mesma, de igual modo a filiação só se conhece na filiação. E, na tentativa de se vislumbrar Pai e Filho, deparamo-nos com a ocultação extrema dessa relação, posto que perfeita, autossuficiente, eterna, divina. Perfeita unidade de perfeições, ensejando que se confundam as pessoas; autossuficiente, dispensando e mesmo impossibilitando o surgimento de qualquer outra relação que a ela se equivalha; eterna, em vista de sua anterioridade ao tempo, bem como de sua simultaneidade a ele; divina, porque ambos são Deus.

É-nos necessário, por ora, perguntar pelos papeis do Filho nessa relação. Unidos e unidas a ele, filhos e filhas de Deus se assemelham ao Unigênito. A abscondidade da filiação humana retrata a abscondidade da filiação do Unigênito. E se a encarnação do Unigênito é a mostraçãõ do filho abscôndito, se a encarnação não

---

<sup>141</sup> “Replicou-lhes Jesus: “Se Deus fosse vosso Pai, vós me amaríeis, pois Eu procedo de Deus e estou aqui. Eu não vim por mim mesmo, mas Ele me enviou”. João 8:42. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2043.

<sup>142</sup> Desenvolvemos o conceito de revelação como experimentação íntima, patética. Jamais como transmissão externa de um conceito, mas como experiência real, contato não imaginativo com a realidade mesma daquilo que se revela.

dissipa a abscondidade de sua filiação, assim também os filhos e filhas do Pai assumem essa abscondidade como sua<sup>143</sup>. Ela lhes é imputada<sup>144</sup>.

Portanto, como é o Filho Unigênito? Que papéis desempenha na abscondidade de sua relação filial com o Pai? Ora, a abscondidade da relação do Filho e seu Pai se revela, nalguma medida? Quando o faz, não se dissipa a ocultação? É certo que não.

A revelação é comunicação de um mistério permanente que, como tal, não pode ser de todo elucidado. Recebido por fé, sua existência se torna conhecida, ainda permanecendo, contudo, imperscrutável. A união do Filho Eterno e seu Pai é tal, que parecemos estar diante de uma só hipóstase, ou pessoa; e não apenas diante de uma só *ousia* ou substância.

Segundo o testemunho de Teodoreto de Cyrus, “para a filosofia profana, não existe nenhuma diferença entre *ousia* e hipóstase. Pois *ousia* significa o que é, e hipóstase o que subsiste. Mas, segundo a doutrina dos Padres, entre *ousia* e hipóstase existe a mesma diferença que entre o comum e o particular”. O gênio dos Padres se serviu de dois sinônimos para distinguir em Deus o que é comum – *ousia*, substância ou essência – e o que é particular – hipóstase ou pessoa.<sup>145</sup>

Qual a distinção do Pai e seu Verbo, e sua Sabedoria, e sua Imagem? Pois a Escritura não diz todas estas coisas, justamente, acerca do Filho?<sup>146</sup> Corremos o risco de não obter resposta satisfatória, *tateando*<sup>147</sup> no escuro<sup>148</sup>. Entretanto,

<sup>143</sup> “Dessa forma, o amor é aperfeiçoado em nós, a fim de que tenhamos total segurança no Dia do Juízo, pois, assim como Ele é, nós semelhantemente somos nesse mundo”. 1ª de João 4:17. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2461.

<sup>144</sup> “E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Advogado, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque Ele vive convosco e estará dentro de vós” João 14:16-17. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2058. Ora, se é o Espírito Santo, neste trecho identificado como Espírito da verdade, quem assegura aos redimidos e redimidas sua filiação divina, as palavras do Unigênito apontam justamente para a abscondidade da filiação dos filhos e filhas de Deus. Pois esse Espírito só é conhecido das próprias pessoas crentes, dos adotados e adotadas; nunca, do mundo. “Vive convosco” pode se referir ao Espírito atuando no Filho.

<sup>145</sup> LOSSKY, Vladimir. *Ensaio sobre a Teologia Mística da Igreja do Oriente*. Capítulo III: Deus-Trindade. Disponível em: <[http://precedejesus1.blogspot.com/2019/01/vladimir-lossky-ensaios-sobre-teologia\\_10.html](http://precedejesus1.blogspot.com/2019/01/vladimir-lossky-ensaios-sobre-teologia_10.html)>. Acesso em: 04 out. 2021.

<sup>146</sup> Embora sejam variegados os termos intimistas e peculiares que apontam para o Filho, na Escritura, escolhemos apenas três (palavra, sabedoria e imagem), certos de que bastem como exemplificação sintética da abscondidade da eterna relação Pai-Filho.

<sup>147</sup> “*Tateando*. Platão usou esta palavra para indicar as melhores conjeturas sobre a verdade (Phaedo, 99)”. BÍBLIA Shedd, 1997, p. 1560. [grifo do autor]. Queremos cumprir aqui, com a graça de Deus, à luz da revelação, essa nobre tarefa.

<sup>148</sup> Aludimos a trecho paradigmático do discurso de Paulo em Atenas: “Deus [...] que a humanidade o buscasse e provavelmente, como que *tateando*, o pudesse encontrar, ainda que, de fato, não esteja

decidimos inquirir: embora o Filho se assemelhe a manifestações ou caracteres do Pai, como, ainda assim, permanecem distintas as pessoas?

### 2.6.1 O Filho como Palavra Eterna

Toda expressão do Pai, sua exterioridade inescapavelmente diante de si: o Filho. Eternamente, todas as afirmações do Pai sobre si são o Filho<sup>149</sup>. Ele é seu Verbo eternamente gerado. Na verdade, sempre quando se fala sobre Deus, a única fala verdadeira é o Filho<sup>150</sup> mesmo, e tudo quanto ele diz<sup>151</sup>. É somente o Filho aquele que se chama o “Verbo de Deus”<sup>152</sup>.

O Filho é, antes de tudo, o Verbo, o *Logos*. Como dizia Santo Inácio de Antioquia (ca. 30-35 a ca. 98-107), também chamado Inácio Teóforo (grego: “Portador de Deus”), bispo de Antioquia, Síria (agora na Turquia)<sup>153</sup>, conforme citado pelo teólogo e filósofo alemão Paul Tillich (1886–1965), “[...] há um único Deus que se manifestou por meio de Jesus Cristo seu Filho, que é seu *Logos*, procedente de seu silêncio.”<sup>154</sup>. Tillich explica essa proposição nos seguintes termos:

É bastante profunda a idéia de que o *Logos* divino quebra o silêncio de Deus. Queria dizer que o abismo da divindade não tem palavras, nem forma, nem objeto, nem voz. É o silêncio infinito do eterno. Mas saindo desse silêncio, o *Logos* irrompe e desoculta o que se escondia nesse silêncio. Revela o fundamento divino.<sup>155</sup>

---

distante de cada um de nós:”. Atos 17:27. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2133. Eis a natureza do mistério divino: não obstante muito próximo, oculto nas trevas.

<sup>149</sup> Neste trabalho, não enfocamos o modo próprio pelo qual o Espírito Santo revela o Pai, ou melhor, o modo de participação do Espírito nas relações intratrinitárias. Restringimo-nos às considerações da relação Pai-Filho eternos, certos de que apenas à semelhança desta relação os filhos e filhas de Deus se relacionam com o Pai. Não ignoramos, outrossim, que, somente pela dádiva do Espírito, representante legítimo do Filho (cf. João 16:14), sejam possíveis a *Huiiothesía*, nesta era, e a consumação da *Theósis*, na que há de vir.

<sup>150</sup> “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar”. Mateus 11:27. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1787.

<sup>151</sup> Mesmo quando por meio da criação, cuja forma é filial.

<sup>152</sup> “Estava vestido com um manto salpicado de sangue, e seu Nome é Palavra de Deus”. Apocalipse 19:13.

<sup>153</sup> BIELER, Ludwig G.J. *St. Ignatius of Antioch*. Encyclopedia Britannica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Saint-Ignatius-of-Antioch>>. Acesso em: 04 dez. 2021.

<sup>154</sup> SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA apud TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 2000, p. 42.

<sup>155</sup> TILLICH, 2000, p. 43.

Isto é, a decisão de Deus para fora da Trindade é esta: só se mostrar através da mediação que o Filho faz de Si<sup>156</sup>. Só se manifestar filiomorficamente, por meio de seu Verbo, sua Palavra eternamente gerada. Em suas relações com o Universo, apenas de um modo filial, romper o silêncio.

O Logos é o princípio da auto-manifestação de Deus. É Deus manifesto em si mesmo, a si mesmo. Portanto, onde quer que Deus apareça, a si mesmo ou a outros, é sempre o Logos que aparece. Este Logos está em Jesus, o Cristo, de maneira especial.<sup>157</sup>

Tanto a Palavra que soa é o Filho, quanto a criatura que ouve, fá-lo como filha a partir do Filho, pondo-se diante do Pai. A ideia de Verbo ultrapassa, desse modo, como deveríamos esperar, a autorrevelação estanque de Deus. Deslinda o princípio motor da criação. No Gênesis, torna-se patente que, a partir da Palavra, do Verbo, tudo é criado. Quando Deus diz “Haja luz”, o Verbo cria<sup>158</sup>. É ele a ação distanciada, o fora de si divino, a projeção; é ele o toque sem mãos, mas ainda um toque; a força imponderável, mas ainda força. Quem move os elementos, sendo ouvido por tudo como voz de Deus, sendo movido apenas por seu Pai.

Ele não encontra igual, não conhece rival, possuindo toda a força que Deus possui. E, bem assim, a palavra que esse Verbo fala são as ações divinas no mundo. Qual a palavra, o efeito do Verbo? Criação e transformação.

Todas as realizações divinas; todas as expressões da mente de Deus. O Verbo não a conhece externamente, como outra coisa; ele é sua perfeita expressão. Não que Deus, o Pai, não tenha propriamente pensamento, mas em que seu Verbo seja, justamente, toda a emanção do *cogito* divino, toda a Verdade.

[...] o Logos [...] não pode ser concebido independentemente de sua origem. Esta tentativa de descrever o significado do termo “Logos” é análoga ao processo mental humano. O Logos divino é *endiathetos*, “que habita” em Deus. Esse mesmo Logos eterno, pelo qual Deus se expressa a si mesmo, torna-se na criação o *logos prophorikos*, “procedente” de Deus na direção do mundo.<sup>159</sup>

<sup>156</sup> “Ninguém vem ao Pai senão por mim”. João 14:6. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2058.

<sup>157</sup> TILLICH, 2000, p. 50.

<sup>158</sup> Novamente nos isentamos de apontar qual seja o papel do Espírito em sua relação com o Pai e a Palavra. Nos atos criativos, por exemplo, como age: antecedendo, sucedendo ou síncrono com a Palavra?

<sup>159</sup> TILLICH, 2000, p. 51.

Discorrendo sobre o inestimável préstimo, frente aos ataques políticos e filosóficos do ambiente greco-romano, que os apologistas dos primeiros séculos deram ao cristianismo — em especial, São Justino Mártir (ca. 100 a ca. 165), “um dos mais importantes filósofos gregos apologistas da Igreja Cristã primitiva”<sup>160</sup> — Paul Tillich ressalta o aspecto universal da verdade encarnada no Verbo:

[...] o Logos aparecera nos fundamentos do cristianismo. Tratava-se do Logos pleno do próprio Deus, aparecendo com todo o seu ser. Era mais do que religião. Era o aparecimento da verdade no tempo e no espaço. [...] Se houvesse no mundo uma verdade existencial que não pudesse ser recebida pelo cristianismo como parte de seu próprio pensamento, Jesus não poderia ter sido o Cristo.<sup>161</sup>

Assim, Deus, em seu contínuo processo de emanção da verdade, possui uma instância dele distinta, mas que a Ele se iguala: sua Palavra. Sempre ela esteve com Deus, pois sempre Deus a teve consigo, em seu colo, em seu peito. É Deus Verdadeiro de Deus Verdadeiro<sup>162</sup>.

## 2.6.2 O Filho como Sabedoria de Deus

Deus é belo, santo, justo, bom. É, acima de tudo, amor. E, posto que o amor é sempre melhor que o nada, sua concretude sempre melhor que o vazio, presumimos que, à grandeza divina, não conviria, a qualquer tempo, o deixar de ser vista e sentida, admirada e louvada. Ao amor não convém o não, a solidão, a ocultação.

No início das eras, mesmo antes da criação do cosmos, Deus jamais esteve só. E é certo que isso não seria justo, sábio, bom. Deus, desde sempre Pai e Filho, tinham, um no outro, o eterno alvo de seu amor perfeito. O Filho, eterna geração do Pai, é seu companheiro, admirador, elogia-o, louva-o. Nisto há sabedoria!

O Senhor me possui [...]; antes de serem estabelecidos os montes e de se formarem as colinas, eu já existia. Ele ainda não havia formado a terra, tampouco os campos, ou as partículas de poeira com as quais fez o mundo. Quando Ele estabeleceu os céus, lá estava Eu; quando delineou o horizonte

<sup>160</sup> *one of the most important of the Greek philosopher-Apologists in the early Christian church.* BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *St. Justin Martyr*. Christian apologist. Encyclopedia Britannica, 23 Apr. 2020. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Saint-Justin-Martyr>>. Acesso em: 05 dez. 2021. (tradução nossa).

<sup>161</sup> TILLICH, 2000, p. 48.

<sup>162</sup> Expressão do credo niceno-constantinopolitano. CATECISMO da Igreja Católica: primeira parte - a profissão da fé: credo. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p1s1c3\\_142-184\\_po.html#CREDO](https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s1c3_142-184_po.html#CREDO)>. Acesso em: 06 out. 2021.

sobre a superfície do abismo, quando fixou as nuvens em cima e estabeleceu as fontes do abismo, quando determinou as fronteiras do mar para que as águas não ultrapassassem seu ordenamento, quando assinalou as balizas dos alicerces da terra, então, Eu estava com Ele e cooperei em tudo como seu arquiteto. Dia após dia tenho sido o seu prazer, sempre me sentindo muito feliz a seu lado. Regozijando-me com o mundo que Ele criou, e me alegrando com os seres humanos!<sup>163</sup>

Estas palavras da sabedoria personificada têm sido associadas frequentemente e, cremos, de modo ao menos parcialmente acertado, à pessoa do Filho Eterno. As falas do teólogo presbiteriano galês Matthew Henry (1662–1714), dos comentaristas da Bíblia Shedd e da King James, são alguns dentre incontáveis exemplos dessa associação:

Parece muito claro que é uma pessoa inteligente e divina que aqui fala, e que não se trata de uma mera propriedade essencial da natureza divina, pois a Sabedoria aqui tem propriedades e ações pessoais; e essa pessoa divina inteligente não pode ser outro senão o próprio Filho de Deus, a quem as principais coisas aqui faladas sobre sabedoria são atribuídas em outras escrituras [...].<sup>164</sup>

A 'Sabedoria' é personificada e revelada com perfeição em Jesus, o Filho de Deus e o Cristo [...]. Só essa sabedoria tem o poder de falar com autoridade absoluta [...]. O trecho dos vv. 22-31 veio a se constituir – ao longo da história de Israel e da Igreja – em um hino sobre a personificação e a obra da sabedoria divina em toda a criação do Universo [...]. Portanto, esta e outras passagens semelhantes podem ser interpretadas como uma antecipação sobre o que o NT descreve quanto a Jesus Cristo como a própria Palavra de Deus (Jo 1.1-3; 17.5), como também, Sabedoria de Deus (1 Co 1.24,30; Cl 2.3; Jo 5.17,18).<sup>165</sup>

Este trecho, até ao fim do capítulo, é uma antecipação da voz de Cristo, proclamando a verdade antes de sua vinda ao mundo, na estrebaria de Belém. Cristo estava na glória, mas não inativo (Jo 5.17), antes que houvesse mundo (Jo 17.5).<sup>166</sup>

Pannenberg reconhece que, na “[...] teologia cristã-primitiva, [...] a compreensão cristã do Filho como hipóstase preexistente ao lado do Pai” não contrastava, de antemão, “[...] com o judaísmo e sua crença em um só Deus”. E, em parte, o cristianismo primitivo extraía essa ideia das

<sup>163</sup> Provérbios 8:22, 25-31. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1200-1201.

<sup>164</sup> MATTHEW Henry: Comentário sobre Provérbios 8. *Blue Letter Bible*. Disponível em: <[https://www.blueletterbible.org/Comm/mhc/Pro/Pro\\_008.cfm?a=636025](https://www.blueletterbible.org/Comm/mhc/Pro/Pro_008.cfm?a=636025)>. Acesso em: 13 out. 2021.

<sup>165</sup> Notas “5” e “7”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1200.

<sup>166</sup> BÍBLIA Shedd, 1997, p. 923.

afirmações dos Provérbios sobre a preexistência da Sabedoria (Pr 8.22ss.), que se tornou ponto de partida tanto do conceito joanino do *Logos* quanto da doutrina do *Logos* da apologética cristã-primitiva.<sup>167</sup>

Entretanto, frente à questão exegética de Provérbios 8:22, Pannenberg também admitia que “[...] já na Sabedoria a idéia da preexistência não excluiu a idéia de ser criatura”<sup>168</sup>. Essa tal controvérsia, que trata de a Sabedoria ser o Filho Eterno ou uma obra criada, encontra-se demonstrada pelo apologista Don Stewart, comentarista da *Blue Letter Bible*. O centro do debate reside no hebraico קָנָה<sup>169</sup> presente no verso 22, e traduzido na King James como “possui”, em “O Senhor me possui”. Afirma Stewart:

O significado exato da palavra hebraica qanah, que é traduzida como “criado” ou “me trouxe à luz”, é debatido. A palavra tem dois significados básicos. Pode significar “criar” ou pode significar “obter”, “possuir” ou “adquirir”. Os estudantes da Bíblia estão divididos sobre quais significados devem ser entendidos nesta passagem. Se a palavra for entendida como significando “adquirir” ou “possuir”, então Deus Pai estaria dirigindo a obra de Deus Filho na criação. Não teria nada a ver com Deus Pai criando Deus Filho.<sup>170</sup>

Consultando o verbete קָנָה no Léxico Hebraico de Holladay, obtemos diferentes traduções para diferentes sujeitos, isto é, sendo Deus o agente da ação, traduz-se como “criar”, sendo outro o agente, como “gerar”<sup>171</sup>.

No Léxico de Strong, por sua vez, temos o seguinte detalhamento:

קָנָה qânâh, kaw-naw'; uma raiz primitiva; erguer, isto é, criar; por extensão, adquirir, especialmente por compra (causativamente, vender); por implicação, possuir: - obter, comprar (-dor), ensinar a criar gado, obter, provocar o ciúme, possuir (-dor), comprar, recuperar, redimir.<sup>172</sup>

<sup>167</sup> PANNENBERG, 2009, v. 1, p. 376.

<sup>168</sup> PANNENBERG, 2009, v. 1, p. 363.

<sup>169</sup> Translit. *qânâh*.

<sup>170</sup> O LIVRO de Provérbios ensina que Jesus é um ser criado? (Provérbios 8: 22-25). Blue Letter Bible. Disponível em: <[https://www.blueletterbible.org/Comm/stewart\\_don/faq/accusations-against-jesus-answered/06-does-the-book-of-proverbs-teach-that-jesus-is-a-created-being.cfm?a=636025](https://www.blueletterbible.org/Comm/stewart_don/faq/accusations-against-jesus-answered/06-does-the-book-of-proverbs-teach-that-jesus-is-a-created-being.cfm?a=636025)>. Acesso em: 13 out. 2021.

<sup>171</sup> “1. suj. Deus: criar. Gn 14.19,22; Êx 15.16; Dt 32.6; Sl 78.54; 139.13; – 2. suj. Eva: gerar. Gn 4.1.”. HOLLADAY, William L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 455.

<sup>172</sup> קָנָה qânâh, kaw-naw'; a primitive root; to erect, i.e. create; by extension, to procure, especially by purchase (causatively, sell); by implication to own:—attain, buy(-er), teach to keep cattle, get, provoke to jealousy, possess(-or), purchase, recover, redeem. LEXICON:: Strong's H7069 – qânâ. Disponível em: <<https://www.blueletterbible.org/lexicon/h7069/kjv/wlc/0-1/>>. Acesso em: 13 out. 2021.

Comparando as abordagens lexicais, poder-se-ia dizer que קנה é corretamente traduzível como possuir, no sentido de ser Deus quem justamente erija, erga, portanto, crie, a forma visível de sua própria Sabedoria. Contudo, ainda que a exegese continue a discutir a validade da personificação cristológica da Sabedoria, é certo que esta se encontra, como o Filho, por toda sua existência, diante do Pai. A sabedoria sempre posta diante dele, louva-o.

Neste sentido, é notável o paralelo jeremaico entre dois motivos de glória, a saber: a sabedoria que decorre do conhecimento de Deus, e a sabedoria decorrente do conhecimento humano autônomo ante o Criador:

Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas, mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me entender e me conhecer, que eu sou o Senhor, que faço beneficência, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o Senhor.<sup>173</sup>

Em Jeremias, a verdadeira sabedoria deriva da contemplação e conhecimento de Deus, o Deus que executa a justiça e o juízo. Nisto, diz o profeta, há sabedoria, riqueza e força. Olhando em retrospectiva, rumo à eternidade passada, o Filho que eternamente exalta o Pai concederia propósito à criação que viria a nascer. Esta lhe seria análoga. É no Filho-Louvor, no Filho Amado, que as coisas criadas, desde seu nascimento e para todo o sempre, encontram seu desígnio.

O Filho é Sabedoria de Deus como expectador necessário e eterno da eterna divindade de seu Pai. É a perfeita concordância sempiterna com o Perfeito. Mas não se poderia dizer o mesmo do Pai em relação ao Filho, isto é, que o Pai seja Sabedoria de seu Filho? Não contempla o Pai seu Filho Amado? Ora, o Filho é a geração sempiterna do Pai, sua Palavra, eternamente posto diante de sua origem perpétua. É sua Sabedoria enquanto dele deriva e para ele retorna em louvores, antes do tempo e, também, na história; nesta última, como Mediador de toda a criação feita à sua imagem.

O Filho contempla o Pai, o qual, por sua vez, contempla o Filho. E, à semelhança do Filho, aquele que é a própria visibilidade do Pai, o universo é criado. Materialidade trazida à luz a partir das perfeições e da visibilidade do Filho, que é automanifestação de Deus. Mas, se o Filho é contínua exaltação do Pai, exaltação

---

<sup>173</sup> Jeremias 9:23-24. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1398.



que se faz concreta, material, na criação, esta exalta o Pai por meio do Filho, enquanto revela as perfeições deste, e enquanto igualmente ao revelá-lo o exalta.

Por isto mesmo, dia a dia, no Gênesis, o mote comemorativo da bondade criacional vai soando como um cântico. Seu estribilho exalta a sabedoria do ato criativo: “tudo era bom”. Esse “bom” refere-se à concreção das perfeições do Filho-Verbo-Sabedoria de Deus, a trazida da beleza do Filho-Imagem para a visibilidade externa à Trindade. Tudo estaria pronto a ser, diante de Deus, louvor, como o Filho o é. Louvor ao Pai, louvor ao Filho. A criação se diferenciaria do Filho, porém, quanto à eternidade e divindade. Nascido de Deus, no tempo, o universo não é divino.

“Bom” seria o universo que, embora perfeito, mas não sendo, contudo, divino, dependeria permanentemente do Deus-Amor. Feito frágil, não divino, o universo se constituiria no alvo do derramamento do amor que adota e sustenta, ulterior ao núcleo intratrinitário.

### 2.6.3 O Filho como Imagem de Deus

Diz o apóstolo Paulo, acerca do Filho, aos colossenses:

Ele é a *imagem* do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação; porquanto nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou dominações, sejam governos ou poderes, tudo foi criado por Ele e para Ele.<sup>174</sup>

Aqui, o ser imagem da invisibilidade, deste modo possuindo a célebre primogenitura universal, indica que o Filho tem no “ser imagem” seu eterno ser. É ele o primeiro eu que se funda no Pai, embora exclusiva e igualmente divino. Como tal, constitui-se no fundamento de todo ser, de qualquer ente. Se Adão é imagem, o Filho Eterno é a *Imago Dei* fundamental, prototípica.

Comentando a possibilidade de distinção entre o que, simplificada, chamaríamos de *Imago Dei* neotestamentária, isto é, Cristo, e *Imago Dei* no Antigo Testamento, e uma ligação essencial, nesse aspecto, entre cristologia e soteriologia, Pannenberg apresenta o debate entre Irineu de Lyon (ca. 130–202) e os gnósticos, e a solução proposta pelo bispo de Lyon:

---

<sup>174</sup> Colossenses 1:15-16. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2328.

Pela referência do Adão imagem ao protótipo deu-se à similitude criatural de Deus o sentido de uma destinação que visa o protótipo, que deve ser resgatada por via da ‘assimilação’ ao protótipo no processo da luta pela temática de vida ética do ser humano, uma destinação que fracassou entre os primeiros homens e que foi levada ao alvo primeiro pela encarnação do próprio protótipo em Jesus Cristo.<sup>175</sup>

Em Colossenses 1:15-16, o termo grego para “imagem” é εἰκὼν<sup>176</sup>, também traduzível por “cópia, representação”<sup>177</sup>. Em 2ª aos Coríntios 4:4, de novo εἰκὼν é o termo traduzido por “imagem”:

O deus, desta presente era perversa, cegou o entendimento dos descrentes, a fim de que não vejam a luz do Evangelho da glória de Cristo, que é a *imagem* de Deus.<sup>178</sup>

Em extensa nota de rodapé sobre este verso, parecendo retomar Irineu, comenta a King James:

[...] Cristo é o próprio esplendor da glória de Deus (Hb 1.3). Ele é a verdadeira Imagem de Deus (em latim *Imago Dei*) na qual o homem foi originalmente criado e na qual a humanidade salva está experimentando o poder da transformação, até que, no final dos tempos (dessa era decadente), na segunda e gloriosa volta de Cristo, todos os crentes sinceros serão feitos à semelhança de Jesus (1 Jo 3.2).<sup>179</sup>

Ora, se o universo e, em especial, o ser humano, foi feito conforme aquele que é a Imagem de Deus, é certo que, mesmo antes da criação, o Unigênito era Imagem de seu Pai. Mas em que isso consistiria, propriamente?

No pensamento grego, uma imagem partilha da realidade que representa. Cristo é a perfeita imagem de Deus. A palavra contém a idéia de representação e manifestação<sup>180</sup>.

Cristo seria, portanto, a visibilidade do Deus “ἀόρατος<sup>181</sup> [...] invisível, impossível de ser visto”<sup>182</sup>, sua exterioridade. O ser imagem é a possibilidade de representação. Qual a face de Deus? Cristo. Onde encontrá-la? Cristo.

O Filho que eternamente é o visível do Pai, manifesta-se no aparecimento pessoal de Jesus, o Cristo. [...] Na linha de pensamento que vai de João a

<sup>175</sup> PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 301.

<sup>176</sup> Translit. *eikon*.

<sup>177</sup> RIENECKER, 1995, p. 420.

<sup>178</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2260.

<sup>179</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2260.

<sup>180</sup> RIENECKER, 1995, p. 420.

<sup>181</sup> Translit. *aeoratos*.

<sup>182</sup> RIENECKER, 1995, p. 420.

Inácio e a Irineu, o Logos não é mera hypostasis menor, forma ou poder inferior do ser em Deus, mas o próprio Deus enquanto revelador, enquanto auto-manifestação divina.<sup>183</sup>

Desse modo, se o Filho Unigênito, enquanto Palavra, refere-se a tudo o que o Pai pensa e afirma, o Filho, Imagem do Pai, refere-se a tudo aquilo que o Pai possa aparentar ser. De acordo com o teólogo escocês Sinclair Ferguson (1948– ), da University of Aberdeen, “A imagem de Deus, portanto, consistindo em santidade, justiça e conhecimento da verdade, é dinâmica, em vez de estática, em sua natureza”<sup>184</sup>.

Toda exterioridade, toda possibilidade de aparência, todo o modo de ser do Pai, somente o Filho conhece e pode revelar.

Solicitou-lhe Filipe: “Senhor, mostra-nos o Pai, e isso é suficiente para nós.” Então Jesus ministrou-lhes: “Há tanto tempo estou convosco, e tu não me tens conhecido, Filipe? Aquele que vê a mim, vê o Pai; como podes dizer: ‘mostra-nos o Pai’?”<sup>185</sup>

Palavra e imagem servem como mediadores entre a essência divina e tudo o que fora dela se encontra. Deus é ouvido e visto *por meio* do Filho. E, como tal, o Filho é o Unigênito, tanto na eterna autogeração divina, quanto em sua manifestação para fora. Permanece anterior e acima de toda realidade criatural; no Filho, o ser imagem de Deus e o ser primogênito sinonimizam-se. E, se imagem e palavra revelam, aquilo que por meio delas é revelado é-lhes eternamente anterior.

A primeira geração divina, a imagem primal, serviria de paradigma para toda a criação. E esta, no mais das vezes, plástica, precisaria encontrar seu molde, não só da forma, como também da essência, no figurado que apontasse e revelasse o Criador. Algo ou alguém que expressasse as perfeições divinas. O Filho seria o modelo criacional.

Mais tarde, porém, deixaria a eternidade e entraria no tempo, na criação. Aquela Imagem encarnar-se-ia. Paulo afirmou: “Pois somente em Cristo habita corporalmente toda a plenitude de Deus”<sup>186</sup>. O Cristo seria plenamente Deus em carne

---

<sup>183</sup> TILLICH, 1988, p. 63.

<sup>184</sup> FERGUSON, Sinclair B. *Novo dicionário de teologia*. São Paulo, SP: Hagnos, 2009, p. 538.

<sup>185</sup> João 14:8 e 9. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2058.

<sup>186</sup> Colossenses 2:9. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2330.

humana, destarte humano. Seria o Encarnado. Sobre o uso do termo πλήρομα<sup>187</sup>, traduzido como “plenitude”, Champlin tece importante consideração:

Os gnósticos costumavam usar esse vocábulo. Para eles, representava a totalidade das ‘emanações’ de Deus, incluindo os seres vivos. As emanações mais elevadas seriam as várias gradações de ordens angelicais. Cada um desses seres, de acordo com o gnosticismo, compartilhava de uma partícula de divindade, sendo uma tênue manifestação de Deus — divina em si mesma, mas possuidora apenas de uma partícula da natureza divina total. [...] Para eles, pois, o ‘pleroma’ era ‘a natureza divina, acompanhada por seus atributos e manifestações’. Como Cristo Pode Ser O ‘Pleroma’ De Deus? Paulo tomou emprestada essa palavra dos gnósticos, embora lhe tenha dado um sentido todo seu. Para Paulo, Cristo possui a natureza divina inteira, com todos os seus atributos e manifestações: tudo concentrado ‘em uma pessoa’. O que os gnósticos distribuía entre tantas e tantas ordens de seres, o apóstolo atribuía exclusivamente a Cristo.

Ora, se toda a natureza divina estava no Cristo Encarnado, se foi possível ao Unigênito mesmo, o Verbo, a Imagem de Deus, sua Sabedoria, fazer-se humano, essa vinda do Filho ao menos proclama a inimaginável possibilidade de o humano ser feito imagem, e sabedoria, e verbo, quando unido sem distância, à natureza divina.

## 2.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta fundamental que ensejou a escrita deste capítulo foi precisamente esta: como se dá a relação do Pai e seu Filho Eterno? E fizemos essa pergunta, pois, somente à luz das respostas que encontrássemos, poderíamos tratar da filiação divina dos seres humanos.

Supomos, na verdade, que a filiação de todos os filhos e filhas de Deus receba seu fundamento dessa filiação primeira. Intuímos que a relação do Unigênito e seu Pai não apenas se distinga, mas também se projete na relação deste com seus filhos e filhas por adoção.

Quanto ao Filho Eterno, este só conhece um lugar existencial: diante do Pai. Nunca se diz, do Filho, que nalgum momento ele se aproxime, que ele chegue ou entre na presença de seu Pai. A propósito, nos Evangelhos, quando se relatam suas orações, simplesmente se diz que ele fala a seu Pai, diante de quem sempre está.

E não é de algum modo distanciado, mas sempre na mais íntima proximidade que o Filho se encontra ali, frente a seu Pai. Toda a criação é sua, isto é, do Filho.

---

<sup>187</sup> Translit. *pleroma*.

Todas as plantas, e animais, e seres humanos, são seus. O Filho se regozija da criação que o Pai lhe entregou. Contudo, fá-lo mantendo no Pai os seus olhos.

O que o Filho deseja é a glória do trono compartilhado com seu Pai. Não a glória, apenas; ela não o seduz. Parece ser este o sentido de sua resposta atemporal quando o tentador, no deserto, oferece os reinos do mundo e sua glória, em troca de adoração. A isto o Filho responde, em meio à fome e à fraqueza, algo como: “Convém apenas adorar meu Pai. É isto que quero”.

O Filho conhece seu Pai. É filho sábio, que se orgulha do Pai que tem, e de pensar e agir como Ele. Em linguagem coloquial, dir-se-ia: “É todo o Pai”. Frente à grandeza da paternidade do Pai, diante de suas muitas virtudes, pareceria desaparecer a exaltação ao Filho. Mas, não.

Do Pai se diz que seu prazer é seu Filho, sua Sabedoria. É o Filho sua voz, expressão, visibilidade; portanto, o modo pelo qual o Pai prefere ser visto e, através de quem, conhecido. Ao Filho compete a manifestação do governo do Pai sobre toda a criação. O trono, a visão beatífica, a intimidade. O Filho e seu Pai entoam, por toda eternidade, o canto do seu amor: *erulindalë*.

Quanto aos filhos e filhas por adoção, a esse canto se unirão todos eles e todas elas, todas as pessoas redimidas. Afinal, não foram todos feitos e feitas para isto? Não são os humanos criados por Deus para a filiação?

Mas... Não nos antecipemos. A resposta à pergunta que fundamentou este capítulo exige que se resolva, primeiro, outra questão, originária: de que maneira foi criada a humanidade?

Doravante, perguntemos: Como nasceram nossos primeiros pai e mãe, e nós, neles?



## 3 FILHOS E FILHAS DE DEUS - CRIAÇÃO

### 3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que é o ser humano? Compete-nos, agora, essa definição<sup>188</sup> que a antropologia, a psicologia e as demais ciências do humano buscam perenemente encontrar. Mesmo o escritor bíblico chega a questionar: “Que é o homem para que com ele te importes? E o filho de Adão para que venhas visitá-lo?”<sup>189</sup>. Quem é esse ser que Deus adotará e ao qual franqueará a participação em sua divindade?

A resposta que se nos oferece<sup>190</sup> aponta, de imediato, à condição singular: embora feito menor que os anjos, o ser humano foi, por Deus, coroado “de glória e de honra”<sup>191</sup>. Glória e honra, cremos, como potências encravadas num corpo de barro<sup>192</sup>.

---

<sup>188</sup> Tratamos de “definição” em sentido aristotélico, clássico, restrito, conforme reza o verbete *Definição*, em ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 235: “A doutrina aristotélica da *Definição* diz respeito à essência substancial. Aristóteles afirma explicitamente que a *Definição* concerne à essência e à substância (An. post, II, 3, 90 b 30)”. No dizer de Spinoza, “‘A verdadeira *Definição* de uma coisa qualquer não implica nem exprime nada além da natureza da coisa definida’ (Et., I, 8, schol. II)”. ABBAGNANO, 2007, p. 236.

<sup>189</sup> Salmo 8:5. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1020.

<sup>190</sup> Quem, senão Deus, realiza o oferecimento? Em nossa busca por compreender a natureza humana, nosso fio condutor é a revelação. Resistimos à tentação de enveredarmos por debate antropológico, psicológico, ou meramente filosófico quanto ao que seja o humano. Essa enorme contradição que somos, evidente nos parágrafos desta “Introdução”, e que é amplamente apontada pelas ciências do espírito, desnuda-se na diatribe pascalina: “Conhecei, pois, soberbo, que paradoxo sois em vós mesmo. Humilhai-vos, razão impotente; calai-vos, natureza imbecil; aprendei que o homem ultrapassa infinitamente o homem, e ouvi do vosso senhor a vossa condição verdadeira, que ignorais. Escutai a Deus”. PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1973, p. 145. [sic]. Herman Dooyeweerd, por quatro décadas professor de filosofia do direito na Universidade Livre de Amsterdã, critica o autoconhecimento autônomo, apelando à inexorabilidade da revelação: “Nenhuma autorreflexão filosófica pode conduzir-nos a um autoconhecimento real de uma forma puramente filosófica. As palavras com as quais Calvino inicia o primeiro capítulo de seu livro-texto sobre a religião cristã: ‘O verdadeiro conhecimento de nós mesmos é dependente do verdadeiro conhecimento de Deus’ (Institutes I.i.1) são, de fato, a chave para responder à questão: quem é o homem?”. DOOYEWEERD, Herman. *No crepúsculo do pensamento ocidental: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 254.

<sup>191</sup> Salmo 8:5. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1021.

<sup>192</sup> A maior destas potências não é outra senão a própria filiação. Adão é, naturalmente, filho de direito: criado para viver como filho de Deus. É notável, porém, que, frente ao juízo divino, não se leve em conta esse *status*. Enquanto filhos e filhas “de fato” gozam da bem-aventurança final, filhos e filhas “de direito” podem rumar a um fim antagonico. Pois, se Lázaro, junto a Abraão, é filho, o rico em tormentos também o é: “No entanto, Abraão lhe replicou: ‘Filho, [...]’. Lucas 16:25. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p.1984.

Sim! Deus o vestirá de corpo<sup>193</sup>. E o sopro que vivificará o terroso será o sopro de Adonai<sup>194</sup>, o sopro do Senhor. O ente que nasce é seu filho<sup>195</sup>.

É chegada a hora<sup>196</sup>. Se quisermos compreender o clímax da história humana, a *Theósis*; se quisermos estar prontos a crer no ápice da salvação preparada por Deus para os humanos, devemos remontar ao princípio, e contemplar. Ali, um vento soprará. Ao contrário do Pentecostes, sem testemunhas<sup>197</sup>. Yahweh falou a Moisés, contou-lhe na tenda<sup>198</sup> as origens. E Moisés creu.

É chegada a hora. Se quisermos compreender o humano que será feito divino, se quisermos estar prontos a crer, devemos nos aproximar, dobrar os joelhos, ver as mãos que moldam *adama*<sup>199</sup>, e os lábios que nela assopram. De quem são? A testemunha única é o próprio Criador. Precisamos ouvi-lo, e crer<sup>200</sup>.

<sup>193</sup> Cf. 2ª aos Coríntios 5:4. Embora corpo e imaterialidade sejam, no humano, uma unidade, Paulo compara o corpo a vestimenta. Não o faz no sentido de que o corpo seja algo exterior à vida humana, mas no sentido em que o corpo seja, como as roupas, exterioridade, aquilo que efetivamente se pode ver. O corpo atual é como vestes que se desgastam; o futuro, como vestimenta ou residência incorruptível.

<sup>194</sup> “*Adôn, Adonai*: Senhor (*Maître*), Senhores (*Maîtres*). É assim que o homem da Bíblia invoca, o mais das vezes, seu Elohim (Gn 15,2; 20,4 etc)”. CHOURAQUI, André. *No princípio* (Gênesis). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1995, p. 32.

<sup>195</sup> Na genealogia de Cristo relatada em Lucas 3, versos 23 e 38, diz-se categoricamente que Adão era filho natural de Deus: “Jesus tinha cerca de trinta anos de idade quando iniciou seu ministério. Ele era, como se dizia, filho de José; filho de Eli, [...] filho de Enos, filho de Sete, filho de Adão, filho de Deus.”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1925.

<sup>196</sup> Alusão ao início da oração sacerdotal de Cristo, em João 17:1: “[...] Pai, é chegada a hora [...]”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2063. Em proporção muito menor, é este, para nós, momento crítico, decisivo. Teologicamente decisivo.

<sup>197</sup> A linguagem, aqui, é poética. Temos claro que, na descida do Espírito, em Pentecostes, fala-se, não de um vento, propriamente, mas de um “barulho, semelhante a um vento soprando muito forte”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2082.

<sup>198</sup> A tenda do encontro. Cf. Êxodo 33:7-11. Apesar de os inícios poderem ter sido revelados no monte, ou por meio de antigas tradições orais, a frequência de referências à tenda torna-a lugar privilegiado. Lugar originário, de reunião, aponta caracteres fundamentais à construção teológica, desejáveis por toda esta pesquisa: quietude, escuta de Deus, intimidade.

<sup>199</sup> *Adama* é a substância que, na criação, é modelada e feita *Adâm* (Adão). Chouraqui oferece uma compreensão mais rica de certos termos-chave de Gênesis 2:7, ao comentar: “**Adâm**: o texto o aproxima do termo *adama*, ‘gleba, terreno’. Pode-se pensar também no adjetivo *adôm*, ‘vermelho’. No Oriente, as argilas mais férteis e mais plásticas são vermelhas. Homens e húmus ou terreno e terroso mantêm a mesma relação lingüística que Adâm e *adama*”. CHOURAQUI, 1995, p. 51. [sic]. [grifo do autor].

<sup>200</sup> Eis a crítica presente em toda a pesquisa: a compreensão dos escritores bíblicos, sempre literal, do relato da criação de nossos primeiros pais (Cf. Eclesiastes 12:7, Romanos 9:20-21, 1ª aos Coríntios 15:45-48), ser tratada contemporaneamente como alegórica ou anticientífica. Contudo, longe de transparecer ingenuidade dos escritores, essa literalidade criacional demonstra elevada consciência das dimensões do humano. A ingenuidade pode estar do outro lado. Crítica similar faz Michel Henry: “[...] o Gênesis propõe uma coisa absolutamente diferente: a primeira análise verdadeira e rigorosa da condição humana. [...] Ora, se considerarmos mais atentamente esta análise, vemos que ela se desdobra: o homem é nela compreendido de duas formas diferentes, a partir da idéia de criação, mas também a partir da idéia de geração”. HENRY, Michel. *Palavras de Cristo*. Lisboa: Colibri, 2003, p. 40.



### 3.2 SOPRO E AMBIVALÊNCIA

A vida humana, na verdade, a totalidade da existência, é criação intencional, divina. “O mundo é produto de um ato de Deus [...] sua existência é contingente, resultado e expressão de um ato livre do querer e do agir divinos”<sup>201</sup>. “A tradição judaico-cristã [...] atribui tudo o que existe à obra de um Deus criador”<sup>202</sup>. Este é, para nós, um princípio basilar.

Na Bíblia, o primeiro relato da criação, no qual se encontram especificadas origem do corpo e da porção imaterial dos seres humanos, é este: “Então o Senhor modelou o ser humano do pó da terra, feito argila, e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente”<sup>203</sup>.

Dizemos “porção imaterial dos seres humanos” certos de que a vida humana ultrapasse a dimensão corpórea, de que seja ela vida espiritual unida à materialidade. Fazemo-lo, ainda que, no verso em relevo, Gênesis 2:7, não seja essa a ênfase imediata do autor bíblico.

Russel Champlin, comentando o termo hebraico נָפֶשׁ<sup>204</sup>, aqui traduzido como “ser vivente”, além de afirmar que o humano seja tratado como uma unidade, acresce importante subsídio:

A maioria dos eruditos [...] concorda que o versículo não contempla a parte imaterial do homem. Notemos que os animais irracionais também são seres viventes (1.24). No hebraico, temos exatamente a mesma palavra, ali e aqui.<sup>205</sup>

O verso apresentado por Champlin, na comparação, Gênesis 1:24, afirma:

E disse Deus: “Que a terra produza seres vivos segundo suas espécies: rebanhos domésticos, animais selvagens e todos os demais **seres viventes** da terra, cada um de acordo com sua espécie!” E assim aconteceu.<sup>206</sup>

<sup>201</sup> PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009, v. 1, p. 27.

<sup>202</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *Ciência ou religião: quem vai conduzir a história?* São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 41.

<sup>203</sup> Gênesis 2:7. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 10.

<sup>204</sup> VANGEMEREN, Willem A. *Novo dicionário internacional de teologia e exegese*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 3, p. 136. Translit. *nepheš* ou *nefeš*.

<sup>205</sup> CHAMPLIN, 2001, v. 1, p. 23.

<sup>206</sup> Gênesis 1:24. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 9. (grifo nosso).

Vertendo para o grego ambos os textos, Gênesis 1:24 e 2:7, a Septuaginta utilizou a expressão ψυχῆν ζῶσαν<sup>207</sup> (“alma vivente”, ou “ser vivente”), mantendo a igualação presente no hebraico original. Há uma semelhança entre seres humanos e animais, semelhança que tornaria “[...] possível que os animais também possuam alma, embora não seja provável que o autor sagrado tenha antecipado isso”<sup>208</sup>. Segue incontestemente que ambos, seres humanos e animais, respirem, possuam o fôlego próprio dos vivos.

Raízes comparáveis em ugar. e acad. confirmam o significado bíblico básico de *nepeš* como ‘respiração’ (como nos três casos verbais, Êx 23.12; 31.17; 2Sm 16.14). Deve tomar-se cuidado para não impor um paradigma grego de psicologia para *nepeš*; entretanto, às vezes, em mais de 700 ocorrências do termo referindo-se ao âmago da pessoa, raramente denota uma ‘alma’ em qualquer sentido pleno. Inicialmente, significa a respiração literal tanto dos animais [...] quanto dos homens [...]. Desde que respiração é equivalente a vida em si, *nepeš* essencialmente significa ‘vida’ em numerosas ocasiões [...].<sup>209</sup>

A respiração é o ponto de ambivalência entre humanos e animais, enquanto “seres viventes”. Congruência, divergência, aproximação e afastamento. Pois, apesar da semelhança designativa, o relato mosaico de Gênesis 2:7 parece mesmo querer enfatizar o fato de que Deus tenha, pessoalmente, criado o ser humano. Este é seu ato criativo especialíssimo, sua *Ipsum opus specialis*<sup>210</sup>, distinta da criação dos demais

<sup>207</sup> RAHLFS, Alfred; HANHART, Robert. *Septuaginta: Septuaginta/ Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpreters*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006. 2 v. em 1, p. 2-3. Translit. *psuchen zosan*.

<sup>208</sup> CHAMPLIN, 2001, v. 1, p. 23.

<sup>209</sup> VANGEMEREN, Willem A. *Novo dicionário internacional de teologia e exegese*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. v. 1, p. 136.

<sup>210</sup> Latim: “Obra especialíssima”, ou “Trabalho muito especial”. (tradução nossa).

seres. Na criação da espécie humana<sup>211</sup>, Deus<sup>212</sup> lhe teria dado de si, de seu próprio fôlego.

### 3.3 ATO ESPECIALÍSSIMO

Não ignoramos que, segundo alguns<sup>213</sup>,

[...] o AT pode descrever os mesmos acontecimentos criativos como ocorrendo tanto pela palavra de Deus quanto por meios e processos naturais ao longo do tempo (Stek). O AT não separa, embora possa distinguir, a causalidade divina e 'natural' na criação".<sup>214</sup>

O argumento da causalidade “natural” nos primórdios do universo (mesmo estando o termo, mais uma vez, entre aspas) periga assemelhar os processos naturais que conhecemos à multicomplexificada sequência desenvolvimental, tanto relatada

<sup>211</sup> Parece-nos inviável a teoria evolucionista, nela compreendidos os conceitos de geração espontânea - a abiogênese do primeiro ser vivo surgido no mundo, macroevolução e seleção natural. Para aprofundamento do tema, sugerimos a leitura de GEISLER, Norman L. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Editora Vida, 2006., assistir-se o debate DARWINISMO Hoje 2008 Debate Histórico Eberlin Defendendo a TDI. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Oa2Jk4yiruY>>. Acesso em: 27 jun. 2019., e a leitura de DEALING with design. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/4341053a>>. Acesso em: 27 jun. 2019., texto manifestamente ideológico, publicado na revista *Nature*, renomado periódico científico mundial. O artigo evidencia um problema no modo contemporâneo de se fazer ciência: rejeitar-se aprioristicamente uma teoria, no caso, a do *design inteligente*, alegando-se que ela possui motivações religiosas. “E daí? Isso faz o projeto inteligente ser falso? Será que a motivação religiosa de alguns darwinistas torna o darwinismo falso? Não, pois a verdade não reside na motivação dos cientistas, mas na qualidade das evidências. A motivação do cientista ou a sua tendência não necessariamente significam que esteja errado”. GEISLER, Norman L., 2006, p. 163.

<sup>212</sup> Grande parte desta pesquisa fundamenta-se no relato constante do primeiro dos cinco livros de Moisés, o Gênesis. Segundo a chamada “teoria das fontes”, ou “hipótese documental”, o pentateuco seria uma compilação de textos de diferentes autores (correspondendo às fontes javista, eloísta, deuteronomista e sacerdotal). Os diferentes nomes usados em referência à divindade (Yahweh e Elohim, ou Javé e El) poderiam se referir a diferentes deuses. Veja-se especialmente a p. 180 de “Noções de Deus”, em “Deus e Deusa na organização tribal”. GERSTENBERGER, Erhard. *Teologias no Antigo Testamento*, São Leopoldo: Sinodal, 2007. p 169-185. Embora sabedores dessa teoria, assumimos que os cinco primeiros livros da Bíblia preconizam a existência de um único Deus. À luz do Novo Testamento, Ele é o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo – Romanos 15:6; 2ª aos Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Colossenses 1:3. Esse Deus é o Criador. Os diferentes nomes divinos presentes no Pentateuco poderiam ser apenas ênfases (inclusive, de um mesmo autor) em distintos aspectos desse único Deus. Para maiores discussões, sugerimos a leitura da exposição intitulada HOFF, Paul. Teoria documentária da Alta Crítica. In: HOFF, Paul. *O Pentateuco*. São Paulo: Vida, 1997, p. 16-18., a leitura de FRANCISCO, Clyde T. A Hipótese Documentária Clássica. In: ALLEN, Clifton J. *Comentário Bíblico Broadman*. Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 1983. v. 1, p. 151., e da discussão GEISLER, Norman L. GÊNESIS 2:4 – Por que neste capítulo usa-se a expressão “Senhor Deus” em lugar de “Deus”, como no capítulo 1? In: GEISLER, Norman L. *Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999, p. 38.

<sup>213</sup> Na verdade, o argumento mais nos parece um espelhamento; sem mais, a projeção de uma cosmovisão contemporânea à simplicidade da narrativa bíblica. Essa discussão, porém, caberá a outro escrito.

<sup>214</sup> VANGEMEREN, 2011, v. 1, p. 707.

no Gênesis, quanto pressuposta pela ciência contemporânea mesma, no tocante à gênese dos mundos. Não obstante, processos espontâneos da natureza tendem à desordem. Há muito, segundo o professor Henry Morris (1918–2006)<sup>215</sup>, chefe do departamento de engenharia civil da Universidade Virginia Tech, esse preceito natural encontra-se enunciado, por exemplo, na chamada “Segunda Lei” ou “Segundo Princípio da Termodinâmica”.

De acordo com a segunda lei da termodinâmica, a entropia do universo está sempre aumentando, isto é, a distribuição de energia no universo está constantemente uniformizando-se. Pode-se mostrar que todo processo que nivele a concentração de energia é acompanhado de um aumento de desordem. Por conseguinte, essa tendência no aumento da desordem no universo através dos movimentos ao acaso das partículas que o constituem é apenas outro aspecto da segunda lei. Assim sendo, a entropia pode ser considerada uma medida da desordem presente no universo.

Se olharmos por esse prisma, podemos observar as aplicações da segunda lei em tudo o que nos rodeia, uma vez que as mudanças naturais ocorrem claramente no sentido da desordem crescente, e é apenas com um esforço especial, às nossas custas, que a ordem pode ser restaurada. Nossos pertences saem fora de lugar, nossas casas desarrumam-se, as roupas ficam sujas, e devemos estar constantemente pondo no lugar, arrumando e limpando, para que haja ordem.<sup>216</sup> [sic].

Encontramos, nesse axioma, forte indício antievolucionista, o favorecimento da crença numa intervenção pessoal, criadora, logo, intencional, “que fez o céu e a terra, o mar e tudo quanto neles há [...]”<sup>217</sup>. Não fosse o protagonismo de um Criador poderoso, tudo seria eterno caos. E que esse Supremo Autor, em meio à sua obra esfuziante, tenha querido fazer do humano seu ato especialíssimo, é-nos sobremodo honroso. Mostra-se, como veremos, prenúncio de adoção. De fato, ainda que

[...] a vida humana e a animal são parecidas; contudo, o fôlego de vida divino [o espírito] fez os seres humanos diferentes de todas as outras criaturas vivas.<sup>218</sup>

<sup>215</sup> “[...] há cerca de cem anos foi formulada (por Carnot, Clausius, Kelvin e outros cientistas) a seguinte lei científica básica: Todos os sistemas, deixados a si mesmos, tendem a entrar em degradação ou desordem”. MORRIS, Henry. *Criação ou evolução*. São José dos Campos: Editora Fiel, 1996, p. 44.

<sup>216</sup> ASIMOV, Isaac. *Asimov explica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p. 79.

<sup>217</sup> Salmo 146:6. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1179.

<sup>218</sup> RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, Wayne. *O novo comentário bíblico NT, com recursos adicionais: a Palavra de Deus ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010, p. 12.

Se, em Gênesis 2:7, o humano passa a ser, tal como o animal, simplesmente “ser vivente”, ganha forma, porém, plasmado nas mãos de Deus, e adquire vida a partir de seu sopro personalíssimo.

### 3.4 *CREATIO EX-NIHILO*<sup>219</sup>

A criação toda não se origina da Palavra<sup>220</sup>? “Pela fé compreendemos que o Universo foi criado por intermédio da Palavra de Deus”<sup>221</sup>. Excetuar-se-iam os seres humanos, os quais Deus modelou e, no ato de doação da vida, em lugar de lhes falar, neles<sup>222</sup> assoprou? Ou estaria o autor da Carta aos Hebreus referindo-se apenas à cessação do vazio original, ao surgimento da matéria primeva e amorfa, sem considerar as transformações nela efetuadas por Deus, que as entregaria, crê-se, ao encargo de processos quiçá espontâneos? Pois lemos, à continuação: “[...] e que aquilo que pode ser visto foi produzido a partir daquilo que não se vê”<sup>223</sup>.

Outrossim, “Ele, a Palavra, estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas através dele, e, sem Ele, nada do que existe teria sido feito.”<sup>224</sup>. Não há exceção; a Palavra é o agente de toda a criação. Segue-se, então, que na modelação e no sopro Deus entregava ao humano nascente sua Palavra? Fosse assim, estaríamos considerando os atos de Deus análogos à sua Palavra, sem qualquer distanciamento desses elementos entre si.

No “Prefácio da edição portuguesa” da obra “Palavras de Cristo”, José Manuel Pereira de Almeida (1952– ), professor de teologia moral-social da Universidade Católica Portuguesa, ultrapassa a simples menção de uma coerência intrínseca; sinonimiza as palavras e as ações da divindade, conforme igualmente nos inclinamos a fazer. Almeida afirma:

[...] E porque Jesus fala através do que realiza, entre o que diz e o que faz não há oposição. À pergunta de João Baptista que lhe chega pelos seus discípulos ‘És tu aquele que há-de vir ou devemos esperar outro?’ (Mt 11,3),

<sup>219</sup> Loc. lat.: *Criação a partir do nada*.

<sup>220</sup> Neste ponto, note-se a variação no uso de maiúsculas e minúsculas para o termo “palavra”. A distinção está em seu uso referente ao Filho Eterno, “O Verbo”, e às verbalizações divinas (incluídas as do próprio Verbo).

<sup>221</sup> Hebreus 11:3. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2407.

<sup>222</sup> Ainda que não se diga no Gênesis que Eva tenha sido diretamente vivificada pelo sopro divino, foi-no em Adão, pois dele proveio. Cf. Gênesis 2:21-23.

<sup>223</sup> Hebreus 11:3. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2407.

<sup>224</sup> João 1:2-3. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2023.

Jesus responde, confiando-lhes uma tarefa: ‘Ide contar a João o que vedes e ouvis’ (Mt 1,4; cf. Lc 7,22) [...] Ele [Cristo] tem palavras (*rhémata*) de vida eterna (Jo 6,68). Já o termo *logos* é usado no Prólogo para indicar o carácter incomparável da pessoa de Jesus, com clara referência ao início do Livro dos Génesis (Gn 1,1) em que Deus age através da sua palavra (entre o que faz e o que diz não há oposição) [...].<sup>225</sup>

Ou, em lugar de entregar ao humano nascente sua Palavra, Deus o modelou conforme a Palavra e a ela o entregou? Aliás, antes da modelagem já se teria manifestado uma palavra? Sim. O anúncio prévio à modelação, anúncio decisivo e admirável, foi este: “Façamos o ser humano à nossa imagem, de acordo com a nossa semelhança. [...]”<sup>226</sup>.

Se nada havia, e, a partir da Palavra, algo passou a existir, restariam as seguintes opções: que a Palavra, “vinda de fora”, tenha feito existir o que passou a existir; ou que a Palavra, ela mesma, tenha se transmudado naquilo que passou a existir concretamente.

Ao cogitarmos que a Palavra tenha passado a existir concretamente, nosso pensamento é remetido, de pronto, à entrada do Filho no mundo (e no tempo), assumindo forma mundanal. É certo que o Filho, cuja existência é desde sempre concreta, tem existido eternamente como Palavra. Comentando o prólogo do Evangelho de João, diz-nos J. Ramsey Michaels:

O propósito do autor do Evangelho é colocar a história de Jesus numa perspectiva cósmica. A luz que veio ao mundo em Jesus Cristo é a mesma luz que iluminou todas as criaturas humanas, desde o princípio. A palavra que criou todas as coisas, que também criou a vida, encontra expressão, agora, numa pessoa em particular, num ser vivente especial que **habitou entre nós**.<sup>227</sup>

De fato, o notável prólogo do Evangelho de João assevera:

No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e **a Palavra era Deus**. Ele, a Palavra, estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas através dele [...].<sup>228</sup>

<sup>225</sup> HENRY, Michel. *Palavras de Cristo*. Lisboa: Colibri, 2003, p. 7.

<sup>226</sup> Génesis 1:26. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 9.

<sup>227</sup> MICHAELS, 1994, p. 31. (grifo nosso).

<sup>228</sup> João 1:1-3. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2023. (grifo nosso).

Ora, se a Palavra criadora é Deus, sua concreção ou materialização consistirá na encarnação ou corporificação da própria divindade. A criação, não obstante, é tão só criatura. Não possui *status* divino.

Se o mundo tem sua origem num ato livre de Deus [...], não faz parte necessariamente da deidade divina. Ele também poderia não-ser. [...] Ele não é – como o Filho – em eternidade o correlato da existência de Deus como o Pai.<sup>229</sup>

Se a Palavra é Deus, portanto irreduzível ao estado permanente de criatura, a criação não poderia ter passado a existir de sua concreção. Afora a encarnação<sup>230</sup>, a Palavra não se transmudou. E se, como cremos, nada havia no início, a Palavra imperiosamente “criou do nada”<sup>231</sup>.

Todas as coisas foram feitas através dele, e, **sem Ele, nada do que existe teria sido feito**.<sup>232</sup> Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação; porquanto nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou dominações, sejam governos ou poderes, tudo foi criado por Ele e para Ele. **Ele existe antes de tudo o que há**, e nele todas as coisas subsistem.<sup>233</sup>

À luz desses textos poderíamos supor, de fato, em Gênesis 1:1, revelar-se o começo absoluto do cosmos e, a partir do verso 2, a atuação divina na transformação da matéria original. A *creatio ex-nihilo* estaria pressuposta no Gênesis<sup>234</sup>.

Havemos afirmado nada haver no início, tendo em vista, de novo, a Segunda Lei da Termodinâmica. Esta parece requerer da matéria um começo.

Se a segunda lei da termodinâmica for verdadeira, então todas as concentrações de energia em todas as partes do universo estão desaparecendo, e o universo está, nesses termos, ‘parando por falta de corda’. A entropia, então, atingirá um valor máximo quando toda a energia do universo estiver perfeita e uniformemente distribuída; a partir daí nada mais

<sup>229</sup> PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 27.

<sup>230</sup> Referimo-nos a João 1:14: “E a Palavra se fez carne e habitou entre nós [...]”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2023.

<sup>231</sup> “[...] ao criar os céus e a terra, o Senhor Deus não necessitou de nenhuma matéria pré-existente. Foi com a própria palavra que ele formou tudo quanto existe. [...] No original hebraico, o verbo ‘criar’ significa: chamar algo à existência a partir do nada”. ANDRADE, 1996, p. 78.

<sup>232</sup> João 1:3. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2023. (grifo nosso).

<sup>233</sup> Colossenses 1:15-17. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2328. (grifo nosso).

<sup>234</sup> Há muito, a *creatio ex-nihilo* tem sido usada como argumento frente ao dualismo que afirma serem eternos o mundo material e o do espírito. “Em face do mundo pagão, no qual viviam os cristãos, importava ressaltar acima de tudo a idéia monoteísta de Deus. Lê-se no Pastor de Hermas: ‘Em primeiro lugar, crê que Deus é uno, e que fez todas as coisas, a partir do nada’. Temos aí expressa a doutrina da criação *ex nihilo*. Embora não se encontre essa doutrina explicitamente no Antigo Testamento, pode-se dizer que está implícita, e que, por certo, já fora expressa antes do cristianismo pelos teólogos judaicos no período intertestamentário. Essa doutrina teve importância decisiva na separação da igreja primitiva do paganismo”. TILLICH, 2000, p. 40.

sucedará, porque embora a energia total continue a mesma, não haverá mais fluxos de energia que fazem com que as coisas aconteçam.<sup>235</sup>

O universo não poderia ser eterno. Asimov declara que Rudolf Julius Emanuel Clausius (1822–1888), físico e matemático alemão, quem, em 1865, forneceu a primeira formulação matemática para o conceito de entropia, afirmou que, na realidade atual, “a energia não poderia ser nem criada nem destruída”<sup>236</sup>, e que

[...] havia uma regra geral na natureza, segundo a qual as diferenças de concentrações de energia tendem a nivelar-se. Em outras palavras, ‘A entropia aumenta com o decorrer do tempo’.<sup>237</sup>

Isto é, desde o instante inicial o universo está em contínua desorganização, parte de sua massa convertendo-se continuamente em energia térmica que jamais retornará a ser matéria. A entropia exige que o universo tenha tido um começo — senão, ele já se teria consumido — e que ele termine irreversivelmente degenerado em energia térmica.

Tudo o que é material tem sua origem na imaterialidade, o que é visível, na invisibilidade. “[...] aquilo que pode ser visto foi produzido a partir daquilo que não se vê”<sup>238</sup>. A Palavra criadora é Deus, o Deus Invisível. A totalidade da existência, dela se origina, e por ela subsiste.

Porém, como vimos, há algo junto da Palavra, presente na criação dos seres humanos: o sopro. No que ele consistiu? É notável que sopro e palavra guardem enorme afinidade, no sentido de que a palavra seja sempre modelação do sopro, sua articulação. Sabe-se empiricamente que sopro e palavra podem se confundir<sup>239</sup>.

No princípio, como bem mencionado por Agostinho<sup>240</sup>, a palavra que cria não se propaga por matéria alguma. Seria a absurdidade de haver, já antes do ato criativo,

---

<sup>235</sup> ASIMOV, 1981, p. 78.

<sup>236</sup> ASIMOV, 1981, p. 77.

<sup>237</sup> ASIMOV, 1981, p. 77.

<sup>238</sup> Hebreus 11:3. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2407.

<sup>239</sup> O saltério, com farta poesia, demonstra-o: “[...] a ruah de Javé, em seu conjunto, ainda significa mais do que o ‘vento’ vivificador que se torna o ‘fôlego’ do ser humano. Também neste caso as transições são fluidas, como se pode ver no Salmo 33.6: ‘Os céus foram criados pela palavra de Javé, todo o seu exército pela ruah da sua boca’. Ruah é usado como sinônimo de ‘palavra’, pois ambas as coisas saem da boca”. WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Hagnos, 2007, p. 70-71.

<sup>240</sup> Procuraremos distinguir os modos de divina autodoação, embora sabendo-nos desafiados pelo dilema agostiniano: “Se foi, portanto, por meio de palavras soantes e transitórias que dissestes que fossem feitos o céu e a terra, e se assim os criastes, conclui-se que já antes do céu e da terra existia



alguma coisa criada. A palavra criadora é de natureza imaterial. Não se pode ouvir com os tímpanos; não se propaga no espaço. Bem assim, a exalação de Deus.

O sopro, no Pentecostes, som de vento forte<sup>241</sup>, proclama a liberação do vento espiritual cuja entrada no mundo se revela em fogo e línguas. Não há qualquer vento forte, nem a mínima brisa sequer. Séculos antes, no “Horebe, o monte de Deus”<sup>242</sup>, Elias repousara numa caverna. O Senhor fez soprar “um vento muito forte, que fendeu os morros e partiu as rochas em pedaços. Contudo, Yahweh não estava no vento”<sup>243</sup>. Somente depois de perceberem “um sussurro de brisa”<sup>244</sup>, um som de vento suave, os ouvidos de Elias foram invadidos da voz do Senhor.

O sopro de Deus, o vento que anuncia propriamente sua presença, é imaterial, tal e qual a palavra criadora. Não obstante, se depois do vento imaterial no Pentecostes soariam vozes no mundo; se, em Horebe, depois desse mesmo vento acalantar-se-ia o profeta, na doce voz; parece restar claro que o sopro espiritual de Deus frequentemente anteceda uma palavra. Melhor, que a palavra ao mundo seja a dimanação imediata do sopro.

O vento seria o início da exalação íntima, vivificante, culminando em palavra divina ao mundo. Vento ateador do fogo (vida de Deus), e concessor da palavra. Não estaria, essa progressão mesma, já sugerida desde o Gênesis? Pois, se Deus primeiro diz: “Haja luz!”<sup>245</sup>, não é isto antecedido do movimento do Espírito “sobre a face das águas”<sup>246</sup>?

E, na história adâmica, depois do sopro nas narinas, não é o primeiro homem colocado “no jardim do Éden para zelar por ele e nele fazer suas plantações”? No jardim de Deus, não é o humano encravado como senhor, como mandatário, um verbo, a própria palavra de Deus para o mundo<sup>247</sup>?

---

uma criatura material por cujas vibrações aquela voz pôde correr no tempo. Porém, nenhum corpo existia antes do céu e da terra, ou, se existia, Vós o tínheis certamente criado sem ser por meio de voz transitória”. AGOSTINHO, 1987, p. 213.

<sup>241</sup> Cf. Atos 2:2.

<sup>242</sup> 1º Reis 19:8. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 683.

<sup>243</sup> 1º Reis 19:11. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 684.

<sup>244</sup> 1º Reis 19:11. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 684.

<sup>245</sup> Gênesis 1:3. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 7.

<sup>246</sup> Gênesis 1:2. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 7.

<sup>247</sup> Em Gênesis 2:19, a notável inversão do que precisamente esperaríamos demonstra com clareza a investidura do humano feito palavra de Deus. Pela via normal, previsível, o humano apresentaria a Deus sua criação, a ver como chamaria a cada animal. Porém, diz o texto: “Sendo assim, o Senhor

Sendo, sopro e palavra, palavra criadora e sopro vivificante, correlatos e igualmente identificados como oriundos de Deus, cabe-nos, por ora, perguntar pela possível diferenciação dessas formas pelas quais Deus tenha querido “dar de Si”, especificamente na criação. Convém investigar se diferentes atos criativos divinos, seja por enunciação, seja por sopro, não consistam em modos essencialmente distintos dessa divina autodoação.

Ainda que sopro e palavra se possam confundir, é certo que, no evento da criação, um seja a exteriorização do Deus que adentra o ser humano como compartilhamento vivificante, e a outra, ordenação que altera estruturas, e que, do nada<sup>248</sup>, faz surgir a vida.

### 3.5 O SOPRO VIVIFICADOR

Em Gênesis 2:7<sup>249</sup>, narrativa da criação de Adão, diz-se que o Senhor “soprou em suas narinas o fôlego de vida”. O termo traduzido como “soprou”, o qual também poderia ser expresso como “respirou”<sup>250</sup>, é o hebraico נָשַׁף<sup>251</sup>, em construção Qal<sup>252</sup>. A expressão “fôlego de vida” é tradução do hebraico נְשֵׁמַת חַיִּים<sup>253</sup>, também traduzível por “sopro” ou “hálito de vida”.

No capítulo intitulado “A vida do corpo”, de sua notável *Antropologia do Antigo Testamento*, Hans Wolff (1911-1993) trata do “fôlego de vida”, à luz desse mesmo verso de Gênesis:

---

modelou, do solo, todos os animais selvagens e todas as aves do céu e, em seguida, os trouxe à presença do homem para ver como este os chamaria; e **o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse precisamente seria seu nome**”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 12. [grifo nosso].

<sup>248</sup> Cf. notas 231 e 234, acima.

<sup>249</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 10.

<sup>250</sup> STRONG, James. *Dicionário Bíblico Strong*: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. Barueri, SP: SBB, 2002, p. 1156.

<sup>251</sup> HOLLENBERG, 1991, p. 26. Se “Deus é espírito” (cf. João 4:24) e, portanto, desprovido de um corpo material (cf. Deuteronômio 4:12-18), talvez a expressão “soprou em suas narinas o fôlego de vida” consista em linguagem figurativa para se afirmar que Deus tenha compartilhado com o ser humano certa essência vital. Outra possibilidade é a de que, na criação de Adão e Eva, Deus haja se manifestado em forma corpórea, teofânica. Translit. *vayîpaḥ*.

<sup>252</sup> “Pertencente à voz ativa simples, este é o tempo que aparece na Bíblia em 68% dos casos, sendo o mais importante e o mais extenso. Ele aparece nos tempos: Participio Ativo (ou presente), Completo (ou passado), Incompleto (ou futuro), Imperativo e Infinitivo.”. VITA, Rosemary, AKIL, Teresa. *Noções básicas de hebraico bíblico para ler e traduzir*. São Paulo, SP: Hagnos, 2004, p. 69.

<sup>253</sup> Translit. *niš-maṭ ḥayîm*.

A respiração como característica da vida mostra o ser humano em união indissolúvel com Javé. Tudo no ser humano é terreno-material, embora moldado pelo próprio Javé; mas como ser vivo o ser humano deve aquilo que é à insuflação do hálito por Javé.<sup>254</sup>

Embora se afirme a vida humana como “insuflação do hálito por Javé”, não se diz em que teria consistido propriamente tal “hálito”. De fato, Wolff prossegue fazendo admissões que avivam nossa inquirição: “É verdade que aí o Javista não fala do ‘hálito de Javé’. [...] O hálito de Javé, porém, não é só força criadora; seu resfolegar também traz o juízo (Jó 4.9; 2 Sm 22.16 [...]). Noutros termos, Wolff afirma que o “fôlego de vida”, em Gênesis 2:7, não nos é apresentado simplesmente como correspondente direto do “hálito de Javé” e, mesmo se o fosse, tendo em vista esse hálito também trazer juízo, permaneceria a pergunta sobre sua essência propriamente dita.

A especificidade do sopro divino na criação de nossos pais é questão central, em torno da qual se circunscreverá uma antropologia teológica que busque investigar a natureza humana em perspectiva originária. É na constituição do sopro que se funda a identidade humana.

Perguntemos pelo sopro vivificador, essa distinção ocorrida na criação de nossos primeiros pais, Adão e Eva. Cogitemos em certas hipóteses, analisando-as uma a uma. Em nossa investigação junto a autores como Pannenberg, Barth, Champlin, Shedd (1929-2016), surpreendeu-nos não termos encontrado discussões pormenorizadas sobre em que teria consistido o fôlego de vida soprado por Deus. Por conseguinte, nossas hipóteses assumem a forma de ensaio teológico, um esboço carente das contribuições de outros teólogos e outras teólogas.

Dos seis pontos a seguir, antecipamos que os itens 3.5.2 e 3.5.6 parecem-nos doutrinariamente mais convincentes.

---

<sup>254</sup> WOLFF, 2007, p. 110-111.

### 3.5.1 Espírito de Deus, habitante

“Deus é espírito”<sup>255</sup>, logo, incorpóreo<sup>256</sup>. Se, como tal, houvesse soprado, essa exalação poderia ter sido a projeção imaterial que Deus fizera de seu próprio Espírito. Insuflado “nas narinas” de Adão, o Espírito de Deus, sopra imaterial, passaria a habitar o humano. Far-se-ia, ele mesmo, a vida do, e no, novo ser.

Não haveria, portanto, natureza tal que pudesse ser chamada propriamente humana. Michel Henry (1922-2002), filósofo francês conhecido como pai da fenomenologia da vida<sup>257</sup>, critica precisamente essa dubiedade da expressão “natureza humana”, ressaltando a origem divina, externa, da vida humana:

Não há natureza humana assim como não há homem no sentido em que desde sempre se entende: isto é, um homem com uma natureza própria, própria dos homens, pertencendo-lhes, uma “natureza humana”. O homem é tão-só o Filho de Deus. A sua origem está em Deus, a sua natureza provém da de Deus. Ao gerar o homem como um vivo, ao dar-lhe uma vida que só nele existe, Deus deu-lhe deste modo a mesma natureza que a sua: a da vida. Deste modo Deus fez o homem à sua imagem e semelhança (Gênesis 1,26).<sup>258</sup>

Nesta primeira hipótese, radicalizaríamos a crítica henryana, não apenas afirmando que a natureza que o humano possui foi-lhe dada, atribuída, mas que ela, desde sempre e para sempre, permanece independente da pessoa que a recebe. Sinonimizariamos espírito humano e Espírito de Deus. Está claro, porém, não ser essa a intenção de Henry. Com agudeza, ele conclui sua análise afirmando que a natureza própria de Deus, compartilhada com o humano, é “a da vida”, em lugar de dizer “divina”.

<sup>255</sup> Cf. João 4:24. Esta é uma declaração enfática da espiritualidade divina. O termo traduzido como “espírito” é πνεῦμα (Translit. *pneuma*). “O predicado sem o artigo enfatiza o caráter e a natureza”. RIENECKER, 1995, p. 167.

<sup>256</sup> O Ressurreto afirma, categoricamente, a óbvia imaterialidade do espírito: “Observai as minhas mãos e meus pés e vede que Eu Sou o mesmo! Tocai-me e comprovai o que vos afirmo. Porque um espírito não tem carne nem ossos, como percebeis que Eu tenho”. Lucas 24:39. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2017. O termo traduzido como “espírito”, também aqui, é πνεῦμα. SAYÃO, 1998, p. 248.

<sup>257</sup> A mensagem de boas-vindas do *site* da Sociedade Internacional Michel Henry dirige-se “[...] a todos os interessados na obra filosófica e literária de Michel Henry, no desenvolvimento do seu pensamento e na influência da fenomenologia da vida”. [...] *à tous ceux qui s'intéressent à l'œuvre philosophique et littéraire by Michel Henry, au développement de sa pensée et au rayonnement de la phénoménologie de la vie*. LAVIGNE, Jean-François. *Société Michel Henry: Bienvenue sur le site de la Société internationale Michel Henry*. Disponível em: <<http://societemichelhenry.free.fr/>>. Acesso em: 05 dez. 2021. (tradução nossa).

<sup>258</sup> HENRY, 2003, p. 21.

A vida eterna de Deus seria um movimento, um sopro de contínua autoexperimentação, externo ao humano e, num dado momento, com ele compartilhado. Ainda que não seja essa, agora, a conclusão de Henry, esse compartilhamento inicial, mesmo não sendo o da divindade em si, anuncia, contudo, o compartilhamento futuro de determinados aspectos do ser de Deus. A inicial participação na vida absoluta proclama a absolutização da vida.

Por ora, ainda que a proposição deste ponto, a de que o Espírito de Deus far-se-ia, ele mesmo, a vida do, e no, novo ser, pareça autoevidente, encontra-se excluída. Fosse o Espírito de Deus encarnado no primeiro casal, o humano seria Deus mesmo, não sua semelhança. Inexistiria identidade humana real, filha de Deus, sequer derivada, restando apenas um ente de aparência semelhante àquilo que chamamos “ser humano”.

Todos esses tais “seres humanos” Deus seriam, experienciando viver na terra desdobrados em diferentes corpos. O Gênesis seria o relato das encarnações de Deus, não o das origens dos humanos. Assim, a hipótese aqui aventada encontra-se de todo descartada.

### **3.5.2 Espírito de Deus, vivificador**

O Espírito de Deus é capaz de atribuir vida. Ele é o “[...] Espírito do Deus Vivo [...]”<sup>259</sup>, “[...] o único que é imortal [...]”<sup>260</sup>. O sopro seria a dádiva do Espírito Santo, projeção imaterial, não para habitar o novo ser, mas para tocá-lo com poder, fazê-lo viver, e dele se ausentar. A vida humana consistiria na vitalização espiritual da carne. O toque do Espírito, fôlego divino, faria “nascer” na carne humana o fôlego de vida humana, espírito humano singularmente na forma de espírito filial, “imagem e semelhança” de seu Criador.

Aqui se projeta, ante os nossos olhos, o drama da experimentação de Deus. O humano recém-nascido encontraria “em seu próprio DNA<sup>261</sup>” os traços da divindade, análogos àqueles presentes em menor grau no restante da criação, visto que “Os céus

---

<sup>259</sup> 2ª aos Coríntios 3:3. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2258.

<sup>260</sup> 1ª a Timóteo 6:16. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2364.

<sup>261</sup> O DNA (ácido desoxirribonucleico) é um ácido nucleico essencial para a transmissão das nossas características para nossos descendentes. É ele que determina o fenótipo dos indivíduos. DNA. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/dna.htm>. Acesso em: 09 jul. 2020.

revelam a glória de Deus [...]”<sup>262</sup>. Provaria Deus parcialmente em si próprio, nos traços que remeteriam ao Pai, potências reveladoras e constituintes do humano. Parte da experimentação de Deus dar-se-ia na experimentação de si, pois “[...] o homem é aquele que se prova a si mesmo”<sup>263</sup>.

Tal experimentação parcial de Deus, dos humanos em si mesmos, serviria também como integradora de uns com os outros, todos eles detentores dessa mesma genética ou genealogia divina. Fitemos nossos primeiros pai e mãe. Neles podemos enxergar cristalinamente este princípio.

A relação de Adão e Eva descobriria Adão para Adão e, conseqüentemente, Eva para Eva! Eles eram os espelhos perfeitos um do outro, e não apenas isso: ambos como imagem de Deus revelavam Deus de um modo novo: *Deus é da minha espécie!*

Externamente, Deus se revelava a Adão nas coisas criadas e ao passear pelo jardim. Internamente, revelava-se no fôlego de vida – o contato mais íntimo com Adão. Entretanto, Adão não poderia conversar com seu fôlego de vida – o fôlego de vida *falaria* continuamente ao homem, mas não seria capaz de ouvi-lo. O fôlego de vida não seria outro senão Adão mesmo.

O homem não poderia se relacionar intimamente com a criação. Ela não possuía o sopro de Deus. Quiçá não pudesse se relacionar integralmente com Deus. Ele não é corpóreo. O espírito adâmico comungaria perfeitamente com o Criador, mas à sua carne mortal<sup>264</sup> restariam sensações limitadas, misteriosas. A cada

---

<sup>262</sup> Salmo 19:1. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1032.

<sup>263</sup> HENRY, 2003, p. 9.

<sup>264</sup> Nada novo há nesta proposição de mortalidade pré-queda. Paul Tillich radicaliza-a incluindo a alma, afirmando que “[...] os pais apostólicos não acreditavam na imortalidade da alma. Não existe imortalidade natural. [...] A morte é salário do pecado apenas na medida em que for separação de Deus. Por causa desse pecado, anula-se o poder de Deus contra a nossa morte. Mas com a vinda de Cristo esse poder é restaurado. [...] À luz dessa doutrina podemos concluir que nossa conversa tradicional a respeito da imortalidade da alma não é doutrina cristã clássica, mas deformação dessa doutrina, num sentido pseudo-platônico, nada genuíno”. TILLICH, 2000, p. 44. Talvez falte ao argumento tillichiano, para a consideração da doutrina da imortalidade, uma pressuposição básica da *Imago Dei*, segundo a qual o humano teria sido criado necessariamente para a imortalidade (com Deus). Daí que sua justa condenação seria a imortalidade sem Deus. A associação de *Imago Dei* e imortalidade é evidente em Gregório de Nissa (ca. 335 – 394): “Assim também a natureza humana, criada para o governo das outras [criaturas], por causa de sua semelhança com o rei Universal, foi feita como uma imagem viva que participa no arquétipo pela dignidade e pelo nome. Não é ornada de púrpura, nem significa a sua dignidade por meio de cetro ou diadema (de fato, o arquétipo não está nessas coisas), mas, ao contrário, é revestida da virtude que é a mais régia de todas as vestimentas; em lugar de um cetro, ela se apoia sobre a bem-aventurança da imortalidade; no lugar de um diadema régio, ela traz a coroa da justiça, de sorte que tudo, nela, manifesta sua dignidade régia, por sua semelhança exata com a beleza do arquétipo”. GREGÓRIO DE NISSA, Santo. A

experimentação, o homem captaria Deus apenas com uma parte do seu ser, e isso “não era bom”<sup>265</sup>. Ele carecia de uma revelação complementar, contínua, próxima, tendo com ele tudo em comum, interacional: Deus por meio de outro ser humano. Seria este um dos motivos pelos quais, mais tarde, “[...] a Palavra se fez carne e habitou entre nós. Vimos a sua glória, glória como a do Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade”<sup>266</sup>.

Eva revelava Deus, compartilhando do mesmo sopro de vida que Adão recebera. Também tinha um corpo feito por Deus, como o de Adão. Essa era uma revelação totalmente dada e experimentada por Adão, e dada a Eva simultânea e integralmente. Pois se diz que “O homem e a mulher viviam nus e não se envergonhavam.”<sup>267</sup>.

Para além da revelação exterior, oferecida por meio das coisas criadas e do passeio pelo jardim<sup>268</sup>, e para além da revelação interior, isto é, do sopro, aquilo que de Deus ainda pudesse ser revelado a Adão, revelar-se-ia na Eva nua. O que de Deus ainda pudesse ser revelado a Eva, revelar-se-ia no Adão nu.

Embora de origem divina, o sopro faria do humano imagem e semelhança, mas não igualdade. A revelação seria parcial, pois o humano permaneceria distinto do Criador que nele assoprara. Neste ponto emerge uma lembrança: a notória visão do “Vale de ossos secos”, relatada na profecia de Ezequiel.

Em meio ao exílio babilônico, o profeta tem a visão de um vale repleto de ossos humanos sequíssimos, representação da cativa e desesperançada Israel. Ezequiel recebe a ordem de profetizar ao Espírito. Este viria como sopro, “dos quatro ventos”, reacendendo a esperança de restauração.

Então o Eterno me ordenou: ‘Profetiza agora ao espírito! Profetiza, ó filho do homem, e convoca ruah, o sopro da vida, dizendo: Assim diz Yahweh, o Senhor Deus: Ó espírito, vem dos quatro ventos e assopra sobre estes mortos para que vivam!’ Fiz como me fora ordenado e profetizei, e, no mesmo

---

*criação do homem*: A alma e a ressurreição; a grande catequese. São Paulo, SP: Paulus, 2011, p. 37. Pannenberg afirma que, para a maioria dos pais, “Adão possuía a predisposição para a imortalidade, e [...] se teria tornado participante dela se tivesse perseverado no conhecimento de Deus”. PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 308.

<sup>265</sup> Antes de a solidão de Adão não ser boa (cf. Gênesis 2:18) em vista do mandato cultural (cf. Gênesis 1:28), intuimos que assim fosse devido ao humano não poder experimentar plenamente Deus. A criação de Eva, igualmente detentora da *Imago Dei*, tornaria possível, em si e em seu marido, a mútua experiência de Deus.

<sup>266</sup> João 1:14. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2023.

<sup>267</sup> Gênesis 2:25. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 12.

<sup>268</sup> Cf. Gênesis 3:8.

instante, o fôlego da vida entrou naqueles corpos; e eles ganharam vida e se colocaram em pé. E havia tanta gente reunida ali que dava para formar exército sem medida.<sup>269</sup>

Ainda que a linguagem seja alegórica, é notável que os vivificados pelo Espírito sigam sendo eles mesmos, em tudo devedores ao Deus que lhes dá vida.

E no dia em que Eu vos libertar do vosso lugar de morte e vos fizer sair, compreenderéis que Eu Sou Yahweh, o Senhor Deus, ó povo meu! E derramarei dentro de cada um de vós o meu Espírito, e vivereis; e Eu os estabalecerei na vossa própria terra. Então reconheceréis que Eu, Yahweh, o Senhor, prometi e cumpri tudo quanto disse! Palavra do Eterno.<sup>270</sup>

O Espírito *sobre* o Israel exilado, trazendo-lhe esperança de restauração, sem prejuízo da identidade humana, equivaleria, em sua operação, ao Espírito *dentro* da modelação de barro nos primórdios da história humana, fazendo viver. Em ambas as situações, a partir do Espírito de Deus despontaria vigorosa, como outra vida, a existência humana.

Essas coisas trazem à tona o problema da morte da carne. Se, em virtude do toque do Espírito de Deus, nasce na carne o espírito humano, cumpre saber se a vitalidade espiritual seria autônoma ou dependente da vida carnal. Morrendo a carne, morreria o espírito? Haveria uma tal “morte do espírito”? Ou a morte seria precisamente a desconexão dessas duas instâncias, isto é, carne e espírito, seguindo viva esta última, à parte da morte daquela em cuja substância passara, outrora, a existir?

Deus se apresenta a Moisés como “[...] o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”<sup>271</sup>. E se Ele “[...] não é Deus dos mortos, mas dos vivos [...]”, os patriarcas, obviamente, vivem, apesar de seus corpos não mais viverem. Isto é, no evento da morte, o ser humano<sup>272</sup> segue vivo. A substância física é mortal, enquanto a espiritual, embora nascida na carne, imorredoura. Talvez aí resida um aspecto da *Imago Dei*: sequer a morte aniquila a vida humana, tanto quanto é imperecível a divindade. Estaria reafirmado o argumento henryano, segundo o qual

<sup>269</sup> Ezequiel 37:9-10. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1574.

<sup>270</sup> Ezequiel 37:13-14. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1574.

<sup>271</sup> Êxodo 3:6. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 119.

<sup>272</sup> Poder-se-ia argumentar em favor da imortalidade exclusiva das almas dos salvos. Contudo, em “O Rico e Lázaro” (cf. Lucas 16:19-31) e na disputa de Jesus e os saduceus acerca da ressurreição (cf. Mateus 22:23-33), na qual se menciona a mulher que tivera sete maridos (tendo eles morrido, e depois ela), o Senhor parece indicar que a parte espiritual de todo ser humano permanece viva após a morte do corpo.



Deus teria compartilhado com o ser humano “a mesma natureza que a sua”, sem, contudo, dar-lhes o poder de gerar vida. Diríamos: Deus compartilhou sua natureza, a da vida, vida que não pode morrer.

O mesmo não se diz das demais criaturas mundanas; ao contrário, sua existência é tratada como simples mantimento para os seres humanos. A Adão é ordenado: “Tudo o que se move e possui a vida vos servirá de alimento, tudo isso Eu vos dou, como vos dei a verdura das plantas.”<sup>273</sup>. Não desprezamos a sacralidade do conjunto da criação, nem olvidamos a semelhança entre seres humanos e animais, conforme apontada anteriormente<sup>274</sup>. Contudo, seres dotados de parte espiritual poderiam ser tratados como mero suprimento para outra forma de vida, no caso, a humana?

Acerca de Deus, afirma o salmista: “Tu, porém, és o que és, e teus anos não têm fim”<sup>275</sup>. Imutável e imperecível. A seu filho, seu Adão, teria ele entregue, destes, somente o último poder, ao menos nesta era. Paulo, o apóstolo, afirma:

Quando, no entanto, chegar o que é perfeito, o que é imperfeito será extinto. [...] Hoje, conheço em parte; então, conhecerei perfeitamente, da mesma maneira como plenamente sou conhecido<sup>276</sup>.

Se, como afirma Pannenberg, estas palavras se referirem à glorificação, quando se dará o fim de todo conhecimento parcial, aproxima-se o dia no qual a imutabilidade<sup>277</sup>, também ela, tornar-se-á tão humana quanto divina. O saber parcial, que Pannenberg rotula de “saber do mundo atual”<sup>278</sup>, será substituído “na consumação escatológica”<sup>279</sup>, quando “acontecerá o pleno conhecimento do Pai, a contemplação de Deus”<sup>280</sup>. Os espíritos filiais experimentarão a plenitude de Deus, a *Theósis*. Toda revelação parcial, mesmo a autoexperimentação do sopro divino, será superada.

---

<sup>273</sup> Gênesis 9:3. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 26.

<sup>274</sup> Vide item “3.2 Sopro e Ambivalência”, acima.

<sup>275</sup> Salmo 102:27. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1131.

<sup>276</sup> 1ª aos Coríntios 13:10 e 12. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2240.

<sup>277</sup> A imutabilidade está necessariamente pressuposta na onisciência.

<sup>278</sup> PANNENBERG, 2009, v. 3, p. 222.

<sup>279</sup> Quando utilizarmos o termo “consumação” em perspectiva escatológica, isto é, a “consumação dos tempos”, teremos em vista o seguinte: “CONSUMAÇÃO DOS TEMPOS - [Do lat. *consummationem*] Término do período, localizado no tempo e no espaço, a que convencionamos chamar história. A consumação dos tempos virá após o julgamento final (Ap 20.11-15). Logo após terá início a fase eternal do plano de Deus [...]”. ANDRADE, 1996, p. 74.

<sup>280</sup> PANNENBERG, 2009, v. 3, p. 727.

Ora, se o Espírito de Deus toca a carne humana, e gera na carne a vida, segue-se que a comunhão com o Espírito de Deus mantém viva a carne. No nascimento de Adão encontrar-se-iam as bases até da crença na ressurreição dos mortos. Pois, se a comunhão com o Espírito de Deus é a reelaboração contínua do toque vivificador, se é novamente o encontro com aquele que fez o humano viver, o que resultará, como no vale de ossos secos, do seu encontro plenipotenciário com a natureza morta?

### 3.5.3 Espírito de Deus, para vivificar e coabitar

O Espírito de Deus, gerador de vida, tocaria com poder a obra de barro, fá-la-ia viver, e nela permaneceria. O toque do Espírito faria “nascer”, na carne humana, o espírito humano. Mas, ainda assim, o Espírito divino permaneceria habitando o ser humano, como um DNA paternal, em coexistência com os caracteres pessoais de sua criatura. Seu afastamento não implicaria em necessária morte da carne, mas na “morte” do espírito humano. Esta possibilidade não difere da anterior quanto à natureza do sopro; amplia sua função e perduração.

João parece escrever sobre essa identidade “genética” do Espírito de Deus:

Todo aquele que é nascido de Deus não se dedica à prática do pecado, porquanto a **semente de Deus**<sup>281</sup> permanece nele e ele não pode continuar no pecado, pois é nascido de Deus.<sup>282</sup>

Entretanto, ao afirmar a presença do DNA divino por meio do Espírito de Deus, João concomitantemente exclui a possibilidade de permanência do Espírito na vida ímpia. Esta se encontraria morta, embora viva, do modo como nossos primeiros pai e

---

<sup>281</sup> Notas de rodapé de diferentes comentaristas concordam quanto à multiplicidade de interpretações possíveis para o grego σπέρμα αὐτοῦ (a semente dele [no caso, de Deus]), translit. *sperma autou*. A interpretação que preferimos é, em todas, considerada. Seria o Espírito de Deus. Eis algumas dessas notas: “Talvez Cristo (cf. Gl 3,16; 1 Jo 5,18). Mas seria, antes, o Espírito (cf. 2,20,27), ou a semente de vida, que é a Palavra recebida (2,7,24) e que produz frutos mediante o Espírito (2,20,27)”. A BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 2287. “Divina semente. Pode significar a palavra regeneradora do evangelho [...] ou o Espírito de Deus (2,20,27; cf Jo 3,6,8) ou a nova natureza implantada por Ele (cf 2 Pe 1,4) [...]”. BÍBLIA Shedd, 1997, p. 1748. “[...] a semente tem sido interpretada também como uma alusão a Jesus, ao Espírito Santo, às Escrituras ou ao evangelho [...]”. RADMACHER, 2010, p. 733.

<sup>282</sup> 1ª de João 3:9. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2459. (grifo nosso).

mãe, após pecarem, morreram, isto é, afastaram-se de Deus ao se esconderem e ao serem posteriormente expulsos, conquanto continuassem a viver<sup>283</sup>.

A permanência do Espírito torna impossível a prática costumeira do pecado<sup>284</sup>. Seria o Espírito de Deus, então, o DNA paternal que quer permanecer, isto é, que preferiria permanecer, mas que, em dadas circunstâncias, forçosamente se ausenta? Ou que, no mínimo, apesar de permanecer, retrai-se, autolimita-se até não mais poder<sup>285</sup>? Neste último caso, seu ausentamento voltaria a implicar na dissociação de carne e espírito, ocasionando a morte<sup>286</sup>. A ideia de permanência do Espírito aparenta ser a opinião do alemão Michael Welker (1947- ), professor de teologia sistemática em Heidelberg:

A dádiva da participação na “respiração” de Deus é expressão para a bondade de Deus que cria e conserva vida; dádiva e privação da *rûah* são expressões do poder de Deus sobre vida e morte. Se Deus retira o sopro, as criaturas perdem a vida. Elas não perdem com isso somente a força de vida individual, mas a participação no mediador comum de tudo o que vive. Vivacidade significa, portanto, encontrar-se numa relação substancial por causa da *rûah* de Deus, ter participação num mediador das criaturas que vivifica individualmente<sup>287</sup>.

Essa mesma noção de mediação da vida, operada pelo Espírito, encontra-se em Eclesiastes. O imediato resultado de sua interrupção é a morte. Os elementos simbólicos do verso a seguir e os verbos a eles conectados, falam-nos de descontinuidade, a saber, “romper-se, despedaçar-se, quebrar-se”:

<sup>283</sup> Cf. Gênesis 3:8, 22-24.

<sup>284</sup> Diferentes autores, incluindo Pannenberg, diferem a dotação do Espírito a todos os seres humanos, na criação, daquela dotação resultante da fé em Jesus. Haveria ênfases dotais singulares (cf. O Espírito como dádiva e a glorificação da criação. In PANNENBERG, 2009, v. 3, p. 33-49). Lá, seria ela, sobretudo, poder vivificante; aqui, mormente, poder santificador. A Deus não teria aprazido, no período entre a “recriação” pós-diluviana e a concessão do Espírito aos crentes (Atos 2, cf. João 20:22), fazer do ser humano um vivente por outro meio que não fosse seu Espírito. Essa diferencialidade dotalícia refere-se não só ao Espírito, vivificante e santificador; de igual modo à Palavra, criadora e salvadora.

<sup>285</sup> Se a autolimitação do Espírito, nestes termos, for real, rebrilha diante de nós a ordenação paulina de 1ª aos Tessalonicenses 5:19: “Não apagueis o fulgor do Espírito”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2345.

<sup>286</sup> Parece contradizer o que está afirmado apenas três parágrafos acima: “E seu ausentamento não implicaria em necessária morte da carne”. Não é este o caso, porém. Postulamos agora a possibilidade de o absoluto entristecimento do Espírito sentenciar o humano à morte. Esta compreensão se aproximaria da discussão acerca da “blasfêmia contra o Espírito Santo”, cf. comentário de 1ª de João 5:16: “[...] A morte pode significar a morte física ou a espiritual, embora provavelmente a morte física seja o caso aqui. [...] Pecado para morte pode significar blasfemar contra o Espírito Santo, [...]”. RADMACHER, 2010, p. 738.

<sup>287</sup> WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2010, p. 138.

Sim, com certeza, lembra-te de Deus, antes que se rompa o cordão de prata, ou se quebre a taça de ouro; antes que o cântaro se despedace junto à fonte, a roda se quebre junto ao poço;<sup>288</sup>

O cordão de prata e a taça de ouro, o cântaro que se despedaça e a roda que se quebra junto ao poço: quatro elementos, dispostos em dois pares. Michael A. Eaton (1942-2017), professor de lei cristã e mosaica, comenta acerca do primeiro:

No primeiro par, uma taça de ouro está atada a um fio ou cordão de prata. Ao “remover-se” o cordão (hebraico; uma tradução variante seria desatar-se), o copo cai e fica irreparavelmente danificado. A imagem literária retrata o valor da vida (prata... ouro), e o drama no fim de uma vida cujos pedaços não podem ser juntados outra vez.<sup>289</sup>

Interpretação diversa, das minúcias do sentido dessa primeira figura, é-nos apresentada por José Vilchez Líndez (1928- ), catedrático na Faculdade de Teologia em Granada, Espanha:

A primeira imagem é a de uma lamparina (a taça de ouro) que pende duma corda, dum fio de prata (primeiro quadro); rompe-se o fio de prata, a lamparina também se rompe (segundo quadro).<sup>290</sup>

Há ainda interpretações completamente outras, comparando cada um desses elementos às partes vitais do corpo<sup>291</sup>. Entretanto, parece-nos mais plausível a mera simbolização da morte por meio de questões comuns do cotidiano: o apagamento da lamparina cuja sustentação (mediação) se rompeu, e a inacessibilidade das águas do poço cuja roda (mediadora) se despedaçou. Desfeitas as interconexões, corpo e hálito de vida seguem, um para baixo, o outro, para cima<sup>292</sup>.

Quanto à segunda figura, do cântaro e da roda quebrando-se junto ao poço, há certo consenso em Eaton e Vilchez Líndez, que pode ser sintetizado na seguinte

<sup>288</sup> Eclesiastes 12:6. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1261.

<sup>289</sup> EATON, Michael A. *Eclesiastes: introdução e comentário*. São Paulo, SP: Vida Nova, Mundo Cristão, 1989, p. 158.

<sup>290</sup> VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. *Eclesiastes ou Qohélet*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 410-411. Mesma percepção nos apresenta Charles Pfeiffer: “A figura representa uma lâmpada luxuosa pendendo do teto. Sua corrente foi arrancada de maneira que caiu estrondosamente ao chão. O azeite foi derramado do vaso quebrado e a luz se foi. A luz é o símbolo da vida. PFEIFFER, Charles F. *Comentário bíblico Moody: Gênesis a Apocalipse*. São Paulo, SP: Imprensa Batista Regular, 1993, p. 23 de Eclesiastes.

<sup>291</sup> “O Midrash interpretou o cordão de prata, no versículo 6, como a espinha dorsal e o crânio, e o cântaro como o estômago. Wesley viu o tutano da coluna vertebral e as membranas do cérebro, e também as veias (o cântaro), as artérias (roda) e os ventrículos do coração (fonte e poço)”. BENNETT, Stephen J. *Novo Comentário Bíblico Beacon: Eclesiastes e Lamentações*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2016, p. 221.

<sup>292</sup> Cf. Eclesiastes 12:7.

menção de Stephen Bennett (1963- ), professor de Antigo Testamento na Huntington University, Indiana, EUA:

Um cântaro e uma roda quebrados não podem conter ou tirar a água, que é necessária para a vida (a roda quebrada pode ter levado o cântaro a cair e quebrar-se; Lohfink, 2003, p. 141, nota que as rodas eram usadas nos poços na Palestina a partir do terceiro século a.C.). Então, eles também são considerados metáforas para a morte.<sup>293</sup>

Hans Wolff, outrora professor de Antigo Testamento na Universidade de Heidelberg, escreve: “O fôlego do Senhor é força de vida criadora”<sup>294</sup>. E Pannenberg, antes de enfatizar que uma mesma concepção do Espírito é adequada tanto ao Antigo quanto ao Novo Testamento, dissera que:

No Antigo Testamento, essa força incomensurável para o ser humano é considerada como a origem de toda a vida (Sl 104.29; Jó 34.14s.). Isso é exemplificado no sopro que vivifica o ser humano (Gn 2.7) e que com o último fôlego do ser humano retorna a Deus que o deu (Ecl 12.7).<sup>295</sup>

Mesmo depois da geração de vida propriamente humana, o sopro de Deus permaneceria, ou mantendo vivo o espírito humano, ou mantendo o nexa entre carne e espírito.

Mas... Seria necessário, ao Espírito de Deus, permanecer no humano para manter-lhe a vida? Ora, o agente que criou e sustenta<sup>296</sup> tudo o que existe não é tão-só a palavra de Deus? A palavra não é “enviada” *para longe*, a cumprir os propósitos divinos<sup>297</sup>? Se, como supomos outrora, o sopro, o hálito divino, equivaler à palavra, não será ele capaz de manter vivo o humano, pela dimanação do seu glorioso poder e não por sua santa e permanente presença? Não bastaria, ao nascimento da *Imago Dei*, o suave toque do divino sopro na carne humana? Exigiria a divina imagem,

<sup>293</sup> BENNETT, 2016, p. 221.

<sup>294</sup> WOLFF, 2007 *apud* PANNENBERG, 2009, v. 1, p. 504.

<sup>295</sup> PANNENBERG, 2009, v. 1, p. 504.

<sup>296</sup> Especificamente quanto à palavra sustentadora, pressuposto do Filho, diz-nos Hebreus: “Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando tudo o que há pela Palavra do seu poder. [...]”. Hebreus 1:3. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2389.

<sup>297</sup> É por meio de Isaías que “Afirma *Yahweh*, o SENHOR: [...] Como a chuva e a neve descem dos céus e não retornam para eles sem regarem a terra e fazerem-na brotar e florescer, a fim de que ela produza sementes para o semeador e pão para os que dele se alimentam, assim também acontece com a Palavra que sai da minha boca: Ela não voltará para mim vazia, mas realizará toda a obra que desejo e atingirá o propósito para o qual a enviei”. Isaías 55:8,10-11. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1358.

por algum motivo misterioso, a permanência do divino sopro? O caso próprio do ser humano, feito *Imago Dei*, seria justamente ter, permanente em si, o hálito divino?

Ora, a Deus nada é necessário. O Espírito de Deus permaneceria no humano, a fim de mantê-lo vivo, caso lhe aprouvesse. E, sendo assim, certamente sua permanência constituiria, ao menos em parte, a *Imago Dei*. Dizemos “em parte”, pois, conforme preconizado há pouco, a presença do Espírito não invalidaria os caracteres propriamente humanos: pessoalidade, vontade, consciência, etc. Ao contrário, a presença do Espírito concederia verdadeira liberdade<sup>298</sup>, tornaria possível toda possibilidade. E esses caracteres poderiam ser, já de per si, o compartilhamento, com o humano, da imagem divina<sup>299</sup>. Ao lado destes, a permanência do livre Espírito de Deus no interior do humano seria, talvez, a mais cara implicação da *Imago Dei*.

Tanto quanto, na criação de Adão e Eva, Deus decide modelar como um oleiro, e compartilhar sua própria respiração, quereria também morar em seus filhos. Habitar com eles, não para poder senti-los, mas para que eles o pudessem experimentar. Pois é próprio do humano só conhecer o que tem em si, e viver a partir daquilo que, primeiro estando fora dele, é então assimilado, internalizado, como a água, a comida, o ar, e mesmo a luz. Nada que é de todo externo ao humano se relaciona propriamente com sua vida<sup>300</sup>. O humano só vive do que incorpora a si, ou do que lhe é incorporado.

Por pelo menos dois meios o ser humano é capaz de incorporar o que irá conhecer: mediante transcendência, essa projeção do eu rumo às coisas, para tragá-las<sup>301</sup>; ou por intermédio da revelação, modo próprio do cristianismo tornar

---

<sup>298</sup> O Senhor é o Espírito; e onde quer que o Espírito esteja, ali há liberdade. 2<sup>a</sup> aos Coríntios 2:17. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2258.

<sup>299</sup> “O homem é a imagem de Deus naquilo que difere de todas as outras criaturas, a saber: em sua estrutura racional. Sem dúvida, o termo ‘racional’ está sujeito a muitos equívocos. [...] Mas razão é a estrutura da liberdade, e implica em infinitude potencial. O homem é a imagem de Deus porque nele os elementos ontológicos estão completos e unidos em uma base criatural [...]. O homem é a imagem de Deus porque seu *logos* é análogo ao *logos* divino [...]. TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 218. [Grifo do autor].

<sup>300</sup> Escreve Henry: *Porque a vida não é nada além do que se autorrevela* – não algo que teria, ademais, a propriedade de se autorrevelar, mas *o próprio fato de se autorrevelar, a autorrevelação enquanto tal*. HENRY, Michel. *Eu sou a verdade: por uma filosofia do cristianismo*. São Paulo: É Realizações, 2015, p. 44-45. [Grifo do autor].

<sup>301</sup> Nos três primeiros meses de vida, o bebê se organiza através da boca. [...] O objetivo primeiro é garantir a sobrevivência e a satisfação, mas o alcance da relação com o mundo através da boca é muito maior, pois ‘a boca começa a fazer, de um modo primitivo, o que o ego por fim acabará fazendo de modo mais complexo e sofisticado por toda vida [...]. O bebê não apenas ingere comida, mas tenta ingerir o “mundo”, para que este faça parte dele. WONDRAČEK, Karin H. K. *Desenvolvimento*

conhecidos, numa só substância, fenômeno e fenomenalidade, ato de revelar e coisa revelada.

A fim de sermos mais precisos, o Espírito não permaneceria incorporado ao humano, como se a este fora possível assimilá-lo, mas, sem que se pudessem confundir as substâncias, intimamente unido, como atestaria Paulo, o apóstolo: “Entretanto, aquele que se une ao Senhor é um só espírito com Ele!”<sup>302</sup>.

E mesmo se o Espírito de Deus habitasse o humano, não tornaria desnecessário o passeio de Deus pelo jardim, na viração do dia, para comungar com Adão e Eva. Muito ao contrário. Se convém aos crentes “deixarem-se encher do Espírito”<sup>303</sup>, conviria a Adão, na viração do dia, no jardim da terra de Éden, deixar-se transbordar do seu *Elohim*. A queda viria a pressupor, então, dois ausentamentos: do Espírito que habitava os humanos, e do Deus que passeava no jardim. Em duplo sentido, Deus ter-se-ia ido, pelo que morreriam Adão e Eva.

Podemos nos assegurar destas coisas levantando uma questão, quem sabe, mais essencial: O termo usado para se referir à respiração de Deus, compartilhada com Adão, nalguma vez se refere a espírito? Ou se refere, tão só, à vida como tal, isto é, ao poder de autoexperimentar-se, sofrer-se, na medida em que se experimenta (aspira-se<sup>304</sup>) e se elabora (expira-se) o mundo?

---

*humano na lógica do Espírito*: introdução às ideias de James E. Loder. Joinville: Grafar, 2012, p. 51-52. A chamada “fase oral”, portanto, consistiria nos “primeiros passos” rumo à transcendência do eu. Partindo-se da imanência, evolui-se para a analogia. A “analogia” pode ser definida como: “Uma relação de semelhança entre duas coisas ou mais, na busca de conclusões prováveis ou necessárias, dependendo do tipo de relação em pauta. Ao encontrarmos similaridades em alguns pontos, raciocinamos, por analogia, que haverá similaridades em outros pontos”. CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. 5. ed. São Paulo, SP: Hagnos, 2001, v. 1, p. 149. Para aprofundamento no estudo da relação analogia – transcendência sugerimos a leitura de A ANALOGIA, linguagem da transcendência, p. 197-210, ponto 3, capítulo IV, In OLIVEIRA, Juliano de Almeida. *Transcendência e Religião no Pensamento de H. C. de Lima Vaz*. Tese (Doutorado) - Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em:

<<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/11665/1/Juliano%20de%20Almeida%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 01 abr 2021.

<sup>302</sup> 1ª aos Coríntios 6:17. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2223. É notável a riqueza de figuras em tão poucos versos. No contexto, isto é, dos versos 15 a 20, intimamente ligados à presente análise, Paulo afirma quanto aos crentes: são seus corpos membros de Cristo, bem como habitação, santuário do Espírito Santo; são um só espírito com Cristo; não pertencem a si próprios; foram comprados, estando, portanto, obrigados a darem glória a Deus por meio da carne. Em suma, intrinsecamente unidos a Deus.

<sup>303</sup> Cf. Efésios 5:18.

<sup>304</sup> O processo respiratório, em seus dois grandes movimentos, inspiração e expiração, ilustra de modo peculiar esse fenômeno chamado vida: interiorizar o mundo e exteriorizar-se nele.

Para ambas as perguntas, o filósofo e teólogo espanhol Alfonso Berzosa (1956- ), do Centro de Investigaciones Bíblicas - CEIBI em Santa Cruz de Tenerife, Ilhas Canárias, fornece-nos uma resposta enfática:

A *ruah* é a força que sustenta e anima o corpo, tanto de homens quanto de animais. Em todo ser vivente toma alento um espírito que procede de Deus. No relato da criação do homem, usa-se a palavra *nishmath*, “alento”, que faz viver o homem, *adam*, formado do solo, *adamah* (Gn. 2:7). A palavra *nishmath* é propriamente equivalente a *ruah*: “O espírito [*ruah*] de Deus me fez, e o sopro [*nishmath*] do Onipotente me deu vida” (Jó 33:4; cf. 24:14-15). Quando *ruah* se relaciona com a natureza, o significado mais ordinário é o do sopro ou brisa do vento (Gn 3.8; Êx 10.13, 19; Jr 4:11; Os 8:7); quando se refere ao homem, designa o aspecto vital, essencial da pessoa, a alma ou espírito; e a nível psicológico denota os sentimentos e as emoções (cf. Js 2:11, 5:1; Jó 15:13; Ec 10:4; Sl 51:12), sendo também a intimidade do homem, algo como seu coração. Enquanto o sopro divino permanecer no homem, ele viverá (Jó 27: 3); quando ele parte, retorna para Deus, seu doador, e o homem morre (Jó 34:14; Sl 146: 4; Ec 12: 7; Sb 15:11).<sup>305</sup>

Ora, das falas de Eliú nos capítulos 33 e 34 de Jó, muito nos vale, a nós e a Berzosa, o teor poético, isto é, o paralelismo externado pelo amigo de Jó, entre *ruah* e *nishmat*. Partindo dessa equivalência é que Berzosa constrói aqui sua compreensão dos sentidos de *nishmat*. Deste modo, podemos identificá-la com o “sopro do Onipotente” e, também, com “a intimidade do homem”. Mas o sopro ou “espírito de Deus” seria tão somente o mesmo que “um espírito que procede de Deus”? Essencialmente, para Berzosa, uma “intimidade do homem, algo como seu coração”, vida humana originada de Deus? Estaria desfeita a tese de o sopro ter sido o Espírito de Deus dado para vivificar e coabitar. O sopro seria divino quanto à origem; não, porém, quanto à essência.

---

<sup>305</sup> *La rúaj es la fuerza que sostiene y anima al cuerpo tanto de hombres como de animales. En todo ser viviente alienta un espíritu que procede de Dios. En el relato de la creación del hombre se usa la palabra nishmath, «aliento», que hace vivir al hombre, adam, formado del suelo, adamah (Gn. 2:7). La palabra nishmath es propiamente equivalente a rúaj: «El espíritu [rúaj] de Dios me hizo, y el soplo [nishmath] del Omnipotente me dio vida» (Job 33:4; cf. 24:14-15). Cuando rúaj se relaciona con la naturaleza, el significado más ordinario es el del soplo o brisa del viento (Gn. 3.8; Ex. 10:13, 19; Jer. 4:11; Os. 8:7); cuando se refiere al hombre, designa el aspecto vital, esencial de la persona, el alma o espíritu; y a nivel psicológico denota los sentimientos y las emociones (cf. Jos. 2:11; 5:1; Job 15:13; Ecl. 10:4; Sal. 51:12), siendo además la intimidad del hombre, algo así como su corazón. En tanto que el soplo divino o aliento se mantiene en el hombre, vive (Job 27:3); cuando parte, vuelve a Dios, su dador, y el hombre muere (Job 34:14; Sal 146:4; Ecl. 12:7; Sab. 15:11). [sic]. ROPERÓ BERZOSA, Alfonso. *Gran Diccionario Enciclopédico de la Biblia*. Barcelona: Editorial Clie, 2014, p. 1373. (tradução nossa). Em lugar de Job 33:4; cf. 24:14-15, deveria estar Job 33:4; cf. 34:14-15.*



Agora, parece-nos adequado interrogar se o hálito de Deus não seria mesmo o Espírito, isto é, o Santo Espírito de Deus, nalgém que o aspirara. Quando, e por que razões, Ele se teria ausentado? Quando teria sido Ele “expirado”?

É notável a afirmação de Gênesis 6:3:

Então, declarou o Senhor: ‘Por causa da malignidade do ser humano mortal, o Espírito que lhe dei não permanecerá nele para sempre; portanto, ele não viverá além dos cento e vinte anos!’

Pannenberg, em longo capítulo sobre “Efusão do Espírito, Reino de Deus e Igreja”<sup>306</sup>, considera certo que

Em sentido mais amplo o hálito da vida, conferido a todas as pessoas na criação (Gn 2.7) já deve ser entendido como dotação com o Espírito de Deus.<sup>307</sup>

Embora se discuta o sentido exato da expressão לֹא-יָדוּן<sup>308</sup>, que a KJA traduziu, em Gênesis 6:3, como “não permanecerá”, mesmo se o verbo da expressão fosse suprimido, ficaria implícita a vida humana como resultado da presença do Espírito de Deus, como afirma Pannenberg. Restaria claro que o ausentamento do Espírito resultaria em o humano adentrar a morte.

O evento da morte seria a desconexão de corpo e parte imaterial, operada pelo ausentamento do Espírito de Deus. E mais:

Para o Antigo Testamento toda dotação com o Espírito de Deus acaba o mais tardar no instante da morte: O Espírito de Deus foi dado ao ser humano “não para sempre” (Gn 6.3). Por ocasião do falecimento da pessoa ele retorna a Deus que o concedeu (Ecl 12.7).<sup>309</sup>

<sup>306</sup> PANNENBERG, 2009, v. 3, p. 25-145

<sup>307</sup> PANNENBERG, 2009, v. 3, p. 35-36.

<sup>308</sup> Translit. *lō-yādōn*. André Chouraqui traduz essa expressão como “não durará”, e comenta: “durará: **conjectura**. O hebraico *iadōn* é inexplicável. Em numerosas versões, lemos *iadour*. Uma correção mais leve nos permitiria ler *iadîn*, ‘ele julgará, governará’”. CHOURAQUI, 1995, p. 83. [grifo do autor]. Já H. L. ELLISON discorre: “As palavras do Senhor no v. 3 são de difícil tradução e interpretação. O verbo *dün* (NVI, ‘contender com’) é traduzido por ‘agirá [para sempre no homem]’ (ARA) e ‘contenderá’ (ARC), e é parafraseado na BLH por ‘não deixarei que os seres humanos vivam para sempre’, ou na BJ por ‘meu Espírito não se responsabilizará indefinidamente pelo homem’”. ELLISON apud BRUCE, 2009, p. 164.

<sup>309</sup> PANNENBERG, 2009, v. 3, p. 36.

A presença do Espírito seria real apenas junto a corpos vivos, não junto a corpos mortos<sup>310</sup>.

### 3.5.4 Deus e o mundo

Em perspectiva natural, quando assopramos exalamos ar e elementos que compunham nosso interior. Se, antes da exalação, inspira-se, Deus, igualmente, teria realizado a aspiração do mundo, e seu processamento, para então assoprar no interior do ser humano. Ele teria pessoalmente liberado seu Espírito, sopro transcendente, o qual levaria, para o interior do ser humano, a vida divina.

Esta proposição não difere substancialmente da anterior; expande-a. O sopro de vida é extramundano, prescindindo do ar e de outros elementos naturais quaisquer<sup>311</sup>. Mas a ele se encontra unido, na exalação de Deus junto a Adão, o mundo processado, como uma segunda natureza do sopro, como revelação do mundo, no interior do humano, seguindo-se imediatamente à vida.

Unido ao Espírito, partícula de Deus, o mundo processado seria exalado na forma de saber mundanal, e imediatamente gravado na nova vida (entidade imaterial) gerada pelo Espírito.

Neste ponto poderíamos pressupor que a criação dos seres humanos tenha sido operada mediante uma teofania: Deus, em forma corpórea, teria modelado o homem e soprado em suas narinas. Mais tarde, também corporalmente, com suas próprias mãos, teria criado a mulher a partir do corpo do homem.

Convém-nos, então, rever como, tradicionalmente, tem-se definido “teofania”.

“O anjo de Yahweh revela a face de Deus (Gn. 32:30); o nome de Yahweh está com ele (Êx. 23:21), e sua presença equivale à presença divina (Êx. 32:34; 33:14; Is. 63:9). Seu nome é ‘admirável’ (Jz. 13:18), designação aplicada ao Messias, na profecia de Is. 9:6: ‘E seu nome será chamado: Admirável’ (em hebraico é o mesmo termo). A partir de tudo isso, pode-se chegar à conclusão de que o Anjo de Yahweh não só designa um mensageiro, senão a Yahweh mesmo em suas intervenções neste mundo. É a *teofania* ou

<sup>310</sup> Sobre isto, afirma Michael Welker: “O Espírito está presente naquilo que Deus vivificou e ao que dá consistência – mas, p. ex., não naquilo que voltou ao pó”. WELKER, 2010, p. 140. (grifo do autor).

<sup>311</sup> O início deste parágrafo pareceria contradizer o que ainda será dito neste ponto “Deus e o mundo”: “Esta proposição [...] pressupõe que a criação dos seres humanos tenha sido operada mediante uma teofania: Deus, em forma corpórea, teria modelado o homem e soprado em suas narinas”. Contudo, cremos que a contradição será mesmo aparente. Enfatizamos a essência supranatural do sopro, apesar de, na criação teofânica, ele se manifestar com natureza complexa, dupla: imaterial e mundanal.

manifestação sagrada do invisível Yahweh, a quem ninguém jamais pôde ver (Êx. 33:20; cf Jo. 1:18; 1ª Tm 6:16), mas que às vezes se apresenta na experiência de Israel. De modo que o Anjo de Yahweh, tal qual a *glória* de Yahweh, é o ponto de contato pessoal, por assim dizer, de algum modo, entre Deus e Israel. Da mesma forma que o Anjo de Yahweh manifesta visivelmente o Deus invisível no AT, no NT é o Filho Unigênito quem o manifestou em sua encarnação; pelo que – a partir da ótica cristã – pensa-se que o Anjo de Yahweh é uma manifestação do Logos, quer dizer, do preexistente Filho de Deus, ainda que não se possa afirmar com certeza.<sup>312</sup>

Ora, esta perspectiva ampliaria a concepção de teofania. Para além da manifestação visível de Deus a Israel, originariamente seria a opção de Deus na criação do humano, isto é, manifestação visível anterior ao nascimento dos povos.

Deus se põe frente ao molde de barro, e compartilha sua terrena exalação. A cena bíblica mais próxima à vivificação do molde de barro, cremos, é a ressurreição do filho da mulher da cidade de Suném. Tal qual o menino morto, o terroso, ainda inerte, encontrar-se-ia deitado. Eliseu se deita sobre o menino; o Deus Criador se deita sobre seu Adão.

O mesmo Deus que decidira fazer com as mãos, teofanicamente, do solo, sua imagem, também na glória dessa manifestação partilharia com o terroso seu próprio e santo hálito. Deus e o nascimento de seu filho, o humano, parecem-nos, portanto, parcialmente retratados na ressurreição do menino por Eliseu. Diz-se do profeta:

Em seguida deitou-se sobre o menino, encostando sua boca à boca do menino, seus olhos sobre os olhos do menino, e as suas mãos repousaram sobre as mãos do menino. Enquanto se debruçava sobre ele, o corpo do menino foi se aquecendo. [...] e estendeu-se sobre o corpo do menino mais uma vez; então o menino espirrou sete vezes e abriu os olhos.<sup>313</sup>

<sup>312</sup> *El Ángel de Yahvé revela la faz de Dios (Gn. 32:30); el nombre de Yahvé está en él (Ex. 23:21) y su presencia equivale a la presencia divina (Ex. 32:34; 33:14; Is. 63:9). Su nombre es «admirable» (Jue. 13:18), designación aplicada al Mesías en la profecía de Is. 9:6: «Y se llamará su nombre: Admirable» (en hebreo es el mismo término). A partir de todo ello se puede llegar a la conclusión de que el Ángel de Yahvé no solo designa un mensajero, sino a Yahvé mismo en sus intervenciones en este mundo. Es la teofanía o manifestación sagrada del Yahvé invisible, a quien nadie ha podido ver jamás (Ex. 33:20; cf. Jn. 1:18; 1 Ti. 6:16), pero que a veces se presenta en la experiencia de Israel. De modo que el Ángel de Yahvé, al igual que la gloria de Yahvé, es el punto de contacto personal, por decirlo de algún modo, entre Dios e Israel. De la misma forma que el Ángel de Yahvé manifiesta visiblemente al Dios invisible en el AT, en el NT es el Hijo Unigénito quien lo ha manifestado en su encarnación; por lo que —desde la óptica cristiana— se piensa que el Ángel de Yahvé es una revelación del Logos, es decir, del Hijo de Dios preexistente, aunque no se pueda afirmar con certeza. BERZOSA, 2014, p. 258. (tradução nossa) [grifos do autor]. É certo haver quem difira e quem sinonimize “teofania” e “epifania”. Optamos por utilizar o termo “teofania”, supondo que a partícula “teo” deixe mais clara a referência à manifestação do Deus pré-encarnado. “Epifania” nos parece mais consentâneo com a encarnação do Filho mesmo, no ventre de Maria. Vasto debate sobre o uso dos termos encontra-se no verbete “Teofanía”, em BERZOSA, 2014, p. 4103-4108.*

<sup>313</sup> 2º Reis 4:34-35. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 705-706.

Se o teofânico se põe frente ao terroso, e nele assopra, o vento que adentra o homem no paraíso terreno não vem, a priori, do céu. Enquanto no cenáculo, em Pentecostes, o Espírito vindo do céu compartilha os saberes<sup>314</sup> (ou poderes) “da era que há de vir”<sup>315</sup>, no jardim da terra de Edén Deus sopra a brisa do mundo, o saber natural, “de baixo”. É revelada a *Adâm* sua conexão com *adama*, ou melhor, é-lhe revelada a conexão de *adama* consigo<sup>316</sup>. Embora dela derivado, o humano perfeito já nasce sabendo ser dela senhor. E, feito senhor daquela que o originou, serviço<sup>317</sup> ainda maior prestaria àquela prestes a dele provir, sua *isha*<sup>318</sup>.

Então, este ponto quer crer que o Espírito de Deus tenha gerado no ser humano a vida, e levado ao seu interior, concomitantemente, saberes mundanais. Os humanos não sofrem da alienação de que os animais sofrem. Distinguem-se destes, embora sejam ambos, seres humanos e animais, igualmente, produto da terra. O humano, porém, maravilha-se, promove continuamente a adaptação do mundo, analisando, modelando, conformando-o a si mesmo.

Em Gênesis 1, Deus é retratado criando livremente. Da mesma forma o homem, embora incapaz de atingir a criatividade que é peculiar a Deus, também tem a capacidade de fazer um novo começo, tornar o mundo melhor

<sup>314</sup> É grande o dissenso quanto ao sentido da expressão “poderes da era que há de vir”, presente em Hebreus 6:5. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2397. Intuímos que esses poderes se refiram, como no Pentecostes de Atos 2, dentre outros caracteres, à internalização imediata de outras línguas (cf. Atos 2:4), um modo de conhecer alheio aos processos epistemológicos desta era.

<sup>315</sup> Ou “poderes do mundo vindouro”. Cf. BÍBLIA Shedd, 1997, p. 1712.

<sup>316</sup> Valeria supor que, em Gênesis 1:28, quando, no tocante a Adão e Eva, “Deus os abençoou e lhes ordenou: ‘Sede férteis e multiplicai-vos! Povoai e sujeitai toda a terra; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo animal que rasteja sobre a terra!’”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 9-10, o mandato lhes tenha sido dado como saber mundanal interiormente gravado. Governar a criação seria sua inclinação “natural”. Entretanto, para sustentar a tese da gravação dos saberes mundanais, exalados no sopro de Deus juntamente com seu Espírito, esta suposição não se mostra premente. Pois se os humanos já nascem governantes, certamente há um conhecimento do mundo que já lhes é inato. O mundo não lhes é desconhecido, estranho. O mundo de Deus é efetivamente seu mundo.

<sup>317</sup> Inverte-se a compreensão do “senhorio”, aderindo-se ao ideal de Cristo, cf. Mateus 20:27, 23:11; Marcos 9:35, 10:43; Lucas 22:26; bem como a instrução paulina “Maridos, cada um de vós amai a vossa esposa, assim como Cristo amou a sua Igreja e sacrificou-se por ela”. Efésios 5:25. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2307. Em nota de rodapé, a KJA comenta deste verso: “[...] Entregar-se à morte em favor da amada é uma manifestação mais sublime de devoção do que a exigida da esposa. [...]”. O padrão divino de liderança está desassociado de usurpação, abuso, opressão. É sempre devotado serviço, baseado no amor.

<sup>318</sup> A mulher seria modelada a partir do interior do homem, revelando-lhe algo que, de outro modo, ele jamais poderia conhecer. Adão a nomearia, dizendo: “[...] Esta aqui, esta vez, é osso de meus ossos, carne de minha carne, a esta será clamado mulher – Isha – : sim, do homem – Ish – esta aqui foi tirada”. Gênesis 2:23. CHOURAQUI, 1995, p. 55. Esse gesto, nomeá-la, seria um sinal de governo anterior à queda. Como o pai dá nome à filha que lhe nasceu, Adão dá o nome a Eva. No entanto, “Durante todo o tempo em que o homem esteve sozinho ele foi chamado de *Adâm*, o terroso, o humano; a partir da criação de sua fêmea, o texto passa a chamá-lo *ish*, o homem”. CHOURAQUI, 1995, p. 55. Ou seja, na criação de Eva, Adão foi profunda e definitivamente afetado.

ou pior. Os animais vivem por instinto, mas o homem é feito para coisas melhores. Aos animais foi dito apenas que procriassem. O homem tem a atribuição adicional de estabelecer domínio e subjugar. Se um homem está com frio, ele pode acender um fogo; se está com calor, pode construir um condicionador de ar. Os animais, dentro dos limites de seus instintos, precisam ajustar-se ao meio ambiente, que não conseguem mudar. O homem pode mudá-lo para melhor ou pior.<sup>319</sup>

Ao entregar o mundo concreto ao humano, Deus teria plantado em seu coração<sup>320</sup> o mundo abstrato. À entrega do mundo exterior corresponderia a entrega interior e embrionária do mundo, na forma de potências<sup>321</sup>. No encontro desses mundos o humano seria elevado à plenitude.

O Adão que dá nome aos animais, fá-lo não só a partir das exterioridades vivas que se lhe apresentam, mas do mundo de sons e formas que traz em si. Os sons que Adão concatena e verbaliza são sua “criação”. Esta, e tantas outras potências, consistem no mundo que Deus lhe soprou: tudo aquilo que o mundo criado pudesse vir a ser, encontraria no humano sua realização, sua consumação<sup>322</sup>. E o humano mesmo, na consumação desse mundo, consumir-se-ia.

Os saberes deste mundo, entretanto, não existiriam nem subsistiriam por si. É da unidade do Espírito de Deus com o espírito humano que esses saberes se aprofundam, intensificam-se, e emergem com perfeição, rumo à completude<sup>323</sup>.

<sup>319</sup> ALLEN, 1986, v. 1, p. 178.

<sup>320</sup> Recorremos à tradição ortodoxa, na pessoa desse que é um de seus principais expoentes na contemporaneidade, o já citado teólogo russo Vladimir Lossky, em cuja definição de “coração” nos estribamos: “Ora, o coração [...] é o centro do ser humano, a raiz das faculdades ativa, do intelecto e da vontade, o ponto de onde provém e para o qual converge toda a vida espiritual. Fonte de todos os movimentos psíquicos e espirituais [...]”. LOSSKY, Vladimir. *Ensaio sobre a Teologia Mística da Igreja do Oriente*. Capítulo X: O Caminho de União. Disponível em: <<http://precedesus1.blogspot.com/2019/05/vladimir-lossky-ensaios-sobre-teologia.html>>. Acesso em: 29 out. 2021.

<sup>321</sup> Nossa perspectiva tem grande afinidade com a ideia de potência em Aristóteles: “[...] de todas as coisas que nos vêm por natureza, primeiro adquirimos a potência e mais tarde exteriorizamos os atos. Isso é evidente no caso dos sentidos, pois não foi por ver ou ouvir freqüentemente que adquirimos a visão e a audição, mas, pelo contrário, nós as possuíamos antes de usá-las, e não entramos na posse delas pelo uso”. ARISTÓTELES. *Metafísica*: Livro 1 e Livro 2. Ética a Nicômaco. Poética. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 67. Mesmo os sentidos são primeiro subjetivos, atuando no coração, depois, nos membros do corpo. O coração dos cegos vê; dos surdos, ouve; e assim por diante. Os sentidos e demais capacidades inatas nos permitem o cultivo das virtudes e dos vícios; são, portanto, potências. “Não é, pois, por natureza, nem contrariando a natureza que as virtudes se geram em nós. Diga-se, antes, que somos adaptados por natureza a recebê-las e nos tornamos perfeitos pelo hábito”. ARISTÓTELES, 1984, p. 67.

<sup>322</sup> É notável que o último Adão brade “Está consumado”. Todas as potencialidades realizáveis no mundo, cumprem-se nele. É certo, todas glorificando seu Pai. Cf João 17:4.

<sup>323</sup> O último Adão (cf. 1ª aos Coríntios 15:45), embora antecipadamente cõscio (cf. Lucas 2:49) da sua origem – seu pai, e seu propósito – os negócios do pai, ainda assim “[...] se desenvolvia em sabedoria, estatura e graça na presença de Deus [...]”. Lucas 2:52. BÍBLIA King James Atualizada,

Segue-se que a tentação se mostraria um atalho, a possibilidade de se chegar ao supremo saber sem longo transcurso. De imediato<sup>324</sup>, num salto mágico, o fruto levaria nossos primeiros pais ao fim que agora os fascinava<sup>325</sup>.

Parece despontarem, aqui, elementos de uma visão dicotômica da constituição humana, na qual os saberes mundanais, naturais e inatos, estariam contidos em certo conceito de “alma”<sup>326</sup>: a conexão imaterial do humano com seu mundo; conexão que se baseia forçosamente na vida, seu antecedente, mas que a ela não corresponde. Pois, como repetidamente afirmam os textos de Henry, enquanto viver é sentir-se, é sentir o próprio sentir, é experimentar a si mesmo, a si mesma, em contínua autoexperimentação, o que chamamos de “saber” consiste em ser afetado, afetada no mundo interior, é o ser capaz de sofrer a ação vinda de fora de sua própria vida.

Somente quem vive pode saber, mas a ampla ciência do mundo não é comum a todos os seres viventes. O ser humano vive e singularmente sabe, pois é filho do sopro.

### 3.5.5 Deus, revelação e mistério

A não ser que, no ato de assoprar, envolvamos com os lábios a entrada de ar da coisa em que assopramos (como quando se enche uma bexiga), o sopro combina instantaneamente nosso hálito (“nosso” ar) e o ar ambiente. O que sai de nós se combina com o ar externo que nosso sopro empurra, como quando apagamos uma vela. Surgiria um terceiro elemento recebido pelo ser humano na exalação de Deus: o mundo desconhecido, não processado, selvagem. O sopro divino<sup>327</sup>, então, levaria

---

2012, p. 1922. Delineia-se um paralelo epistemológico entre Adão e Cristo. Os saberes celestiais do Filho encarnado, arremetendo-se à plenitude, seriam o equivalente “de cima” dos saberes mundanais do primeiro Adão, estes igualmente destinados à plenitude.

<sup>324</sup> A imediatez do pleno conhecimento, a imediatez e não apenas sua grandeza, era parte da tentação. “Ora, Deus sabe que, **no dia** em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e vós, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal!”. Gênesis 3:5. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 13. [grifo nosso]. Curiosamente, na ressurreição e glorificação das pessoas salvas, o salto será dado... pela ação de Deus.

<sup>325</sup> “Quando a mulher observou que a árvore realmente parecia agradável ao paladar, muito atraente aos olhos e, além de tudo, desejável para dela se obter sagacidade, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido [...]”. Gênesis 3:6. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 13.

<sup>326</sup> “O homem é composto por uma parte material e outra imaterial. Quando esta encontra-se [...] em relação com o mundo físico, [recebe a designação] de alma”. ANDRADE, 1996, p. 23.

<sup>327</sup> Mais que noutro ponto qualquer deste capítulo, este é o momento em que o sopro divino assume caráter simbólico. “Soprar” é, agora, e sobretudo, “dar”.

ao interior do ser humano o Espírito de Deus, o mundo processado (aspirado e exalado por Deus), e o mundo selvagem.

Nova ampliação de perspectiva seria este ponto. Além dos saberes mundanais revelados, o ser humano receberia em si, partilhado na exalação, aquilo que Deus, apesar de conhecer, não teria processado por meio de aspiração. Deus conhece aquilo em que ele não penetra pessoalmente, também aquilo que não traz junto a si. O ser humano só conhece a partir de Deus, como revelação, como franqueamento. Tudo aquilo que procede de Deus, mas não como sua interioridade, é, para o humano, mistério<sup>328</sup>.

O ser humano, em sua origem, só sabe de uma coisa: Deus. A outra pessoa, as coisas, a si mesmo ele só conhece na unidade de seu saber de Deus. Conhece tudo só em Deus e Deus em tudo.<sup>329</sup>

Para Deus não há mistério algum; para as filhas e filhos de Adão, tudo o é, até que deixe de ser exterioridade, pela participação destas e destes na experimentação de Deus<sup>330</sup>. Deus concede a seus filhos e filhas revelação e mistério, o que flui de seus lábios (*creatio revelatus*<sup>331</sup>) e o que não flui (*creatio occultatum*<sup>332</sup>).

Ora, se o Deus que sopra nas narinas de Adão encontra-se em forma corpórea, teofânica, é Ele o Autolimitado, quem por livre vontade se faz, nalgum sentido, menor que a sua criação. Na eternidade, ao “abrir espaço”<sup>333</sup> para que algo além dele mesmo viesse a existir, conteve-se por primeira vez. Ter-se-ia, depois, materializado para, com as próprias mãos, poder criar sua imagem, sua estátua.

Quando, no século 13 a.c., o faraó Ramsés II mandou esculpir sua imagem na rocha, na desembocadura do rio do Cão, no mar Mediterrâneo, [...] essa imagem significava que ele era o dominador dessa região. De modo correspondente, o ser humano é estabelecido como estátua de Deus na criação. Ele documenta que Deus é o Senhor da criação; mas ele também

<sup>328</sup> Como examinaremos, doravante, aqui o conceito de mistério difere da ideia desenvolvida no tópico anterior, segundo a qual “Os saberes mundanais [...] não existem nem subsistem por si. É da unidade do Espírito de Deus com o espírito humano que esses saberes se aprofundam, intensificam-se, e emergem com perfeição, rumo à completude”. Aqui, o mistério pode ser aquilo que jamais deverá ser conhecido, jamais ser dado por Deus como revelação.

<sup>329</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015, p. 15.

<sup>330</sup> Dietrich Bonhoeffer discorre detidamente sobre esse saber humano a partir de Deus, anterior ao nascimento da consciência. Cf. BONHOEFFER, Dietrich. *O amor de Deus e a decadência do mundo*. In: BONHOEFFER, 2015, p. 15-21.

<sup>331</sup> Em latim, “criação revelada”.

<sup>332</sup> Em latim, “criação oculta”.

<sup>333</sup> Não nos referimos, é certo, à abertura de espaço físico, mas de espaço existencial, neste inclusa, especialmente, a volição. A grandeza de Deus é tal que, não fora a autolimitação, haveria uma só vontade e pensamento, uma única autoconsciência, uma só voz, um prazer apenas.

pratica o domínio de Deus como seu administrador. Cumpre sua tarefa não com arbitrariedade autocrática, mas como administrador responsável. Seu direito de domínio e sua obrigação de dominar não são autônomos, mas têm caráter de reflexo.<sup>334</sup>

Embora talvez não mais careça<sup>335</sup> de corpo material, após ter criado, enfim, seu Adão, Deus está sempre autolimitado, contido, enquanto houver criação não glorificada, até o dia em que Ele “seja absolutamente tudo em todos”<sup>336</sup>. Talvez por isso o Unigênito, tendo cumprido sua missão, peça ao Pai não o retorno da glória que tinha antes da encarnação, mas o retorno da glória que tivera com o Pai antes que o mundo existisse<sup>337</sup>, a saber, o retorno ao primeiro estágio da autolimitação<sup>338</sup>.

Ora, se no ato da feitura de Adão Deus está autolimitado, contido em sua criação, qual não seria seu maior prazer que, bem assim, fazer-se contido no humano constituído sua imagem, compartilhando seu sopro, isto é, nele assoprando? O humano não pode “entrar” no Deus autolimitado, isto é, no Criador, não pela grandeza, mas justamente pelo autoapequenamento divinal. Por sua vontade soberana, talvez o Autolimitado sequer possa conter sua criação. O humano, então, só pode conhecer as entranhas de Deus a partir da autoexalação da divindade.

No sopro está a revelação, irrupção subversiva do Deus autolimitado. Deparamo-nos, no Gênesis, com um pressuposto seminal da revelação: mesmo o

---

<sup>334</sup> WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Hagnos, 2007, p. 247.

<sup>335</sup> Temos claro que, essencialmente, Deus nunca precisou de algo. Sendo amor, em sua livre vontade decidiu criar, de todo amando sua criação e dela se tornando dependente. Deus, portanto, não precisaria ter-se materializado na criação de Adão. Supomos que o tenha feito para deixar clara àquele ser de carne a necessidade perene da divina exalação (vida e conhecimento). Estamos igualmente cômicos de que antes da encarnação de Cristo no ventre de Maria, por diversas vezes se deram preencarnações, as teofanias.

<sup>336</sup> Cf. 1<sup>a</sup> aos Coríntios 15:28.

<sup>337</sup> Cf. João 17:5.

<sup>338</sup> Se a narrativa do Apocalipse for, como cremos, atemporal antes de escatológica, o retorno do Unigênito à antiga glória, livre da autolimitação que permite a subsistência da criação ainda por ser glorificada, encontra-se exemplificado em meio à descrição da Cidade Santa: “A cidade também não necessita do sol nem da lua, para que brilhem sobre ela, pois **a plena Glória de Deus a ilumina e o Cordeiro é o seu candelabro**”. Apocalipse 21:23. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2523. [grifo nosso]. Ao Cristo glorificado não correspondem as limitações do corpo terreno. A glorificação devolve ao Unigênito a glória de conter e de se sobrepor à criação, em perfeita unidade com o Pai. Sobre isto discorre Champlin: “Neste ponto [da oração sacerdotal] a solicitação de Cristo é aprofundada, visando sobretudo a plena resplandecência da glória, e não apenas a glória preliminar, que houve na cruz ou mesmo na ressurreição (embora esses aspectos também estejam incluídos aqui). Mas está em foco particularmente a grande glória na presença de Deus, aquela glória da qual o ‘Logos’ eterno havia participado na eternidade. Nessa glória estão inclusos a presença de Deus, a presença divina em sua forma mais direta e poderosa, o bem-estar dessa presença, a exaltação dessa presença, a participação em tudo que Deus é e a **manifestação de seu ser em outros seres**”. CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002, v. 2, p. 574. [grifo nosso].



Deus soberanamente autolimitado só se dá a conhecer vindo, de per si, ao encontro do humano<sup>339</sup>. Nem mesmo o teofânico, encontrado **na** criação, poderia ser detido e interpenetrado. Em sua autolimitação perdura a impossibilidade de que se conceda ao humano, por seu próprio esforço, adentrar as profundezas do Criador. Deus é quem se faz fonte no interior do humano em quem assopra. Quer dizer, então, que toda revelação, decorrendo do encontro Deus-humanidade, é a recepção do humano daquilo que Deus “externamente” lhe dá.

Ora, a revelação é o poder de conhecer, de algum modo, o conhecimento de Deus, seu saber. A consciência anterior à queda sequer faz juízo de valor. Como dizia Bonhoeffer, o humano apenas sabe a partir de Deus. Não tem em si a mínima noção de bem e mal, até que coma do fruto e se afaste de Deus. Por isso mesmo, diz Paulo, a serpente enganou a mulher<sup>340</sup>, isto é, ofereceu-lhe um falso supremo bem, “ser como Deus”, um bem autoevidente como tal, posto ser Deus o autor de toda a imaculada beleza do mundo<sup>341</sup>. E, sendo o caminho para a conquista desse bem a negação do próprio Deus, a mulher sucumbiu. Pois não se é como Deus abandonando-se o saber a partir dele.

A consciência inocente, a consciência humana anterior à queda seria o compartilhamento não mediado de saber divino. O autoconhecimento humano seria o espelhamento, na mente humana, do saber de Deus acerca do humano. E esse saber só seria possível pela penetração do humano na mente de Deus. Mas, como Deus se autolimitou, impossibilitando ao humano nele se abismar, impossibilitando ao humano conhecer-lhe, e efetivamente conhecer a si, Deus compartilhou seu Espírito e seus saberes, assoprando em seu filho feito de barro.

Mas, se na exalação do teofânico, conjuntamente assoprou-se aquilo que em Deus não estava, mas no mundo, o homem recebeu, por vontade de Deus, mistério.

---

<sup>339</sup> Karl Barth afirmava a total impossibilidade de o ser humano, por seus próprios meios, conhecer Deus. “Conhecer Deus não se inclui no quadro das possibilidades discutíveis. Deus é o conteúdo e a soma de toda a realidade tal como esta se revela para nós. O conhecimento de Deus ocorre desde que efetivamente ele fale, desde que ele se apresente ao homem de tal forma que o homem não possa deixar de vê-lo e ouvi-lo, desde que, numa situação em que não possui mais o controle e na qual ele se torna um enigma para si mesmo, o homem se vê colocado diante do fato que vive com Deus e Deus com ele, porque Deus se agradou disto”. BARTH, Karl. *Esboço de uma dogmática*. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2006, p. 27-28.

<sup>340</sup> Cf. 1ª a Timóteo 2:14.

<sup>341</sup> Os dois primeiros capítulos do Gênesis enfatizam a bondade e beleza do mundo pré-queda, em trechos como, por exemplo, 1:4, 10, 12, 18; 2:8-14.

Recebeu aquilo em que a mente do Deus Criador voluntariamente não estava, na liberdade de sua divina autolimitação.

O mundo não se encontra no Autolimitado; o Autolimitado se encontra no mundo. Deus a tudo pode conhecer, mas há, no mundo, aquilo que ele prefere conhecer à distância, aquilo que está no mundo, mas não está em Deus. De outro lado, Deus optou por ser conhecido de seu Adão, sua imagem.

Alguém, no entanto, objetará com justo motivo: Ora, se antes de soprar, o teofânico inspira, resta claro que ele sorve o mundo. E, ao sorvê-lo, inala o mesmo elemento selvagem que, juntamente com os elementos processados, será depois introduzido em Adão, quando Deus soprar em suas narinas! Aquilo que Adão recebe como mistério, empurrado para seu interior em decorrência do que Deus lhe revela, pode até ser a própria origem dessa revelação que Deus lhe faz. De fato, o ar processado não seria, pois, o outrora selvagem?

Ora, tanto quanto um é o ar que adentra os pulmões, e outro, aquele que sai, isso que nos vem ao encontro por si mesmo difere do que emana do interior de Deus. Apenas quando vindas de Deus, as coisas criadas nos chegam como revelação, como “coisas de Deus”.

A coisa selvagem, vinda diretamente ao humano, poderia extinguir-lhe a comunhão com Deus, por conseguinte as virtudes e a vida. Ao revés, se aspirada por Deus, poderia neste, até mesmo, encontrar seu fim, extinguir-se.

A coisa selvagem, não processada e exalada por Deus, portanto não revelada, é dada ao humano pois é coisa do mundo. E se o mundo lhe é dado, é-lhe dado por inteiro. Todavia, o mistério é-lhe dado como um permanente não-saber. Nisto se inclui o mal<sup>342</sup>, já presente “no mundo” desde antes da queda de nossos primeiros pai e mãe. Adão e Eva, bem como sua descendência, subjugando a terra a seu próprio

---

<sup>342</sup> É importante a diferenciação de mal como possibilidade (livre decisão) e como fato ou substância (autonomia em relação a Deus). O mal, enquanto possibilidade, equivale ao ar (mundo) selvagem, que só Deus é capaz de processar e exalar como bem. Ao humano caberia sorvê-lo permanentemente como possibilidade de um saber para sempre “desconhecido”, não recebido como revelação e, portanto, “rejeitado”, “descartado”. Tenhamos em vista que Adão, por si, nada processa. Ele não tem seu próprio respirar. Só inspira o sopro de Deus e tudo o que o acompanha, e isso, propriamente, expira. A queda consistiu, dentre outros vícios, em se assumir o mundo selvagem como revelação. Paulo afirma que a mulher, por meio de quem o tentador teria iniciado sua perversão, foi enganada (cf. 1ª a Timóteo 2:14). Noutros termos: pensou conhecer o desconhecido.

governo, regência divinamente delegada, sempre ao mal se oporiam. Pois, voluntariamente, sempre nada saberiam daquilo que Deus não lhes quisesse revelar.

Pelo sopro, aquilo que estivera em Deus encontrar-se-ia no homem. Mas, também aquilo que, voluntariamente, Deus não tivera em si, o mundo selvagem, seria igualmente impulsado ao interior do ser humano. Deus deu como coisa encoberta, mistério, aquilo que deveria permanecer como tal: o mundo selvagem. Ele ordenou:

[...] Comerás livremente o fruto de qualquer espécie de árvore que está no jardim; contudo, não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comeres, com toda a certeza morrerás!<sup>343</sup>

E por toda a vida os humanos seremos tentados a reputar notória essa realidade estranha ao Autolimitado e a nós, essa exterioridade a que chamaríamos “o mal no mundo”. Sempre haverá muito por conhecer a partir do sopro de Deus, e muito a ignorar frente à tentação da autônoma aspiração humana. O primeiro traz revelação; esta, deturpação. E o sopro permanecerá influenciando para o humano por meio de sua dimanação, sua palavra. À parte de Deus, o ser criado só poderá julgar o mundo com base no que lhe informou o fruto. A humanidade, por si, nada realmente sabe sobre bem ou mal.

### 3.5.6 Espírito humano

Deus teria assoprado espírito humano, mera vida humana. O Espírito de Deus poderia vir, ou não, coabitar o corpo desse novo espírito. Mas, de um ou de outro modo, de Deus procederia, objetiva e diretamente, a vida. Vida humana.

O sopro seria uma vitalidade íntima. Hoff parece sinonimizar sopro e espírito humano: “Somente o homem recebeu o sopro de Deus, e portanto tem um espírito imortal, por meio do qual pode ter comunhão com Deus”<sup>344</sup>.

Os termos traduzidos por fôlego, ou sopro, no Gênesis, tanto em referência à vitalidade dos animais quanto à dos humanos, intercambiam-se: נְשָׁמַת רוּחַ<sup>345</sup> (sopro), aludindo à morte de “tudo o que tinha um *sopro* de vida”<sup>346</sup>, humanos e animais, no

<sup>343</sup> Gênesis 2:16-17. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 11.

<sup>344</sup> HOFF, 1997, p. 27. [sic].

<sup>345</sup> Translit. *niš-mat ruah*.

<sup>346</sup> Gênesis 7:22, BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 24.

evento do dilúvio; רוּחַ חַיִּים<sup>347</sup> (fôlego de vida), na anunciação do dilúvio a Noé, afirmando o propósito do envio das muitas águas: “a fim de que exterminem de debaixo do céu toda a carne que tiver *fôlego de vida*: tudo o que há sobre a terra [...]”<sup>348</sup>; נְפֹשׁ חַיָּה<sup>349</sup> (seres vivos), quando da promessa de Deus a Noé, passado o dilúvio: “Eu me lembrarei da Aliança que há entre mim e vós e todos os *seres vivos* de toda a carne. [...]”<sup>350</sup>.

Não sem motivo, afirma o autor de *Eclesiastes*, aparentemente com grande ceticismo:

Porquanto a sorte do ser humano e a do animal é idêntica: como morre um, assim morre o outro, e ambos têm o mesmo espírito, o mesmo fôlego de vida; de fato, o ser humano não tem vantagem alguma sobre os animais. E, assim, tudo não passa de uma grande ilusão! [...] Quem pode afirmar que o alento, o espírito humano, sobe às alturas e que o fôlego do animal desce à terra?<sup>351</sup>

De fato, comenta Hans Wolff: “Os animais têm o mesmo hálito que os seres humanos [...]”<sup>352</sup>.

A ênfase da criação especialíssima recai<sup>353</sup>, não sobre o fato de o humano ser dotado do fôlego da vida, mas em que esse fôlego haja sido pessoalmente soprado por Deus. Nisto, sobretudo, está a singularidade humana<sup>354</sup>. Como síntese da vida (cf. *Isaías* 2:22), como entidade incriada (?<sup>355</sup>) pressupõe-se que o sopro divino carregue em si mesmo a *Imago Dei*. No sopro, artesanalmente operado por Deus, encontrar-se-iam a vida humana e todos os caracteres imateriais a ela relacionados. A existência

<sup>347</sup> Translit. *ruah hayim*.

<sup>348</sup> *Gênesis* 6:18, *BÍBLIA King James Atualizada*, 2012, p. 22.

<sup>349</sup> Translit. *nepesh hayah* ou *nepheš hayāh*.

<sup>350</sup> *Gênesis* 9:15, *BÍBLIA King James Atualizada*, 2012, p. 27.

<sup>351</sup> *Eclesiastes* 3:19 e 21. *BÍBLIA King James Atualizada*, 2012, p. 1251.

<sup>352</sup> WOLFF, 2007, p. 70.

<sup>353</sup> Vide item 3.2, acima: “Sopro e Ambivalência”.

<sup>354</sup> No prefácio de “A criação do homem”, Gregório de Nissa expõe sua percepção limiar: “O escopo de meu estudo não diz respeito às coisas pequenas, alguma maravilha do cosmo de interesse secundário, mas talvez [trate-se da realidade] que ultrapassa em grandeza tudo o que conhecemos; de fato, nenhuma outra coisa é semelhante a Deus, exceto a criação do homem”. GREGÓRIO de Nissa, 2011, p. 32.

<sup>355</sup> Em Gregório de Nissa “emerge uma definição dada e demonstrada da alma: ela é uma realidade incriada, viva, intelectiva, princípio de conhecimento sensível em um corpo composto de elementos reunidos”. GREGÓRIO de Nissa, 2011, p. 19. Se a ação do sopro, equivalendo à ação da palavra, consistir em criação a partir do nada, a alma foi criada. Se o sopro for compartilhamento de algo que sempre esteve em Deus, é incriada e eterna. Se for a síntese de elementos do mundo e elementos eternos, é alma humana, figura, talvez, da dupla natureza de Cristo.

humana viva, pelo sopro guarnecida de todas as suas potencialidades, nada mais reclamaria. Deus agira decisivamente em favor do humano, nele assoprando.

Os fortes antropomorfismos acentuam que o ser humano recebe sua figura e sua vida de Deus. A matéria de seu corpo é totalmente terrena (cf. Sl 90.3; 103.14). Em suas veias, não corre o sangue de um deus abatido, como em mitos babilônios da criação; e o ser humano tampouco se originou das lágrimas do deus do sol, como muitas vezes foi dito no Egito desde o início do reino médio. O fato de que apenas os motivos artesanais sejam retomados dos mitos da criação espalhados no Oriente antigo acentua a distância entre Deus e o ser humano, mas também a ação concreta de Deus a favor do ser humano.<sup>356</sup>

O sopro seria, à imagem de Deus, essência pura, simples, suficiente<sup>357</sup>. Na exalação divina sequer haveria, necessariamente, referência ao Espírito de Deus; referir-se-ia apenas à vitalização da carne, em virtude do espírito humano concedido na forma de sopro divino.

Ao dizer do Logos “Nele estava a vida”<sup>358</sup>, João estaria se referindo a toda e qualquer vida. Cristo seria a própria matriz da criação, de cujo interior se originaria toda espécie de vida, em especial a humana, compartilhada pessoalmente por Deus, em sua expiração.

Seja qual for a resposta correta para o que haja sido o sopro divino, dado como constituinte do ser humano, torná-lo-ia mais próximo de Deus do que seres “meramente” criados pela Palavra sempre dada como exterioridade. Pois, ainda que a Palavra seja Deus, no evento da criação é o Deus que “vem de fora”<sup>359</sup>.

---

<sup>356</sup> WOLLF, 2007, p. 154.

<sup>357</sup> É relativa a simplicidade do sopro. Deus, plenitude de tudo o que sempre é, essência imutável, simples, é incomparável. O sopro é simples, se comparado ao corpo. “É mais simples do que o corpo, porque não é uma massa que se difunde pelo espaço local, mas em cada corpo a alma está toda inteira; e toda está também em qualquer das partes do corpo. Assim, quando algo acontece na menor parte do corpo que influa na alma, embora não em todo o corpo, ela pode sentir, pois influi no seu todo”. AGOSTINHO, 1995, p. 225.

<sup>358</sup> João 1:4. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2023.

<sup>359</sup> Esta expressão se inspira na afirmação atribuída a Agostinho, acerca das ações de Deus para fora: *Opera trinitatis ad intra sunt divisa, opera trinitatis ad extra sunt indivisa* (As obras da Trindade, para dentro, são divididas; as obras da Trindade, para fora, são indivisíveis. (tradução nossa)). Contudo, Agostinho trataria das relações ou atividades das pessoas trinitárias voltadas para a criação. Em nosso caso, falamos de uma exterioridade dessa exterioridade agostiniana: a Palavra que toca externamente o que está fora da Trindade, isto é, a criação. Cf. “O agir de Deus para fora”. PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 27-37.

### 3.6 O HUMANO COMO IMAGEM DE DEUS

Em Gênesis 1:26, primeira referência bíblica à imagem de Deus, lemos:

Então Deus determinou: 'Façamos o ser humano à nossa imagem, de acordo com a nossa semelhança. Dominem eles sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais e todas as feras da terra, e sobre todos os pequenos seres vivos que se movem rente ao chão!'.<sup>360</sup>

No texto hebraico, os vocábulos para "imagem" e "semelhança" são, respectivamente, *צֶלֶם*<sup>361</sup> e *דְמוּת*<sup>362</sup>. O sentido exato dos termos e, conseqüentemente, da expressão que, a partir deles, constrói-se no escrito mosaico, tem suscitado ampla e permanente discussão.

Pannenberg afirma que

O termo figurativo usado em Gn 1.26s. (*tsalem*) designa especificamente a imagem do Deus, a estátua do Deus (cf. 2 Rs 11.18; Am 5.26). A expressão *d'mut* é um plural abstrato e significa 'semelhança'. [...] Se acaso existir uma diferença, então antes seja no sentido de que *d'mut* restringe a correspondência da imagem com o retratado, que está presente por meio da imagem, a uma simples semelhança.<sup>363</sup>

À conclusão pannenbergiana corresponde, justamente, a afirmação de Walter Wolff. Acerca da função do termo *דְמוּת*, Wolff propõe: "Talvez ele queira impedir o equívoco de que a correspondência só significasse identidade e não também diferença na semelhança"<sup>364</sup>.

Contudo, Pannenberg não ignora que,

Quanto à relação existente entre os dois termos, a pesquisa exegética tende, em sua maioria, para a opinião de que não se pode reconhecer entre eles uma diferença de significado.<sup>365</sup>

Exemplifica-o, contemporaneamente, extensa nota de rodapé da Bíblia King James, em meio à qual se lê: "[...] As expressões 'imagem' e 'semelhança' são sinônimos, tanto no AT (Gn 5.1; 9.6) quanto no NT (1Co 11.7; Cl 3.10; Tg 3.9) [...]"<sup>366</sup>.

<sup>360</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 9.

<sup>361</sup> Translit. *selem*.

<sup>362</sup> CHOURAQUI, 1995, p. 44. Translit. *dəmut*.

<sup>363</sup> PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 293.

<sup>364</sup> WOLFF, 2007, p. 247-248.

<sup>365</sup> PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 293-294.

<sup>366</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 9. [sic].

Admitida, ou não, a sinonímia, em nosso caso permanece ignoto o sentido propriamente dessa imagem/semelhança.

No entanto, de pronto a expressão revela que o ser humano não existe por si, não é outra coisa senão resultado de certa relação do Criador com sua criação. Ele é sua imagem, sua representação, e deve ser entendido, justamente, “a partir de sua relação especial com Deus”<sup>367</sup>. A imagem divina é, portanto, intrínseca, consubstancial ao humano. Sobre isto falaremos mais detidamente no ponto “Espiritualidade”.

Embora seja certo que a imagem de Deus queira aparentar “o retratado que é representado”<sup>368</sup>, perguntamos: de que maneira Deus se faz representar? Consideremos certas hipóteses:

### 3.6.1 Domínio

Esta grande e honrável coisa que é o homem não havia ainda encontrado lugar na criação. De fato, não era conveniente que o chefe aparecesse antes das coisas sobre as quais teria comandado. Mas não era senão depois da preparação de seu reino que devia logicamente ser revelado o rei, quando o Criador do cosmo tivesse por assim dizer preparado o trono daquele que devia reinar.<sup>369</sup>

Em Gênesis 1.26, imediatamente após a menção do serem feitos<sup>370</sup> “imagem e semelhança”, lemos a ordenação divina: “Dominem eles”.

Então Deus determinou: ‘Façamos o ser humano à nossa imagem, de acordo com a nossa semelhança. Dominem eles sobre os peixes do mar [...]’.<sup>371</sup>

Ora, a função de domínio sobre a criação estaria, por si mesma, atribuindo sentido ao ser imagem de Deus? Wolff defende-o taxativamente, ao se pronunciar sobre o humano: “Justamente como dominador ele é imagem de Deus”<sup>372</sup>.

---

<sup>367</sup> WOLFF, 2007, p. 245.

<sup>368</sup> PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 294.

<sup>369</sup> GREGÓRIO de Nissa, 2011, p. 35.

<sup>370</sup> Apesar de Gênesis 1.26 referir-se objetivamente à criação de Adão, Eva, bem como toda a raça humana, ali estão representadas. Cf. versos 27-28.

<sup>371</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 9.

<sup>372</sup> WOLFF, 2007, p. 247.

O ser humano seria representação do domínio de Deus sobre a criação. Por meio dele o Eterno manteria o universo sujeito a Si. “[...] o ser humano deve **manter aberto o espaço para o domínio de Deus no mundo** e preparar-lhe o caminho”<sup>373</sup>.

Ressalte-se que a atual crise ecológica, como recorda Pannenberg, não pode ser atribuída à ordenação bíblica do domínio sobre as coisas criadas. O motivo dessa impossibilidade é a insensatez de uma franca contradição histórica:

A moderna sociedade industrial tem sua base na cultura secular da modernidade, que, depois das guerras religiosas dos séculos XVI e XVII, se separou de suas raízes históricas do cristianismo. [...] O secularismo moderno não pode gloriar-se simultaneamente da emancipação de amarras religiosas e imputar a responsabilidade pelas consequências de sua absolutização da ambição terrena de posse àquelas origens religiosas de cujas restrições ela se desfez.<sup>374</sup>

Além de historicamente insustentável, culpabilizar a fé cristã ou a Bíblia pelo mau uso da criação é desconhecer que o domínio humano, segundo divinamente ordenado, exercer-se-ia com nobreza indizível, como límpida expressão da glória divina, conforme apontada no Salmo 8:5-6.

Tu o fizeste um pouco menor do que os anjos e **o coroaste de glória e de honra. Tu o fizeste dominar** sobre as obras das tuas mãos; tudo sujeitaste debaixo dos seus pés.<sup>375</sup>

O humano, nascido de Deus e a Ele conformado, recebe o sopro de Adonai e é posto de pé. De pé para reinar. Essa ideia encontra-se implícita na expressão “tudo sujeitaste debaixo dos seus pés”:

[...] o sentido da coroação do ser humano é visto no fato de que ele ‘domine’ (משל) as obras do poder criador de Deus, sendo ‘tudo posto sob os seus pés’.<sup>376</sup>

Mesmo conceito parece constante na patrística grega, tendo em Gregório de Nissa (ca. 335–394) um de seus grandes porta-vozes:

A Escritura examina tudo cuidadosamente por antecipação, para mostrar que o homem obterá uma dignidade anterior ao seu nascimento, visto que obteve a hegemonia sobre os seres antes de chegar [ele mesmo] à existência. De fato, diz Moisés: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança; que ele comande aos peixes do mar, às feras da terra, aos pássaros do céu, a todos

<sup>373</sup> PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 293. [grifo nosso].

<sup>374</sup> PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 295.

<sup>375</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1021. [grifo nosso].

<sup>376</sup> WOLFF, 2007, p. 247.



os animais e a toda a terra”. Que coisa admirável! O sol é criado e nenhuma deliberação precede! E assim acontece para o céu. Entretanto, nada os iguala na criação. Com uma só palavra essas maravilhas subsistem, e o discurso sagrado não indica nem donde vêm, nem como, nem outras coisas do gênero.<sup>377</sup>

Entretanto, não estaria a semelhança do humano com Deus estabelecida como pressuposto, como antecedente, para exercício do domínio? Assim, em lugar de, por si própria, servir de predicado ao ser imagem de Deus, a função de domínio decorreria desta. Voltaríamos, então, a perguntar, uníssonos com Pannenberg:

Se, portanto, a semelhança do ser humano com Deus constitui o critério para sua destinação para o domínio [...] no que consiste então essa semelhança de Deus propriamente dita?<sup>378</sup>

Noutros termos, a imagem não consistiria no exercício do domínio, mas lhe serviria de fundamento. A fim de exercer autoridade, o humano teria sido dotado da *Imago Dei*: potências específicas, quiçá exclusivas, imprescindíveis à função de mando. Isto nos remete ao ponto seguinte.

### 3.6.2 Espiritualidade

[...] aquele que, em sua imensa riqueza, é hóspede de nossa natureza, decora, antes de tudo, a casa com belezas de todo gênero e prepara um variado e magnífico festim; então ele introduz o homem para lhe confiar não a aquisição de bens que ele não teria ainda, mas o regozijo daqueles que se lhe oferecem. E, por essa razão, lança nele dois princípios de criação, misturando o terreno com o divino, a fim de que, através de ambos, tenha de maneira congênere e familiar o regozijo de um e de outro: de Deus através de sua natureza mais divina, dos bens terrenos através da sensação, que é da mesma ordem que esses bens.<sup>379</sup>

Na Suma Teológica, um dos escritos fundamentais da filosofia escolástica, ao discorrer sobre a simplicidade de Deus, Tomás de Aquino (1225-1274) debate sobre “Se Deus é corpo”. Desenvolvendo o argumento de que, “absolutamente, Deus não é corpo”, o pai do tomismo progride dialeticamente, primeiro contradizendo, depois reafirmando sua tese:

Todo figurado é corpo, pois a figura é qualidade quantitativa. Ora, Deus é figurado, como escreve a Escritura (Gn 1, 26): *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*; e a figura se chama imagem, segundo o Apóstolo

<sup>377</sup> GREGÓRIO de Nissa, 2011, p. 36.

<sup>378</sup> PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 296.

<sup>379</sup> GREGÓRIO de Nissa, 2011, p. 36.

(Heb I, 3): *sendo o resplendor da glória e a figura da sua substância*, i. é, a imagem. Logo, Deus é corpo. [...]

O homem é considerado imagem de Deus, não pelo corpo, mas pelo que o torna mais excelente que os outros animais; por isso a Escritura, depois de ter dito (Gn I, 26): *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*, acrescenta: *O qual presida aos peixes do mar*, etc. Ora, o homem é mais excelente que todos os animais, pela razão e pelo intelecto. Donde, pelo intelecto e pela razão, que são incorpóreos, é a imagem de Deus.<sup>380</sup>

São Tomás parece intuir que, apesar de terem corpos, nunca os animais são mencionados como “imagem”. Não é em nada que se possa chamar corpóreo que a imagem/semelhança reside. Caracteres incorpóreos, ou imateriais, seriam a base da similitude humana com Deus, tais como intelecto e razão, traços exclusivos considerados essenciais à comunhão com a divindade; traços em meio aos quais as virtudes morais pudessem crescer com viço. Séculos mais tarde, Calvino afirmaria, similarmente:

A fim de chegarmos a um sólido conhecimento de nós mesmos, em primeiro lugar temos de lançar mão do fato de que Adão, o pai de todos nós, foi criado ‘à imagem e à semelhança de Deus’ (Gênesis 1.26, 27). Equivale dizer que ele foi adornado com sabedoria, justiça e santidade, e foi de tal modo unido a Deus por esses dons da graça de Deus que poderia ter vivido eternamente nele, se houvesse permanecido inabalável na integridade que Deus lhe outorgara.<sup>381</sup>

Ora, verdadeiras “sabedoria, justiça e santidade” não podem prescindir do intelecto e da razão, e necessitam anteceder quaisquer manifestações de autoridade destinadas a retratar a imagem divina. Essas virtudes morais, fundadas na razão, enquanto origem e propósito da relação do humano com a divindade, são mencionadas por Calvino como imagem e semelhança de Deus.

Nascido representante de Deus no mundo, manifestamente o humano não poderia exercer autoridade autônoma. Sequer a vida foi nele autogerada; sua existência é dependente de Deus e, bem assim, seu governo. Desde o começo, e em toda sua extensão, é o Criador, com exclusividade, a “fundamentação da posição dominante do ser humano”<sup>382</sup>.

---

<sup>380</sup> TOMÁS de Aquino, Santo. *Suma Teológica*. [S.l.]: Alexandria Católica, [entre 1265 e 1273], p. 132-133.

<sup>381</sup> CALVINO, 2009, p. 37-38.

<sup>382</sup> PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 294.

Para além da racionalidade, como elemento no qual esta se contém, encontrar-se-ia a espiritualidade, a comunhão substancial com Deus, dizem-no teólogos contemporâneos. A espiritualidade seria a condição originária da própria razão e das virtudes; ali estaria caracterizado propriamente o ser imagem e semelhança. Pannenberg assinala, quanto ao sentido dessa espiritualidade, sutil variação entre os conceitos reformado e contemporâneo de imagem:

Embora a teologia reformatória enxergasse a verdadeira essência da similitude com Deus na atual comunhão do ser humano com Deus [...], não obstante também foi admitido pelos luteranos posteriores que a espiritualidade da alma humana se encontraria na base de sua similitude com Deus, no sentido restrito da palavra; respectivamente representaria sua sede.<sup>383</sup>

Ser um ente espiritual, dotado de razão e virtudes, capaz de se relacionar com o Deus que é espírito, e dele ser íntimo, faria do humano imagem e semelhança do Criador. Nesse sentido, para Emmil Brunner (1889-1966), teólogo suíço, reformado, professor de teologia sistemática em Zurique, o ser humano estaria caracterizado como o acolhedor da palavra de Deus.

Como o ser gerado pela Palavra de Deus implica o ouvir e o crer na Palavra — e portanto uma relação espiritual com a Palavra de Deus —, assim também a criação originária do homem na Palavra de Deus é tal que faz dele não só um produto, mas também um acolhedor da Palavra de Deus.<sup>384</sup>

A imagem estaria ligada à própria vivência do ser humano feito a partir da palavra, e que se mantém vivendo a partir dela. Estaria excluído dessa parecença o corpo humano e, por conseguinte, tudo o que pudesse estritamente a ele se ligar, como o comer, o vestir, o repousar. Contudo, quanto à afirmação de Gn 1:26, afirma Pannenberg:

Esta se refere ao ser humano em seu todo, sem diferenciação em corpo e alma e sem (nem mesmo primariamente) localização da similitude com Deus na alma.<sup>385</sup>

Entretanto, tendendo a crer que תְּבִינֵנוּ aponta justamente para a não igualdade, para uma imagem parecida, a corporeidade do ser humano poderia integrar a *Imago Dei*, apontando, ao menos figurativamente, Àquele que é espírito. Pannenberg lista

<sup>383</sup> PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 298.

<sup>384</sup> BRUNNER, Emil. 1965 apud MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979-1980, v. 2, p. 56.

<sup>385</sup> PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 298-299.

Eberhard Jüngel (1934-2021), Ludwig Köhler (1880-1956), Hermann Gunkel (1862-1932) e outros, como expoentes desse pensamento.

A plasticidade da idéia da imagem é tomada em consideração, antes, na proposta de se reconhecer a similitude do ser humano com Deus em sua figura ereta, que confere uma expressão visível a sua destinação para dominar.<sup>386</sup>

O humano, nascido de Deus, e a Ele conformado, recebe o sopro de Adonai e é posto de pé, para reinar. Voltemos ao Salmo 8:6: “Tu o fizeste dominar sobre as obras das tuas mãos; tudo sujeitaste debaixo dos seus pés”<sup>387</sup>.

Perguntamos, porém, pela condição precípua dessa unidade com Deus, essa espiritualidade, e o subsequente reinado. Este se daria por meio de determinados indivíduos, por homem ou mulher, ou apenas por nossos primeiros pai e mãe? A *Imago Dei* é inerente a todo humano em sua singularidade, ou pertence ao humano em suas relações interpessoais, isto é, à coletividade de pessoas humanas?

### 3.6.3 Coletividade

Não convém aos humanos a solidão. “Não é bom que o ser humano viva sem a companhia de um semelhante”<sup>388</sup>. Sobre o porquê dessa inadequação, à luz da análise barthiana de Gênesis 1:27, comenta Hans Wolff:

Ao relato duplo da execução da decisão de Deus se acrescenta uma explicação de como estava formada a humanidade criada segundo a imagem de Deus: com dois sexos. Karl Barth chamou a explicação de 27b de uma explicação ‘quase definidora’ do texto de 27a. Os seres humanos podem-se complementar amorosamente. Conviver assim e não em guerra uns com os outros é uma pressuposição essencial do êxito da administração do mundo que lhes foi confiada. Justamente em sua união, eles são a imagem de Deus.<sup>389</sup>

De fato, no referido verso, a parte *b*: “macho e fêmea os criou.” bem poderia explicar a parte *a*: “Deus, portanto, criou os seres humanos à sua imagem, à imagem de Deus os criou:”, mais ainda se a Trindade pudesse ser considerada. O Deus que jamais esteve só, espírito em quem masculino e feminino se fundam, cria a

<sup>386</sup> PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 299.

<sup>387</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1021.

<sup>388</sup> Gênesis 2:18. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 11-12.

<sup>389</sup> WOLFF, 2007, p. 249.

humanidade coletiva, a conjugalidade na qual homem e mulher são mutuamente correspondentes.

Eva é a parte de Adão que este jamais conheceria se não fosse posta diante dele. É sua “porção”, em cuja companhia ele se acha inteiro, completo. Adão é a origem, o todo do qual Eva provém, e para o qual quer retornar. Em amor, eles poderiam cumprir seu chamado para governar. Multiplicar-se-iam com vistas à total sujeição do mundo, por meio deles e de sua descendência, ao governo divino. Em amor recíproco revelariam Deus.

Mas, somente enquanto fossem um, fariam-no? Somente como casal? Como se poderia conciliar a *Imago Dei* com aqueles e aquelas, nascidos e nascidas para o eunuquismo<sup>390</sup>, chamados e chamadas à não conjugalidade?

Mesmo o Deus que nunca esteve sozinho em suas manifestações para fora, no cumprimento de seu plano salvífico, revela-se como pessoas individuais. Exemplificam-no as descidas do Espírito no Antigo Testamento. É o Espírito de Deus, que mais tarde os cristãos também nomeariam Espírito de Cristo<sup>391</sup>. Mas, embora unido ao Pai e ao Filho, tal unidade não se encontrava expressamente visível nessas descidas.

A doutrina trinitária, embrionária no Antigo Testamento, não serviria, portanto, de substrato à percepção da *Imago Dei* como coletividade ou unidade. Por todo o Antigo Testamento, ao menos parte da *Imago Dei* permaneceria irreconhecível; pois como o coletivo seria imagem do Único? Como a união de homem e mulher referenciaria o Um?

De outro lado, se não for paralelizada propriamente com a trinitariedade da essência divina, mas apenas com o que une Deus e sua criação, bem como os humanos entre si, a *Imago Dei* será o mesmo que *Imago Amoris*<sup>392</sup>. Pois o elemento vinculador dessas relações é o amor. Retornemos, então, à citação que Wolff faz de Barth, levantando outras questões.

---

<sup>390</sup> No dizer de Cristo, em Mateus 19:12, há aqueles e aquelas que a divina providência escolheu para tal, e que, portanto, somente assim vivendo, cumprem sua vocação.

<sup>391</sup> Cf. Romanos 8:9-11.

<sup>392</sup> Em latim, “Imagem do Amor”. (tradução nossa).

Conviver assim e não em guerra uns com os outros é uma pressuposição essencial do êxito da administração do mundo que lhes foi confiada. Justamente em sua união, eles são a imagem de Deus.

Seria possível aos seres humanos, tão só a partir do amor, trabalharem unidos e exitosos na “administração do mundo”? Não lhes seriam necessárias também a razão, a imaginação, a espiritualidade e tantos outros elementos igualmente essenciais? Fora possível o êxito da pessoa puramente racional, do autômato frio, mostrar-se-ia tão ou até mais surpreendente o da figura puramente passional, o de alguém “apenas amor”.

Do equilíbrio das virtudes depende o êxito da missão. Se a *Imago Dei* visa a governança universal, é de natureza ampla. É a síntese equilibrada do amor e de todas as demais virtudes divinas, compartilhada com o humano.

### 3.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Regressemos à pergunta fundante deste capítulo: “[...] que é um mortal, para dele te lembrares, e um filho de Adão, que venhas visitá-lo?”<sup>393</sup>, inquire o salmista. As respostas que encontramos sintetizam-se numa potente reversão: Que é o humano para que dele te esqueças, um filho ou filha de Adão, para ser deixado por ti? Oh, inolvidável e inevitável ser humano!

O sopro, ação personalíssima e exclusiva de Deus na feitura do ser humano, fez deste uma palavra divina ao mundo, expressão da própria vida de Deus ante a criação.

O antecedente de toda verbalização é o sopro. Se o Filho é a eterna Palavra de Deus, os filhos e filhas de Deus são um sopro, uma semipalavra<sup>394</sup> que se fará, um dia, palavra perfeita.

Deus faz homem e mulher da modelação e do sopro, conformando-os a si. As criaturas não humanas, por sua vez, da ordem de que passem a existir da matéria pré-existente ou, na melhor das hipóteses, a partir de “modelação impessoal”<sup>395</sup>. Sua condição distingue-se de tal modo da do ser humano, que este sequer lhes pode

<sup>393</sup> Salmo 8:5. A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 954.

<sup>394</sup> Aludimos a um conceito fonético da língua portuguesa e de outras línguas: a semivogal. Há sons de vocalização fraca; em nosso contexto, “palavras” semienunciadas.

<sup>395</sup> Cf. Gênesis 2:19.

transferir a imagem que Deus lhe atribuiu. Mesmo aquilo feito à semelhança do humano jamais é considerado semelhante a Deus<sup>396</sup>.

A singularidade humana encontra-se expressa, portanto, no sopro personalíssimo e na afirmação categórica do Criador, a qual antecede seu ato criativo: “Façamos o ser humano à nossa imagem”. Devemos supor que estes fatores exclusivos atuem sinergicamente.

O humano é imagem de Deus por que sua vida vem do sopro? Ora, toda a criação, embora não sendo necessariamente nascida do sopro personalíssimo, já não foi feita à imagem de Deus, em sentido geral? Feita conforme o Filho? Não é ela marcada pela fecundidade e variedade, quem sabe, infinitude, em sua semelhança com o Filho?

As belas artes, singularmente, já enalteceram essas virtudes da criação. No acervo digital da Galeria Americana de Arte encontramos, na biografia de Asher Brown Durand (1796-1866), um dos fundadores e expoente da chamada Escola do Rio Hudson<sup>397</sup>, escritas contundentes do pintor: “Que [o artista] aceite escrupulosamente tudo o que [a natureza] lhe apresenta, até que ele, nalgum grau, tenha se tornado íntimo de sua infinitude... que ele nunca profane a santidade dela, afastando-se deliberadamente da verdade.”<sup>398</sup>, e “A verdadeira porção da arte paisagista é a representação da obra de Deus na criação visível [...]”<sup>399</sup>.

Em artigo da Biblioteca de Recursos da Sociedade de História de Nova Iorque<sup>400</sup> sobre o paisagismo de Durand, é-nos dito que o artista Thomas Cole (1801-1848), seu mentor, “[...] exaltou a beleza natural e a grandeza das cordilheiras do

---

<sup>396</sup> Cf. Romanos 1:23.

<sup>397</sup> Ademais, “Durand foi um dos fundadores da Academia Nacional de Design (1826), presidindo-a de 1845-1861”. *Durand was one of the founders of the National Academy of Design (1826) and was its president, 1845–61*. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *Asher B. Durand: American artist*. Encyclopedia Britannica, 13 set. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Asher-B-Durand>>. Acesso em: 06 dez. 2021. (tradução nossa).

<sup>398</sup> *Let [the artist] scrupulously accept whatever [nature] presents him until he shall, in a degree, have become intimate with her infinity...never let him profane her sacredness by a willful departure from truth*. ASHER Brown Durand: 1796–1886. American Art Gallery. Disponível em: <<http://americanartgallery.org/artist/readmore/id/37>>. Acesso em 22 out. 2021. (tradução nossa).

<sup>399</sup> *[T]he true province of Landscape Art is the representation of the work of God in the visible creation...* ASHER Brown Durand: 1796–1886. American Art Gallery. Disponível em: <<http://americanartgallery.org/artist/readmore/id/37>>. Acesso em: 22 out. 2021. (tradução nossa).

<sup>400</sup> *The New York Historical Society*. (tradução nossa).

interior de Nova York e Nova Inglaterra, que ele viu como as ‘obras imaculadas’ de ‘Deus, o Criador’<sup>401</sup>.

Mas, embora a criação revele Deus, o próprio do ser humano é portar a *Imago Dei* em sentido específico. Quiçá a sinonímia entre צֶלֶם (a imagem do Deus, a estátua do Deus) e דְמוּת (um plural abstrato [...] significa ‘semelhança’)<sup>402</sup> seja ilusória: por fora, como toda exterioridade do mundo; por dentro, em sua realidade abstrata, parecido com a Trindade e estranho ao mundo. É certo, porém, que somente no humano operem as virtudes “internas” do Filho, como a espiritualidade, o amor, a razão, a imaginação<sup>403</sup>. Pois enquanto a criação é, externamente, filiomórfica, pela Palavra que cria externamente, somente o humano é internamente filiomórfico, pelo sopro que nele atua interna e exclusivamente.

De fato, por todo este mundo material, somente o humano parece possuir interioridade<sup>404</sup>. Somente os seres humanos, homens e mulheres, portando, desse modo, a *Imago Dei*, estão destinados a serem filhos e filhas de Deus; habilitados a comungar com, e a revelar, seu Criador, amando uns aos outros; prontos a receberem, no reino de justiça<sup>405</sup> de seu Pai, glória e imortalidade.

Em vista dessas coisas, consideremos propriamente o milagre da adoção como filhos e filhas de Deus: a *Huiiothesía*.

---

<sup>401</sup> [...] extolled the natural beauty and grandeur of the mountain ranges of upstate New York and New England, which he viewed as the ‘undefiled works’ of ‘God the Creator’. VEDDER, Lee A. *Heeding the Call of Nature: Asher Brown Durand’s Communion with the American Landscape*. Disponível em: <<http://www.tfaoi.com/aa/6aa/6aa4d.htm>>. Acesso em: 22 out. 2021. Traduzido, o título do artigo seria: “Atendendo ao chamado da natureza: a comunhão de Asher Brown Durand com a paisagem americana”. (tradução nossa).

<sup>402</sup> PANNENBERG, 2009, v. 2, p. 293.

<sup>403</sup> Segundo RYRIE, Charles C. *Teologia Básica: ao alcance de todos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, p. 220, “[...] a imagem de Deus na qual o homem foi criado incluía a totalidade de um ser que era: vivo, inteligente, determinado e moral”.

<sup>404</sup> Quando o Verbo se encarna, parece exibir as mesmas potencialidades internas que os demais seres humanos. É chamado “último Adão”, em tudo semelhante ao primeiro homem antes da queda, distinto deste mormente pelo poder. Cf. 1ª aos Coríntios 15:45-47, conf. João 6:38.

<sup>405</sup> Cf. Salmo 89:14.



## 4 FILHOS E FILHAS DE DEUS – ADOÇÃO OU *HUIOTHESÍA*

### 4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No capítulo anterior, tratamos da *Imago Dei* como constituinte essencial do humano, o que nos permite, agora, adentrar o processo adotivo. Vai-se delineando uma suposição que, confirmada, mostrar-se-á fulcral: ser feito imagem e semelhança de Deus não define o ser humano, de pronto, como filho de Deus. A *Imago Dei* é, “de direito”, *Imago Filii*, o pressuposto para a filialidade “de fato”, a condição humana mais original de sua filiação divina.

Se, no caso específico de Adão e Eva, a *Imago Dei* era sinônima da filialidade efetiva, no advento da queda, ruptura com a palavra de Deus, a imagem corrompida foi transformada numa quase-lembrança; restou um vestígio<sup>406</sup>.

Desde então, “A própria natureza criada aguarda, com vívido anseio, que os filhos de Deus sejam revelados.”<sup>407</sup>, pois foi “[...] submetida à inutilidade [...]”<sup>408</sup>, sujeita à perda de objetivo, a qual é “ματαιότης [...]”<sup>409</sup> vaidade, [...] a inabilidade em alcançar um alvo ou resultados [...]”<sup>409</sup>. Natureza e seres humanos permanecem unidos na queda e no anseio por restauração. E a consumação deste eflui da consumação dos humanos.

A efetivação da filiação se dá em meio a esta era pela fé no Unigênito, em quem todos os seres humanos são chamados à salvação:

Aquele que é a Palavra estava no mundo, e o mundo foi feito através dele, mas o mundo não o reconheceu. Ele veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, ou seja, aos que crêem no seu Nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.<sup>410</sup>

É certo que, como dizia a igreja dos primórdios, “[...] Deus, nosso Salvador, [...] deseja que todas as pessoas sejam salvas e cheguem ao pleno conhecimento da

---

<sup>406</sup> Segundo Romanos 3:23, “[...] todos pecaram e carecem da glória de Deus”. Em nota de rodapé, comenta a KJA: “Ao pecar [...], o ser humano se encontra em falta perante o ideal para o qual Deus o criou (Is 43.7). A glória que o homem possuía e desfrutava antes da Queda [...], o cristão sincero voltará a ter por intermédio de Jesus Cristo [...]”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2179.

<sup>407</sup> Romanos 8:19. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2189.

<sup>408</sup> Romanos 8:20. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2189.

<sup>409</sup> RIENECKER, 1995, p. 269. Translit. *mataiotes*.

<sup>410</sup> João 1:10-13. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2023.

verdade”<sup>411</sup> e, igualmente certo, que ele realiza esse chamado, em especial, por meio de seus mensageiros e mensageiras.

Porque: ‘Todo aquele que invocar o Nome do Senhor será salvo!’ No entanto, como invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram falar? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: ‘Como são maravilhosos os pés dos que anunciam boas novas!’<sup>412</sup>

É preciso ouvir o grande chamado universal, e dar-lhe eco. Deus chama os seres humanos junto a si. Quer filhos e filhas. Considerando essa convocação, buscaremos vislumbrar os resultados da aquiescência, da rendição a ela. Quais os efeitos da fé no Unigênito? No que implica, propriamente, a adoção espiritual como filho ou filha de Deus, e de que maneira essa relação equivale àquela filiação primeira, a do Filho Eterno?

## 4.2 ADOÇÃO<sup>413</sup>

- Myeisha!
  - Sim, senhor.
  - Onde você tem dormido?
- Pensando um pouco, ela respondeu:
- Onde me aceita alguém, senhor. Mas quase sempre aqui neste chão santo. - E você gostaria de ter só uma casa? A sua casa?
- Os olhos da pequena brilharam, e o sorriso se abriu tão natural quanto se ela estivesse mergulhada num lindo sonho.
- Sim, senhor. Eu gostaria muito de não encontrar a fome ou o frio. Às vezes não acho comida em nenhum lugar. Seria muito bom ter só uma casa!<sup>414</sup>

<sup>411</sup> 1ª a Timóteo 2:3 e 4. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2358.

<sup>412</sup> Romanos 10:13-15. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2195.

<sup>413</sup> Doravante, ao falarmos de adoção, geralmente utilizaremos as expressões a seguir com os sentidos indicados: “adoção espiritual” – remetendo-nos ora ao “novo nascimento” gerado pelo Espírito de Deus (João 3:3-5), ora à participação humana na geração e/ou cuidado de um discípulo, segundo a ordem de Cristo: “Portanto, ide e fazei discípulos de todos os povos [...]” (Mateus 28:19). A BÍBLIA Sagrada, Edição Contemporânea. Flórida, EUA: Vida, 1995, p. 36; “adoção natural” – referindo-nos ao instituto da adoção civil, ou ao abraçamento da defesa de crianças à espera da adoção civil; simplesmente “adoção” – mormente para nos referirmos, a uma vez, à adoção em ambas as esferas: espiritual e natural.

<sup>414</sup> Trecho de romance que vimos produzindo desde 2010. Nele, Myeisha, menina de onze anos, moçambicana, é adotada por um casal de missionários brasileiros.

A adoção consiste no exercício de percepção do outro que, sem consanguinidade, é sanguíneo<sup>415</sup>; sem vínculo gestacional, humanidade; tendo diferente rosto, é de mesma espécie.

A origem latina de “adoção”, o termo *adoptio*, “que significa dar seu próprio nome a, pôr um nome em”<sup>416</sup>, possui, como se deveria esperar, grande proximidade de sentido com o grego neotestamentário:

*huiiothesia* [...], formado de *huios*, “filho” e *thesis*, “posição”, cognato de *tithemi*, “pôr”, significa o lugar e condição de filho dados àquele a quem não lhe pertence por natureza. **A palavra só é usada pelo apóstolo Paulo.**<sup>417</sup> [sic].

<sup>415</sup> Partimos da crença na ascendência adâmica, segundo a qual todos os humanos derivam de um único casal (Adão e Eva), tendo, portanto, mesmo sangue. Afirma-o categoricamente, por exemplo, o texto de Atos 17:26 – “De um homem, ele fez todas as nações que vivem sobre a face da terra [...]”. STERN, David H. *Bíblia Judaica Completa: o Tanakh [AT] e a B’rit Hadashah [NT]*. São Paulo: Vida, 2010, p. 1375. Optamos pela versão da Bíblia Judaica pela referência direta do texto de Atos à narrativa veterotestamentária. Ademais, a KJA utiliza o termo “raças”, em lugar de “nações” ou “povos”, o que nos parece destoar da própria história bíblica, segundo a qual de um único casal derivou a **raça** humana. Para o grego ἔθνος, sempre as traduções que encontramos foram “nação”, “povo”, ou mesmo “tribo”, “multidão”, “companhia” ou “tropa”; jamais, “raça”. Cf. GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento: Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 63, MOUNCE, William D. *Léxico analítico do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 206, e STRONG, 2002, p. 2205. E, quanto ao que chamaríamos contemporaneamente de papéis raciais, diria Derek Kidner: “Mas os papéis raciais são invalidados no Novo Testamento, ‘onde não pode haver grego nem judeu, ... bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo e em todos’ (Cl 3:11, RSV, AA). Qualquer tentativa de graduar os ramos da humanidade apelando para [Gênesis 9:] 25-27 é, portanto, uma reconstrução daquilo que Deus demoliu [...]”. KIDNER, Derek. *Genesis: Introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p. 96.

<sup>416</sup> LIBERATI, Wilson Donizeti. *Adoção Internacional*. São Paulo: Malheiros, 1995, p. 13.

<sup>417</sup> VINE, 2006, p. 374. [grifo nosso]. Esta citação repete e amplia a nota 12. Frisamos que, ao longo deste trabalho, não discorremos exaustivamente sobre os termos *huiós* e *thesis* em separado, discutindo questões como: “[...] João reserva *huiós* para Cristo e usa *tékna* para os crentes, como sendo aqueles que nasceram de Deus”. KITTEL, Gerhard. *Dicionário teológico do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 2, p. 611. [grifo do autor]. Não nos propomos a uma semântica descritiva ou histórica desses termos-chave, particularmente *huiós*, policiando-nos quanto ao risco de nos tornarmos difusos. Para a análise semântica deste último termo, recomendamos a leitura de *huiós [filho]*, *huiiothesía [adoção]*, In KITTEL, 2013, p. 603-619. No percurso desta pesquisa, cremos ser bastante ter em vista, em *background*, a análise pormenorizada do termo derivado, como segue: “**huiiothesía**. 1. O mundo grego. a. Pressuposições legais. Essa palavra tardia significa ‘adoção como filho’. Na Grécia antiga, a adoção frequentemente é informal, mas pública. É um modo de atender a ausência de herdeiros, acessível somente a cidadãos de descendência legítima [...]. b. Pressuposições religiosas. [...] na mitologia, Hércules é adotado por Hera em um nascimento simulado para conferir a ele legitimidade após sua apoteose. [...]. 3. O NT. No NT, somente Paulo usa o termo. Seu objetivo é mostrar que a filiação dos crentes não é natural, mas é conferida pela ação divina. O termo pode se referir tanto à ação quanto ao resultado. Em Rm 9.4, com relação a Israel, a adoção está associada ao pacto e às promessas. Ela significa libertação da lei, em Gl 4.5. Em Rm 8.15, a liberdade vem com o espírito de ‘filiação’ em virtude do ato transformador de Cristo. Ef 1.5 remonta a adoção à preordenação de Deus e, assim, não deixa espaço para o orgulho. Em Rm 8.23, a adoção é futura; isso nos ensina que sempre precisamos de Deus, mas também que seu propósito não muda”. KITTEL, 2013, p. 612. [grifo do autor].

É a concessão de status filial àqueles e aquelas que, por si próprios, não eram “capazes de tão grande dignidade e excelência”<sup>418</sup>. Cinco vezes, nas epístolas, a pena de Paulo explicitamente se coloca a desvelar esse mistério. Explícita e exclusivamente. Pois não apenas o termo *huiiothesía*, traduzido como “adoção”, é de uso exclusivo paulino; a doutrina da adoção espiritual “[...] é exclusivamente paulina”<sup>419</sup>.

### 4.3 PAULO E A ADOÇÃO ESPIRITUAL

Se condensássemos as cinco menções explícitas de Paulo sobre adoção espiritual, as vezes em que ele se utiliza do termo técnico *huiiothesía*, num só e grandioso parágrafo, teríamos algo como:

Mesmo antes da fundação do mundo, Deus nos elegeu para sermos santos e irrepreensíveis, “E, em seu amor, nos predestinou para sermos adotados como filhos, por intermédio de Jesus Cristo, segundo a benevolência da sua vontade”. Segundo tal propósito, Deus enviou seu Filho “para resgatar os que estavam subjugados pela Lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos”. Portanto, irmãos, vocês são filhos de Deus, guiados por Seu Espírito,

Pois vós não recebestes um espírito que vos escravize para andardes, uma vez mais, atemorizados, mas recebestes o Espírito que os adota como filhos, por intermédio do qual podemos clamar: ‘Abba, Pai!’.

Entretanto, ainda está por se manifestar a plenitude dessa adoção, o que resta claro da agonia em que vive a criação.

E não somente ela, mas igualmente nós, que temos os primeiros frutos do Espírito, também gememos em nosso íntimo, esperando com ansiosa expectativa, por nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo.

Em vista dessa bendita esperança, eu, Paulo, me sujeitaria a ser maldito, se isso fosse útil para que brotasse a fé em Cristo nos meus irmãos, “os quais são israelitas, de

---

<sup>418</sup> CALVINO, 2009, p. 387. Tomamos emprestada referência de João Calvino à adoção em Cristo, para enfatizar que a adoção divina, espiritual e suprema é graça sobremodo excelente e dignificadora.

<sup>419</sup> RYRIE, 2004, p. 354.

quem são a adoção, a glória, as alianças, a promulgação da Lei, o culto e as promessas”<sup>420</sup>.

“Deus nos adotou em Cristo”<sup>421</sup> seria, portanto, a síntese da noção paulina sobre o modo pelo qual Deus se aparentou da humanidade. Nesta perspectiva de vinculação familiar, para quem se entende filho ou filha de Deus, o “Pai de todos”<sup>422</sup>, Pai Supremo, a adoção divina impõe-se como paternidade por meio do Unigênito. Tem-se filiação no Filho.

Na doutrina da adoção espiritual despontam, a partir dos cinco versos citados no grande parágrafo acima, cinco respectivos aspectos implicados no processo adotivo. São eles: a adoção desejada, sonhada, planejada; desejada como um favor de quem adota, livrando de fardos (inclusive legais) quem desfruta da adoção<sup>423</sup>; terceiro, a adoção que conduz a uma nova intimidade; quarto, a adoção que é ansiada com agonia por quem se sabe nascido ou nascida para a filialidade<sup>424</sup>; enfim, a adoção vista como tarefa na qual vale se investir tudo. Posteriormente retomaremos tais aspectos.

Ainda que três das referências diretas de Paulo sobre adoção espiritual constem na epístola *Aos Romanos*, será noutra que ele exemplificará, a partir de sua própria vida, essa doutrina. E, se o apóstolo dos gentios tomou emprestado vocábulo utilizado em sua época para tratar da “adoção” espiritual, vemo-nos livres para adotar o mesmo percurso, examinando a verdade teológica à luz da experiência vivencial. Para analisarmos mais detidamente a perspectiva paulina quanto ao Deus que se relaciona com a humanidade pelo viés adotivo, lançaremos mão, destarte, desse escrito exemplificador, o mais pessoal do apóstolo: sua carta a *Filemom*.

---

<sup>420</sup> Efésios 1:5, Gálatas 4:5, Romanos 8:15, Romanos 8:23 e Romanos 9:4, respectivamente A BÍBLIA Sagrada. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2298, 2289, 2189, 2189 e 2191, respectivamente.

<sup>421</sup> CALVINO, 2009, p. 387.

<sup>422</sup> Efésios 4:6. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2303.

<sup>423</sup> RYRIE, 2004, p. 354: “Em outras palavras, o outro lado da adoção é a libertação da Lei”.

<sup>424</sup> Se estivéssemos a falar de adoção natural, excetuar-se-iam bebês e crianças, os quais ainda não saberiam do instituto da adoção. Seu “saber” ainda não seria consciente. Contudo, bebês e crianças encontram-se em estado de inocência, não carecendo, nesse estágio, da adoção espiritual. Efetivamente, “Jesus colocou os pequeninos numa posição privilegiada ao afirmar que o reino de Deus ‘pertencia’ a eles e que os adultos só entrariam nesse reino caso se tornassem como crianças (Mt 18.1-4; 19.13-15)”. MATOS, Alderi. *Dos tais é o reino dos céus*. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/dos-tais-e-o-reino-dos-ceus>>. Acesso em: 20 out. 2021.

#### 4.4 A EPÍSTOLA DE PAULO A FILEMOM

A mais breve epístola de Paulo<sup>425</sup>, com apenas 335 palavras no original grego, foi escrita de cárcere cuja localização é imprecisa, talvez em Roma, Éfeso, ou em cidade próxima desta última; há controvérsias<sup>426</sup>. Segundo Ralph P. Martin<sup>427</sup>, é unânime, entretanto, a crença na relação da *Epístola A Filemom* com a *Epístola Aos Colossenses*, tomando-se por base aprioristicamente as listas das personagens citadas nas saudações iniciais e finais de ambas. Permanece também irresoluta a data de composição, do que certamente prescindimos para compreender tanto a mente de Paulo quanto o sentido prático da carta.

A *Filemom*, também chamada, por C. H. Dodd, “bilhete pessoal”<sup>428</sup>, é melhor entendida como epístola acerca de questão pessoal, mas de interesse de toda uma comunidade cristã, tendo em vista a citação de Timóteo, já no primeiro versículo, como um dos remetentes, e a associação de Filemom com a igreja em sua casa. Desse modo, deveria ser lida em público.

Em *A Filemom* confundem-se os conceitos de escravidão e de adoção (em Cristo). Embora ontologicamente opostos quanto ao demérito ou prestígio da pessoa, ambos se mostram na epístola implicando autodoação em igual medida. A cultura escravista da antiguidade greco-romano-judaica é desvalorizada ante a essência da fé cristã, o amor, devotado e irrestrito; basta uma leitura superficial para entendermos um pouco mais de “Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus”<sup>429</sup>, homem que sabia o que era amar com amor adotante, cujo desejo profundo se evidenciava, de fazer do amor a primeira regra de conduta dos homens.

O que temos em *A Filemom*, de valor moral inestimável, consiste no correto entendimento da dignidade humana, livre de metodologias do ódio, intolerância e coerção, mas voluntarista, sob a ótica de Cristo, o Salvador de “[...] todo aquele que

---

<sup>425</sup> “Por três vezes o autor chama a si mesmo de Paulo (v. 1, 9, 19). Desde o segundo século, a existência e a autenticidade desta carta têm sido reconhecidas. As evidências internas e externas da autoria paulina são muito fortes”. ALLEN, Clifton J. *Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1988, v. 11, p. 450-451.

<sup>426</sup> ALLEN, v. 11, 1988, p. 451.

<sup>427</sup> MARTIN, Ralph P. *Colossenses e Filemon*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1984, p. 158.

<sup>428</sup> MARTIN, 1984, p. 153.

<sup>429</sup> Filemom 1:1. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2384.

nele crê [...]”<sup>430</sup>; a mudança social é primeiramente individual, depois coletiva; interna, depois externa; fé, depois obras; amor pós amor.

#### 4.4.1 Onésimo, o escravo adotado

No primeiro verso da carta, diferentemente da fórmula de auto-identificação adotada nas outras epístolas por ele escritas, Paulo se apresenta como “prisioneiro de Cristo Jesus”, e não por meio de seu título oficial de apóstolo: “Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, a ti, Filemom, nosso amado cooperador,”<sup>431</sup>.

Ao longo do texto, apesar da brevidade da carta, cinco alusões são feitas aos aprisionamentos paulinos; o escrito se endereçava a um amigo junto a quem o apóstolo pleitearia a causa de um serviçal, em cuja similar posição ele, Paulo, agora se colocava ante o destinatário epistolar, buscando “obter a mais correta compreensão”<sup>432</sup>.

Um criado por nome Onésimo havia delinquido. Fugira, e possivelmente praticara furto em prejuízo de Filemom, seu amo. No verso dezoito, Paulo escreve: “Contudo, se ele te causou algum prejuízo ou te deve qualquer coisa, lança todo o custo na minha conta.”<sup>433</sup>

Entretanto, mediante a pregação de Paulo na prisão, experimentara o novo nascimento<sup>434</sup>, convertera-se a Cristo (“[...] Onésimo, que é meu filho por estarmos unidos com Cristo, pois, enquanto eu estava na cadeia, **tornei-me o pai espiritual dele.**” – vs. 10)<sup>435</sup>.

<sup>430</sup> João 3:16. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2028.

<sup>431</sup> Filemom 1:1. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2384.

<sup>432</sup> *to obtain thereby the more ready compliance*. GLOAG, P. J.; SPENCE, H. D. M.; EALES, S. J. *The Pulpit Commentary*. Thessalonians to Philemon. Londres e New York: Funk & Wagnalls Company, [19- ?], p. 1 de *Philemon*. (tradução nossa)

<sup>433</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2385. O vocábulo traduzido por “causar prejuízo” é flexão do verbo “adikéo” (“agir injustamente, defraudar”. RIENECKER, 1995, p. 490; “cometer um delito, ser culpável”. GINGRICH, 1984, p. 12; “prejudicar, danificar”. CHAMPLIN, 2002, v. 5, p. 460.). Paulo utiliza uma construção cuja forma é hipotética. ALLEN, 1988, v. 11, p. 459., evitando qualquer debate sobre o ex-serviçal, e não nos dá detalhes da(s) infração(ões) cometida(s) (houvera talvez Onésimo, para poder fugir, roubado dinheiro de seu amo). De qualquer modo, pelas leis romanas era devido pelo serviçal, a Filemom, o “trabalho que deveria ter feito”, mas não fez. CHAMPLIN, 2002, v. 5, p. 460.

<sup>434</sup> Cf. a explicação de Jesus em João 3:3-12.

<sup>435</sup> BÍBLIA Conselheira: Novo Testamento: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: SBB, 2011, p. 477-478. [grifo nosso]. Neste verso em particular, esta versão oferece-nos enriquecedora ampliação e simplificação.

Doravante, tornara-se uma bênção em potencial a todo ser humano. No dizer de outra epístola paulina<sup>436</sup>, fora salvo para ser útil<sup>437</sup>. Paulo declara no verso seguinte: “Ele, no passado, te foi inútil; entretanto, agora, é útil tanto a ti quanto a mim.”<sup>438</sup>. Tem-se aqui um belo jogo de palavras: Onésimo (que significa proveitoso, lucrativo, auxiliador ou “útil”)<sup>439</sup>, é citado por Paulo como tendo sido, anteriormente, imprestável a Filemom; porém, agora, útil a ambos. Era como se o apóstolo assegurasse: Onésimo, outrora “O Útil-inútil”, hoje é, a você e a mim, um elemento peculiar e magnamente útil. Contudo, a que o ex-escravo se tornara útil? O que Paulo pediu, por fim, a Filemom? Ainda que a narrativa não o explicita, leva-nos a crer implicitamente que, devido à senilidade<sup>440</sup> do apóstolo prisioneiro, Onésimo seria por ele visto como alguém que simplesmente serviria o apóstolo em suas necessidades básicas de cuidado: “Bem que eu gostaria de mantê-lo comigo, para que em teu lugar me servisse nas algemas que carrego por causa do Evangelho”<sup>441</sup>.

Paulo não estaria apelando a Filemom em benefício próprio? Estaria mesmo pleiteando em favor de Onésimo?

---

<sup>436</sup> Quanto à autoria da epístola citada, a saber, Efésios, Russel Shedd afirma: “Paulo é expressamente o autor desta epístola. Nenhum erudito antigo parece ter discordado dessa opinião [...]”. ANÁLISE e introdução dos livros da Bíblia. In A BÍBLIA Vida Nova. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 318.

<sup>437</sup> Lemos, em Efésios 2:10: “Pois somos criação de Deus, realizada em Cristo Jesus para vivermos em boas obras, as quais Deus preparou no passado para que nós as praticássemos hoje”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2300.

<sup>438</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2384.

<sup>439</sup> DOUGLAS, J. D. et al. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 1145.

<sup>440</sup> No verso nove, Paulo se apresenta como “velho”: “prefiro apelar-te confiado no amor fraternal que há em ti. Eu, Paulo, já velho [...]”. BÍBLIA King James Atualizada, 2002, p. 2384. Alguns intérpretes, como Richard Bentley (1662-1742) e Joseph Lightfoot (1828-1889), supõem que o termo mais consentâneo não seja “presbutês” (“velho”), mas “presbeutês” (“embaixador”); porém, ficamos com a maioria que, segundo Champlin, prefere, pelo apoio textual, o uso de “ancião” ou “velho”. CHAMPLIN, 2002, v. 5, p. 456.

<sup>441</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2384-2385.



Nossa resposta parte de outras perguntas: Não é descabida, a um homem que se sujeitava a prisões<sup>442</sup> devido à pregação do Evangelho<sup>443</sup>, a qualificação como oportunista? Não é essa a epístola na qual Paulo se sujeita a endividamento por amor a Onésimo, ao escrever a Filemom: “Contudo, se ele te causou algum prejuízo ou te deve qualquer coisa, lança todo o custo na minha conta.”<sup>444</sup>?

A epístola, portanto, é, primeiro, inegável manifestação do cuidado amoroso de Paulo por Onésimo. E o sentimento de cuidado paulino pelo escravo fugitivo é fruto de outro mais profundo: Paulo tem em Onésimo um filho. Ele escreve no verso 10: “venho interceder **a favor do meu filho Onésimo**, que gerei enquanto estava na prisão.”<sup>445</sup>

#### 4.4.2 Aspectos gerais da adoção

Faz-se oportuno identificar, pela adoção espiritual de Onésimo, de que maneira Paulo manifesta, em sua carta a *Filemom*, aspectos implicados no processo de adoção espiritual, como anteriormente citados: adoção sonhada; favor que liberta; nova intimidade; agonia; e investimento da vida. Em meio a essa constatação, consideraremos as contribuições que a ação paulina possa oferecer à compreensão da *Huiiothesía*. A cada um dos 5 pontos a seguir ponderaremos sobre a adoção dos humanos como filhos e filhas de Deus.

---

<sup>442</sup> Nos relatos neotestamentários, por diversas vezes o apóstolo dos gentios sofre aprisionamentos devido à pregação do evangelho. Aos coríntios Paulo escreve: “São servos de Cristo? Eu ainda mais, me expresso como se estivesse enlouquecido, pois trabalhei muito mais, fui encarcerado mais vezes, fui açoitado mais severamente em perigo de morte várias vezes.”. 2ª aos Coríntios 11:23. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2274. Atos relata uma fala emocionada de Paulo, em sua despedida dos anciãos da igreja de Éfeso: “Sei, no entanto, que em todas as cidades o Espírito Santo me previne que prisões e sofrimentos estão preparados para mim. Contudo, nem por um momento considero a minha vida como valioso tesouro para mim mesmo, contanto que possa completar a missão e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do Evangelho da graça de Deus.”. Atos 20:23-24. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2143.

<sup>443</sup> Alberto Casalegno, em sua obra “Paulo, Evangelho do amor fiel de Deus”, oferece ampla descrição histórica do uso do termo “evangelho”, da qual citamos pequena porção: “Sabe-se que já na cultura greco-latina o termo é usado para indicar o “alegre anúncio” quer de uma vitória em guerra, quer do nascimento e da entronização do imperador. No tempo que imediatamente antecipa o cristianismo, refere-se, em particular, à boa nova da paz, que, depois de tantas lutas, se realiza no império romano [...] Para Paulo, o evangelho é a boa nova da vinda de Jesus [...] É também a proclamação de que por meio de Jesus se manifesta a gratuidade do amor de Deus [...]”. CASALEGNO, Alberto. *Paulo, Evangelho do amor fiel de Deus: Introdução às cartas e à teologia paulinas*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 181-182.

<sup>444</sup> Filemon 1:18. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2385.

<sup>445</sup> Filemon 1:10. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2384.

#### 4.4.2.1 Adoção planejada, sonhada

Paulo afirma que, mesmo antes da fundação do mundo, Deus nos elegeu para sermos santos, santas, irrepreensíveis. “E, em seu amor, nos predestinou para sermos adotados como filhos, por intermédio de Jesus Cristo, segundo a benevolência da sua vontade,”<sup>446</sup>. Essa é a primeira verdade ao se falar da *Huiothesía*: o ser humano existe para o *status* filial, isto é, não existe para outro fim que não seja a filiação divina.

Quanto aos termos “predestinou” (προορίσας<sup>447</sup>) e “benevolência”, ou “beneplácito” (εὐδοκία<sup>448</sup>), a Chave Linguística do Grego assinala:

προορίσας [...] delimitar uma fronteira antes; preordenar, predestinar [...] O part. é causal, dando a razão da eleição [...]. εὐδοκία [...] beneplácito, satisfação, “bom prazer.” A eleição e predestinação de Deus são um ato livre do amor que é fundamentado totalmente no próprio Deus e não há nada fora dele que contribua com qualquer coisa (Gaugler).<sup>449</sup>

Não há que se duvidar da autonomia absoluta da eleição, posto que realizada antes da fundação do mundo, conforme o verso anterior: “Porquanto, Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença”<sup>450</sup>.

E, se é próprio da divindade determinar os fins antes mesmo de principiar seus atos<sup>451</sup>, presume-se como igualmente certo a adoção filial encontrar, na predestinação, não apenas um conceito, nem mesmo apenas a possibilidade de um *mundo admirável e novo*<sup>452</sup>, mas a própria força propulsora que move as criaturas ao seu destino.

<sup>446</sup> Efésios 1:5. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2298.

<sup>447</sup> Translit. *proorisas*.

<sup>448</sup> Translit. *eudokia*.

<sup>449</sup> RIENECKER, 1995, p. 386. [grifo do autor].

<sup>450</sup> Efésios 1:4. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2298.

<sup>451</sup> Princípio narrado, por exemplo, nas ações de Deus durante a gestação humana, de acordo com o Salmo 139:16: “Teus olhos viam meu embrião, e em teu livro foram registrados todos os meus dias; prefixados, antes mesmo que um só deles existisse!”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1173. Como demonstração do princípio, pode-se mencionar a cura do cego de nascença, sobre quem Jesus tinha dito, quanto à origem divina, pré-natal, de sua cegueira, em João 9:3: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que as obras de Deus fossem reveladas na vida dele”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2044-2045.

<sup>452</sup> Referimo-nos à afamada distopia “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley, publicada em 1932. Na resenha de versão lançada pela editora portuguesa Antígona, a obra é “[...] uma parábola fantástica sobre a desumanização dos seres humanos. Na utopia negativa descrita no livro, o

Quando Deus diz “Façamos o ser humano à nossa imagem, de acordo com a nossa semelhança. Dominem eles [...]”<sup>453</sup>, cria tendo em vista um fim. A *Imago Dei* se dirige ao propósito de governo, ou domínio. Como vimos, não é ela propriamente esse domínio, mas o torna possível, mesmo lícito. Se Deus governa, fá-lo a partir de certos atributos. Como o humano poderia governar sem os possuir, ao menos na medida em que o domínio do mundo os exigisse? A afirmação divina principiando pela *Imago Dei* revela-nos seu fim, ou, pelo menos, qual a precondição para o exercício mundial de governo: ser imagem e semelhança de Deus.

Ora, essa *Imago Dei* é, propriamente, *Imago Filii*<sup>454</sup>,

Porquanto, aqueles que antecipadamente conheceu, também os predestinou para serem semelhantes à imagem do seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos.<sup>455</sup>

Qual destino, senão o encontro com o Filho, fé nele<sup>456</sup> e adoção por seu intermédio, voltada à sua parecença? Cristo é a sorte pessoal e ineludível da humanidade. A Palavra criadora é origem e destino de sua criação, ainda que, quando de sua encarnação, “Aquele que é a Palavra estava no mundo, e o mundo foi feito através dele, mas o mundo não o reconheceu”<sup>457</sup>. Ineludível, embora seja possível oferecer-lhe resistência.

O ser humano, ao abandonar sua função imagético-filial, abdica da *Imago Dei*, tornando-se um simulacro, uma espécie de “imagem dos deuses”. Não sabe mais a que se dirige, volvendo-se a tudo o que se arrogar divino, incluído aí ele próprio, em

---

Homem foi subjugado pelas suas invenções. A ciência, a tecnologia e a organização social deixaram de estar ao serviço do Homem; tornaram-se os seus amos. Desde a publicação deste livro, o mundo rumou a passos tão largos na direcção errada que, se eu escrevesse hoje a mesma obra, a acção não distaria seiscentos anos do presente, mas somente duzentos. O preço da liberdade, e até da simples humanidade, é a vigilância eterna.”. ADMIRÁVEL Mundo Novo. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20140619143253/http://www.antigona.pt/catalogo/admiravel-mundo-novo-233/>>. Acesso em: 23 out. 2021. A predestinação para a filiação, culminando, como veremos, na *Theósis*, é a distopia de toda distopia, ou melhor, utopia para além de toda utopia.

<sup>453</sup> Gênesis 1:26. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 9.

<sup>454</sup> Para que adoção, sendo a *Imago Dei*, propriamente, *Imago Filii*? No primeiro parágrafo da p. 64 afirmamos, sobre a criação de Adão: “O ente que nasce é seu filho”, dando ensejo à nota 195, na qual explicitamos que “Adão era filho natural de Deus”. Esse estado de coisas poderia fazer parecer desnecessária a *Huiiothesía*, ou adoção como filhos e filhas de Deus. Entretanto, no parágrafo anterior ao que deu origem à tal nota, falamos de “potências encravadas num corpo de barro”. Destas “potências”, a maior é a própria filiação. Adão é naturalmente filho de direito.

<sup>455</sup> Romanos 8:29. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2190.

<sup>456</sup> “O fundamento para a eleição é a fé e a base para a condenação é a incredulidade”. BARTH, Karl, 2008, p. 631.

<sup>457</sup> João 1:10. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2023.

sua desfiguração. A *Imago Dei*, um sempre-reflexo, faz do humano, de todo, carecente da realidade divina na qual se inspire e a qual reflita, realidade que ele, tresloucadamente, tenta criar a partir de si. Mas, não sendo possível fazer de si próprio um objeto transcendente, apenas degenera-se a transcendência em simples imanência. Sendo também impossível ao humano projetar a *Imago Dei* em quaisquer das coisas criadas, jamais pode sequer compartilhá-la com apenas uma de suas próprias obras. O humano que não está posto diante Deus, apenas se faz, então, falso deus, criador de deuses falsos, os quais são os alvos de sua pseudotranscendência.

Resta claro que a Palavra criadora e sustentadora não se impõe aos humanos como palavra de salvação. Oferece a si mesma, convocando a humanidade a novamente ouvi-la como Palavra transcendente e salvadora que é. Como tal, replica à pergunta originária “Que é o humano?”, reafirmando sempre, com docílima fúria, *fúria contra a morte da luz*<sup>458</sup>: Filho da Palavra, destinado a ser como ela é. Filho da Palavra, destinado a ser palavra do Filho ao mundo.

Humilde e exaltado, imbuído, diz Karl Barth, de mandado sem mandato<sup>459</sup>, o apóstolo Paulo anuncia essa destinação.

Igual aos demais homens e até abaixo deles, pois vem servi-los, e também, pela investidura que recebeu de seu Rei e Senhor, superior a eles todos pois vem revestido de munus<sup>460</sup> mais excelente que outro qualquer, o de anunciar-lhes as boas novas de salvação, isto é, do restabelecimento do vínculo entre Deus e os homens, trazendo-os de volta à sua posição original e que lhes foi concedida desde antes dos tempos por eleição divina: a de Filhos de Deus.<sup>461</sup>

Essa percepção do plano divino, o predestinar para a filiação, é expressa pelo próprio apóstolo no verso 15 de sua carta a Filemom, escrevendo-lhe sobre Onésimo: “Pois acredito que ele veio a ser afastado de ti temporariamente, a fim de que o recebas para sempre”. Um plano subversivo e redentor; a fuga de Onésimo é tratada

---

<sup>458</sup> *Rage, rage against the dying of the light*. Frase do poema de Dylan Thomas, intitulado “Do not go gentle into that good night” (“Não vá gentil nessa boa noite”). THOMAS, Dylan. *Do not go gentle into that good night*. Disponível em: <<https://poets.org/poem/do-not-go-gentle-good-night>>. Acesso em: 22 out. 2021. O poema arrebatador, de intenso lirismo, parece desafiar um idoso nos estertores a rejeitar a morte. Haveria comparação mais adequada? Do humano longe de Deus pode-se dizer que vive?

<sup>459</sup> BARTH, 2008, p. 48.

<sup>460</sup> Encargo; obrigação, dever. MÚNUS. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/m%C3%BAnus>>. Acesso em: 26 out. 2021.

<sup>461</sup> BARTH, 2008, p. 48.

como uma ação sofrida por este, causada pela Providência<sup>462</sup>: “ele veio a ser afastado”. Por quê? Porque não poderia continuar mero escravo de Filemom. Ninguém pode ser apenas isso; não é esse o plano original para a existência humana! Aprazia a Deus que Onésimo conhecesse a Jesus Cristo e fosse adotado por Paulo como filho, pois fora predestinado à filiação.

É de se cogitar, pelo curso da vida de Onésimo, a intervenção oculta, divina, por meio de pessoas cristãs, a fim de que não cristãs superem o desconhecimento de Cristo. E isto, desde que pessoas cristãs sejam capazes de sonhar, empatizar-se, “adotá-las”, a exemplo da ação de Paulo em favor do ex-escravo.

Essa é a causa dos e das não crentes: enquanto vivem, ou não, no aconchego de famílias naturais, outros e outras (adotados e adotadas por Deus, em Cristo) precisam, unidos e unidas a Deus, sonhar com família, pais e mães, irmãos e irmãs espirituais<sup>463</sup>, adoção em Cristo para esses e essas não crentes. O mundo distante de Cristo precisa ser tema dos sonhos das pessoas cristãs. Nos corações daqueles e daquelas que um dia foram adotados e adotadas por Deus deve haver o sonho empático: que a todos e todas lhes toque o chamado de Cristo, e lhes seja franqueado participar da sua família de fé.

No tocante à vinculação de pai e mãe, Gregório de Nazianzo, um dos Pais da Igreja profundamente envolvido em questões sociais, afirmaria em sua “Homilia sobre o amor aos pobres”<sup>464</sup>, ao tratar do abandono de crianças por seus pais, por terem aquelas contraído doenças contagiosas: “Quem mais generoso do que um pai? Quem mais compassivo do que a mãe? Mas também a natureza os afastou [...]”. Em tais circunstâncias, deve-se-lhes ser provida substituição. Em perspectiva espiritual, a enfermidade deve sensibilizar e atrair os mensageiros e messageiras para perto das pessoas doentes, em lugar de repeli-las, pois Jesus afirmou: “[...] Não são os que têm

---

<sup>462</sup> “[...] a providência divina pôs a mão em toda a questão. [...] Portanto, se Onésimo tencionou tudo para mal, Deus transformou tudo em bem”. CHAMPLIN, 2002, v. 5, p. 459. “A voz passiva pode conter uma convicção da supervisão divina, e seria paralela ao ‘passivo divino’ do hebraico, que era um modo de expressão usado para denotar a ação oculta de Deus como agente responsável pelo que é realizado (Martin)”. RIENECKER, 1995, p. 490.

<sup>463</sup> Ao falarmos da família de Deus, vem à lembrança a fala do Senhor: “Pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe”. Mateus 12:50. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1791.

<sup>464</sup> GAEDE Neto, Rodolfo. *Os pais da igreja e a questão social* (Apostila). Disciplina Diaconia e Cuidado, Faculdades EST, Mestrado Acadêmico em Teologia, 1º semestre de 2012. São Leopoldo: EST, 2012, p. 6.

saúde que necessitam de médico, mas, sim, os enfermos. Eu não vim para convocar justos, mas sim pecadores”<sup>465</sup>.

Em Tiago, tal sensibilidade aflora de modo radical: “A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como sincera e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades [...]”<sup>466</sup>. Quando pessoas cristãs atuam como cooperadoras de Deus, levando adiante o divino chamado à filiação, demonstram, figuradamente, a sensibilidade invocada por Tiago.

Para além de apóstolos, pastoras, evangelistas, e de outros cargos, funções ou vocações eclesiais, o chamado a participar do sonho divino de filiação da raça humana é missão universal de toda cristandade. Paulo escreve:

[...] o amor de Cristo nos constrange [...] E Ele morreu por todos para que aqueles que vivem já não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou. [...] Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por intermédio de Cristo e nos outorgou o ministério da reconciliação. Pois Deus estava em Cristo reconciliando consigo mesmo o mundo, não levando em conta as transgressões dos seres humanos, e nos encarregou da mensagem da reconciliação. Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus vos encorajasse por nosso intermédio. Assim, vos duplicamos em nome de Cristo que vos reconcilieis com Deus.<sup>467</sup>

Muitas pessoas permanecem carecendo de algo melhor que apenas suas famílias naturais e vida social; anelam ser parte (por vezes, sem o saberem) de uma família espiritual. Os cristãos e cristãs são instados e instadas a cuidar dessas vidas orfanadas, a sonhar com elas, como no exemplo de Paulo em favor de Onésimo e, sobretudo, a exemplo do Pai Eterno.

#### **4.4.2.2 Adoção como favor divino, libertador**

Semelhantemente aos jovens e adultos que sonham com seus pequenos “filhos do coração”, Deus, antes mesmo da criação do mundo, sonhou sua família humana, de “muitos filhos semelhantes a Jesus”<sup>468</sup>, ideia claramente proposta por Paulo:

<sup>465</sup> Marcos 2:17. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1856.

<sup>466</sup> Tiago 1:27. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2422.

<sup>467</sup> 2ª aos Coríntios 5:14-20. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2263-2264.

<sup>468</sup> Expressão abundantemente utilizada na atualidade, em textos evangélicos, no Brasil, cuja origem desconhecemos.

[...] Deus trabalha para o bem daqueles que o amam [...] Deus os conhecia antes de o mundo ser criado e decidiu que eles seriam como o seu Filho, para que esse Filho fosse o primeiro entre muitos irmãos. Deus planejou [...] que essas pessoas fossem como o seu Filho e as chamou. E não só as chamou, como também as declarou justas. E não só as declarou justas como também repartiu a sua glória com elas.<sup>469</sup>

O Eterno gestou na eternidade uma família singular: filhos e filhas adotados e adotadas em Cristo. “[...] nos escolheu nele [em Cristo] antes da criação do mundo, [...] para sermos santos [...]”<sup>470</sup>.

Quem hoje ama a Deus, como filho ou filha que ama seu pai, fá-lo devido ao cuidadoso planejamento divino da adoção. Cada adotado, cada adotada seria como Jesus, o Filho Eterno, o Amado:

Ele recebeu honra e glória da parte de Deus, quando da suprema glória lhe foi dirigida a voz que declarou: “Este é o meu Filho amado, em quem me regozijo”.<sup>471</sup>

Esse planejamento divino implicou em: definição do “lugar” onde se daria a adoção, a saber: na pessoa de Cristo; cuidadosa preparação do espaço onde viveriam esses filhos e essas filhas: na Terra e, com mais precisão, no Éden (Gênesis 2:8); e na essencial definição do modo pelo qual Deus sentiria esses novos entes: como seus filhos e filhas, semelhantes a Jesus!

Decidir sentir um estranho, uma estranha, como filho ou filha, talvez seja o grande paradigma no processo humano de adoção natural, em parte inspirado no processo divino. E, sendo cuidado paterno ou materno por outro ser também humano, consiste na sublimação<sup>472</sup> que transforma o sentimento fraterno em paterno ou materno. Isto é: sendo o outro, a outra, dessa mesma raça humana, é irmão<sup>473</sup>, irmã, e, ao dispor-me a adotá-lo, adotá-la, disponho-me a senti-lo, senti-la, não apenas irmão ou irmã, mas como filho, filha.

<sup>469</sup> Romanos 8:28-30. PERJANJIAN Novo Testamento: Versão Fácil de Ler (VFL). World Bible Translation Center, Inc. 1999. Disponível em: <<http://www.bible.com/pt-PT/bible/200/rom.8.vfl>>. Acesso em: 17 abr. de 2014. A escolha, aqui, desta tradução, deveu-se à cristalinidade do trecho. De fato, o período ficou “Fácil de Ler”.

<sup>470</sup> Efésios 1:4. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2298.

<sup>471</sup> 2ª de Pedro 1:17. BÍBLIA King James, 2012, p. 2447.

<sup>472</sup> Sublimação, temo-la aqui como “Ato ou efeito de sublimar.”, “Exaltar; tornar sublime; engrandecer.”. DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. *Sublimação*. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dIDLPO>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

<sup>473</sup> Não ignoramos a possibilidade de o outro, a outra, nunca vir a ser visto ou vista pela pessoa adotante como irmão ou irmã, mas desde o início da constituição do vínculo adotivo ser sentido, sentida como filho ou filha. Contudo, persiste a realidade de serem todos e todas de mesma raça, todos e todas filhos e filhas de Adão, portanto irmãos e irmãs.

Sendo assim, se encontrássemos em Paulo a sublimação do sentimento fraterno, veríamos assentado na Epístola a Filemon um ponto fundamental da teologia adotiva: a paternidade ou maternidade libertadora. Cremos que, nos versos quinze e dezesseis da carta, Paulo o expõe:

É possível que ele tenha sido separado da tua companhia por algum tempo, a fim de que pudesses reavê-lo agora e para sempre, não mais na condição de escravo; aliás, muito melhor do que escravo, como irmão amado, particularmente por mim, e ainda mais por ti, tanto como amigo pessoal, quanto como cristão!<sup>474</sup>

Noutras palavras, o apelo a Filemom, ex-senhor de Onésimo, seria algo como: *Filemom, meu filho, prepara o teu coração. Estou te enviando Onésimo. Recebi-o como filho. Agora, recebe-o como “irmão amado”, caríssimo irmão (em perspectiva natural e espiritual). Dispõe-te a **adotá-lo** também!* Faz bem destacar que, à luz de seu conhecimento acerca de Filemom, Paulo exultava ao dizer: “[...] farás ainda mais do que te peço”<sup>475</sup>.

Filemom teria de passar por duas profundas mudanças de perspectiva: primeiro, o escravo Onésimo deveria ser recebido como “irmão”. Porém, a expressão “como irmão caríssimo”, como alvo de especial cuidado, de graciosa acolhida, sinaliza também uma segunda mudança: sublimação da acolhida fraterna para o cuidado que se dispensa ao **filho** que chega a casa. Paulo se referia a Onésimo, a uma só vez, como “meu filho” (vs. 10) e “amado irmão” (vs. 16); duas expressões para uma só relação<sup>476</sup>. Paulo assim acolhera Onésimo em seu coração; de igual modo Filemom deveria fazê-lo.

A mesma ideia de sublimação surge nos dizeres “[...] particularmente por mim, e ainda mais por ti [...]”<sup>477</sup>. Segundo Champlin, fica claro que Paulo de fato se sentia “[...] pai espiritual de Onésimo, e, naturalmente, teria grande preocupação por seu filho”<sup>478</sup>; e como

Filemom agora se beneficiaria da associação com Onésimo, o qual o serviria diretamente, [...] naquelas íntimas relações deveria haver ainda mais intensas

<sup>474</sup> Filemon 1:15-16. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2385.

<sup>475</sup> Filemon 1:21. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2385.

<sup>476</sup> A mesma “confusão” (ou “fusão”?) relacional aparece no dizer de Cristo: “Pois qualquer pessoa que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe”. Marcos 3:35. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1860.

<sup>477</sup> Filemon 1:16. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2385.

<sup>478</sup> CHAMPLIN, 2002, v. 5, p. 460.



demonstrações de amor entre Filemom e Onésimo, do que entre Paulo e Onésimo.<sup>479</sup>

Mais que ao próprio Paulo, convinha sobretudo a Filemom amar com amor adotante, libertador, pelos benefícios que lhe adviriam. E Onésimo teria, na casa deste, seu lar permanente: “ele veio a ser afastado de ti temporariamente, a fim de que o recebas para sempre” (vs. 15)<sup>480</sup>, escreve Paulo ao destinatário epistolar.

Contudo, no conforto proporcionado por essa sublimação reside um problema: o que tornaria possível essa mesma sublimação? Qual força transmudaria o amor fraterno em amor de pai ou mãe? Em se tratando da adoção natural, a percepção do filho ou filha de outra pessoa desse modo essencialmente novo poderia ser artificialmente produzida?

Para Paulo haveria uma única resposta e solução: o milagre da benevolência<sup>481</sup> divina, a graça que toca a coletividade humana. Segue-se, com efeito, para o estágio no qual cabe à vontade da pessoa adotante aquiescer, deixando-se moldar pela graça que em Deus se desvela, pois “Há muito tempo ele decidiu nos adotar em sua família, por meio de Jesus Cristo. (E que prazer ele teve em planejar tudo isso!).”<sup>482</sup>.

Sendo-nos impossível tratar detidamente das muitas implicações do Cristo-Graça, transpondo-as à realidade de pessoas cristãs adotantes, importa ressaltar, fazendo-se necessariamente uso de linguagem simbólica<sup>483</sup>, que somente o amor

<sup>479</sup> CHAMPLIN, 2002, v. 5, p. 460.

<sup>480</sup> BÍBLIA de Estudo de Genebra, 2009, p. 1461. Embora o texto grego contenha, de fato, a palavra *τάχα*, “talvez”, RIENECKER, 1995, p. 490, e este mesmo advérbio apareça na KJA, preferimos a versão de Genebra. Sendo a dúvida, aqui, muito provavelmente, eufemismo, os tradutores desta versão preferiram utilizar uma afirmação direta, carregada de certeza. O “talvez” de Paulo apelava à consciência filemônica, no sentido de que Deus fora o agente na história de Onésimo, e na de seu senhor.

<sup>481</sup> O grego *εὐδοκία* (translit. *eudokia*), “formado de *eu*, ‘bem’, e *dokeō*, ‘parecer’”. VINE, 2006, p. 549, cujo sentido é “beneplácito, satisfação, ‘bom prazer’”. RIENECKER, 1995, p. 386, “implica propósito gracioso”. VINE, 2006, p. 549, e guarda grande proximidade de sentido com outro termo preferido por Paulo: *χάρις* (translit. *karis*: graça). Difere deste nos casos em que haja mérito; *eudokia* pode ser merecida; “graça é um presente grátis”. VINE, 2006, p. 644. Neste ponto, poderíamos falar de uma graciosa *eudokia*, mas preferimos simplesmente o termo *graça*, por sua ampla utilização por Paulo. Utilizá-lo-emos neste tópico simplesmente como “favor divino [...] espontâneo, como no caso da misericórdia redentora de Deus [...]”. VINE, 2006, p. 679-680.

<sup>482</sup> Efésios 1:5. PETERSON, Eugene. *A Mensagem*: Bíblia em Linguagem Contemporânea. São Paulo: Vida, 2011, p. 1665. Optamos, agora, por esta versão, pela beleza poética. Eis a beleza do amor adotante.

<sup>483</sup> Em semiótica, diz-se que o símbolo é, em geral, polissêmico. Tomamos emprestada a aproximação do sentido de símbolo enunciada por Raymond Firth, citada por Umberto Eco: “Na interpretação de um símbolo, as condições de sua apresentação são tais que um intérprete usualmente tem  **muito**

metamorfoseado no casulo do Amor<sup>484</sup>, o Cristo, aquele que, sendo o Irmão<sup>485</sup>, fez-se Pai, é capaz de sublimar-se, passando de amor de irmão ou irmã a amor paterno ou materno; em todos os sentidos, de colateral a ascendente.

Assim, tanto o que santifica quanto os que são santificados advêm de Um só. E, por essa razão, Jesus não se envergonha de chamá-los irmãos. Ele declara: 'Vou anunciar teu nome **aos meus irmãos**; cantar-te-ei louvores no meio da congregação'. E mais: 'Porei nele a minha confiança'. E outra vez Ele afirma: 'Aqui estou Eu com **os filhos** que Deus me concedeu'.<sup>486</sup>

É notável a sublimação, a exaltação do sentimento fraterno, em Cristo, e sua franca derivação para o paterno. Na Carta aos Hebreus o Salvador se torna o Pai de seus irmãos. O Santificador (Jesus) toma os e as que por ele seriam santificados, santificadas, fazendo-lhes seus irmãos e irmãs. Nessa relação com eles e elas, assume sua paternidade. A causa deles e delas, portanto, seria causa da filiação adotiva. A tal graça chamaríamos "graça adotante e libertadora", da qual o Filho, Jesus Cristo, é expressão suprema: o Cristo-Graça.

Sim, diria Karl Barth:

Graça é o fato real, embora incompreensível, que Deus se agrada do ser humano e que este pode alegrar-se em Deus. Mas a graça somente é graça quando ela for reconhecida como inexplicável [sem razão de ser], incompreensível. E por isso que só há graça sob o reflexo da ressurreição, como dádiva de Cristo, que eliminou a distância entre Deus e os homens, tirando-a violentamente.<sup>487</sup>

De fato, "Jesus não é apenas o varão perfeito, nosso modelo, mas também [o] agente da graça"<sup>488</sup>. Essa noção se expressa cristalinamente também no quarto Evangelho:

---

**maior espaço para exercitar o próprio juízo**' do que tem com sinais regulados por um código comum a emissor e destinatário; por isso, um modo de distinguir de começo entre sinal e símbolo pode consistir em classificar como símbolos todas as apresentações em que se encontra uma mais acentuada falta de aderência - embora talvez **intencionalmente** - nas atribuições de produtor e intérprete.". ECO, Umberto. *Semiótica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ática, 1991, p. 125. [grifo nosso].

<sup>484</sup> Em João, apóstolo, Deus e amor sinonimizam-se. Portanto, o Cristo, sendo um com seu Pai (cf. João 10:31), é também a expressão pura de "Deus: o Amor" (cf. 1ª de João 4:8).

<sup>485</sup> A maiúscula aqui é proposital, referindo Cristo como o "irmão dos irmãos", à luz de Romanos 8:29: "[...] os predestinou para serem semelhantes à imagem do seu Filho, a fim de que ele seja o **primogênito entre muitos irmãos**". BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2190. [grifo nosso].

<sup>486</sup> Hebreus 2:11-13. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2391. [grifo nosso].

<sup>487</sup> BARTH, 2008, p. 31.

<sup>488</sup> REGA, Lourenço Stelio. *Paulo e sua teologia*. São Paulo: Vida, 2009, p. 13.

E da sua plenitude todos nós temos recebido, graça sobre graça. Porquanto a Lei foi dada por intermédio de Moisés; mas a graça e a verdade vieram através de Jesus Cristo.<sup>489</sup>

A *Huiiothesía* é manifestação da graça libertadora revelada em Jesus Cristo. Essa graça é sempre crescente na experiência vivencial das pessoas salvas, “[...] rumo à plenitude de Cristo a ser alcançada somente no fim dos tempos ([...] Jo 1.16)”<sup>490</sup>: inicia-se com o arrependimento e perdão dos pecados, passando ao crescimento contínuo no conhecimento de Deus (*Theósis* como santificação), depois, pela morte, é entrada no paraíso, aguardando, por fim, a ressurreição dos mortos e a glorificação (clímax da *Theósis*). É “graça sobre graça”.

A adoção como filho ou filha de Deus liberta da não santificação, da não separação, da permanência num estado de profanação e desidentificação, do não-lugar<sup>491</sup>. Pois predestinação para a santidade é predestinação para a separação, para a permanência junto a Deus, para o contínuo reforço da identidade original. Liberta da distância, da alienação cujo clímax é o inferno. Liberta para a comunhão, santificação e glorificação.

Intuímos o mesmo processo de aprofundamento na des-graça: da rejeição de Cristo ao contínuo embrutecimento, daí, pela morte, ao juízo e, enfim, à despersonalização total, infernal.

---

<sup>489</sup> João 1:16-17. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2024.

<sup>490</sup> PANNENBERG, 2009, v. 3, p. 545.

<sup>491</sup> Tomamos emprestado o conceito conforme desenvolvido na antropologia do francês Marc Augé, destacando o seguinte: “[...] assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não lugares criam tensão solitária”. AUGÉ, Marc. *Não lugares: uma introdução à antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papyrus, 2012, p. 87. “Enquanto a identidade de uns e outros é que constituía o ‘lugar antropológico’, por meio das convivências da linguagem, dos sinais da paisagem, das regras não formuladas do bem-viver, é o não lugar que cria a identidade partilhada dos passageiros, da clientela [...]”. AUGÉ, 2012, p. 93. “O único rosto que se esboça, a única voz que toma corpo, no diálogo silencioso que ele prossegue com a paisagem-texto que se dirige a ele como aos outros, são os seus - rosto e voz de uma solidão ainda mais desconcertante porque evoca milhões de outras. O passageiro dos não lugares só reencontra sua identidade no controle da alfândega, no pedágio ou na caixa registradora. Esperando, obedece ao mesmo código que os outros, registra as mesmas mensagens, responde às mesmas solicitações. O espaço do não lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude”. AUGÉ, 2012, p. 95. O Inferno é o não-lugar por excelência, onde toda pessoa se desidentifica, despersonaliza-se, onde desaparecem os conceitos de convivência e alívio. É solidão, pois mesmo se ali estiverem milhões, nunca se encontrarão. Estão amontoados no isolamento e nas trevas. Embora a tradução da obra de Augé utilize “não lugar”, preferimos a grafia “não-lugar”, por sua total clareza. “Este uso prefixal tem sido registado na tradição lexicográfica portuguesa e brasileira em dicionários e vocabulários em entradas com o elemento não- seguido de adjetivos, substantivos e verbos [...]”. DÚVIDA Linguística: uso de não- como elemento prefixal [Ortografia / Hífen]. Disponível em: <<https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/4398>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

Tanto quanto é verdadeiro, como dito anteriormente, que Deus tenha planejado cuidadosamente, na eternidade passada, o processo pelo qual se daria a adoção, a saber, em Cristo, é igualmente verdadeiro que a não concretização da adoção implique em que o ser humano se direcione a algo ou alguém que não seja o Cristo. É esse, propriamente, o significado da falta de arrependimento e perdão dos pecados.

A falta de contrição e conversão não é apenas uma escolha humana de não mudar; é a decisão de o ser humano continuar a ser exatamente o que é, ou seja, alguém afastado de Deus, por todo o tempo em que existir! Afastado de Deus, convergindo para outra coisa. Qual coisa, senão uma salvação ilusória, vinda de um deus que não é nada além do próprio “si” humano?

‘Vivemos em pecado’, isto é, vivemos condicionados por força invisível que nos compele a, consciente e voluntariosamente, intentarmos divinizar as coisas do mundo e trazer Deus ao nível dos conceitos humanos.<sup>492</sup>

O “si” interposto entre o humano e o arrependimento, por conseguinte entre a humanidade e sua salvação, não é o do não saber, mas o do não querer. É o “si” da vontade e valores autoindulgentes e autogratificantes. Como autoindulgência, ele se absolve sem apelar ao perdão de Deus, ao qual despreza. Como autogratificação, não lhe importa que haja Deus; na verdade, cuida em assumir seu lugar.

Só há duas espécies de pessoas no final: os que dizem a Deus, ‘Seja feita a Tua vontade’, e aqueles a quem Deus diz: A tua vontade seja feita. Todos os que estão no inferno foi porque o escolheram. Sem essa auto-escolha não haveria inferno. Alma alguma que desejar sincera e constantemente a alegria irá perdê-la.<sup>493</sup>

É tão grande a compaixão divina e seu anseio por adotar, que os seres humanos são chamados ao arrependimento a partir do conhecimento que possuem<sup>494</sup>. Exige-se deles que façam algo apenas com o que receberam. Nada se lhes pede que já não possuam.

---

<sup>492</sup> BARTH, 2008, p. 292. E “Trazer Deus ao nível dos conceitos humanos” não é outra coisa senão tentar elevar os conceitos humanos, o “si” humano, à categoria de Deus.

<sup>493</sup> LEWIS, C. S. *O grande abismo*. São Paulo, SP: Vida, 2006, p. 44.

<sup>494</sup> A graça de Deus age antecipadamente e por meio desse saber. Discorrendo sobre “A graça e o livre-arbítrio”, dizia Armínio: “Para que eu não possa ser considerado, como Pelágio, como usando de mentiras com respeito à palavra ‘graça’, quero dizer, com isto, aquilo que é a graça de Cristo e que diz respeito à regeneração. Portanto, afirmo que esta graça é simples e absolutamente necessária para o esclarecimento da mente, a devida ordenação dos interesses e sentimentos, e a

Cristo conclama os homens a que se arrependam – uma convocação que seria despropositada se os padrões de Deus fossem distintos daqueles que os homens já conheciam e que não conseguiam pôr em prática. Ele apela ao nosso juízo moral existente: ‘Por que vocês não julgam por si mesmos o que é justo?’<sup>495</sup>

Contudo, a alma perdida encontra prazer em si mesma e em tudo aquilo que considera prolongamento de si. Ela se exalta e se satisfaz egoisticamente. Deus, porém, é o “totalmente outro”<sup>496</sup>, em tempo algum manipulável, quem sequer pode ser conhecido sem que revele a si mesmo. Além disso, Deus não existe em função do humano, mas existimos em função dEle, a ponto de, somente se vivermos para Ele, encontrarmos paz, alegria, verdadeiro amor.

Não há espaço real para Deus na alma perdida! O totalmente outro não tem lugar no totalmente eu! É necessário certo esvaziamento existencial, segundo o qual o humano abdique de viver para si próprio, entronizando Deus como seu motivo de ser e parecer, em função de quem trace seus planos, defina e redefina valores, viva.

---

inclinação da vontade para o que é bom. É esta graça que opera na mente, nos sentimentos e na vontade; que infunde na mente bons pensamentos; inspira bons desejos às ações, e faz com que a vontade coloque em ação bons pensamentos e bons desejos. Esta graça vai antes, acompanha e segue; instiga, auxilia, opera o que queremos, e coopera, para que não queiramos em vão”. ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, v.2, p. 554.

<sup>495</sup> LEWIS, C. S. *O problema do sofrimento*. São Paulo, SP: Vida, 2006, p. 48. Lewis cita a fala de Jesus em Lucas 12:57, a qual parece explicar o verso 48: “A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais ainda será requerido.”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1970. Isto é, Deus munira as pessoas, a multidão que ouvia o Senhor, dos dispositivos internos necessários e bastantes para o discernimento do tempo de juízo que se avizinhava. Encaminhando-se para o término de seu ensino, o Senhor Jesus afirma: “Também, quando sentis soprar o vento sul, proclamais: ‘Haverá calor!’ e acontece como previstes. Hipócritas! Sabeis muito bem interpretar os sinais da terra e do céu. Como não conseguis discernir os sinais do tempo presente?”. Lucas 12:56. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1971. Essa graciosa concessão divina dos instrumentos para juízo e fé, que, há muito, tem sido chamada “graça preveniente”, ganha cores vivas na ilustração que Armínio elabora ao defendê-la: “Um homem rico concede, a um mendigo pobre e faminto, esmolas com que ele pode sustentar a si mesmo e à sua família. Isso deixa de ser um presente puro, porque o mendigo estende a mão para recebê-lo? Pode-se dizer, com propriedade, que ‘a esmola dependeu, em parte, da liberalidade do doador, e parcialmente da liberdade do recebedor’, embora o último não tivesse tomado posse da esmola, a menos que a tivesse recebido, estendendo a mão? Pode-se dizer, corretamente, porque o mendigo está sempre preparado para receber, que ‘ele pode ter a esmola ou não, conforme quiser?’ Se essas afirmações não podem ser feitas, verdadeiramente, sobre um mendigo que recebe esmolas, muito menos podem ser feitas a respeito do dom da fé, para cujo recebimento são necessários mais atos da graça divina!”. ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, v.1, p. 411.

<sup>496</sup> Cremos, pertencente ao quadro conceitual da teologia apofática, aquela que se exime de proposições afirmativas sobre Deus, quando muito discorrendo sobre o que ele não é, o “totalmente outro” aparece em Rudolf Otto como “[...] o estranho e o que causa estranheza, que foge do usual, entendido e familiar [...] por isso causando pasmo estarrecido. [...] inapreensível não só porque minha apercepção do mesmo tem certas limitações incontornáveis, mas porque me deparo com algo ‘totalmente diferente’, cuja natureza e qualidade são incomensuráveis para a minha natureza”. OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal, EST, Petrópolis: Vozes, 2007, p. 58.

Neste ponto, necessitamos novamente examinar o conhecido texto do Rico e Lázaro. O teólogo alemão Joachim Jeremias (1900-1979) considera que, no relato,

Jesus não quer tomar posição sobre o problema rico-pobre, nem quer dar instrução sobre a vida além da morte, mas narra a parábola no sentido de advertir homens, que se assemelham ao rico e aos seus cinco irmãos, perante a fatalidade iminente.<sup>497</sup>

Mesmo sendo verdadeiras as hipóteses de que o texto seja parabólico<sup>498</sup> e não pretenda focar a vida além-túmulo<sup>499</sup>, ainda assim podemos considerá-lo revelação de disposições permanentes no coração das personagens, justificando a inexorabilidade de seus destinos:

E assim, chegou o dia em que o mendigo morreu e os anjos o levaram para junto de Abraão. Entretanto, o homem rico também morreu e foi sepultado. Mas no Hades, onde estava em tormentos, ele olhou para cima e observou Abraão ao longe, com Lázaro ao seu lado. Então, gritou: ‘Pai Abraão! Tem compaixão de mim e manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porquanto estou sofrendo muito em meio a estas chamas!’<sup>500</sup>.

É de admirar que não se relate, em momento algum, que o rico perdido tenha suplicado: “Pai Abraão, tira-me daqui. Quero ir morar contigo aí!”. O primeiro pedido dele é: “Manda Lázaro vir aqui”. E o segundo viria a ser: “Pai, então eu te imploro que mandes Lázaro à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos. Permite que ele os avise, a fim de que eles também não venham para este terrível lugar de sofrimento”<sup>501</sup>.

Ora, pareceria ambíguo o texto. Pois, por que o homem que requer a amenização de seu sofrimento parece não implorar pela liberdade para ir ao encontro de Abraão? Ir “morar com Deus”? Talvez porque ele nunca tenha, justamente, querido Deus. Não haveria, então, ambiguidade. Nem quer a agonia, nem quer Deus. Não o

<sup>497</sup> JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1986, p. 187.

<sup>498</sup> O próprio Jeremias destaca que “Lázaro é a única figura das parábolas que recebe nome”. JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1986, p. 185. Notadamente, o enredo não possui caráter comparativo, nem se descrevem práticas comuns do cotidiano, características próprias dessas alegorias. É de se cogitar que Jesus nos tenha fornecido “uma história de caso real, que Ele conheceu de sua perspectiva eterna”. GUZIK, David. *Guia de estudo para Lucas 16*. Disponível em: <[https://www.blueletterbible.org/Comm/guzik\\_david/StudyGuide2017-Luk/Luk-16.cfm?a=989019](https://www.blueletterbible.org/Comm/guzik_david/StudyGuide2017-Luk/Luk-16.cfm?a=989019)>. Acesso em: 24 out. 2021.

<sup>499</sup> Mesmas teses de Joachim Jeremias, defendem-nas os comentadores da Bíblia Shedd: “**16.20 Lázaro** (‘Deus ajuda’). Este nome específico talvez indique que Jesus, nesta parábola, conta uma história conhecida. Não deve ser interpretada como fonte de informação sobre a vida do além.”. BÍBLIA Shedd, 1997, p. 1461. [grifo do autor], e os da Bíblia de Jerusalém: “História-parábola, sem qualquer nexos histórico”. Nota de rodapé “a”. A BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 1961.

<sup>500</sup> Lucas 16:22-24. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1983.

<sup>501</sup> Lucas 16:27-28. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1984.

quer e, possivelmente, nunca o quis. Aliás, nem Deus nem sua palavra (esta, no verso 29, representada por “Moisés e os Profetas”), a qual, no verso 30, parece enfaticamente desprezada por ele.

Necessitamos combater, já agora, uma crítica cética à detestável (até para nós, que nela cremos) doutrina do Inferno (ainda que não estejamos utilizando esse texto de Lucas 16 propriamente para sustentá-la). O sabido mau uso que se faz desse ensino, e que se fez especialmente na idade média<sup>502</sup>, com objetivos manipulatórios (mesmo mercadológicos), não atenta contra sua veracidade nem contra o caráter misericordioso do Deus amante de suas criaturas, o Libertador, o qual quer adotar todo ser humano. Deus quer romper os grilhões que prendem as almas no Inferno, como o fez com Onésimo, livrando-o de toda escravidão.

Se Deus fosse orgulhoso, [...]. Contudo, Ele não é, por isso se curva para conquistar e nos aceitará, mesmo que tenhamos demonstrado que preferíamos tudo o mais a Ele e que nos voltamos a Ele por não haver ‘nada melhor’ à disposição. A mesma humildade é demonstrada por todos os apelos divinos a nossos medos, que perturbam os leitores arrogantes da Escritura. Dificilmente será lisonjeiro para Deus que O escolhamos como alternativa para o Inferno: no entanto, até isso Ele aceita. A ilusão que a criatura tem de autossuficiência deve, a bem da criatura, ser despedaçada, por meio do apuro ou do medo do apuro na Terra, por meio do medo cruel das chamas eternas, Deus a despedaça ‘esquecido da diminuição de Sua glória’. Os que preferem um Deus mais puramente ético ignoram o que pedem. Se Deus fosse kantiano, que não nos aceitasse enquanto não chegássemos a Ele impulsionados pelos mais puros e melhores motivos, quem poderia ser salvo?<sup>503</sup>

---

<sup>502</sup> O bispo e teólogo católico italiano, Enrico dal Covolo, membro do Pontifício Comitê para Ciências Históricas e consultor da Congregação para a Doutrina da Fé, em seu artigo “A origem histórica das indulgências” (*The Historical Origin of Indulgences*) exemplifica-o, ao admitir: “Depois que uma indulgência foi anunciada para fazer uma contribuição para um determinado projeto, os questores foram enviados para coletar as esmolas relacionadas. Infelizmente, em muitos casos, a pregação desses questores, por ignorância ou astúcia, foi muito além da verdade dogmática; alguns deles até ousaram prometer que os condenados seriam libertados do inferno.”. *After an indulgence was announced for making a contribution to a certain project, quaestores were sent to collect the related alms. Unfortunately, in many cases the preaching of these quaestores, out of ignorance or shrewdness, went far beyond dogmatic truth; some of them even dared to promise that the damned would be released from hell.* DAL COVOLO, Enrico. *The Historical Origin of Indulgences*. Disponível em: <<https://www.catholicculture.org/culture/library/view.cfm?recnum=1054>>. Acesso em: 26 out. 2021. (tradução nossa).

<sup>503</sup> LEWIS, 2006, p. 110-111. Não podemos olvidar o profundo conhecimento de Lewis da história e cultura medieval. Alister McGrath, em sua biografia de Lewis, conta-nos que este foi “[...] notável professor e crítico literário de Oxford que lotava salões de palestras ao apresentar suas reflexões espontâneas sobre a literatura inglesa e que seguiu em frente para se tornar o primeiro titular da cadeira de Literatura Medieval e Renascentista da Universidade de Cambridge”. MCGRATH, Alister. *A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2013, p. 12. Lewis, ao escrever sobre o Inferno, certamente não desconhecia o uso abusivo da doutrina, ocorrido especialmente durante o medievo.

A falta de arrependimento não resiste primeiro à justiça de Deus, mas à sua graça. É verdadeiro que Deus não possa tolerar o mal; não possa simplesmente ignorá-lo ou tratá-lo como se fosse um bem. Por critério de justiça, pois, o Santo Criador deveria condenar quem pecasse. A graça, porém, desde quando na eternidade passada foi morto *Agnus Dei*<sup>504</sup>, proclama a justiça de Deus operada de si para si:

‘Na verdade ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as dores nossas carregou sobre si’ (Isa. 53, 4). Ele é o pecador; enquanto ele, concomitantemente, é o inocente, o bendito que anuncia a salvação e a vida, quando nosso castigo é posto sobre ele para que tenhamos a paz, (Isa. 53, 5); não se trata de possibilidade [ou obra] humana, mas de ação divina.<sup>505</sup>

Deus está graciosa e irrevogavelmente disposto a perdoar. Contudo, o perdão precisa ser acolhido<sup>506</sup>; mas uma pessoa que não admite sua culpa não pode aceitar perdão algum! No caso de Onésimo, lembremo-nos que, sabendo do dano que causara a Filemon, ainda assim, enviado por Paulo, ele estava indo ao encontro de seu ex-dono. Pedir-lhe-ia perdão? Somente no encontro com Filemon ele deixaria de ser um escravo fugitivo; somente assim ficaria liberto de toda culpa. Perdoado.

O grande ato humano é saber que lhe cabe consentir com seu Criador, admitindo a própria culpa e buscando perdão e reconciliação.

Se a felicidade de uma criatura está na renúncia de si mesma, ninguém pode fazer essa renúncia, a não ser ela mesma (embora muitos possam ajudá-la a fazer isso), como também ela pode recusar-se a isso. Eu pagaria qualquer preço para ser capaz de dizer sinceramente: ‘Todos serão salvos’, porém minha razão retruca: ‘Com ou sem a vontade deles?’. Se replico: ‘Sem a vontade deles’, imediatamente percebo uma contradição; como pode o supremo ato voluntário da renúncia de si mesmo ser involuntário? Se respondo: ‘Com a vontade deles’, minha razão retruca, ‘Como, se eles *não querem ceder*?’<sup>507</sup>

---

<sup>504</sup> Em latim, “Cordeiro de Deus”. (tradução nossa). Vide nota 74.

<sup>505</sup> BARTH, 2008, p. 398.

<sup>506</sup> Champlin defende uma espécie de universalismo, segundo o qual afirma que “Aqueles que não aceitarem a redenção em Cristo, e tiverem de ser finalmente restaurados, não atingirão essas elevadas realidades espirituais. Antes, eles serão subdivididos em várias espécies espirituais inferiores, embora também venham a fazer parte da unidade que será formada em redor de Cristo, o que lhes emprestará propósito à existência e uma certa medida de bem-aventurança”. CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2013, v. 3, p. 327. Apesar de não concordarmos com seu pensamento neste pormenor, citamo-lo como exemplo de um dos muitos contrapontos possíveis à tese que ora defendemos. Vale ressaltar que o próprio Champlin parece discordar do universalismo absoluto noutro de seus escritos, cf. nota 514.

<sup>507</sup> LEWIS, 2006, p. 134. [grifo do autor].



Outro dado no texto também causa grande surpresa, parecendo de novo referir-se a disposições permanentes do coração. Há um elemento inusitado na fala do Pai Abraão ao rico em tormentos. No verso 26, Ele diz ao condenado:

E, além do mais, foi colocado um grande abismo entre nós e vós, de maneira que os que desejem passar daqui para vós outros não consigam, tampouco passem de lá para o nosso lado.<sup>508</sup>

Seria esse o símbolo de um abismo existencial, um único abismo das vontades, comum a pessoas salvas e condenadas? Pois, quem quereria deixar o seio de Abraão, indo ao lugar de tormentos? A resposta evidente seria esta: Ninguém! Na verdade, o texto sugere que Lázaro sequer tivesse consciência do estado do rico; pois, quem descansaria plenamente de seus labores, tendo em mente outros que sofrem? Portanto, *não lhe seria possível, de modo algum, querer ir ao encontro do rico.*

Somos impelidos a crer que isto apareça primeiro, a impossível ida do salvo ao lugar de tormentos, tendo em vista o paralelismo resultante, isto é, para que se possa dar a mesma resposta à pergunta seguinte: Algum perdido ou perdida quereria ir para o seio de Abraão? E a conclusão espantosa seria: Não. Nenhum! Nenhuma! Esse querer também *não lhes seria possível, de modo algum!*

É justa a objeção: Mas “ali haverá choro e ranger de dentes”! Como aponta Joachim Jeremias,

*klauthmòs kay brygmòs tôn odónton* (Mt 8,12 par. Lc 13,28). Este ‘choro e ranger de dentes’, causado por se ver a comunhão de mesa dos gentios com os patriarcas, expressa o desespero pela perda, por culpa própria, da salvação. O inferno é isto.<sup>509</sup>

Alguém reclamaria: Como a pessoa condenada, ansiando a comunhão de mesa, desesperando-se pelas coisas que perdeu, não quereria estar junto aos patriarcas e justos? Ela quereria todas as benesses, sem viver na justiça, quereria as “bênçãos”, desde que não precisasse estar diante de Deus. Dádivas não repelem as almas condenadas, mas tão somente Deus em seu trono.

O Inferno não seria infernal para os condenados se, muito embora Deus ali não estivesse, não houvesse tormento. O paraíso seria “divino” para os condenados, se ali Deus não habitasse.

<sup>508</sup> Lucas 16:26. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1984.

<sup>509</sup> JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo, SP: Paulinas, 1977, p. 202.

No Inferno não há arrependimento; apenas remorso, como aquele de Judas Iscariotes. Pois se, nesta era, sob a influência do Espírito Santo<sup>510</sup>, o humano prefere rejeitar a paternidade de Deus, não será longe dessa influência, lá nas “trevas exteriores” que ele a quererá! O castigo eterno, também chamado de “Trevas exteriores”, é o clímax da livre escolha da pessoa perdida. Eis a liberdade das trevas, sua autoexclusão, essa em que o humano definitivamente se livrou de Deus!

Em vida ele se apaixonou pelas trevas<sup>511</sup>, e viverá eternamente um romance macabro. É uma decisão permanente, à qual Deus aquiesce. Karl Barth afirmou, em seu Esboço de uma Dogmática:

É um estado de exclusão de Deus, o que torna a morte tão temerosa, e que faz do inferno o que ele é. O homem estar separado de Deus significa estar num lugar de tormento. ‘Choro e ranger de dentes’ - nossa imaginação não está adequada para esta realidade, esta existência sem Deus. O ateu não está consciente do que é a não-existência de Deus. A não-existência de Deus é a existência no inferno. O que mais além disto é oferecido como resultado do pecado? O homem não se separou de Deus por seu próprio ato? ‘Desceu ao inferno’ é simplesmente a confirmação disto. O julgamento de Deus é justo - isto é, ele oferece ao homem o que ele quer. Deus não seria Deus, o Criador não seria o Criador, a criatura não seria a criatura e o homem não seria o homem, se este veredicto e sua execução pudessem ser detidos.<sup>512</sup>

A misericórdia de Deus implica em que, se oportunidades infinitas expurgassem a alma perdida, elas lhe seriam dadas. Entretanto, o problema da pessoa que se perde não reside em qualquer omissão divina<sup>513</sup>, mas na excessiva atuação do eu<sup>514</sup>, estribado, como dito, em autoindulgência e autogratificação.

<sup>510</sup> “[...] Se Eu não for, o Advogado não poderá vir para vós; mas se Eu for, Eu o enviarei. Quando, então, Ele vier, convencerá o mundo do seu pecado, [...]”. João 16:7-8. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2061.

<sup>511</sup> Cf. João 3:19.

<sup>512</sup> BARTH, 2006, p 167-168.

<sup>513</sup> Temos claro ser isto impossível. Em Deus não há falha, treva nenhuma.

<sup>514</sup> A teoria universalista atenta, a uma vez, contra a ética divina e a vontade humana. Impõe salvação a quem não a deseja, revelando-se uma arbitrariedade absolutista, fundada na subjetividade. Na busca por validade, a réplica a este entendimento quer tomar por base, particularmente, os textos de 1ª aos Coríntios 15:22, 2ª de Pedro 3:9, 1ª a Timóteo 2:3-6, 1ª de João 2:2, 1ª a Timóteo 4:10 e Romanos 11:32. Sendo impossível analisarmos um a um esses versos, elegemos aquele que nos parece o mais equívoco, particularmente tendo em vista a vacuidade de seu contexto imediato. Nas palavras do apóstolo, tanto ele quanto o destinatário de sua carta, baseados na “promessa da vida presente e futura”, têm depositado sua esperança “[...] no Deus vivo, o Salvador de todos os homens, especialmente dos que crêem”. 1ª a Timóteo 4:8 e 10. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2360-2361. Se quisermos ser fieis ao restante do Novo Testamento, apresentam-se algumas possibilidades interpretativas: 1 – Os humanos que creem gozam, agora e no porvir, de salvação especial, enquanto todos gozam, inclusive os que não creem, de salvação comum. A salvação de quem crê seria especial por seu modo (da alma e do corpo) e por sua duração (agora e na eternidade); enquanto a de quem não crê, restrita quase que somente ao corpo, exclusivamente

Acredito que, se um milhão de oportunidades fossem provavelmente fazer o bem, elas seriam dadas, mas um mestre comumente sabe, quando os alunos e os pais ignoram, que é inútil dar ao aluno a chance de fazer outro exame. A finalidade deve chegar em algum momento, e não é preciso uma fé inabalável para acreditar que a onisciência sabe quando.<sup>515</sup>

A obstinada rejeição a Deus só causaria estrago cada vez maior, se a vida terrena da pessoa perdida não fosse encurtada<sup>516</sup>. O mundo se transformaria num grande Inferno, não chegasse a termo a vida humana.

O fato de que a vida é curta ou, conforme a metáfora, de que contribuimos apenas com uma linhazinha para o complexo da figura poderia ser considerado misericórdia Divina. Pois, se até mesmo o ato de traçar essa linhazinha, entregue ao nosso livre-arbítrio, é por vezes mal executado a ponto de estragar o conjunto, não teríamos feito com a figura um estrago muito maior se mais nos houvesse sido confiada?<sup>517</sup>

Resta que a eternidade no Inferno é a consequência lógica do mal continuamente apreciado pela alma perdida. O castigo deve ser eterno, porque o mal adorado, cultivado no coração, sempre será um mal crescente e eterno! Consola saber que o reverso também se mostre verdadeiro. O caminho da salvação, como veremos, progride necessariamente com glória crescente, culminando em glória eterna.

Parece-nos que as disposições permanentes do coração estejam demonstradas no diálogo de Deus com Abraão, nosso pai, no tocante aos amorreus:

---

nesta era. 2 – “Todos os homens” que são salvos, são-no por ação divina somente. Apesar de, quanto ao modo e ao tempo, permanecer o sentido da hipótese anterior, a ênfase aqui seria na pessoa do Deus Vivo e Salvador. 3 – Menos provável, mas merecedora de citação, é a possibilidade de o texto enfatizar que a salvação, isto é, a obra consumada de Cristo na cruz, é salvação para todos e todas, embora haja quem não a aceite, e se perca. Para maior discussão, sugerimos as leituras da nota “11.32”. BÍBLIA Shedd, 1997, p. 1599., do comentário “4.10,11”. RADMACHER, 2010, p. 597., e da análise de 1ª a Timóteo 4:11. CHAMPLIN, 2002, v. 5, p. 324. Desta última, não nos furtamos de citar pequeno trecho. Comentando a expressão “Salvador de todos os homens”, escreve Champlin: “Para os universalistas, seu sentido é absoluto, Deus, por meio de Cristo, eventualmente haverá de salvar a todos os homens, no sentido mais elevado do termo; e o ponto do tempo, em que cada qual vai sendo remido, é a única diferença entre os homens. A maioria dos intérpretes, como é claro, rejeita essa interpretação, por não ser coerente com o resto do N.T.”.

<sup>515</sup> LEWIS, 2006, p. 140.

<sup>516</sup> Embora os dias de vida de todos os seres humanos pareçam equivaler-se entre si, independentemente da fé em Cristo. Embora seja real para todos que, “De fato, os dias de nossa vida chegam a setenta anos, ou a oitenta para os que têm mais saúde; entretanto, a maior parte dos anos é de labuta e sofrimentos, porquanto a vida passa muito depressa, e nós voamos!”. Salmos 90:10. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1120. Entretanto, na ressurreição, as pessoas salvas receberão corpos glorificados, passando a viver em “novos céus e nova terra onde habita a justiça”. 2ª de Pedro 3:13. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2451. Desta realidade última as almas perdidas encontram-se excluídas. Para sempre não mais viverão, em eterno exílio.

<sup>517</sup> LEWIS, 2006, p. 139.

Então o Senhor falou a Abrão: 'Sabe, com toda a certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Contudo Eu julgarei e castigarei a nação que a fizer sujeitar-se à escravidão; e depois de muitas aflições, teus descendentes sairão livres, levando muitas riquezas! [...] Depois de quatro gerações, teus descendentes retornarão para estas terras; porquanto não expulsarei os amorreus **até que eles se tornem tão malignos**, que mereçam ser severamente castigados. [...]'.<sup>518</sup>

Igualmente, o próprio Senhor Jesus parece ter mencionado esse recrudescimento da iniquidade, fruto do amor obstinado pelo pecado e rejeição contínua do Evangelho, em contraste com a perseverança em amar, por parte das pessoas salvas. Essa firmeza promoveria, paralelamente, uma espécie de recrudescimento do amor, isto é, a condução do amor ao seu clímax: a salvação. "E, por causa da multiplicação da maldade, o amor da maioria das pessoas se esfriará. Aquele, porém, que continuar firme até o final será salvo"<sup>519</sup>.

Se a rejeição a Deus, um mal por natureza e sempre crescente, não fosse punida com um castigo permanente, a pena seria desproporcional ao delito, pelo que não estaria em operação, de fato, a justiça! E o maior limitador de todos os males do mundo, temos claro, é a própria graça de Deus.

Tratando da relação entre o cristão e a autoridade secular, Lutero nos apresenta uma explicação oportuna de como Deus age coibindo o mal no mundo: segundo o reformador, esse aspecto da graça se manifesta pelo Espírito e pela lei.

[...] Deus instituiu os dois governos, o [governo] espiritual, que molda os verdadeiros cristãos e as pessoas justas por meio do Espírito Santo sob Cristo, e o governo secular [weltlich], que reprime os maus e os não-cristãos e os obriga a conservarem-se exteriormente em paz e a permanecerem quietos, gostem ou não gostem disso.<sup>520</sup>

Embora não nos seja mais possível delongarmo-nos no tema do Inferno, realidade da qual, por meio da adoção de filhos e filhas pela fé no Unigênito, insistimos: Deus quer libertar! cabe-nos concluir este ponto por meio de um exame necessário: no que consistem os sofrimentos do Inferno?

<sup>518</sup> Gênesis 15:13-16. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 36. [grifo nosso]. O Deus Salvador, que conhece a natureza humana e sonda os corações, sabe das obstinações irreversíveis, por vezes perpetuadas de geração em geração. Cf. Êxodo 20:5: "Eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus ciumento, que puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração dos que me odeiam". BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 151.

<sup>519</sup> Mateus 24:12-13. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1826.

<sup>520</sup> LUTERO, Martinho; CALVINO, João. *Sobre a autoridade secular*. Sobre a autoridade secular, de Martinho Lutero. Sobre o governo civil, de João Calvino. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1995, p. 16.

O Senhor Jesus usa imagens muito expressivas para se referir ao suplício das almas impenitentes. Eis algumas:

- a) **Sufrimento eterno:** “[...] Sendo assim, estes irão para o sofrimento eterno, porém os justos, para a vida eterna”<sup>521</sup>.
- b) **Destruição:** “E, não temais os que matam o corpo, mas não têm poder para matar a alma. Temei antes, aquele que pode destruir no inferno tanto a alma como o corpo”<sup>522</sup>.
- c) **Fogo eterno:** “Mas o Rei ordenará aos que estiverem à sua esquerda: ‘Malditos! Apartai-vos de mim. Ide para o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos. [...]’”<sup>523</sup>.
- d) **Trevas exteriores:** “[...] Quanto ao servo inútil, lançai-o para fora, às trevas. Ali haverá muito pranto e ranger de dentes”<sup>524</sup>.

Unamos essas figuras, compondo um quadro realista, sem jamais “[...] confundir a própria doutrina com o imaginário por meio do qual ela é transmitida.”<sup>525</sup>. Distanciemo-nos das engenhosas<sup>526</sup> ilustrações medievais e, contudo, busquemos entender ao menos a síntese dessas coisas.

Ao sofrimento eterno, no fogo e nas trevas do distanciamento absoluto, deve-se chamar, sem qualquer dúvida, “Destruição”. O que seria uma alma eternamente destruída, sofrendo nas chamas, lançada às trevas?

Ora, é certo que todas essas expressões sejam projetadas para sugerir algo indizivelmente terrível, e qualquer interpretação que não encare esse fato é, receio, im procedente desde o começo. [...] A destruição, devemos supor naturalmente, significa a desconstrução – ou cessação – do destruído. E as pessoas não raro falam como se a ‘aniquilação’ de uma alma fosse intrinsecamente possível. Em toda a nossa experiência, contudo, a destruição de uma coisa significa o afloramento de outra. Queime a lenha, e você terá fumaça, calor e cinzas. *Ter sido* lenha agora significa ser essas três coisas. Se as almas podem ser destruídas, não deve haver um estado equivalente a ter sido

<sup>521</sup> Mateus 25:46. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1832.

<sup>522</sup> Mateus 10:28. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1784.

<sup>523</sup> Mateus 25:41. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1832.

<sup>524</sup> Mateus 25:30. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1831.

<sup>525</sup> LEWIS, 2006, p. 140.

<sup>526</sup> Vide, por exemplo, DA COSTA, Ricardo; PEREIRA, Evandro Santana. *Ali haverá pranto e ranger de dentes: O Inferno na Arte e na Filosofia da Idade Média*. Disponível em: <<https://www.ricardocosta.com/artigo/ali-havera-pranto-e-ranger-de-dentes-o-inferno-na-arte-e-na-filosofia-da-idade-media>>. Acesso em: 28 out. 2021.

uma alma humana? E não seria esse, talvez, o estado igualmente bem descrito como tormento, destruição e privação?<sup>527</sup>

A alma perdida, que não se arrependeu dos seus pecados, que não confessou a Cristo como Senhor, vivendo em função de seus próprios desejos, de seu próprio eu e das coisas que são meras extensões desse eu, está nas trevas, distanciada daquele que é pura luz. As trevas que povoam a alma, a degenerescência instalada alcança sua culminação no distanciamento absoluto. Eis a alienação em seu apogeu: no Inferno Deus não está. A centelha divina, o sopro que Adão recebeu, vê-se embebido das chamas: paixões, pecados, dores, tormentos mil, sem possibilidade alguma de controle, correção, cura.

Em contrapartida, se o gozo da vida eterna é a comunhão absoluta dos filhos e filhas com seu Pai, é a completa imersão na realidade do Espírito sem resultar disso nem sequer a mínima despersonalização, mas, ao contrário, justamente o reforço da *Imago Dei*, portanto da *Imago Filii*; aquela vívida imagem no nascimento de Adão, o filho, reflexo do Filho, o Cristo. Em sentido inverso, sendo a ausência total de Deus, daquele de cujo ser extraímos o nosso, reflexo da coisa refletida, o Inferno é o naufrágio na descaracterização, a nadificação do ser, do eu rebelado, do si para si, porquanto o humano se volta, sem força alguma de ser, para o próprio eu que não sabe mais quem é, ou o que.

O leitor provavelmente se lembra de que, na parábola<sup>528</sup>, os salvos se dirigem a um lugar preparado para eles, ao passo que os perdidos são enviados a um local que não foi criado para os homens. Entrar no céu é tornar-se mais humano do que jamais se conseguiu ser na terra; entrar no inferno é ser banido da humanidade. O que é lançado (ou se lança) no inferno não é um homem: são os 'restos'. Ser um homem completo significa ter as paixões obedientes à vontade e a vontade ofertada a Deus: ter sido um homem – ser um ex-homem ou um 'fantasma condenado' – presumivelmente significa consistir em uma vontade inteiramente concentrada em seu eu e em paixões totalmente incontroláveis pela vontade. Evidentemente, é impossível imaginar como seria a consciência de uma criatura assim, tornada já um amontoado frouxo de pecados em antagonismo mútuo, e não mais um pecador.<sup>529</sup>

O Inferno não se destina às almas humanas. Nunca deveria ser sua morada. Mateus narra as palavras do Senhor: “Mas o Rei ordenará aos que estiverem à sua

<sup>527</sup> LEWIS, 2006, p. 140-141.

<sup>528</sup> Lewis se refere a Mateus 25, mais propriamente à sequência final, o trecho que vai do verso 31 ao 46.

<sup>529</sup> LEWIS, 2006, p. 141.

esquerda: ‘Malditos! Apartai-vos de mim. Ide para o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos’<sup>530</sup>.

Ora, ao dizermos dessa triste morada, não nos referimos necessariamente a um lugar na “geografia” do mundo espiritual. Não. Devemos admitir que a alienação total de Deus possa estar em foco nas palavras do Evangelho. O Inferno como não-lugar pode significar a entrega das consciências rebeladas à sua própria nadificação.

De outro lado, admitimos, pode ser um lugar espiritual concreto, não apenas um estado de consciência. Joachim Jeremias nos oferece rico detalhamento:

Nesta hora em que os anjos de Deus fazem o julgamento abre-se a *géenna*<sup>531</sup>, o inferno eterno de fogo. Quando dele falam os evangelhos, fazem-no com realismo deliberado, cuja finalidade e intenção é expressar todo o horror do julgamento. Trata-se dum lugar, *hópou ho skólex autôn ou teleutâ kai tò pyr ou sbénysta*<sup>532</sup> (Mc 9,48 cit. Is 66,24). É preexistente, como a basileia (Mt 25,41) e, daí, virá inevitavelmente. Apanha o homem inteiro (Mc 9,43-48). É eterno (Mc 3,29; 9,48; Mt 25,46).<sup>533</sup>

Não estando o Inferno destinado aos perdidos, mas “ao diabo e seus anjos”, não existe na eternidade lugar algum preparado para a criatura que não se volta para o Criador. O inferno não é, em sentido algum, o equivalente do céu.

Pois se, na consumação, todas as coisas estarão glorificadas, se tudo estará imerso na realidade pura, gloriosa, da absoluta proximidade de Deus - o Criador, e da total identificação com o Filho, onde poderá estar quem a Deus rejeita, abdica de sua glória e anseia o velho mundo que passou?<sup>534</sup> É esta a revelada consumação:

[...] o mistério da sua vontade, de acordo com o seu bom propósito que Ele estabeleceu em Cristo, isto é, de fazer convergir em Cristo tudo quanto existe, todos os elementos que estão no céu como os que estão na terra, na dispensação da plenitude dos tempos.<sup>535</sup>[...] quando tudo lhe estiver sujeito,

<sup>530</sup> Mateus 25:41. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1832.

<sup>531</sup> Preferimos, a bem da objetividade, não enveredarmos pela discussão dos diferentes usos dos termos neotestamentários que, assim como *géena*, também são traduzidos por Inferno, como *tártaro* (como em 2ª de Pedro 2:4) e *hades* (como em Lucas 16:23, em o Rico e Lázaro).

<sup>532</sup> Transliteração do grego, traduzida no Novo Testamento Trilíngue como: “Onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga”. Marcos 9:48. SAYÃO, 1998, p. 125.

<sup>533</sup> JEREMIAS, 1977, p. 201-202.

<sup>534</sup> “As estrelas dos céus serão todas dissolvidas e os céus se enrolarão como um pergaminho antigo; todo o exército de astros cairá como folhas secas da videira e da figueira”. Isaías 34:4 BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1325. Referindo-se a esta visão e a outras revelações desenhadas no céu e contempladas pelos profetas, Pannenberg considera-a como desnudamento aos humanos de um fenômeno divino: a eternidade. Ali, “decisão e execução coincidem para Deus”, e “o futuro, especialmente o futuro evento salvífico já é presente”. PANNENBERG, 2009, v. 1, p. 541. Ver também Mateus 24:29 e 35.

<sup>535</sup> Efésios 1:9-10. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2298-2299.

então o próprio Filho se submeterá àquele que todas as coisas lhe colocou aos pés, a fim de que Deus seja absolutamente tudo em todos.<sup>536</sup>

Tanto quanto o Filho Eterno está junto de seu Pai, em seu seio, em seu trono, contemplando perenemente sua face, de igual modo estarão os filhos e filhas de Deus por adoção. Não há maior contraste: o nada infernal e o tudo em Cristo.

#### **4.4.2.3 Adoção e nova intimidade**

O Inferno são “as trevas exteriores”, as trevas do lado de fora, a orla exterior onde o ser vai se tornando cada vez menos humano, cada vez mais concentrado em si mesmo, cada vez mais dominado por paixões incontroláveis que não podem ser saciadas. Na fala de Lewis, o humano condenado se torna um amontoado frouxo de pecados em mútua oposição. Ali estão os restos de um ser humano, na verdade ali está um ex-humano.

Regiões celestiais onde o mal ainda reina; tal é o estado de toda pessoa que não admitiu sua condição de pecadora e não clamou a Cristo pelo perdão! No dizer do próprio Cristo, essa pessoa é uma escuridão movível. Em seu interior, trevas. O Inferno reside ali. Suas negras chamas queimam em seu coração. Ora, só sai do Inferno a pessoa de quem primeiro o Inferno saiu.

Os olhos são a lâmpada do corpo. Portanto, se teus olhos forem bons, teu corpo será pleno de luz. Porém, se teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em absoluta escuridão. Por isso, se a luz que está em ti são trevas, quão tremendas são essas trevas!<sup>537</sup>

É possível deixar o Inferno e entrar numa nova e distinta relação. “Para isto, o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo”<sup>538</sup>. Pois, se a realidade infernal está ligada a relações de afeto, de apego dos “olhos”, à filialidade e à fraternidade, também assim, a realidade da salvação.

No dizer psicológico, todo impulso de defesa do mais fraco ou vulnerável é, em considerável medida, a reprodução do cuidado primevo recebido de pai e mãe naturais ou substitutos. Isto é, todas as relações humanas de cuidado querem

<sup>536</sup> 1ª aos Coríntios 15:28. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2247.

<sup>537</sup> Mateus 6:22-23. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1775. Este trecho do Evangelho foi analisado no ponto “2.5.3 O Filho que sempre vê o Pai”, p. 38-44. Pedimos que o leitor, a leitora, faça a paralelização.

<sup>538</sup> Cf. 1ª de João 3:8. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2459.



encontrar nas ações protetoras de pai e mãe seu primeiro modelo e inspiração. Em última análise, portanto, todo cuidado humano, mesmo entre irmãos, ou dos filhos pelos pais, é nalguma medida paterno ou materno<sup>539</sup>.

Avançando ao primeiro dos homens, Adão, há uma radicalização teológica, pois seu único pai foi Deus. Sendo assim, todo cuidado humano, fruto do cuidado adâmico, é essencial e aprioristicamente, por linha temporal, cuidado divino, cuidado do Pai!<sup>540</sup> Foi assim com Onésimo, quando o apóstolo dos gentios adotou sua causa. “Tomás de Aquino [...] observara que, quando alguém acolhe em sua casa um estranho e o faz participante dos bens daquela casa, já é uma adoção”<sup>541</sup>. Adotar espiritualmente é abraçar a causa humana de modo essencial.

Revelando o cuidado de Paulo, a expressão apostólica paulina presta-se ao simbólico: “meu filho Onésimo, que gerei entre algemas”, pois só se “cuida” efetivamente de quem, primeiro, é considerado vivo, depois, filho e, poeticamente, dir-se-ia que é mesmo “entre algemas”, fortes algemas de amor, que se toma por filho um estranho, seja ele até um infrator como Onésimo. O coração libertador é aquele capturado pelo amor.

A concreção da “adoção espiritual”<sup>542</sup> paulina só se poderia efetivar caso a fé em Cristo houvesse tornado Onésimo, de antemão, um vivo adotável. Na perspectiva de Paulo, a descrença em Cristo equivaleria à morte, impossibilitando a adoção espiritual. Qual vivo adotaria um defunto? A adoção espiritual só se efetiva a partir da atestação de que o outro vive. Não se adota um morto para que ele adquira vida; adota-se um vivo para preservá-lo da morte.

---

<sup>539</sup> BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Rev. psicopedag.* v. 28, n. 85, 2011, p. 67-75. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0103-8486. Acesso em: 08 abr. 2014.

<sup>540</sup> SILVA, Mauro Luiz Ferreira. *Institucionalização e adoção, à luz da teoria Bowlbyana do apego e da carta de Paulo a Filemom*. 2014. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014, p. 64-65. Sugerimos a leitura das notas de rodapé ligadas a esta citação. A dissertação completa encontra-se disponível em: <[http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BRSIFE/532/1/silva\\_mlf\\_tm284.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BRSIFE/532/1/silva_mlf_tm284.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2019.

<sup>541</sup> SOUZA, José Neivaldo. *Por uma teologia da adoção*. III Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades, v. 3, n. 1, 2013, p. 188. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/3jointh?dd99=anais>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

<sup>542</sup> Há quem afirme que, como resultado dessa relação com Paulo, Onésimo chegou a ser bispo de Éfeso. Cf. ONÉSIMO, bispo? In RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, Wayne. *O novo comentário bíblico NT, com recursos adicionais: a Palavra de Deus ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010, p. 631.

Se a adoção espiritual tem seu fulcro na unidade essencial com o Cristo que, pela fé, faz a pessoa crente passar a viver, é certo que se funda no “milagre” de uma existência que não posso ignorar. A adoção espiritual de Onésimo pelo apóstolo só pode suceder a saída do escravo da morte, sua libertação, sua união com Cristo. O novo nascimento é o instante em que o outro efetivamente passa a viver e pode ser adotado como nova vida. É o instante do “re-viver”.

A adoção espiritual de Onésimo fora antecedida pela conversão, isto é, pela fé em Cristo. Antes, porém, ocorreu a “gestação”<sup>543</sup>. Apesar de os mestres rabínicos costumarem chamar seus discípulos de filhos<sup>544</sup>, aqui não é este o caso. Onésimo fora específica e pessoalmente “gerado” por Paulo na prisão.

Se aplicarmos à esfera espiritual a ideia popular de que mãe ou pai é quem cuida, teremos discipulado. Pareceremos distanciar-nos de Paulo. Para ele, mãe ou pai espiritual é mesmo quem gera. Isto, ele o exemplifica aqui, e o defende noutra de seus escritos:

“Pois, ainda que venhais a ter dez mil tutores em Cristo, não teríeis, entretanto, muitos pais. Porquanto em Cristo Jesus eu mesmo os gerei por intermédio do Evangelho”.<sup>545</sup>

Paulo podia gerar e adotar pelo poder de Deus, revelado no Evangelho<sup>546</sup>. A adoção espiritual é efetiva reprodução do cuidado divino. Mais do que se inspirar na graça, quer revelá-la!<sup>547</sup>

Adoção é manifestação da graça que, em sua atemporalidade, intervém na história e espaço humanos desprotegidos e depreciados. É *missio gratia*<sup>548</sup> que se

<sup>543</sup> O processo de Paulo “gerar” Onésimo equivaleria tanto à gestação natural, quanto à espera que se dá no processo de adoção civil. A adoção, ou discipulado que se inicia no novo nascimento, por sua vez, equivaleria ao parto ou à efetivação da adoção civil.

<sup>544</sup> CHAMPLIN, 2002, v. 5, p. 456.

<sup>545</sup> 1ª aos Coríntios 4:15. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2220.

<sup>546</sup> Cf. Romanos 1:16.

<sup>547</sup> Cremos que todo ato efetivamente bom remete o ser humano naturalmente ao seu Criador; no dizer de Cristo, “Assim deixai a vossa luz resplandecer diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus”. Mateus 5:16. A BÍBLIA Sagrada. Edição Contemporânea, 1995, p. 4. Em contrapartida, experiências dolorosas contínuas, em especial na infância, seriam o principal agente facilitador da aderência a convicções ateístas. Para esta discussão, sugerimos um documentário produzido pela BBC: ATEÍSMO: A Breve História da Descrença - Episódio 01 - Sombras da Dúvida”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=iR7gUEzAkxE>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

<sup>548</sup> Expressão latina referente ao propósito da graça. Literalmente, “missão da graça”.

exprime em *missio adoptionis*<sup>549</sup>. É esse o propósito relacional da graça: adotar. A graça que se manifesta convencendo do amor divino, e convertendo, quer adotar.

E por que adotar? Por que não apenas cuidar do outro sem o tomar por filho ou filha? No Gênesis, Deus cria e cuida de Adão e Eva, dando-lhes a terra para dela cuidarem; deste modo a *Imago Dei* se revelaria por meio de nossos primeiros pai e mãe. Essa mesma imagem teimosamente indelével, a do humano que cuida, é a do humano que se apega, que adota, revelando o Deus que planta o jardim, mas que ainda é “O Agricultor”<sup>550</sup>. Cuidado sem vínculo paternal revela o Deus-Criador, sem, porém, revelar “Deus, o Pai”. Na adoção de Onésimo, e na de tantos outros filhos e filhas espirituais, Deus é glorificado por meio da expressão mais íntima de Si mesmo: ele é, sobretudo, o Pai<sup>551</sup>! Deus, o Pai, faz viver e adota em Cristo.

Se Paulo visse em Onésimo apenas irmão, e não também filho, seu cuidado seria restrito, e a revelação de Deus consideravelmente limitada. Onésimo é filho de Paulo porque assumiu seu *status* como filho de Deus; o apóstolo cumpria para com ele, desde então, o propósito adotante da *missio gratia*.

Resta claro que o objetivo da graça é restaurar no humano sua capacidade progenitora em nova dimensão, uma reinterpretação consistente de Gênesis 1:28: “E, então, os abençoou: ‘Cresçam! Reproduzam-se! Enchem a terra! Assumam o comando!’”<sup>552</sup>. Em contrapartida, a adoção espiritual é o caminho necessário a que a graça divina livre os seres humanos das muitas faces da morte.

No Gênesis, o humano oriundo do pó é, por assim dizer, irmão da terra, e ambos, filhos de Deus. Não somente isso, o humano é o cuidador do mundo, da terra, sua irmã. Aí também subjaz um alicerce do sentimento próprio de pai ou mãe. À legítima fraternidade subjazem a paternidade e a maternidade. Mesmo Cristo só é o grande Irmão, o Primogênito, por ser um com o Pai<sup>553</sup>.

Paulo escreve a Filemom, quanto a Onésimo: “Eu o envio de volta a ti, como se estivesse enviando o meu próprio coração.”<sup>554</sup>. O anseio de Cristo “[...] que todos sejam um, Pai, como Tu estás em mim, e Eu em ti. Que eles também estejam em nós,

<sup>549</sup> Em latim, “missão de adotar”.

<sup>550</sup> Cf. João 15.

<sup>551</sup> Cf. João 1:18, 1ª aos Coríntios 1:3, 8:6, 15:24.

<sup>552</sup> PETERSON, 2011, p. 24. A extrema atualidade destas palavras obrigou-nos a escolher esta versão.

<sup>553</sup> Cf. João 10:30.

<sup>554</sup> Filemom 1:12. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2384.

[...]”<sup>555</sup> se evidencia na relação entre Paulo e Onésimo. No peito de Paulo Onésimo reside. Não é simplesmente outro alguém; é ele próprio.

“Envio de volta” é tradução de ἀνέπεμψά<sup>556</sup> (“o terei enviado”), e indica que o próprio Onésimo levou a carta<sup>557</sup>. Segundo Champlin, o verbo corretamente traduz-se no presente, estando no aoristo epistolar<sup>558</sup> (forma pela qual o escritor redigia pondo-se na condição dos leitores; no original, o grego é vazado no passado, indicando como Filemom veria, lendo a carta, o gesto paulino de enviar-lhe Onésimo). Posição sustentada por Allen (1901-1986)<sup>559</sup> é a de que este verbo seria usado ao se mandar alguém a uma corte superior; deste modo, Paulo estaria enviando o “caso de Onésimo” a Filemom, o qual deveria emitir um veredito.

Mas Paulo enviava a Filemom aquilo que era essencial para o bem-estar, e à própria vida, caro ao apóstolo tanto quanto sua própria alma: seu “próprio coração” (temos, na Vulgata: “mas tu recebe-o como meu próprio coração”<sup>560</sup>). Se Filemom usasse de crueldade com seu servo, teria feito o mesmo ao receber, em pessoa, o apóstolo Paulo.

Em toda adoção espiritual dá-se um fenômeno de identificação a partir da pergunta: “E se fosse eu?”. Na hora empática, o “se fosse” dá lugar ao “sou”, e eu me penso como sendo a outra pessoa. Só à luz daquele instante de transcendência é que ela, de fato, vive para mim, e eu, em favor dela. Transcendência, pois até ela passou a ser eu, o que não é egoístico, absolutamente, pois fui para além de mim, ampliando-se meu espaço vital. Cumpriu-se radicalmente o mandamento “[...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo”<sup>561</sup>.

Amar-me, então, é amá-la; e amá-la, amar-me. Sob tal perspectiva, eu me protejo ao livrar a outra pessoa do que eu sofreria se não amasse a mim mesmo. E se eu deixasse por inteiro de me amar, sairia da “vida para entrar na História”<sup>562</sup>, viraria lembrança para quem ainda a quisesse, sem minha anuência; matar-me-ia.

<sup>555</sup> João 17:21. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2064.

<sup>556</sup> Translit. *anepenpsa*.

<sup>557</sup> RIENECKER, 1995, p. 489.

<sup>558</sup> CHAMPLIN, 2002, v. 5, p. 458.

<sup>559</sup> ALLEN, 1988, v. 11, p. 458.

<sup>560</sup> Nota de rodapé “e”. A BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 2240.

<sup>561</sup> Levítico 19:18. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 234.

<sup>562</sup> Não é nosso propósito afirmar que todo suicídio tenha por principal motivação o deixar de se amar, como não a teria tido o do presidente Getúlio Vargas. Utilizamos do notável final da carta-

E se o outro ser humano puder ser agora eu mesmo, relaciono-me com ele do modo como de fato gostaria que se relacionasse comigo, a partir de meu mais profundo eu, do modo mais natural que qualquer “eu” possa ser. O mais bondoso e sensível, a não ser que eu, de algum modo, não ame a mim mesmo.

Reza o senso comum: “A primeira impressão é a que fica”; em toda adoção espiritual, o *imprinting*<sup>563</sup> não se inicia na busca do filho ou filha por uma face com a qual se identifique, mas, sobretudo, pela pessoa adotante que se vê na face de seu filho ou filha que adotou.

Outro aspecto relevante à intimidade da adoção, Paulo o levanta ao afirmar: “Assim, pois, se me tens por companheiro, recebe-o como a mim mesmo” (Filemom 1:17). Uma inferência semelhante àquela utilizada no versículo 12, onde Paulo chama a Onésimo de “... o meu próprio coração”. É um reforço de ideia, acrescido de um “se”: “Se me consideras companheiro...”.

A palavra grega traduzida por “companheiro” é *κοινωνός*<sup>564</sup>, podendo também significar um participante de negócio comum a duas ou mais pessoas, um “sócio”<sup>565</sup>. Por causa do verso seguinte, no qual Paulo se compromete a saldar quaisquer dívidas de Onésimo para com Filemom, parece mais oportuna esta última acepção.

Haveria, portanto, um negócio comum a Filemom e a Paulo, pelo que se lhes exigia o compartilhamento de receitas, despesas, responsabilidades. Qual este negócio? A indicação, presente em toda a carta, particularmente nos versículos 2 e 7 é “a causa do Evangelho”, a propagação das boas-novas de salvação em Cristo. Onésimo, envolvido na mesma empresa, deveria ser tido por sócio, companheiro, não por criado, como se pode presumir.

A união em Cristo faz, de todos, parceiros no mesmo cometimento: “[...] as leis do amor cristão exigiriam que Onésimo fosse gentilmente acolhido: [...] isso é um

---

testamento que teria sido escrita por Getúlio, tão só por seu valor histórico. Texto integral da carta: CARTA-TESTAMENTO de Getúlio Vargas. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/getulio-vargas/carta-testamento-de-getulio-vargas>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

<sup>563</sup> “*Imprinting* é [...] o processo pelo qual filhotes, logo que nascem, têm a prontidão para seguir a mãe ou até uma falsa mãe, identificando-se como membros daquela espécie. Tão regular é esse fenômeno, que ele foi chamado [...] de *imprinting* [gravação] do que significa ser humano”. WONDRAČEK, 2012, p. 53.

<sup>564</sup> Translit. *koinônón*.

<sup>565</sup> TAYLOR, William Carey. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego*: Dicionário. 6. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980, p. 119.

conceito revolucionário[...]”<sup>566</sup>. Escravo-sócio, ou ex-escravo e sócio de Filemom: Onésimo!

Pelo viés adotivo, segue-se que o outro, a quem adotei, não é apenas o que sou eu mesmo, ou “meu coração”, como Onésimo não apenas o era. Sou eu, mas diferente de mim. Nem completamente eu mesmo, nem outro; outra parte de mim, meu complemento ou, no dizer de Paulo, sócio. Ele sou eu; porém, ambos, a parte que falta ao outro, para ser, cada um, pleno eu.

Se na adoção espiritual as relações de poder dão lugar à cooperação mútua, e as diferenças à igualdade, incidem aí o mútuo completamento e mútua aceitação. Todos e todas são pais, mães, simultaneamente filhos e filhas, mutuamente adotando e sendo adotados e adotadas, libertando e sendo libertos, libertas.

A adoção é distintiva de uma sociedade utópica, daquela ideal, na qual todos os humanos amam e são amados, cuidados, vinculados. Se a geração e adoção de filhos e filhas manifestariam a *Imago Dei*, a nova intimidade, tendo noutro humano a outra parte de mim, à qual amo como a mim mesmo, é instância do advento do Reino de Deus, manifestação da *Theósis*. O Pai, de fato, está entre nós, e nos vemos como uma grande família, de muitos filhos e filhas em mútuo completamento.

Nossa investigação visa compreender as diferenças e similitudes da paternidade do Pai sobre seu Filho Eterno e sua paternidade sobre seus filhos e filhas por adoção. Se, anteriormente, vislumbramos a relação do Pai com seu Unigênito, convém agora contemplá-lo na dimensão huiotesiológica, adotando seus filhos e filhas. Esta revelação, encontramos-la demonstrada em Paulo, pai espiritual de Onésimo. Certamente a Epístola a Filemon tem como um de seus maiores propósitos encorajar os crentes à paternidade ou maternidade espiritual, adotiva, por meio do exemplo paulino. Esse exemplo nos revela o Deus adotante.

O Paulo “prisioneiro de Cristo Jesus”<sup>567</sup> é aquele que completa em seu “corpo o que resta das aflições de Cristo”<sup>568</sup>. A Providência o conduziu à prisão. Cristo o conduziu até ali, um lugar de sofrimento, de trevas, de provável escassez. Se Paulo

---

<sup>566</sup> CHAMPLIN, 2002, v. 5, p. 460.

<sup>567</sup> Filemon 1:1. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2384.

<sup>568</sup> Colossenses 1:24. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2328.

sofria as aflições de Cristo, Cristo mesmo as sofria por meio de Paulo. Se Paulo estava em Cristo, Cristo estava no Paulo entre algemas.

Ora, se em meio às dores de Cristo, e de Paulo, nasce Onésimo, quão distante é isto da filiação do Unigênito. Pois nunca houve no Pai agonia em meio à eterna geração, senão glória e gozo. Mas, afora o Filho Amado, todo humano é encontrado nas trevas, todos e todas filhos e filhas da dor. A gestação natural, na escuridão do ventre, é parábola universal de todos os nascimentos espirituais. As pessoas salvas nascem das trevas e da dor no ventre de Deus.

E como precisa chorar o nenê ao nascer, desimpedir-se de todo o passado para aspirar o mundo, de igual modo se dá no novo nascimento. Pois, quem se arrependeria sem lamento? Quem negaria a si mesmo sem sofrer, abrindo-se à nova vida? Carecem sair das narinas do nenê o sangue, e a água, e tudo o mais, como deve sair do coração o Inferno. Que entre na criança o fôlego, e que a alma perdida aspire Deus.

Deparamo-nos com distinções fundamentais entre a filiação eterna e a *Huiiothesía*: aquela não pode não ser, jamais é sonhada como algo a se obter. Para sempre é, sem possibilidade de não. E quanto à disposição permanente, o Filho aclara-a no deserto. No desafio do tentador está a própria reafirmação do compromisso do Filho: “Se tu és o Filho de Deus [...]”<sup>569</sup>. E o Filho, citando as palavras de seu Pai, parece confirmar: “Sim! Justamente porque eu sou...”. Mesmo no auge de sua fraqueza humana, seu pacto é inquebrável.

Devemos nos lembrar que, em muitos aspectos, a tentação de Cristo foi incomparavelmente pior que a de Adão e Eva. Primeiro, diferentemente da carne bem-aventurada de Adão, a de Jesus era, como diz Paulo, carne do pecado.

Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne.<sup>570</sup>

Cristo assumiu a carne frágil, essa *nossa* carne frágil, já debaixo da maldição do pecado, para servir de socorro e salvação a toda carne frente ao tentador. Era a

<sup>569</sup> Mateus 4:2 e 6. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1767.

<sup>570</sup> Romanos 8:3. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2188. “*Semelhança de carne pecaminosa*. Denota a completa identificação de Cristo na nossa humanidade ‘sem conhecer pecado’ (2 Co 5.21) [...]”. Nota de rodapé intitulada “8.3”. BÍBLIA Shedd, 1997, p. 1592. [grifo do autor].

carne enfraquecida pelo pecado de Adão, mas sem pecado<sup>571</sup>. A carne de Cristo era, como ele mesmo afirmou, “carne fraca”<sup>572</sup>, sujeita, pelo imperativo da satisfação de inúmeras necessidades, a desejar coisas contrárias a Deus. A carne de Adão, ao contrário da de Cristo, não possuía fraqueza alguma; sua decisão foi completamente livre.

Em segundo lugar, Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto e à solidão. O Cristo estaria sozinho, faminto e enfraquecido. Adão e Eva, ao contrário, sequer jejuavam. Podiam sempre comer livremente dos frutos do jardim. Portanto, na hora da tentação, achavam-se em pleno vigor, na companhia um do outro.

Terceiro. Embora se diga do mito da serpente, objetivamente se apresentou a Eva algum ser, por si mesmo, inglorio. Ao contrário, no caso de Jesus devemos supor que o tentador não tenha se servido de criatura alguma. Se, numa das tentações, requereu adoração, ele próprio se deve ter aproximado de Cristo, travando pessoalmente o duelo. E, tendo oferecido toda a riqueza e poderes terrenos, com que glória e beleza<sup>573</sup> não se apresentou o “Príncipe deste mundo”<sup>574</sup>? Comparecendo glorioso diante do Senhor, revelou-se uma das mais lindas visões que o Encarnado poderia ter contemplado no mundo.

A teologia paulina da adoção nos apresenta um Deus que, por pura graça, sonhou com filhos e filhas passíveis de adoção: vítimas do pecado, a mais dura realidade, renascendo em todas as idades, tão ou mais escravizados que Onésimo. E o sonho divino não é envolto em névoa; não há nuvens coloridas, anjos, trono e luz. Se Paulo está na prisão, unido a Cristo, e Cristo nele, o que redundará na salvação de Onésimo, primeiro esse Deus adotante, Pai e Filho, sonhou sua própria morte como preço da adoção.

Poder-se-ia dizer que o Unigênito, Imagem e Palavra e Sabedoria divina, é Filho na eterna autogeração da vida de Deus. Os filhos e filhas por adoção, ao

---

<sup>571</sup> Claro sinal dessa fraqueza são a vulnerabilidade à dor e à morte. Antes da queda de Adão e Eva, a morte seria uma possibilidade distante, enquanto a dor praticamente inexistiria. Depois da queda, ambas se tornaram inimigas sempre presentes. Jesus, no deserto, conhecia-as bem, enquanto eram provavelmente estranhas ao primeiro casal.

<sup>572</sup> Mateus 26:41. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1836.

<sup>573</sup> Cf. 2ª aos Coríntios 11:14.

<sup>574</sup> João 14:30. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2059.



contrário, nascem da morte de seu Irmão e Pai. Que o apóstolo e todas as pessoas crentes exultem em cânticos, declarando:

Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos concederá juntamente com Ele, gratuitamente, todas as demais coisas? Quem poderá trazer alguma acusação sobre os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica! Quem os condenará? Foi Cristo Jesus que morreu; e mais, Ele ressuscitou dentre os mortos e está à direita de Deus, e também intercede a nosso favor.<sup>575</sup>

O que Paulo celebra nestas palavras é o amor adotante. Fortes “algemas de amor” autoinfligidas efetuaram a entrega do Filho, do Cordeiro “que foi morto antes da fundação do mundo”<sup>576</sup>.

Muito embora seja o amor aquele que convida à fé, a adoção requer anuência da pessoa adotada. Ser criada para a filiação não torna imposição o privilégio. Este permanece um direito. Onésimo poderia permanecer mero escravo foragido. Esaú, abdicar da primogenitura. No deserto do mundo, até o Filho Amado teve a chance de negar seu Pai.

A adoção alude ao fato de que ninguém, ao nascer de novo, encontra *somente* salvação. Encontra filiação; é feito filho ou filha. A salvação é seguida sempre da adoção. Esta lhe é compulsória. O humano, nascido para a filiação, é o correspondente, no mundo, da paternidade do Pai.

E no Pai há só uma paternidade. Ele é o “Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”<sup>577</sup>. Mas, se, num sentido específico, Onésimo foi gerado por Paulo, todo salvo ou salva é geração de Deus. De que maneira, então, se distinguiria a geração do Unigênito da dos filhos e filhas por adoção? Ora, se há apenas uma paternidade, não pode haver distinção de amor. O ato de perfilhar é compartilhar daquele mesmo e único amor paternal.

Em toda efetiva adoção, mesmo nos dias em que Paulo fez uso de *Huióthesía*<sup>578</sup>, só pode haver distinção no tempo e no modo dessa única paternidade. No tempo, posto que a adoção, embora sonhada na eternidade, só se efetiva na história, pois o humano só é encontrado ali. No modo, porque adoção é mudança relacional sem modificação de natureza. O mesmo modo de ser encontra um novo

<sup>575</sup> Romanos 8:32-34. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2190-2191.

<sup>576</sup> Cf. Apocalipse 13:8. Vide nota 74, acima.

<sup>577</sup> 2ª aos Coríntios 1:3. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2255.

<sup>578</sup> Vide nota 417.

modo de sentir. Enquanto o Filho Eterno é tão divino quanto seu Pai, os filhos e filhas por adoção permanecem humanos e humanas<sup>579</sup>, não obstante serem feitos filhos e filhas de Deus.

Quanto ao estado filial, as maiores diferenças ligam-se a esta era. Agora, é possível ao pródigo abandonar a casa; e o irmão mais velho, ao mais novo. Não havendo compulsoriedade para o ingresso, haveria para a permanência na filiação? Pensemos na parábola dos dois filhos<sup>580</sup>. Ali, ambos mudam de estado, tendo dado ao pai respostas que se revelam, ao final da narrativa, decisões provisórias. O justo abandonou a justiça; o injusto, a injustiça<sup>581</sup>.

Comentando a mudança para melhor, do segundo filho, e comparando-a com a metamorfose de publicanos e meretrizes, escreve Joachim Jeremias: “Pois, se disseram não ao mandamento de Deus, se arrependeram e fizeram penitência. Por isso acham entrada no reino de Deus [...]”<sup>582</sup>. E se ao mudarem para melhor, adentram o Reino, deve-se supor, na fala de Cristo, a possibilidade de mudança para pior, tal qual ocorrida em Adão e Eva e, jamais, no próprio Cristo.

Na era futura há um novo estado de filiação, irrevogável, dado como prêmio. Lemos na Carta aos Romanos:

Estou absolutamente convencido de que os nossos sofrimentos do presente não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada. A própria natureza criada aguarda, com vívido anseio, que os filhos de Deus sejam revelados. Sabemos que até hoje toda a criação geme e padece, como em dores de parto. E não somente ela, mas igualmente nós, que temos os primeiros frutos do Espírito, também gememos em nosso íntimo, esperando com ansiosa expectativa, por nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo.<sup>583</sup>

Quem sofre como filho ou filha de Deus deve esperar pacientemente a glória futura. No dizer de Pannenberg, a esperança escatológica está sempre ligada à consolação pelas dores presentes.

Em todas as suas formas e em todos os seus temas específicos a escatologia bíblica tem a ver com a superação do mal e dos males. [...] a ressurreição dos

---

<sup>579</sup> Da consumação, diz-se no Apocalipse: “Eis o tabernáculo de Deus com os homens”. Homens, ou humanos, pelos séculos dos séculos.

<sup>580</sup> Cf. Mateus 21:28-32.

<sup>581</sup> Alusão a Ezequiel 33:18-19.

<sup>582</sup> JEREMIAS, 1986, p. 127.

<sup>583</sup> Romanos 8:18-19, 22-23. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2189.

mortos é superação do mal e dos males, porque nela se processa a vitória sobre a morte e transitoriedade, sob cujo domínio geme o mundo atual.<sup>584</sup>

Mas, se, como diz Paulo, as pessoas crentes e a natureza aguardam a glorificação, que “os filhos de Deus sejam revelados” em sua “adoção como filhos”, isto é, “a redenção do [...] corpo”, a revelação dos filhos como filhos, das filhas como filhas é o ingresso, da humanidade glorificada, no caráter eterno da filiação do Filho, sua coparticipação trinitária. Dizemos “trinitária” pois a humanidade glorificada participará intimamente, na pessoa do Filho, das relações trinitárias. A criação redimida encontra, pela mediação eterna do Filho, a suprema filiação, suprema glória.

Sem equívocos, Paulo considera estas coisas como tomada por filhos e filhas daqueles mesmos já filhos e filhas. Equivaleria à coroação do Filho, anunciada nos Salmos. O Messias declara: “Proclamarei o decreto do Senhor. Ele me disse: ‘Tu és meu Filho; Eu hoje te gerei. [...]’”<sup>585</sup>. Na Filiação do Filho, a coroação do Primogênito, reside a esperança de coroação das pessoas redimidas. E a filiação que se estabelece na conversão é precisamente fusão de corações, como no caso de Paulo e Onésimo.

Pela incorporação ao Filho Amado, a *Huiiothesía* ergue a uma vez e prossegue, soerguendo para o Pai, filhos amados e amadas filhas que, pelo amor, reafirmam sua condição. Tal levantamento gradual, expõe-no o apóstolo, ao incitar as pessoas crentes:

Portanto, sede imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor como Cristo, que também nos amou e se entregou por nós a Deus como oferta e sacrifício com aroma suave.<sup>586</sup>

Tanto quanto, no cuidado que Filemon demonstrasse por Onésimo, na acolhida, no amor pelo ex-escravo, Paulo estaria, ele próprio, acolhido e amado, bem assim, o generoso amor do Pai. Esse amor que, como vimos, originou a autolimitação do próprio Deus, a entrega do Filho Eterno para redenção da humanidade, a feitura do humano como *Imago Dei*, filho do sopro intimíssimo, enleva-se em supremo regozijo ante o bem-estar de suas criaturas.

---

<sup>584</sup> PANNEBERG, 2009, v. 3, p. 829.

<sup>585</sup> Salmos 2:7. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1015.

<sup>586</sup> Efésios 5:1-2. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2305.

Daí que a prova cabal de que o humano adotado ama o Pai seja o amor por suas criaturas. Não se pode escapar à manutenção do ciclo infundável determinado pelo Filho, quando disse:

E o meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei. Não existe maior amor do que este: de alguém dar a própria vida por causa dos seus amigos. Vós sois meus amigos, se praticais o que Eu vos mando.<sup>587</sup>

Quem seriam os amigos do Senhor? Aqueles discípulos que o obedecessem? E o que ele lhes ordenara? Que amassem uns aos outros com o amor que ele mesmo tinha. E qual, esse amor? O de dar a vida por potenciais amigos. E quem seriam esses amigos? Aqueles que, obedecendo ao Senhor, fossem capazes de amar com o amor dele. E qual, esse amor? O de dar a vida por potenciais amigos... Eis o ciclo infundável do amor, inaugurado e ordenado por Cristo, o Senhor.

Isso mesmo é a sociedade de amor e fé, demonstrada na aliança entre Paulo, Filemon, Onésimo, e quem mais viesse a crer em Cristo. O Ressurreto interrogaria a Pedro: “Simão, filho de João, tu me amas?” e ordenaria a prova do amor, a prova da *Huiiothesía*: “Pastoreia [...]”, ama, cuida, das “minhas ovelhas”<sup>588</sup>. Se não é possível salvação sem filiação, ambas são de todo impossíveis “se não tiver amor”<sup>589</sup>.

Resta uma radicalização. De fato, o Pai entregou seu Filho à condenação em lugar de pessoas pecadoras. O Filho, por sua vez, juntamente com o Pai, amou-as com esperança. Cristo morreu por todas as almas perdidas. Segue-se que, a exemplo de Cristo, o grande peso na alma, o primeiro amor das pessoas se volte a quem age com inimizade para com o humano salvo e para com o Deus Salvador.

Da parte das pessoas salvas, toda inimizade será sempre desvinculação do Pai. O amor, e nenhum outro sentimento, é a verdadeira chama revolucionária. Por isso, dos humanos que foram salvos se dá testemunho de serem “pacificadores” que “serão chamados filhos de Deus”, portadores do “ministério da reconciliação”. Mesmo quando protestam<sup>590</sup>, fazem-no movidos pelo amor.

<sup>587</sup> João 15:12-14. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2060.

<sup>588</sup> João 21:16. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2075.

<sup>589</sup> 1ª aos Coríntios 13:1. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2239.

<sup>590</sup> Causa-nos enorme estranheza, em nosso atual contexto brasileiro, a abundância de discursos inflamados, por parte de teólogos e teólogas, evidenciando um espírito virtualmente irreconciliável. No âmbito político, esquerdistas e direitistas injuriam-se mutuamente, sem dar sequer mínima

#### 4.4.2.4 Adoção, agonia e protesto

A adoção divina é ato de amor que visa dar aos humanos o suprimento de sua necessidade existencial de filiação. Pois, como filhos e filhas do sopro, ante a face divina<sup>591</sup>, sabemos de nossa existência para sermos filhos ou filhas de Deus.

Se de um lado a adoção expressa a capacidade de ver a outra pessoa como parte de mim ou de minha família, de outro, torna-se impossível adotar, em qualquer modalidade humana de adoção, diretamente a todos. Qual o limite prático da iniciativa de se adotar? A quem se deve adotar?

Supomos que o critério inicial seja o da proximidade, o do clamor que chega aos ouvidos. Filemom já “adotara” outras vezes a seus irmãos e irmãs, pessoas próximas<sup>592</sup>. Paulo escreve:

Meu caro irmão, o seu amor tem me dado grande alegria e muita coragem, pois você tem animado o coração de todo o povo de Deus. Por isso, como seu irmão em Cristo, eu sei que tenho o direito de exigir o que você deve fazer. Mas o amor que tenho por você me obriga a lhe fazer apenas um pedido. [...] Portanto, eu lhe faço um pedido em favor de Onésimo, que é meu filho por estarmos unidos com Cristo [...] (Filemom 1:7-10).<sup>593</sup>

Mais uma vez cabe ressaltar o altruísmo de Paulo. Já no início da epístola, o apóstolo exhibe seu estado de felicidade, de alegria inabalável mesmo ante as intempéries da vida, por um motivo singelo: recebera notícias do cuidado de Filemom. Por quem? Por si, Paulo? Novamente, não. Pelos irmãos e irmãs em Cristo! Juntamente com o júbilo vinha-lhe o conforto ou encorajamento para avançar no trabalho do Senhor, cujo fim jamais seria vão, o que já se podia evidenciar na vida de

---

importância ao “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”. Mateus 5:44. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1773. Basta brevíssima incursão pela *internet*, particularmente nas mídias sociais, e essa triste constatação avulta. A ordenação divina implicada na adoção como filhos e filhas de Deus, de pessoas crentes protagonizarem o amor sempre indistinto, desvanece-se em meio às trevas da polarização.

<sup>591</sup> O *imprinting* mais original é esse que faz a alma clamar “Abba, Pai” (cf. Romanos 8:15). A face com que Adão se depara ao nascer não é outra senão a do teofânico. Segundo James Loder, é essa a face que primeiro revela sua identidade: filho do Criador, senhor do mundo. E se o Espírito de Deus foi mesmo compartilhado no sopro intimíssimo, seu primeiro ensino não foi qualquer outro senão este: ensinar Adão a dizer, diante de seu Pai: “Abba!”.

<sup>592</sup> Todo cuidado compreende o fim da distância, isto é, ajuda-se o que se põe adiante. Talvez por isso mesmo Jesus tenha acentuado o “[...] ame seu **próximo** como a si mesmo”. Mateus 19:19. STERN, 2010, p. 1242. [grifo nosso]. O uso do passivo “si”, foi decisivo na escolha desta tradução. A construção soa mais íntima que o popularizado e igualmente válido “a ti mesmo”.

<sup>593</sup> BÍBLIA Conselheira: Novo Testamento: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: SBB, 2011, p. 477. O calor, a profunda humanidade do texto ensejou a escolha desta tradução.

Filemom, seu filho na fé (vs. 19). Filemom era irmão, especial por sê-lo, especial por querer sê-lo não somente de palavras.

Reanimar os corações dos irmãos e irmãs era o mesmo que reanimá-los, reanimá-las profundamente, como um todo, interagindo com a sede do seu emocional. Ou seja, Filemom fora o parceiro de Deus para, por meio de seus atos (suprimento de carências alimentícias, junto a outros atos bondosos), refrigerar, relaxar do labor da vida os corações das pessoas crentes, “como uma preparação para a renovação do trabalho ou sofrimento”<sup>594</sup>. Revela-se, aqui, o segundo critério para definição dos limites da adoção: os recursos disponíveis para quem adota.

Na carta de Paulo a Filemom não nos é apresentada direta ou indiretamente qualquer fala de Onésimo. Apenas Paulo fala. Por quê? Devemos crer que Paulo já “ouvira” Onésimo, e agora precisava fazer com que este fosse ouvido pelo ex-dono. Paulo sabia que Filemom o ouviria, mas fica implícito que este, apesar de suas muitas virtudes, citadas pelo apóstolo, não daria ouvidos ao apelo solitário de seu ex-escravo. Talvez a força da tradição escravagista do império ainda engessasse, neste pormenor, a bondade do destinatário epistolar. Paulo interveio; tendo ouvido, tornou-se portavoz. É certo que dar voz a quem não consegue ser ouvido também seja, frequentemente, adoção.

Por ora, é irrenunciável ressaltar a sensibilidade de escuta. Quem não é adotado como filho ou filha de Deus pela fé, clama, a exemplo da criação:

E não somente ela, mas igualmente nós, que temos os primeiros frutos do Espírito, também gememos em nosso íntimo, esperando com ansiosa expectativa, por nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo.<sup>595</sup>

Podemos unir à história de Paulo, Onésimo e Filemon, a de Davi e Isabel. No programa Encontro com Fátima Bernardes, edição de 26 de junho de 2012<sup>596</sup>, contou-se a história de Davi Árias, um adolescente de 15 anos que fora “[...] devolvido cinco vezes. Nenhuma família teve condições financeiras de assumir a adoção definitiva”. A repórter Lília Teles, em 2010, já fizera reportagem para o Globo Repórter sobre o

<sup>594</sup> LIGHTFOOT, 1879 *apud* RIENECKER, 1995, p. 489.

<sup>595</sup> Romanos 8:23. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2189.

<sup>596</sup> ADOÇÃO: frustração das crianças que são devolvidas aos abrigos. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/O-Programa/noticia/2012/06/ocaminho-da-adocao-frustracao-das-criancas-que-sao-devolvidas-aos-abrigos.html>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

drama da devolução de crianças aos abrigos. Ela nos conta, no programa de Fátima, referindo-se ao Davi: “Eu lembro que ele chorava tanto durante a reportagem! [...]”.

Durante o programa, em 2012, Fátima entrevistou o adolescente e sua mãe adotiva, a publicitária Isabel Árias. Para ele, Isabel representou o término de um período de incertezas: “A primeira coisa que eu pensava era no que eu tinha feito de errado. Eu me sentia rejeitado. Hoje, eu lido melhor com a rejeição”.

A dúvida sobre o próprio valor, em casos como esse, deriva do não atendimento ao impulso natural para a recepção de cuidado, aceitação e preservação da vida. O não atendimento contínuo a esse impulso se cristaliza, em seres racionais, como sentimento de rejeição<sup>597</sup>.

Iniciado o processo de adaptação entre Davi e Isabel, a mãe relata a dificuldade em conseguir deixar claro para seu quase-filho “que ela não iria devolvê-lo”. O menino testou seu amor, chegando a quebrar os objetos do interior da casa. Mas Isabel foi capaz de ouvir, cuidar, adotar.

A adoção revela a capacidade de alguém escutar sua própria voz na voz de outrem. Enquanto todos clamamos desde sempre por atenção e cuidado, é possível cessar a escuta exclusiva deste lado de cá, a escuta de si, a fim de se escutar a agonia da alma que clama por Cristo.

E se a distância não permitir a chegada de certas vozes, terão elas de ser representadas por quem lhes dê eco. Sempre a escuta sensível se desdobrará em ações concretas de adoção figurativa, e em vozes de protesto.

Em Filemom 1:18-19, o apóstolo Paulo escreve:

Contudo, se ele te causou algum prejuízo ou te deve qualquer coisa, lança todo o custo na minha conta. Eu, Paulo, escrevo estas palavras de próprio punho: eu o pagarei para não mencionar que tu me debes tua própria vida.<sup>598</sup>

---

<sup>597</sup> “A criança, com efeito, depende de outrem para avaliação de si mesma e concebe a própria imagem segundo a imagem proposta pelo adulto: a gente é gentil, é que ela é gentil; a gente é fria ou brutal, é que ela é má e sem valor [...]. Foi possível mostrar que a maneira pela qual a criança se considera a si mesma é baseada na atitude dos pais a respeito dela, da qual percebe os matizes mais ocultos com espantosa sensibilidade”. PENNA, P. Damasco. *Introdução à psicologia da criança*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980, p. 86.

<sup>598</sup> BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2385.

Onésimo causara, provavelmente, dano a seu ex-senhor Filemom. O vocábulo traduzido por “fazer dano” é flexão do verbo ἀδικέω<sup>599</sup> (agir injustamente, defraudar<sup>600</sup>; cometer um delito, ser culpável<sup>601</sup>; prejudicar, danificar<sup>602</sup>). Mesmo que se presuma verdade na declaração de dano, Paulo utiliza uma construção cuja forma é hipotética, evitando qualquer debate sobre o ex-serviçal. Permanecem incógnitos os detalhes da infração ou infrações cometidas (houvera talvez Onésimo, para poder fugir, roubado dinheiro de seu amo?). De qualquer modo, pelas leis romanas era devido, a Filemom, ressarcimento pelos dias não-trabalhados do servo fugitivo<sup>603</sup>.

Filemom, a seu próprio critério, poderia reivindicar, ou não, ressarcimento; o que realmente não importava ao apóstolo. A exemplo de seu Mestre, o Cristo crucificado<sup>604</sup>, Paulo resolvia assumir todo o débito de Onésimo com Filemom. Ao se declarar disposto a quitar quaisquer dívidas de Onésimo, Paulo endividava-se com outro de seus filhos na fé: o próprio Filemom.

Paulo passaria a um pressionamento legítimo, lembrando que Filemom se devia a ele, que o evangelizara e conduziu à fé em uma salvação eterna. Salvação sem fim deveria gerar, na visão de Paulo, gratidão sem fim. Desse modo, a dívida espiritual de Filemom suplantava, em muito, a material, encampada pelo apóstolo (no grego temos, para *deves*, προσοφείλω<sup>605</sup>, que se traduz também por “dever mais, dever além de (outro débito)”<sup>606</sup>).

Paulo, entretanto, não dissimulava ao afirmar seu desejo de liquidar sua dívida; e, por isso mesmo, seguindo seu exemplo, Filemom poderia pagar bem acolhendo o escravo, ou liberando-o. Deste modo ambos, Paulo e Filemom, possuíam, um contra o outro, notas promissórias (o termo αποτίσω<sup>607</sup>, aqui utilizado,

---

<sup>599</sup> RIENECKER, 1995, p. 490. Translit. *adikeo*.

<sup>600</sup> RIENECKER, 1995, p. 490.

<sup>601</sup> GINGRICH, 1984, p. 12.

<sup>602</sup> CHAMPLIN, 2002, v. 5, p. 460.

<sup>603</sup> “Pelo menos, devido à sua fuga, privara-o do trabalho que deveria ter feito, e que era legítimo direito de Filemom, segundo as leis da época”. CHAMPLIN, 2002, v. 5, p. 460.

<sup>604</sup> Russel Shedd aponta nesse verso o que seria “Uma perfeita ilustração de imputação”, conceito recorrente na cristologia paulina. BÍBLIA Vida Nova, 1995, p. 257.

<sup>605</sup> RIENECKER, 1995, p. 490. Translit. *prosofeilo*.

<sup>606</sup> RIENECKER, 1995, p. 490.

<sup>607</sup> RIENECKER, 1995, p. 490. Translit. *apotizo*.



tem conotação jurídica, indicando “uma certidão de dívida”<sup>608</sup>), notas que poderiam ser comutadas, declarando Filemom um eterno endividado<sup>609</sup>.

Nesse ponto, o apóstolo Paulo nos dá exemplo de profunda inconformação frente à necessidade de adoção espiritual de pessoas não cristãs. A agonia dessas pessoas deve ser ouvida pela Igreja. É papel dos cristãos dar-lhes voz.

Do mesmo modo como Filemom devia sua nova vida à pregação de Paulo e, pelo espírito de amor dessa mesma pregação, o cuidado por seu servo-irmão, Onésimo, de igual modo se pode inferir a obrigação moral da Igreja para com os não cristãos. Ela é solidária, responsabilizada e autorresponsabilizada pela pregação do Evangelho e salvação das pessoas perdidas.

Se, no Antigo Testamento, os profetas frequentemente se tornaram, em meio à indiferença e incredulidade do povo, a voz do Deus que queria salvar a esse mesmo povo, e se Paulo, com grande sensibilidade, atuou como a voz de Onésimo junto a Filemom, é certo que essas vozes de Deus na história, soando por meio de apóstolos e profetas, dão livre curso a um clamor mais antigo, primevo, que nos vem desde a eternidade.

Enquanto, nesta era, parte da atividade intercessória do Espírito são gemidos inexprimíveis<sup>610</sup>, palavras impronunciáveis<sup>611</sup>, qual não teria sido o clamor divino, oferecendo em sacrifício seu Filho amado, o Cordeiro, na fundação do mundo? Esse clamor, revelando o coração do Deus que quer salvar, encontra-se figurado na história de Abraão.

---

<sup>608</sup> MARTIN, 1984, p. 173.

<sup>609</sup> Todos os humanos somos eternos endividados. Todos recebemos contínua e graciosamente os favores da Graça Divina (cf. Mateus 5:45).

<sup>610</sup> Cf. Romanos 8:26-27.

<sup>611</sup> Em Romanos 8:26, o grego é intenso. A expressão ὑπερευτυχάνει στεναγμοῖς ἀλάλητοις (SAYÃO, 1998, p. 435), traduzida como “intercede por nós com gemidos impossíveis de serem expressos por meio de palavras” (BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2190), aponta para aquilo que é inaudito, intraduzível, “impossível de ser falado” (RIENECKER, 1995, p. 270). William R. Newell comenta: “Gemidos indizíveis expressam, a uma vez, a imensidão de nossa necessidade, nossa absoluta ignorância e incapacidade, e a infinita preocupação do bendito Espírito habitante, conosco. ‘Gemidos’: que palavra! E é usada para o próprio Espírito do Altíssimo! Quão superficial é nossa apreciação, tanto do que Cristo opera em nosso favor, quanto do que opera o Espírito dentro de nós”. *Gemidos indecíveis expresan al momento la inmensidad de nuestra necesidad, nuestra absoluta ignorancia e incapacidad, y la infinita preocupación del bendito Espíritu morador por nosotros. “Gemidos,” ¡qué palabra! ¡Y se usa para el Espíritu mismo del Altísimo! ¡Cuán superficial es nuestra apreciación de lo hecho tanto por Cristo en nuestro favor como por el Espíritu dentro de nosotros!* NEWELL, William R. *Romanos: versículo por versículo*. Grand Rapids, Michigan: Editorial Portavoz, 1949, p. 265. [grifo do autor]. (tradução nossa). Translit. *uperentugchanei stenagmois alaletois*.

Então Deus lhe ordenou: ‘Toma Isaque, teu filho, teu único filho, a quem tu muito amas, e vai-te à terra de Moriá. Sacrifica-o ali como holocausto, sobre um dos montes, que Eu te indicarei!’ Abraão levantou-se bem cedo, selou seu jumento e tomou consigo dois de seus servos e seu amado filho Isaque. Ele ainda rachou a lenha para o holocausto e se pôs a caminho rumo ao lugar que Deus havia mostrado. No terceiro dia, Abraão, levantando os olhos, viu de longe o lugar que Deus havia determinado. Abraão ordenou a seus servos: ‘Permaneçam aqui com o jumento. Eu e o menino iremos até lá, adoraremos e voltaremos a vós!’ Então Abraão tomou a lenha do holocausto e a colocou sobre os ombros de seu filho Isaque, e ele mesmo levou as brasas para preparar o fogo, e o cutelo. E, enquanto caminhavam os dois juntos, Isaque chamou por seu pai, Abraão: ‘Meu pai!’ Ao que replicou prontamente Abraão: ‘Sim, meu filho!’ Então Isaque indagou: ‘Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?’ Assegurou-lhe Abraão: ‘Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto; [...]’.<sup>612</sup>

Um clamor no coração de Abraão, pela vida de seu filho amado; um clamor que o capacitava a crer na ressurreição a partir das cinzas<sup>613</sup>. Um clamor nos lábios de Isaque, pedindo o cordeiro para o sacrifício. Um clamor nos céus, ordenando: “Não mate! Deixe o menino viver!”<sup>614</sup>. O clamor de Abraão intercede. O clamor de Isaque pede. O clamor de Deus absolve.

“Para si?”. Sim. Deus requerera o holocausto, a oferta totalmente queimada. E ele mesmo satisfaria a sua própria exigência. O clamor por salvação que brota da alma das pessoas condenadas, perdidas, alienadas, reverbera o próprio clamor de Deus em favor dessas pessoas.

E se é o próprio Espírito quem convence do pecado. Se é o Espírito Criador quem se move sobre as águas. Se é o próprio Espírito quem toca o boneco de barro, há esperança. Os clamores por salvação serão ouvidos; os pecadores, absolvidos; muitos filhos e filhas, adotados e adotadas por Deus<sup>615</sup>.

---

<sup>612</sup> Gênesis 22:2-8. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 47-48. Este pesquisador se curva com pasmo, com “temor e tremor”, ante a fantástica prova de Abraão. Como escreveu Kierkegaard, “Era uma vez um homem que ouvira, em sua meninice, a maravilhosa história de Abraão, o qual, posto à prova por Deus, vencida a tentação sem perda da fé, recebia, contra toda esperança, o seu filho pela segunda vez. Na idade madura tornou a ler a narrativa, e desta vez com redobrada admiração [...]. À proporção em que ia se fazendo velho, o pensamento voltava com mais frequência à história e com acrescida paixão; entretanto, entendia-se cada vez menos. Acabou esquecendo tudo o mais, fixando na alma apenas um desejo: ver Abraão; e apenas um desgosto: não ter sido testemunha do evento.”. KIERKEGAARD, Soren. *Temor e tremor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1975, p. 23.

<sup>613</sup> Cf. Hebreus 11:17-19. Supomos que Abraão estivesse pronto a clamar pelo extraordinário milagre da ressurreição de Isaque, caso seu filho virasse pó e cinzas do holocausto. Se isto não acontecesse de pronto, isto é, se Deus não operasse autonomamente o prodígio logo após o sacrifício, Abraão o rogaria.

<sup>614</sup> Cf. Gênesis 22:12.

<sup>615</sup> Cf. Hebreus 2:10-13.

Paulo ouviu Onésimo e se tornou sua voz. Deus ouviu o clamor de Israel, e desceu<sup>616</sup>. Ouviu a agonia de pessoas pecadoras, e entregou seu Filho Amado. Onde todos os gritos soaram? Os de Onésimo e os de Paulo, os dos cativos e cativas, dos humanos pecadores sentenciados à morte, os de Isaque e Abraão? No coração de Deus! É ali que todo clamor ecoa. É na prisão, no cárcere do amor, no cárcere de Cristo, que Paulo gera o escravo e o regenera.

Não há nenhum outro lugar, senão o coração de Deus, onde toda dor ecoa, mesmo antes de haver som<sup>617</sup>. Deus entregou seu Filho ao mundo antes de realizar a criação. Deus mesmo emitiu o grito quando estava só. Ali na cruz, porém, a turba pôde vislumbrar um rasgo da eternidade: a agonia de Deus pelos filhos e filhas perdidos, perdidas na morte, entre porcos e vagens<sup>618</sup>.

Mas... Por que ele grita? Quem o ouvirá? Ele grita porque sente dores. Seu grito é como o som de trombeta<sup>619</sup>. Grita, pois não quer que morram. Grita para que as almas ouçam<sup>620</sup>, e se assustem, e corram, e não pequem mais<sup>621</sup>, e assustadas bebam. Bebam água, como quem por horas foge do perigo, até chegar ao ribeiro e se refrescar. Corram! Vão até o ribeiro<sup>622</sup>! Bebam água viva. Enfim, bebam<sup>623</sup>!

O Deus Salvador clama! Paulo apelou em favor de Onésimo. Pessoas cristãs, unidas a Deus, clamam aos humanos para que se arrependam; clamam a Deus por salvação de outras pessoas; ouvem e reagem ao clamor de quem ainda não encontrou salvação. Sob essa ótica, a de sensibilidade, clamor e protesto, finalizaremos este ponto com dois exemplos virtuosos. O primeiro, diretamente ligado à nossa temática, é o de Corrie ten Boom; o segundo, indiretamente ligado à causa suprema da salvação

---

<sup>616</sup> O Deus da sarça se revela a Moisés: “[...] Certamente tenho observado a opressão e a miséria sobre meu povo no Egito, tenho ouvido seu clamor, por causa dos seus feitores, e sei o quanto estão padecendo. Por esse motivo desci a fim de livrá-los. [...]”. Êxodo 3:7-8. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 119.

<sup>617</sup> Deus é amor como volição, na presciência de sua eternidade.

<sup>618</sup> Cf. Lucas 15:16.

<sup>619</sup> Cf. Hebreus 12:19.

<sup>620</sup> A voz divina, os clamores por salvação irrompendo no tempo integram a cruz. Mas se o Cordeiro foi morto antes da fundação do mundo, esses clamores transcendem o tempo. Depois do distanciamento de Deus, Agostinho retorna e escreve: “Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós. Porém chamastes-me com uma voz tão forte que rompestes a minha surdez!”. AGOSTINHO, 1987, p. 190.

<sup>621</sup> Qual o impacto, sobre os apóstolos, de ver no Getsêmani o Mestre em agonia pelos pecados do mundo? Qual não foi, mais tarde, pela ação do Espírito, a força daquela lembrança?

<sup>622</sup> É Cristo o ribeiro, cf. João 7:37-38.

<sup>623</sup> Na Última Ceia, “Em seguida tomou um cálice, deu graças e o entregou aos seus discípulos, proclamando: ‘Bebei dele todos vós. [...]’”. Mateus 26:27. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1835.

das almas, é o de Dietrich Bonhoeffer. Citamo-los sobretudo em virtude da grandeza incontestável de seus efeitos duradouros.

#### 4.4.2.4.1 *Corrie ten Boom*

Em 1922<sup>624</sup>, Corrie ten Boom tornou-se a primeira mulher relojoeira licenciada na Holanda. Mas, Corrie foi muito mais que isso. De 1942 até a prisão, em 1944, ela e sua família integraram a resistência holandesa, opondo-se ao nazismo. Durante a Segunda Guerra, a família ten Boom fez de sua casa em Haarlem um “refúgio secreto” para judeus e membros da resistência que estavam sendo acossados pelos nazistas.

Em 12 de dezembro de 1967, Corrie ten Boom foi homenageada pelo Estado de Israel pelo seu trabalho em auxílio ao povo judeu. Foi convidada a plantar uma árvore na Alameda dos Justos, em Yad Vashem, próximo a Jerusalém. Corrie foi também homenageada pela rainha Juliana, da Holanda, em reconhecimento ao seu trabalho durante a guerra, e um museu em tributo a ela e sua família foi criado na cidade de Haarlem.

Corrie nos conta de Pieter Hartog, um jovem holandês que, junto com outros rapazes holandeses, todos disfarçados de soldados alemães (pois alguns soldados alemães se uniram a Corrie para salvar judeus, e forneceram os uniformes nazistas), salvou 100 bebês judeus que estavam num orfanato, e que os alemães iriam assassinar. À luz do dia, Pieter e seus amigos retiraram os bebês do orfanato. Auxiliados por Corrie e outras mulheres, entregaram em menos de 24 horas todos aqueles bebês às suas novas famílias.

Depois disso, Pieter declarou: “Eu acho que fazemos o trabalho mais importante de todos: salvar vidas! Não quero voltar à faculdade. Isso é vida! Eu gosto desse trabalho. Foi bom salvar esses bebês”. Corrie respondeu: “Pieter, existe um trabalho muito mais importante que salvar vidas: salvar almas, contando de Jesus às pessoas”. Pieter sorriu e disse: “Eu sou cristão, vou à igreja, leio a Bíblia e oro. Mas

---

<sup>624</sup> Fontes biográficas acerca de Corrie ten Boom e sua família: TEN Boom Museum. Disponível em: <<https://tenboom.org/>>. Acesso em: 16 nov. 2021., e o livro biográfico BOOM, Corrie ten. *O refúgio secreto*. Venda Nova: Editora Betânia, 1974. A história envolvendo Pieter Hartog e as falas da própria Corrie constam da entrevista desta a Kathryn Kuhlman. A excentricidade da srta. Kuhlman pode causar estranheza (ela própria admitia sua extravagância!), mas apelamos enfaticamente a todos e todas que lerem estas páginas: assistam cada segundo dessa histórica entrevista intitulada KATHRYN Kuhlman - Eu Acredito Em Milagres - Corrie Ten Boom - Parte 1 Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qytE5mPsa7E>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

falar de Jesus é um bom trabalho para o meu pastor”. Corrie, por fim, contestou: “Pieter, todo cristão deve ser a luz do mundo. E Jesus disse: ‘Assim como meu Pai me enviou, eu envio vocês’. Então, Pieter, chegará uma hora em que você verá que o seu trabalho mais importante será pregar o Evangelho”.

Seis meses depois, o jovem foi preso pelos nazistas, e eles disseram que ele teria apenas uma semana de vida. Um dia antes de ser morto, Pieter Hartog escreveu uma longa carta para Corrie. Nela, ele relatava: “Todos os meninos e homens aqui estão sendo mandados à morte, mas eu estou feliz por ter dito a eles que recebessem o Senhor Jesus como Salvador, e que confessassem seus pecados para ele. Eles seriam salvos dos seus pecados, e se tornariam crianças de Deus. Quando fossem mortos, eles iriam para a casa do Pai com glórias. Agora eu vejo que o trabalho mais importante para um cristão é salvar almas para a eternidade. É salvar almas para Jesus”.

Essa é a maior resistência possível contra o mal: salvar almas, conduzindo pessoas a Jesus. Entrevistando Corrie no programa “Eu Creio em Milagres”, a evangelista Kathryn Kuhlman perguntou: “Você chegou a perder a coragem?”. “Sim, sim”, respondeu Corrie. “Eu frequentemente desanimava. Mas aí eu conversava com o Senhor, e era como se progressivamente eu fosse conhecendo Deus melhor naqueles dias difíceis. Eu falava com Ele e pedia perdão pelo meu desânimo, pois a Bíblia diz que devemos ter coragem. Então Deus falou comigo, me encorajando, e aí eu mudei meu modo de ver as coisas: ‘Olhar em volta e ficar angustiada. Olhar para dentro de mim, e ficar deprimida. Olhar para Jesus, e ficar em paz”.

#### 4.4.2.4.2 *Dietrich Bonhoeffer*

Outro exemplo notável de escuta sensível e ação é o do pastor luterano Dietrich Bonhoeffer. Nascido em Breslau (na época, Alemanha; hoje, Polônia) a 4 de fevereiro de 1906, estudou Teologia em Tübingen e Berlim, onde se doutorou aos 21 anos<sup>625</sup>.

---

<sup>625</sup> SHERMAN, Franklin. *Dietrich Bonhoeffer*. Encyclopedia Britannica, 05 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Dietrich-Bonhoeffer>>. Acesso em: 06 dez. 2021.

Em 1933, dois anos antes de Hitler assumir o comando alemão, Bonhoeffer iniciou seu protesto, combatendo abertamente a ideologia nazista em transmissões radiofônicas. No ano seguinte,

Bonhoeffer foi um dos mentores e signatários da Declaração de Bremen, quando [...] diversos pastores, luteranos e reformados, formaram a *Bekennende Kirche*, Igreja Confessante, rejeitando desafiadoramente o nazismo: “Jesus Cristo, e não homem algum ou o Estado, é o nosso único Salvador”.<sup>626</sup>

A partir de 1935, Dietrich mentorearia mais de vinte estudantes, num seminário subterrâneo que funcionou por dois anos até sua descoberta e fechamento pela polícia secreta<sup>627</sup>, a Gestapo. Tal entrave, em vez de ocasionar retração do protesto, impulsionou sua radicalização. “Após o seminário ser fechado pela polícia nazista, Bonhoeffer se engajou no movimento de resistência [...]”<sup>628</sup>. Simulando união ao nazismo, trabalhou como agente de informações na ABWEHR, o Departamento Militar de Inteligência da Alemanha<sup>629</sup>, dando ocasião à fuga de judeus para a Suíça. Foi preso em abril de 1943, sendo condenado à forca e executado no campo de concentração de Flossenbürg, precisamente em 9 de abril de 1945.

Deixou-nos, além do exemplo de suas ações de protesto, de sua subversão ante a força opressora do mal, o registro de grande lucidez intelectual e fé cristã<sup>630</sup>. Os escritos de Bonhoeffer têm sido contados entre as pérolas da teologia poética do século XX.

Ora, tanto quanto o apóstolo Paulo patenteou a dívida de Filemom, tanto quanto os protestos do alemão antinazista vieram a público por diversos meios, a

<sup>626</sup> DIETRICH Bonhoeffer. Disponível em: <<https://culturadolivro.com.br/product-author/dietrich-bonhoeffer/>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

<sup>627</sup> KAPPELMAN, Todd. *Dietrich Bonhoeffer*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/192838210/Dietrich-Bonhoeffer>>. Acesso em: 30 jun. 2014. Kappelman é mestre e doutorando em teologia pela Universidade Batista de Dallas (EUA).

<sup>628</sup> QUEM foi Dietrich Bonhoeffer. Disponível em: <[http://www.sociedadebonhoeffer.org.br/quem\\_foi.htm](http://www.sociedadebonhoeffer.org.br/quem_foi.htm)>. Acesso em: 16 nov. 2021. Para melhor compreensão do movimento chamado “Resistência alemã”, sugerimos a leitura do artigo BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *Confessing Church*. Encyclopedia Britannica, 27 Oct. 2014. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Confessing-Church>>. Acesso em: 06 dez. 2021.

<sup>629</sup> METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 324 e 345. O termo “abwehr” significa, em alemão, “defesa”.

<sup>630</sup> “Católicos e protestantes, os ecumenistas e os evangélicos em geral, [...], todos encontram em Bonhoeffer subsídios para seus projetos teológicos. Também na América Latina, Bonhoeffer tornou-se respeitado, sendo abordado e citado em centenas de artigos e livros.”. WIESE, Werner. *A Cristologia na obra de Dietrich Bonhoeffer*. Disponível em: <<https://teologiabrasileira.com.br/a-cristologia-na-obra-de-dietrich-bonhoeffer/>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

temática da adoção espiritual e responsabilização pela pregação do Evangelho não pode se restringir aos guetos da religião, aos escritos teológicos e eclesiais. À agonia das pessoas não evangelizadas precisa ser dada voz, “visibilidade”<sup>631</sup>, em todas as esferas da sociedade, incluídas a academia e os púlpitos das igrejas.

#### **4.4.2.5 Adoção e investimento da vida**

Tanto quanto a paternidade ou maternidade sempre envolve renúncia de si mesmo (do livre uso do tempo, dos recursos financeiros, a abdicação de relacionamentos e sonhos, etc.), o instituto da adoção espiritual não é a materialização do sonho fantasioso, mas o enfrentamento de um pesadelo universal.

A encarnação do Verbo é a definitiva união de Deus, na pessoa do Filho, com a história de seu mundo, como dizia Pannenberg. À luz da encarnação literal não se pode dizer que a paixão durou algumas horas. No corpo terreno de Cristo, durou mais de 30 anos. Na cruz, a culminação se mostra no drama da ausência ou perda do Pai. No voluntário abandono de si ao distanciamento do Pai, o Crucificado queda-se exclusivamente rodeado dos humanos pecadores, mediando-lhes o acesso à herança celestial. Esta precisa ser entendida como a entrega de todos os recursos divinos, todos os tesouros de céus e terra aos filhos e filhas por adoção.

Gerar filhos ou filhas será sempre arriscado, como na parábola do Filho Pródigo, em que ambos os filhos nalgum instante rejeitam o pai. Adoção espiritual, e paternidade ou maternidade natural se equivalem, pois, afinal, quem pode precisar, por exemplo, como será o caráter de um filho ou filha, gerado em seu corpo ou em seu coração?

Quanto a Paulo, sua disposição era tamanha que abdicaria da própria salvação para que seu povo recebesse a adoção em Cristo:

[...] eu desejaria pôr-me sob a maldição de Deus e ser separado do Messias, se isso pudesse ajudar meus irmãos, minha carne e meu sangue, o povo de Yisra'el! Eles foram feitos filhos de Deus, a Sh'kinah esteve com eles, as alianças lhes pertencem, da mesma forma a outorga da Torah, a adoração no templo e as promessas; (Romanos 9:3-4)<sup>632</sup>

<sup>631</sup> Podemos o termo entre aspas, pois os cristãos, cercados de não cristãos, não podem não ver. Veem. Podem, tão só, ignorar essa visão e o clamor que ela encerra.

<sup>632</sup> STERN, 2010, p. 1400. Versão bíblica escolhida por sua terminologia tipicamente judaica, mais consentânea com nosso contexto: o povo de Paulo.

Então, parte de sua teologia da adoção envolveria a inescapável entrega de si ao ser amado, o que pode ativar o medo. Diz-nos Hália Pauliv de Souza:

Muitos não pensam na adoção porque não têm a paciência necessária para enfrentar a burocracia que serve de base jurídica para o ato, por comodismo, por opção de vida, para poderem viajar, trabalhar ou não terem preocupações.<sup>633</sup>

Em sua epístola a Filemom, Paulo, como vimos, põe sobre a mesa a amizade que nutriam, condicionando o amor de Filemom por ele, Paulo, à compaixão por Onésimo. O apóstolo dispõe inteiramente dos seus bens, sujeitando todo e qualquer recurso material que possuísse ao pagamento de quaisquer prejuízos causados por Onésimo. Põe-se em risco, acima de todo medo. “Portanto, se você ainda me considera um companheiro, receba-o de volta como se recebesse a mim. Se estragou algo ou deve alguma coisa a você, ponha na minha conta”<sup>634</sup>. Mas isso não é tudo.

Paulo propõe a comutação de dívidas, alegando que Filemom também lhe devia algo valioso: sua própria vida em Cristo. Na adoção espiritual, quem gera é alguém que outrora foi gerado pelo poder do Evangelho. Deve-se a Cristo e a quem Cristo usou para sua geração. Foram contraídas as dívidas do amor, o “A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, a não ser o amor [...]”<sup>635</sup>.

Mas, ao considerarmos a existência num mundo cheio de morte e dor, cabe-nos perguntar: Quem não possui dívidas? E quem não necessita do investimento de outros para saldá-las? O investimento do eu, requerido pela adoção, coloca-nos, a todos os seres humanos, frente à igualdade: uma igualdade provocativa. Todos temos dívidas, carecemos de “investimento” e “remissão”. O instituto da adoção espiritual se mostra um “caminho apertado”<sup>636</sup>, de despojamento, diante dos que ousam trilhá-lo.

<sup>633</sup> SOUZA, Hália Pauliv de. *Adoção é doação*. Curitiba/PR: Juruá, 2000, p. 29.

<sup>634</sup> Filemom 1:17-18. PETERSON, 2011, p. 1707. Preferimos a versão de Peterson, quando do uso de linguagem poética, embora coloquial, no texto sagrado.

<sup>635</sup> Romanos 13:8. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2201.

<sup>636</sup> Referimo-nos ao dito de Cristo: “Mas estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz para a vida [...]”. Mateus 7:14. A BÍBLIA Sagrada. Edição Contemporânea, 1995, p. 7. Optamos aqui, por esta tradução, devido à adjetivação específica do caminho. Na King James Atualizada temos “caminho difícil”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1777. A dificuldade é propriamente a de um “caminho apertado”. Isto mesmo encontramos no Novum Testamentum Graece: “[...] τεθλιμμένη ἡ ὁδός [...]” e na New International Version: “[...] narrow the road [...]”. SAYÃO, 1998, p. 17. Comenta Rienecker: “τεθλιμμένη part. perf. pas. θλίβω (1 – 10) comprimir, ser estreito,” RIENECKER, 1995, p. 16. [grifo do autor].



Deus, porém, não é nosso igual. Se o Filho Eterno é desde sempre Filho Amado, de outro lado Deus forma os humanos à sua imagem, dando-lhes de sua própria vida, prometendo-lhes este mundo e o que há de vir. Tudo investe, todo o ser, esperando em troca o amor voluntário, não obrigado e, com isto, sujeitando-se à possibilidade de rejeição.

O Filho, sabedoria divina, certamente não aceitaria, jamais, rejeitar seu Pai, desonrá-lo, conforme o deixa patente ao se encarnar. Especialmente na tentação no deserto e no Jardim do Getsêmani, o Unigênito se esvazia, submetendo sua honra à primazia do Pai, sua vontade à de seu Deus. O retorno de amor que o Filho entrega a seu Pai é a perfeição do amor de cruz, a sempre total sujeição de si. Ele ama tanto seu Pai, que, como Isaque, humildemente se deita no altar para servir de oblação, amando mais os humanos pecadores que a si mesmo.

Ora, o Filho que nunca pecou nega a si próprio em favor dos humanos pecadores, enquanto estes, desde o princípio, em Adão e Eva, negam seu Deus e Pai, querendo usurpar seu santo governo universal, usurpar o trono. Como poderia o Pai entregar-lhes um reino? Como poderia o Pai chamar a essas pessoas “filhos e filhas”?

É certo que o Unigênito detém a primazia entre seus irmãos e irmãs<sup>637</sup>. Não obstante, não fosse a graça — esse amor voluntário de Deus — caber-lhe-ia, com exclusividade, o *status* filial. Somente a filiação do Filho é natural, tornando-se, na paixão, também meritória<sup>638</sup>; os adotados e adotadas pela fé no Unigênito, de outro lado, desfrutam da filiação graciosa. Tudo, por graça, é-lhes dado totalmente.

---

<sup>637</sup> Cf. Romanos 8:29.

<sup>638</sup> A exaltação do Filho como tal desvela-se cristalinamente nestas palavras: “Porquanto, a qual dos anjos Deus alguma vez afirmou: ‘Tu és meu Filho; Eu hoje te gerei’? E outra vez: ‘Eu lhe serei Pai, e Ele me será Filho’?”. Hebreus 1:5. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2389. Este verso, juntamente com 5:5 constitui, na carta aos Hebreus, citação direta do Salmo 2. Acerca deste salmo, discorre Donald Hagner, do Seminário Fuller: “O salmo 2 originariamente fora um salmo da realeza, composto para a coroação de algum rei israelita. No entanto, o conteúdo do salmo é de tal ordem, que os intérpretes judaicos anteriores à era do Novo Testamento viam nele um sentido mais profundo do que se poderia imaginar mediante simples leitura. Conquanto não seja diretamente profético, o salmo é, não obstante, uma antecipação da vinda do Ungido, que traria consigo julgamento e bênção [...]. Era um texto importante na igreja primitiva (veja-se At 13:33), que, combinado com Isaías 42:1, aplica-se a Jesus [...]. O advérbio **hoje** entende-se mais apropriadamente em referência à ressurreição [...], ou de modo especial à ascensão [...]”. HAGNER, Donald A. *Novo comentário bíblico contemporâneo*: Hebreus. São Paulo: Vida, 1997, p. 41-42. [grifo do autor]. E, quanto a esse mesmo “hoje” (gr. σήμερον), comenta Philip Hughes: “O dia mencionado aqui é o de Sua gloriosa vitória e vindicação. A ressurreição, ascensão e glorificação devem ser

Isto levanta uma questão fundamental: não fora a queda, de que maneira a filiação do Unigênito permaneceria distinta da filiação de Adão e Eva? Ora, se o apóstolo chama a glorificação de redenção do nosso corpo<sup>639</sup>, e se o estado glorificado é a própria destinação final das criaturas, substituindo o estado presente, isto é, sendo plenamente revertidos os efeitos do pecado — quando até o último dos inimigos será derrotado<sup>640</sup> — elevando a criatura ao mais alto grau de inocência e similitude com Deus, é na promessa de glorificação futura que encontramos a resposta.

A criação será erguida para ser aquilo que naturalmente viria a ser antes da queda. Sua identidade final, que poderia ir sendo naturalmente atingida em meio à ausência de pecado e culpa, alcançar-se-á num salto, “num abrir e fechar de olhos”<sup>641</sup>. Seu clímax, a *Theósis*, supera o hiato da era imperfeita, a saber, o período compreendido entre a queda e a consumação. Talvez seja esta uma das grandes intenções das figuras paradisíacas apresentadas pelos profetas, em correspondência com a consumação dos tempos: demonstrar o retorno ao paraíso, embora entremeando-o das características do salto escatológico, tais como irrupção, extermínio, ferida. Exemplifica-o o texto de Isaías:

Eis que um ramo surgirá do tronco de Jessé e das suas raízes um rebento brotará! [...] Usará a sua Palavra como se fosse um cajado, ferirá a terra; e com o sopro da sua boca exterminará os ímpios! [...] O lobo conviverá com o cordeiro e o leopardo repousará junto ao cabrito. O bezerro, o leão e o novilho gordo se alimentarão juntos pelo campo; e uma criança os guiará. A vaca e o urso pastarão juntos, seus filhotes dormirão lado a lado e o leão comerá palha

---

vistas como uma unidade, cada uma contribuindo à exaltação do filho às alturas transcendentais do poder e dignidade”. In RIENECKER, 1995, p. 493.

<sup>639</sup> Cf. Romanos 8:23. Segundo Champlin, “No presente versículo, a adoção dos ‘filhos de Deus’ é vista no que diz respeito à sua fruição, ou seja, na redenção do corpo, o que levará a personalidade humana inteira, corpo, mente e alma (ou espírito), para sob a plena influência do Espírito Santo, expurgando, finalmente, tudo quanto pertence à natureza do ‘velho homem’”. CHAMPLIN, 2002, v. 3, p. 719.

<sup>640</sup> Paulo escreve aos coríntios: “E o último inimigo que será destruído é a Morte”. 1ª aos Coríntios 15:26. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2247. De fato, a morte já foi derrotada na ressurreição de Cristo e há de sê-lo cabalmente na ressurreição de todas as pessoas crentes. Ela é a última inimiga de Cristo a ser destruída na vida dessas pessoas, isto é, o último dos efeitos do pecado a ser revertido. E sê-lo-á!

<sup>641</sup> Cf. 1ª aos Coríntios 15:51-52. Em nota de rodapé, a Bíblia KJA ressalta: “[...] Paulo revela que o grande evento da ressurreição mundial se dará numa fração de tempo (no original grego *atomos* — a menor unidade referencial de tempo e matéria). Todos os crentes, quer vivos por ocasião do glorioso retorno de Cristo, quer já mortos, receberão instantaneamente novos corpos gloriosos. [...]”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2248.

como o boi. Os bebês brincarão tranquilos próximos ao esconderijo da cobra, a criança colocará a mão no ninho da víbora.<sup>642</sup>

A entrega generosa, por parte do Pai, de novos céus e nova terra, bem como novos corpos, aos seus filhos e filhas por adoção, é demandada como condição referencial “para a concretização definitiva do reino de Deus”, o qual se refere ao “fim de todo domínio de pessoas sobre pessoas, mas também e acima de tudo à superação do poder do pecado na conduta de cada ser humano individual”<sup>643</sup>. A presente existência deve dar lugar à existência glorificada, clímax da *Imago Filii*, dádiva deslumbrante e derradeira.

#### 4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Filhos e filhas de Deus são carta apostólica, “carta de Cristo”<sup>644</sup>. Deus anunciara por meio do profeta uma Nova Aliança, por meio da qual escreveria suas leis nas tábuas dos corações de seu povo<sup>645</sup>. Seriam pessoas feitas manifestação visível dos mandamentos, das promessas, da Palavra de Deus. Ora, é deste modo que sopro e imagem se fundem numa só realidade. São filhos e filhas aqueles e aquelas que, nascidos e nascidas do sopro, creem no Verbo. Essas pessoas, ao se tornarem morada permanente do Espírito<sup>646</sup>, recriadas na salvação, estão destinadas à glorificação.

E se, na morte, o espírito volta a Deus<sup>647</sup>, na consumação dos séculos os sopros retornam para ainda mais perto de seu Verbo, para serem, enfim, palavra perfeita.

Se agora, sob a influência do Espírito, na comunhão de Deus e dos santos, não são ainda esses filhos e filhas a fala impoluta, o que lhes falta? As aparências

---

<sup>642</sup> Isaías 11:1, 4, 6-8. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1296. Embora cientes das muitas interpretações milenaristas que recaem sobre estes versos, preferimos citá-los em referência ao fim deste século. Em trecho paralelo encontramos elementos explicitamente ligados ao fim desta era, à consumação escatológica: “Em verdade, eis que criarei novos céus e uma nova terra; e todos os eventos passados não serão mais lembrados. Jamais virão à mente! O lobo e o cordeiro se alimentarão juntos, e o leão comerá feno, do mesmo modo que os bovinos se alimentam, [...]”. Isaías 65:17 e 25. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1371 e 1372.

<sup>643</sup> PANNENBERG, 2009, v. 3, p. 765.

<sup>644</sup> Cf. 2ª aos Coríntios 3:2 e 3.

<sup>645</sup> Cf. Hebreus 8:8-13 comp. Jeremias 31:31-34.

<sup>646</sup> Cf. 1ª aos Coríntios 3:16.

<sup>647</sup> Cf. Eclesiastes 12:7.

desta era, transmudadas pela queda, precisam ser desfeitas<sup>648</sup>. Ora, é na ressurreição que se encontra a incorrupção, a eternidade como prêmio e prova da salvação.

Prêmio, porque lutaram, não como quem desfere golpes no ar, mas como quem esmurra o próprio corpo<sup>649</sup>, sujeitando os desejos ao governo divino. Prova, porque Deus mesmo, em sua fidelidade, trocar-lhes-á as vestes<sup>650</sup>, torná-las-á pessoas imaculadamente justas, filhas e filhos aperfeiçoados<sup>651</sup>.

E, livres de toda mancha e ruga, verão a face de Deus. Essa bem-aventurada humanidade será palavra perfeita, verbo do Verbo, sopros do Espírito, filhos e filhas de Deus. O sopro se tornará palavra perfeita, cristalinamente articulada, perfeitamente audível, à semelhança do que ocorreu no Pentecostes. Depois que se escutou o som do vento, cada estrangeiro e estrangeira ouviu com clareza a exaltação a Deus em sua própria língua<sup>652</sup>.

E, conhecendo a Deus, os glorificados e glorificadas conhecerão a tudo. Desse modo conhecendo, poderão ver e ouvir todos os segredos, todos os mistérios. Verão tudo o que se pode ver, e ouvirão tudo o que se pode ouvir. Nenhuma língua lhes será estranha. Nenhum som, indecifrável. E, ainda assim, comungarão, tanto quanto o Todo-Sabedor comunga, interage, ama. E dialogarão, como o Eterno que disse: “Façamos o homem”. E cantarão como cantam os três Eternos.

Parece-nos cíclico o pensamento de Paulo em 1ª aos Coríntios 13. Os grandes saberes hipotéticos do início da fala apostólica – falar as línguas humanas e angelicais, e conhecer “todos os mistérios e toda ciência” – deverão ser os saberes implícitos ao fim desse mesmo capítulo, saberes comuns aos salvos e salvas, posto que conhecerão perfeitamente, do modo como são conhecidos.

Ora, como serão essas coisas? Quem as poderá descrever? Seriam elas indizíveis, coisas que nem mesmo é lícito contar?<sup>653</sup> É certo que sabemos dos limites que deixarão de ser, e sobre eles quereremos falar no último capítulo desta pesquisa.

---

<sup>648</sup> Cf. 2ª de Pedro 3:11 e 12.

<sup>649</sup> Cf. 1ª aos Coríntios 9:26-27.

<sup>650</sup> Cf. Apocalipse 3:4-5.

<sup>651</sup> Cf. Hebreus 12:23.

<sup>652</sup> Cf. Atos 2:1-11.

<sup>653</sup> Cf. 2ª aos Coríntios 12:4.

## 5 FILHOS E FILHAS DE DEUS – DIVINIZAÇÃO OU *THEÓSIS*

### 5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Estamos perto. Já podemos avistar o topo da montanha! O propósito final de Deus para seus filhos e filhas, criados e criadas à sua imagem, adotados e adotadas pela fé no Unigênito. O fim desta era. Cessam as dores, gemidos, toda fé e esperança<sup>654</sup>. É a *Theósis*, a participação na natureza divina. Pensemo-la em seu berço histórico: a tradição ortodoxa. Em seguida, investiguemos seus efeitos na carne glorificada e, por fim, consideremos o que seja propriamente a incorporação a Cristo.

### 5.2 ORTODOXIA E *THEÓSIS*

Discorrermos sobre o conceito de *Theósis* no escopo da ortodoxia cristã exige que delimitemos a que ortodoxia ou tradição ortodoxa nos referimos. Prefaciando a *magnun opus* “Ortodoxia”, do jornalista inglês G. K. Chesterton (1874–1936), o escritor Philip Yancey (1949- ) define-a como “Percurso espiritual de [...] Chesterton”<sup>655</sup>. É certo que não nos referimos a essa ortodoxia.

O movimento conhecido como neo-calvinismo holandês do século XIX, ou neo-ortodoxia holandesa, tendo em Herman Bavinck (1854–1921), Abraham Kuyper (1837–1920) e Herman Dooyeweerd (1894–1977) alguns de seus maiores proponentes, também não integra nosso objeto de análise.

De igual modo, não nos referimos à teologia dialética ou neo-ortodoxia, florescida na Europa (em especial, na Alemanha) na década de 1920, a qual teve em Karl Barth (1886–1968) seu grande nome. Ao falarmos de *Theósis* e ortodoxia, a que ortodoxia aludimos, afinal?

De acordo com o Novo Testamento, a fé cristã nasce na Palestina, e de lá se estende, especialmente por meio das missões de Paulo, o apóstolo, a outras regiões do Império Romano. Champlin chega a afirmar que “Paulo, o apóstolo, foi o primeiro

---

<sup>654</sup> Cf. 1ª aos Coríntios 13:13.

<sup>655</sup> CHESTERTON, Gilbert k. *Ortodoxia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 7.

missionário cristão a chegar à Grécia, de acordo com os registros históricos que possuímos”<sup>656</sup>.

A influência cultural grega no interior do império romano vai plasmando o que se conhece por cultura helênica. Uma região do império denominada Ásia Menor, hoje, Turquia, bem como Macedônia e Itália, torna-se palco das primeiras missões. Em cidades como Éfeso, Corinto, Filipos, Tessalônica, e em tantas outras de cultura grega, o cristianismo cresce sob influência da maneira grega de pensar e expressar o mundo. A fé em Cristo espalha-se também para o norte da África.

De igual modo, onde predominava a cultura latina, a fé cristã adquire ali seu estilo próprio de pensar e falar, configurando-se um cristianismo latino, de cultura românica.

Essas duas maneiras enunciativas do cristianismo no mundo se concretizaram pela produção de volumosos conjuntos de escritos patrísticos: os dos chamados Pais da Igreja Latinos, ou do Ocidente, e os dos Pais Gregos, ou do Oriente.

Com o decurso do tempo, no interior de ambas as realidades, grega e latina, condensaram-se temas e modos peculiares de se viver a fé cristã. Por conseguinte, embora os escritos patrísticos, por vezes, abordem temas afins, frequentemente tratam de temas distintos, próprios desses contextos singulares.

No ano de 1054 d.C. ocorre o Grande Cisma entre a Igreja do Oriente, sediada em Constantinopla, e a Igreja do Ocidente, sediada em Roma. As duas Igrejas, que por séculos disputaram questões eclesiásticas e teológicas, enfim experimentam ruptura por meio de mútua excomunhão. Dissolve-se o conglomerado dos cinco patriarcas, a pentarquia de Roma, Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém. Afora a Igreja de Roma, as outras quatro, todas no lado grego do cristianismo, dão origem à Igreja Grega, que mais tarde se chamaria Igreja Ortodoxa.

Com a queda de Constantinopla, em 1453, sob o domínio dos otomanos, o leste europeu, que vinha sendo cristianizado, notadamente desde os dias do príncipe Vladimir da Novogárdia (958–1015), vê-se responsável por proteger a tradição cristã ortodoxa. A região que viria a se chamar Rússia torna-se a guardiã do legado cristão

---

<sup>656</sup> CHAMPLIN, 2002, v. 4, p. 2.

que remontava aos primeiros séculos da era comum, aos chamados Pais gregos. Ao falarmos de *Theósis*, fazemo-lo a partir dessa ortodoxia longamente estruturada na Europa oriental<sup>657</sup>.

### 5.3 THEÓSIS

Na compilação *Kathēgētria: Ensaios apresentados a Joan Hussey por seu 80º aniversário*, Norman R. Champlim escreve sobre '*Participantes da Natureza Divina*' (2 Pedro 1: 4) na *Tradição Bizantina*. Ali, discorre sucintamente sobre a pluralidade de definições de *Theósis* na tradição ortodoxa:

A deificação do homem é a forma bizantina característica de expressar o objetivo da vida humana. Longe de implicar uma noção herética da absorção do homem por Deus, como os escritores ocidentais às vezes assumem, o termo encapsula uma série de abordagens amplamente diferentes da doutrina da salvação. Entre os Padres Gregos, a deificação é expressa de várias maneiras como adoção filial por meio do batismo, como a obtenção da semelhança com Deus por meio da gnose e desapego, como a ascensão da alma a Deus, **como a participação da alma nos atributos divinos de imortalidade e incorrupção**, como a transformação da natureza humana pela ação divina, **como a glorificação escatológica da alma e do corpo**, e como a união com Deus através da participação nas energias divinas. Nos escritores bizantinos, a ênfase recai sobre o aspecto paulino da **adoção filial e incorporação a Cristo**, os sacramentos se tornando muito importantes como o meio pelo qual a vida divina é comunicada ao crente. Com Palamas, o foco principal da deificação se estabelece na participação na graça não criada, que permite à pessoa humana transcender a si mesma e viver com a vida de Cristo, para que se torne 'não criada pela graça'<sup>658</sup>.

<sup>657</sup> Para estes e outros dados históricos, sugerimos MENDONÇA, Andrey. *Theósis: a união com Deus na tradição cristã Ortodoxa*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=8\\_GSuPhGAGg](https://www.youtube.com/watch?v=8_GSuPhGAGg)>. Acesso em: 24 set. 2021.

<sup>658</sup> *The deification of man is the characteristic Byzantine way of expressing the goal of human life. Far from implying a heretical notion of man's absorption into God, as Western writers sometimes assume, the term encapsulates a number of widely differing approaches to the doctrine of salvation. Among the Greek Fathers deification is expressed variously as filial adoption through baptism, as the attaining of likeness to God through gnosis and dispassion, as the ascent of the soul to God, as the participation of the soul in the divine attributes of immortality and incorruption, as the transformation of human nature by divine action, as the eschatological glorification of both soul and body, and as union with God through participation in the divine energies(1). In Byzantine writers the emphasis falls on the Pauline aspect of filial adoption and incorporation into Christ, the sacraments becoming all-important as the means by which divine life is communicated to the believer. With Palamas the chief focus of deification settles on participation in uncreated grace, which enables the human person to transcend himself and live with the life of Christ, so that he becomes 'uncreated through grace'.* RUSSELL, Norman. '*Partakers of the Divine Nature*' (2 Peter 1:4) in the *Byzantine Tradition: From the homage to Joan Hussey ΚΑΘΗΓΗΤΡΙΑ*. Disponível em: <[http://www.myriobiblos.gr/texts/english/Russell\\_partakers.html#1\\_bottom](http://www.myriobiblos.gr/texts/english/Russell_partakers.html#1_bottom)>. Acesso em: 24 set. 2021. (tradução nossa). [grifo nosso].

Os termos destacados na citação anterior constituem a própria síntese de nossa abordagem da *Theósis*, ênfases às quais temos buscado convergir ao longo desta pesquisa, e às quais intentaremos nos arremeter de modo especial neste capítulo.

Contudo, antes de nos aprofundarmos propriamente na doutrina da *Theósis*, convém notar que, na página inicial do portal da Arquidiocese Cristã Ortodoxa Antioquena da América do Norte, o lema ostensivamente divulgado seja: “A Igreja Ortodoxa: Mantendo a fé por mais de 2000 anos”<sup>659</sup>. A força da tradição ortodoxa é tamanha, que sua liturgia permaneceu praticamente inalterada mesmo durante os longos anos sob regime autoritário, a chamada “Cortina de Ferro” (1922 a 1991).

Essa enorme reserva de poder tradicionalista, perceptível na liturgia e na doutrina, não deve ser entendida como simples argumento em favor da antiguidade. Muito além disso, conforme enunciado por Georges Florovsky<sup>660</sup>,

[...] a Igreja sempre enfatizou a permanência de sua fé através dos séculos, desde o princípio. Esta identidade, desde os tempos apostólicos, é o sinal mais conspícuo e simbólico da fé correta — sempre a mesma.<sup>661</sup>

Possuidora de um cristalino entendimento da dessemelhança entre tradição e verdade, a ortodoxia não despreza, absolutamente, esta última. Ao contrário, preza por sua manutenção como *traditio veritatis*<sup>662</sup>, aspecto identitário da própria ortodoxia.

Esta tradição, segundo São Irineu, é baseada em, e assegurada por, aquele *charisma veritatis certum* (carisma seguro da verdade), que foi ‘depositado’ na Igreja desde o início desta e que foi preservado pelo ininterrupto ministério episcopal. ‘Tradição’ na Igreja não é a continuidade da memória humana, ou a permanência de ritos e hábitos. É uma tradição viva — *depositum juvenescens*, na frase de São Irineu. Conseqüentemente, ela não pode ser considerada *inter mortuas regulas* [entre regras mortas]. Finalmente, a

<sup>659</sup> “*Keeping the faith for over 2.000 years: the orthodox church*”. ANTIOCHIAN Orthodox Christian Archdiocese. Disponível em: <<https://www.antiochian.org/>>. Acesso em: 24 set. 2021. (tradução nossa).

<sup>660</sup> Georges Vasilievich Florovsky (1893-1979) foi um padre cristão ortodoxo oriental, teólogo, historiador e ecumenista. Nasceu em Yelisavetgrad, no governadorado Kherson do Império Russo, e passou sua vida profissional em Paris (1920–1949) e Nova York (1949–1979). Em 1949, Florovsky mudou-se para os Estados Unidos, tornando-se reitor do Seminário Teológico Ortodoxo de São Vladimir, em Nova York. Foi professor de teologia na Universidade de Harvard, concluindo seus anos acadêmicos como professor na Universidade de Princeton. Apresentaremos, adiante, mais dados biográficos deste ilustre teólogo ortodoxo. MONDIN, 1979-1980, v. 2, p. 237-242.

<sup>661</sup> FLOROVSKY, Georges. *São Gregório Palamas e a Tradição dos Padres*. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/s\\_gregorio\\_palamas\\_e\\_os\\_padres\\_da\\_igreja.html#6](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_gregorio_palamas_e_os_padres_da_igreja.html#6)>. Acesso em: 29 set. 2021.

<sup>662</sup> Em latim, “tradição da verdade”. (tradução nossa).



tradição é a presença permanente do Espírito Santo na Igreja, a continuidade do Divino direcionamento e iluminação. A Igreja não é limitada pela 'letra.' Ao invés, ela é movida constantemente pelo 'Espírito.'<sup>663</sup>

Com isto em mente, consideremos que os pais gregos recorreram amplamente sobre o tema da *Theósis*. Mark Shuttleworth, do Gordon-Conwell Seminary, oferece-nos um epítome de falas patrísticas, em artigo publicado na página oficial da Arquidiocese Cristã Ortodoxa Antioquena da América do Norte, intitulado "Theosis: participação da natureza divina":

Começamos com uma citação um tanto surpreendente de Santo Atanásio: 'Deus se fez homem para que os homens possam se tornar deuses'. Tenha em mente que este é o mesmo Atanásio que defendeu o entendimento ortodoxo (em seu senso comum de 'correto') da plena divindade de Cristo, em oposição à heresia ariana. Numerosos Pais da Igreja primitiva fizeram afirmações semelhantes. Gregório de Nazianzo, outro grande defensor dos pontos de vista corretos sobre a Trindade e a divindade de Cristo, declarou: 'O homem recebeu a ordem de se tornar Deus'. Seu amigo íntimo, Basílio, o Grande, disse: 'Do Espírito Santo é a semelhança de Deus, e a coisa mais elevada a ser desejada é tornar-se Deus'. Orígenes observou que o espírito 'é deificado por aquilo que ele contempla'. E Cirilo de Alexandria comentou que todos nós somos chamados a participar na divindade, tornando-nos semelhança de Cristo e imagem do Pai por 'participação'. Irineu observou: 'Se a Palavra se fez homem, é para que o homem possa se tornar deus'. Finalmente, João Damasceno ensinou que a obra redentora de Cristo permite que a imagem de Deus seja restaurada em nós para que nos tornemos 'participantes da divindade'.<sup>664</sup>

A adoção como filhos e filhas de Deus pela fé no Unigênito consuma-se na glorificação das porções espiritual e corpórea do humano, tornando-o um com Deus.

<sup>663</sup> FLOROVSKY, Georges. *São Gregório Palamas e a Tradição dos Padres*. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/s\\_gregorio\\_palamas\\_e\\_os\\_padres\\_da\\_igreja.html#6](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_gregorio_palamas_e_os_padres_da_igreja.html#6)>. Acesso em: 29 set. 2021.

<sup>664</sup> *We began with a somewhat startling quote by St. Athanasius: "God became man so that men might become gods." Keep in mind that this is the same Athanasius who championed the orthodox (in its common sense of correct) understanding of the full divinity of Christ in opposition to the Arian heresy. Numerous other early Church Fathers made similar statements. Gregory of Nazianzus, another great champion of correct views about the Trinity and Christ's divinity, stated: "Man has been ordered to become God." His close friend, Basil the Great, said, "From the Holy Spirit is the likeness of God, and the highest thing to be desired, to become God." Origen noted that the spirit "is deified by that which it contemplates." And Cyril of Alexandria commented that we are all called to take part in divinity, becoming the likeness of Christ and the image of the Father by "participation." Irenaeus noted, "If the Word is made man, it is that man might become god." Finally, John of Damascus taught that Christ's redemptive work enables the image of God to be restored in us so that we become "partakers of divinity."* SHUTTLEWORTH, Mark (2005). *Theosis: Partaking of the Divine Nature*. Disponível em: <<http://ww1.antiochian.org/content/theosis-partaking-divine-nature>>. Acesso em: 24 set. 2021. (tradução nossa). Neste mesmo endereço eletrônico, é-nos dito que Mark, tendo servido por cerca de dez anos como pastor presbiteriano, em companhia de sua esposa, Sara, migrou para a Igreja ortodoxa Santa Virgínia, em Carnegie, Pensilvânia.

Esse é “O objetivo e propósito final da vida humana [...] definido pela tradição Patrística como a  $\theta\epsilon\omega\sigma\iota\varsigma$  [*theosis*, divinização]”<sup>665</sup>.

A adoção filial consuma-se na glorificação, tendo nela justamente seu objetivo final, ao qual caminha por meio da santificação operada pelo Espírito. E essa adoção que é propriamente incorporação ao Corpo de Cristo, tem na incorporação à fraternidade da Igreja a evidência da formação do elo filial com Deus. No dizer de João,

Sim, o que vimos e ouvimos, isso vos proclamamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. [...] nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada membro está ligado a todos os outros.<sup>666</sup>

A incorporação a Cristo é união àquela parte de seu corpo que corresponde a outro cristão ou cristã, pessoa unida a Cristo pela fé e pelo arrependimento dos pecados<sup>667</sup>. Feitos e feitas irmãos e irmãs de Jesus, irmanaram-se entre si enquanto se filiavam a Deus. Filiando e irmanando, a *Huiiothesía* refaz ontologicamente, portanto, a humanidade redimida. Desfaz a separação entre os humanos e Deus, desfaz a separação entre os crentes. E o fim da separação entre pessoas crentes não se dá como ideia, como conceito; exhibe-se no amor, na afeição, no contínuo investimento da vida na comunhão, com vistas ao aprofundamento da união com Deus.

[...] o bem autônomo não deve existir para um cristão: uma obra será boa na medida em que sirva à união com Deus, na medida em que nos traga a graça. As virtudes não são o fim, mas o meio, ou ainda, os sintomas, as manifestações exteriores da vida cristã, sendo a aquisição da graça seu único fim.<sup>668</sup>

Os que creem têm tudo em comum; comungam uns com os outros pois comungam com o Pai e com Cristo. Foi justamente esse o resultado da fé nos

<sup>665</sup> FLOROVSKY, Georges. *São Gregório Palamas e a Tradição dos Padres*. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/s\\_gregorio\\_palamas\\_e\\_os\\_padres\\_da\\_igreja.html#6](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_gregorio_palamas_e_os_padres_da_igreja.html#6)>. Acesso em: 29 set. 2021.

<sup>666</sup> 1ª de João 1:3 e Romanos 12:5. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2455 e 2199, respectivamente.

<sup>667</sup> Cf. Marcos 1:14 e 15.

<sup>668</sup> LOSSKY, Vladimir. *Ensaio sobre a Teologia Mística da Igreja do Oriente*. Capítulo X: O Caminho de União. Disponível em: <<http://precedejesus1.blogspot.com/2019/05/vladimir-lossky-ensaios-sobre-teologia.html>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

primeiros crentes, e outro não poderia ter sido. “Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum”<sup>669</sup>.

A comunhão de tudo é anúncio e prova da ansiada casa comum. Se verdadeira comunhão cristã jamais perdura apenas como conceito, mas como ato, pode servir de fundamento sólido à *ecumene* do *éscathon*. As relações refeitas, reordenadas e reidentificadas, aguardam nova morada, a nova casa em que poderão ser vividas sem limitações de qualquer ordem. Ser um com o Filho que é um com o Pai, assentando-se com Cristo e com todos os crentes em seu trono, é união em plenitude, vivenciada nesse lugar comum. O trono de Deus se torna também o trono de seus filhos e filhas.

E tudo isso é graça. O clímax da graça! De fato, “A noção de mérito é estranha à tradição oriental”<sup>670</sup>.

Precisamos, a bem da concisão, dar um salto. O tema da *Theósis* não esteve restrito à tradição patrística grega. Contemporaneamente, vem sendo discutido no Ocidente, em especial através do diálogo inter-religioso de teólogos luteranos finlandeses e teólogos ortodoxos. O finlandês Tuomo Mannermaa (1937-2015), professor emérito de teologia ecumênica na Universidade de Helsinque, Irlanda,

[...] liderou o projeto de pesquisa finlandês sobre Lutero por mais de vinte anos. A ‘nova interpretação finlandesa de Lutero’ encontra a essência de sua doutrina de salvação não na justificação forense, ‘Deus nos declarando justos apenas em virtude do sacrifício de Cristo’, mas em algo mais parecido com a doutrina ortodoxa oriental de *theosis*, ou deificação.<sup>671</sup>

Mannermaa afirma, na obra *Union with Christ*, síntese de sua pesquisa em parceria com os teólogos Carl Braaten (1929- ), Robert W. Jenson (1930-2017), Simo Peura (1957- ), Risto Saarinen (1959- ) e outros, que

<sup>669</sup> Atos 2:44. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2085.

<sup>670</sup> LOSSKY, Vladimir. *Ensaaios sobre a Teologia Mística da Igreja do Oriente*. Capítulo X: O Caminho de União. Disponível em: <<http://precedejesus1.blogspot.com/2019/05/vladimir-lossky-ensaaios-sobre-teologia.html>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

<sup>671</sup> [...] has spearheaded the Finnish Luther research project for more than twenty years. The ‘new Finnish interpretation of Luther’ finds the essence of his doctrine of salvation not in forensic justification’. God declaring us just solely by virtue of Christ’s sacrifice but in something more akin to the Eastern Orthodox doctrine of theosis, or deification. DORMAN, Ted. *Union with Christ: the new finnish interpretation of Luther*. First things, december, 1999. Disponível em: <<https://www.firstthings.com/article/1999/12/union-with-christ-the-new-finnish-interpretation-of-luther>>. Acesso em: 06 dez. 2021. Ted Dorman (1947- ) é professor de Estudos Bíblicos, na Taylor University. [grifo do autor].

‘Segundo Lutero, Cristo (tanto em sua pessoa como em sua obra) está presente na fé e por meio dessa presença é idêntico à justiça da fé. A ideia de uma vida divina em Cristo que está realmente presente na fé está no centro da teologia do Reformador.’ O elemento forense na doutrina da justificação de Lutero é, portanto, visto pelos finlandeses como uma função de sua ênfase central na participação real do crente na vida divina por meio da união com Cristo.<sup>672</sup>

O impulso externo para esta nova onda de estudos sobre Lutero em Helsinque veio surpreendentemente de fora dos limites da pesquisa sobre Lutero. Veio do diálogo ecumênico entre a Igreja Evangélica Luterana da Finlândia e a Igreja Ortodoxa Russa, iniciado pelo Arcebispo Martti Simojoki no início dos anos setenta.<sup>673</sup>

Mas, de que maneira nossa pesquisa toma parte nesse processo? Talvez o ponto comum, entre nossa investigação, e essa coordenada por Mannermaa, seja precisamente uma questão luterana, um dos aspectos enfatizados por Lutero que parece estar relegado: há exiguidade de escritos sobre *Huiothesía* (adoção), o que implica profundamente na compreensão da *Theósis* (divinização). Essa falta, no entanto, não seria coisa nova.

Segundo J. I. Packer, no capítulo “Filhos de Deus”, de seu livro intitulado “O conhecimento de Deus”,

É estranho que a verdade da adoção tenha sido pouco apreciada na história cristã. Além de dois livros do século XIX, pouco conhecidos hoje (Robert Smith Candlish, *The fatherhood of God*; Robert Alexander Webb, *The reformed doctrine of adoption*), não há mais títulos sobre o assunto nem houve mais deles desde a Reforma do que havia antes dela. A compreensão de Lutero sobre a adoção foi tão forte e clara como a da justificação, mas seus discípulos se apegaram à última e nada fizeram sobre a primeira.<sup>674</sup>

<sup>672</sup> ‘According to Luther, Christ (in both his person and his work) is present in faith and is through this presence identical with the righteousness of faith. The idea of a divine life in Christ who is really present in faith lies at the very center of the theology of the Reformer.’ *The forensic element in Luther’s doctrine of justification is thus viewed by the Finns as a function of his central emphasis on the believer’s actual participation in the divine life through union with Christ.* BRAATEN, 1998 apud DORMAN, Ted. *Union with Christ: the new finnish interpretation of Luther.* First things, december, 1999. Disponível em: <<https://www.firstthings.com/article/1999/12/union-with-christ-the-new-finnish-interpretation-of-luther>>. Acesso em: 06 dez. 2021. (tradução nossa).

<sup>673</sup> *The external impulse for this new wave of Luther studies in Helsinki came surprisingly from outside the boundaries of Luther research. It came from the ecumenical dialogue between the Evangelical Lutheran Church of Finland and the Russian Orthodox Church that was initiated by Archbishop Martti Simojoki at the beginning of the seventies.* BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. *Union with Christ: the new Finnish interpretation of Luther.* Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1998, p. 1. (tradução nossa).

<sup>674</sup> PACKER, J. I. *O conhecimento de Deus.* São Paulo: Cultura Cristã, 2014. posição 4130 (edição Kindle).

Havendo, depois de Lutero, uma lacuna teológica quanto ao tema da *Huiiothesía* e, por conseguinte, quanto ao necessário diálogo sobre a *Theósis*, esperamos contribuir de algum modo com a subversão desse hiato.

De fato, investigando precisamente a temática da adoção como filhos e filhas de Deus, por exemplo, no rico acervo da Faculdades EST, encontramos apenas trechos de artigos mormente em língua estrangeira, e uma tese de doutorado da PUC/RJ<sup>675</sup>. A pesquisa se deu em português, espanhol, inglês e alemão! Escasseiam estudos publicados em língua portuguesa sobre *Huiiothesía* e, bem assim, sobre *Theósis*.

Em que consiste propriamente a *Theósis*? Como visto na fala dos pais gregos, refere-se à íntima união com o divino. Se outrora dissemos que o humano não se torna divino, cumpre saber em que ele se torna. Qual mudança efetiva a *Theósis* produz? Segundo Georges Florovsky,

O homem sempre permanece o que é, isto é — criatura. Mas ele recebeu a promessa e concessão, pelo Verbo ter Se tornado homem, de uma participação íntima no que é Divino: Vida Eterna e incorruptível. A principal característica da theosis é, de acordo com os Padres, precisamente a "imortalidade" ou "incorruptão." Pois só Deus "tem imortalidade" — ο μόνος έχων αθανασίαν (I Tim. 6:16). Mas o homem é agora admitido numa íntima "comunhão" com Deus, através de Cristo e pelo poder do Espírito Santo.<sup>676</sup>

O principal atributo compartilhado com o humano glorificado, na comunhão íntima, pela ação do Espírito, segundo Florovsky, seria a natureza imortal da vida divina. E essa comunhão, por sua vez, expressa-se na visão bem-aventurada, que ora nos cabe considerar.

### 5.3.1 *Theósis* como glorificação escatológica

O caminho da *Theósis*, do levantamento cujo clímax é a glorificação, é subida para a realidade una, em que espírito e corpo dos ressurretos e ressurretas

<sup>675</sup> A mencionada tese, cuja ênfase nos conceitos "plenitude do tempo/dos tempos" difere-a da ênfase desta pesquisa, é: SANTOS, Nilson Faria. *Adoção filial e plenitude do tempo/plenitude dos tempos: estudo exegético-teológico de Gl 4,1-7 e Ef 1,3-10*. 2005. Tese (Doutorado) - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <[http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0124807\\_05\\_Indice.html](http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0124807_05_Indice.html)>. Acesso em: 04 mai. 2017.

<sup>676</sup> FLOROVSKY, Georges. *São Gregório Palamas e a Tradição dos Padres*. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/s\\_gregorio\\_palamas\\_e\\_os\\_padres\\_da\\_igreja.html#6](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_gregorio_palamas_e_os_padres_da_igreja.html#6)>. Acesso em: 29 set. 2021. Translit. *o monos echon athanasian*.

desfrutarão livremente da visão beatífica. Champlin nega a literalidade dessa visão, considerando-a um reconhecimento, uma percepção nova e completa da pessoa de Deus.

“Quem não tiver chegado à perfeição não poderá ficar de pé na presença de Deus, e nem poderá vê-lo face a face. Por isso mesmo, conhecer a Deus não fala meramente de alguma visão física de sua aparência, mas antes, da transmissão de certo elevado nível espiritual, que põe o homem em contacto com a realidade de Deus. [...] ‘Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus’ (Mat. 5:8). Não está em foco alguma «visão» física da imagem ou da aparência de Deus, [...]. Antes, o reconhecimento mútuo, por intuição, nos é aqui garantido; porquanto o conhecimento, em sentido espiritual altamente exaltado, não poderia mesmo omitir essa intuição”.<sup>677</sup>

Contudo, esse entendimento parece-nos destoar do contraste paulino entre o ver nesta era como em espelho obscuro, e a futura visão “face a face”<sup>678</sup>. Na história de Moisés, mesmo a relação face a face<sup>679</sup> entre este e Deus ainda consistia em conhecimento relativo, cuja superação fica evidenciada no pedido mosaico: “Rogo-te que me reveles a tua Glória!”<sup>680</sup>. A resposta do Senhor pôs ainda mais em relevo a limitação do saber de Moisés, abrindo espaço a uma esperança ampla, futura, que abarque tanto a visão literal da face quanto o completo conhecimento da pessoa de Deus:

‘Não poderás ver a minha face, porque o ser humano não pode ver-me e permanecer vivo!’ E concluiu o Senhor: ‘Eis aqui um bom lugar junto a mim; põe-te sobre a rocha. Quando passar a minha Glória, Eu te colocarei em uma fenda da rocha e te cobrirei com a palma da mão até que Eu tenha passado. Depois tirarei a palma da mão e me verás pelas costas. Minha face, todavia, não se poderá ver!’<sup>681</sup>.

Na era futura, corpo e espírito, ou corpo-espírito, tudo saberão. O saber cobiçado no velho Éden<sup>682</sup> será franqueado, nos novos céus e terra, a quem vencer. É certo que o saber ultrapassa frequentemente a esfera dos sentidos. O sensualismo (ou sensacionalismo) do filósofo francês Étienne Condillac (1715-1780), segundo o qual “encontramos em nossas sensações a origem de todos os nossos conhecimentos

<sup>677</sup> CHAMPLIN, 1995, v. 4, p. 212.

<sup>678</sup> Cf. 1<sup>a</sup> aos Coríntios 13:12.

<sup>679</sup> Cf. Números 12:8 e Êxodo 33:11.

<sup>680</sup> Êxodo 33:18. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 178.

<sup>681</sup> Êxodo 33:20-23. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 178.

<sup>682</sup> A ênfase, aqui, recai, não sobre o conhecimento do “bem e do mal”, mas no ser como Deus, “conhecendo”.

e de todas as nossas faculdades”<sup>683</sup>, empalidece frente à revelação e à transcendência.

O mundo dos sentidos é parte de nossa entrada no universo gnosiológico; não sua totalidade. Porém, conquanto admitamos a total inviabilidade de um empirismo radical, temos por certo que a via dos sentidos seja fundamental ao conhecimento humano.

Neste ponto precisaremos fazer uma escolha crucial. Ser-nos-ia impossível tratar de cada um dos cinco sentidos comumente identificados em nós, seres humanos, a saber: tato, olfato, paladar, visão e audição. Temos de escolher, portanto, qual deles abordaremos. Não o faremos numa tentativa de retratar a *Imago Dei* no humano anterior à queda; buscaremos retratar o humano glorificado, divinizado, o humano na era que há de vir, participante da natureza divina, dos poderes do mundo vindouro<sup>684</sup>.

Referindo-se à elementaridade do ato criativo divino<sup>685</sup>, e ao seu sentido profundo para o olhar científico, Henry Morris afirma que

De todas as formas de energia, a mais fundamental é a luz, intimamente relacionada com todas as outras formas de energia. Igualmente é bem sabido que a energia relaciona-se com a matéria nos termos da famosa equação de Einstein:  $e = mc^2$ . Nesta equação,  $c$  é a velocidade da luz, tremenda rapidez que serve de obrigatório ponto de referência para todos os demais tipos de movimento que ocorrem no universo físico.<sup>686</sup>

A luz é também o recurso fundamental do sentido da visão, havendo um ramo específico da física destinado a tratar precisamente da relação entre luz e visão: a óptica. Vê-se somente a partir da luz. Quanto aos humanos,

A visão é fruto da passagem da luz pelos meios transparentes do olho até a retina, onde ocorre a conversão em impulsos nervosos que estimulam o córtex visual.<sup>687</sup>

A luz proporciona revelação. Em todos os sentidos. Essa sua propriedade é citada ampla e metaforicamente por Cristo e pelos apóstolos, como quando em

---

<sup>683</sup> CONDILLAC, 1754 *apud* JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 177.

<sup>684</sup> Cf. Hebreus 6:5.

<sup>685</sup> Cf. Gênesis 1:3.

<sup>686</sup> MORRIS, 1996, p. 18.

<sup>687</sup> MAIA, Núbia Cristina de Freitas. *Fundamentos básicos da oftalmologia e suas aplicações*. Palmas, TO: Universidade Federal do Tocantins / EDUFT, 2018, p. 67.

referência à exposição, julgamento e condenação das más obras<sup>688</sup> planejadas ou praticadas em oculto. “Deus é luz”<sup>689</sup>, implicando em que, diante dele, essas obras estão sempre expostas. Ademais, “Absolutamente tudo está descoberto e às claras diante daquele a quem deveremos prestar contas [...]”<sup>690</sup>.

E se a glorificação frequentemente alude a uma literal abundância de luz<sup>691</sup>, alude terminantemente a uma capacidade visual inimaginável, à concessão de uma revelação extraordinária<sup>692</sup>.

Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, todavia, sabemos que quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, pois o veremos como Ele é.<sup>693</sup>

Para avançarmos na percepção das implicações da glorificação para o sentido da visão humana, cabe-nos compreender, ao menos de maneira relativamente simplificada, como se processa esse fenômeno tão comum chamado “visão”.

O que vemos, de fato, é a emanção de radiação luminosa das coisas. A luz é conduzida por diversas camadas oculares, os “meios transparentes do olho”, até ser captada pela retina, na qual se encontram fotorreceptores responsáveis pela fototransdução.

---

<sup>688</sup> Cf. Marcos 4:22; Lucas 12:3; 1ª de João 1:5-7.

<sup>689</sup> 1ª de João 1:5. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2455.

<sup>690</sup> Hebreus 4:13. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2395.

<sup>691</sup> Um texto notável, concernente ao derradeiro fulgor dos salvos e salvas, é Daniel 12:3: “Os que têm o entendimento e são sábios resplandecerão com o fulgor do firmamento; e todos quantos se dedicam a conduzir muitas pessoas à verdade e à prática da justiça, serão como as estrelas: brilharão para sempre, por toda a eternidade!”. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1633. O comentário de Joyce Baldwin sobre este verso parece-nos, a uma vez, concordar com as predições neotestamentárias sobre a glorificação, e sintetizar as falas de teólogos como Joseph Barnes, Adam Clarke e Joseph Benson neste tocante: “Assim como o servo obtém êxito através da obediência e do sofrimento (Is 52:13 e segs.), assim será com aqueles aos quais o autor se refere (11:35) [...]. Semelhantemente, a sua transfiguração reflete características daquele a quem Ezequiel viu em sua visão (Ez 8:2): resplandecerão como o fulgor do firmamento, claro e transparente (cf. Ex 24:10; Mt 13:43)”. BALDWIN, Joyce G. *Daniel: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 217. As falas de Barnes, Clarke e Benson, sobre este verso de Daniel, encontram-se em: ESTUDO de Daniel 12:3: – Comentado e Explicado. Disponível em: <<https://versiculoscomentados.com.br/index.php/estudo-de-daniel-12-3-comentado-e-explicado/>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>692</sup> É enorme a distância entre os chamados tempos bíblicos e a contemporaneidade, quanto à compreensão das particularidades dos sentidos, como as que examinaremos doravante com respeito exclusivamente à visão. Devemos crer que Paulo, por exemplo, sequer cogitaria do mundo natural vastíssimo que, por nós mesmos, não podemos ver. A nova realidade descortinada pela pesquisa científica, só perceptível mediante o uso de aparelhos, está implicada no pleno conhecimento que teremos na glorificação, nos novos céus e nova terra (cf. 2ª de Pedro 3:13), e que os profetas e apóstolos, sem o saberem, anunciaram.

<sup>693</sup> 1ª de João 3:2. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2458.



A fototransdução e o processamento visual da retina são tarefas bastante complexas. Captar um fóton de luz e convertê-lo em sinal elétrico é o processo de fototransdução, uma função primordial realizada dentro dos segmentos externos dos fotorreceptores (cones e bastonetes). Em seguida inicia-se o processamento visual, quando o sinal é carreado pelas fibras do nervo óptico até os centros nervosos encarregados da percepção e reconhecimento visual.<sup>694</sup>

Comentando as diferentes classificações mentais do tipo *animais “superiores e inferiores”*, que o ser humano naturalmente realiza<sup>695</sup>, considerando os graus de especialização dessas criaturas, o médico cirurgião Paul Brand cita a distância entre a ameba e os humanos, fornecendo dados importantes sobre nossa visão:

Uma ameba tem uma percepção visual grosseira: ela se move para a luz – e nada mais. [...] A ameba tem uma única célula. No interior do meu olho [...] há 107.000.000 de células. Sete milhões são cones, cada um carregado e pronto para disparar uma mensagem para o cérebro quando uns poucos fótons de luz cruzam seu caminho. Os cones me dão o conjunto completo das percepções cromáticas. Por causa deles posso distinguir milhares de matizes. Os outros 100 milhões de células são bastonetes, células de apoio usadas em claridade reduzida. Quando há apenas bastonetes em ação, não enxergo a cor (como em uma noite enluarada, quando tudo aparece em tons de cinza), mas posso distinguir um espectro de luz tão vasto que a luz mais acesa que percebo é 1 bilhão de vezes mais brilhante que a mais apagada. Entre a ameba e o meu olho, existe uma estonteante gama de especialização.<sup>696</sup>

A espantosa quantidade de fotorreceptores sinaliza o quanto a visão humana é profundamente dependente da quantidade de luz. Tomando-se por parâmetro os olhos normais, chamados emetropes, eles não apenas distinguem as distintas cargas luminosas provindas de diferentes coisas. Regulam a entrada dessa mesma luz. Um dos componentes oculares, responsável pela nitidez das imagens formadas, é a pupila. A menina do olho é um orifício que regula, por meio de contração ou dilatação, a própria entrada de luz, visando a nitidez das imagens. “Os músculos intraoculares

---

<sup>694</sup> MAIA, 2018, p. 33.

<sup>695</sup> Essa percepção natural da graduação a partir da especialização é apontada pelo Dr. Paul Brand de modo pitoresco. Ele inquire: “Como podemos pisotear um milhão de criaturas numa caminhada e voltar para casa sem culpa alguma? Um vegetariano convicto que bebe a água fria de uma fonte engole uma horda de criaturas – animais! – sem pestanejar. Por que devemos torcer o nariz diante de um gato atropelado no acostamento, se não notamos os bilhões de minúsculos animais pulverizados por um trator que segue abrindo uma estrada?”. YANCEY, Philip. *Feito de modo especial e admirável: a harmonia entre o mundo natural e o espiritual*. São Paulo: Vida, 2012, p. 23-24.

<sup>696</sup> YANCEY, 2012, p. 24-25.

da pupila recebem inervação do sistema nervoso autônomo, regulam seu diâmetro e, conseqüentemente, a entrada de luz”.<sup>697</sup>

A variação do diâmetro pupilar, inversamente proporcional à quantidade de luz a que a pessoa observadora se encontra exposta, conta-nos Rafael Helerbrock, vai de 1,5 mm a 8 mm, implicando sensível alteração na quantidade de luz absorvida de uma mesma fonte emissora. Diz-nos o físico:

Quanto mais fechada ela estiver, maior será a nitidez da imagem formada sobre o anteparo do nosso órgão sensorial (a retina), ou seja, melhor será a focalização da imagem. A intensidade de luz que entra no olho humano pode aumentar em até 30 vezes, dependendo das condições nas quais a pupila apresenta seu maior ou menor diâmetro. Além disso, com a abertura da pupila, altera-se a distância na qual os objetos ao nosso redor nos parecem nítidos.<sup>698</sup>

Entretanto, é certo que a visão humana faz mais que captar e controlar diferentes intensidades de entrada de luz e, a partir daí, produzir “a sensação de estereopsia”<sup>699</sup>. Por meio dos fotorreceptores, os olhos enxergam determinadas frequências luminosas.

Existem três tipos de cones no olho humano, e cada um deles apresenta um tipo de pigmento (as fotopsinas I, II e III) excitado durante a exposição às frequências relativas às cores azul, verde e vermelho. A mistura das intensidades das cores é transmitida ao cérebro através do nervo óptico. O cérebro, por sua vez, interpreta-as criando nossa percepção das cores.<sup>700</sup>

Nossos olhos podem captar certa quantidade de luz, e certas frequências de cores. Interpretando esses dados, o cérebro humano nos faz “ver” as coisas, com suas respectivas dimensões, no chamado espectro visível.

<sup>697</sup> MAIA, Núbia Cristina de Freitas. *Fundamentos básicos da oftalmologia e suas aplicações*. Palmas, TO: Universidade Federal do Tocantins / EDUFT, 2018, p. 61.

<sup>698</sup> Quais são os limites da visão humana? - Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/quais-sao-os-limites-visao-humana.htm#:~:text=Quanto%20mais%20fechada%20ela%20estiver,ser%C3%A1%20a%20focaliza%C3%A7%C3%A3o%20da%20imagem>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>699</sup> Em linguagem médica, estereopsia é a “Percepção da profundidade produzida pela recepção no cérebro de estímulos visuais com origem nos dois olhos”. PRIBERAM. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/estereopsia>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>700</sup> Quais são os limites da visão humana? - Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/quais-sao-os-limites-visao-humana.htm#:~:text=Quanto%20mais%20fechada%20ela%20estiver,ser%C3%A1%20a%20focaliza%C3%A7%C3%A3o%20da%20imagem>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

Há, porém, quantidades de luz que não impressionam suficientemente nossos fotorreceptores. O que estiver abaixo desse limiar será despercebido pela visão. Em texto do Instituto de Física da UFRGS, é-nos dito que

Aproximadamente 10 fótons são necessários para ativar cada bastonete, mas vários bastonetes precisam ser ativados para que um pulso seja enviado ao cérebro, num total de cerca de 200 fótons.<sup>701</sup>

Se, de um lado, não enxergamos algo menos que aproximadamente 200 fótons, de outro, as “Exposições mais longas que 15 segundos à luz solar já queimam parte da mácula<sup>702</sup>.”<sup>703</sup>. Pelo que, sem proteção ocular “Nunca deve se olhar diretamente para Sol, nem a olho nu e muito menos com qualquer equipamento de aumento.”<sup>704</sup>.

Nossa visão, embora seja uma habilidade especial e admirável<sup>705</sup>, possui, nesta era, enormes limitações. Além das restrições pela quantidade de luz, há uma realidade existencial abundante que extrapola nosso mundo visível por outros motivos. Nela estamos, com ela nos deparamos, mas nossos olhos não a podem, efetivamente, ver.

[...] nossos olhos são capazes de captar apenas um pequeno intervalo de frequência das ondas eletromagnéticas – entre 750 nanômetros ( $7,5 \cdot 10^{-7}$  m)

---

<sup>701</sup> FILHO, Kepler de Souza Oliveira; SARAIVA, Maria de Fátima Oliveira. *Danos ao olho por olhar diretamente ao Sol*. Disponível em: <<http://astro.if.ufrgs.br/eclipses/olho.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2021. Ressaltamos que o texto da UFRGS parece tomar por certa a teoria dos quanta, ou teoria quântica, segundo a qual a luz se subdivide em unidades elementares chamadas “fótons”. Citamos o limiar de 200 fótons como referência de luminosidade mínima captável pelo olho humano, sem ignorar, contudo, a existência de larga controvérsia sobre a natureza dos fótons, conforme indicada noutro texto elaborado por pesquisadores dessa mesma universidade: “O fóton, [...] não é uma onda, nem uma partícula, é um objeto quântico com características próprias – pode evidenciar um ou outro comportamento, dependendo da situação experimental que se configura”. LIMA, Nathan Willig. et al. *A história do fóton em livros de física*. X Congreso Internacional Sobre Investigación En Didáctica De Las Ciencias, Sevilla: 5-8 de septiembre de 2017, p. 1955. Disponível em: <[https://ddd.uab.cat/pub/edlc/edlc\\_a2017nEXTRA/24\\_-\\_A\\_Historia\\_do\\_Foton\\_em\\_Livros\\_de\\_Fisica.pdf](https://ddd.uab.cat/pub/edlc/edlc_a2017nEXTRA/24_-_A_Historia_do_Foton_em_Livros_de_Fisica.pdf)>. Acesso em: 29 abr. 2021.

<sup>702</sup> “A retina mais posterior e central é denominada mácula. [...] O centro da mácula, denominado fóvea, é uma escavação no centro da retina. Seu fundo corresponde à fóveola, cujo centro é chamado de umbu, onde é encontrada a maior concentração de cones impactados, que constitui o local de maior acuidade visual, pois recebe a maior parte dos feixes luminosos emitidos pelos objetos que enxergamos”. MAIA, 2018, p. 36.

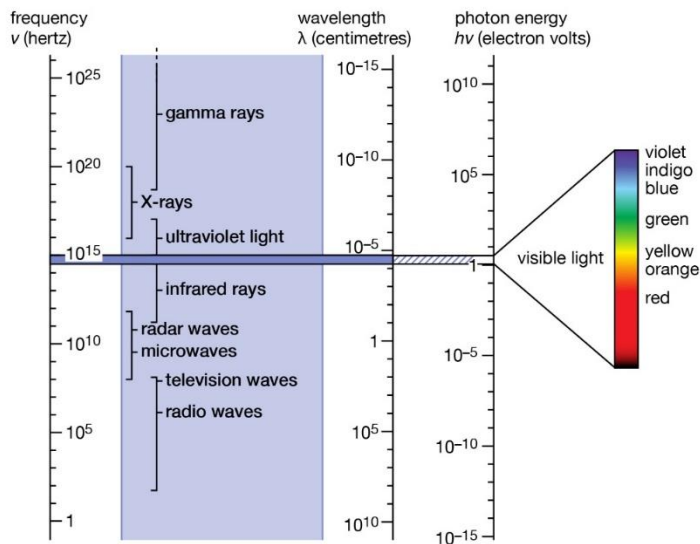
<sup>703</sup> FILHO, Kepler de Souza Oliveira; SARAIVA, Maria de Fátima Oliveira. *Danos ao olho por olhar diretamente ao Sol*. Disponível em: <<http://astro.if.ufrgs.br/eclipses/olho.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>704</sup> FILHO, Kepler de Souza Oliveira; SARAIVA, Maria de Fátima Oliveira. *Danos ao olho por olhar diretamente ao Sol*. Disponível em: <<http://astro.if.ufrgs.br/eclipses/olho.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2021. [sic].

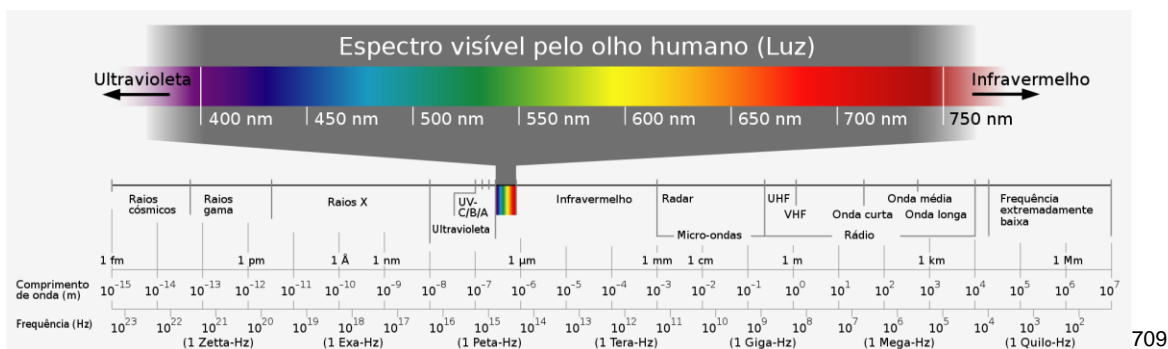
<sup>705</sup> Referência ao título da obra, já citada, escrita por Philip Yancey e Paul Brand.

e 400 nanômetros ( $4,0 \cdot 10^{-7}$  m), referentes ao vermelho e ao violeta –, ao qual damos o nome de espectro visível.<sup>706</sup>

As ilustrações a seguir, muito semelhantes entre si<sup>707</sup>, apontam a pequenez de nossa visão e o gigantismo de nossa cegueira.



© Encyclopædia Britannica, Inc. 708



709

<sup>706</sup> QUAIS são os limites da visão humana? - Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/quais-sao-os-limites-visao-humana.htm#:~:text=Quanto%20mais%20fechada%20ela%20estiver,ser%C3%A1%20a%20focaliza%C3%A7%C3%A3o%20da%20imagem>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>707</sup> Optamos por apresentar duas vezes basicamente o mesmo gráfico: o primeiro, por sua fiabilidade; depois, um similar em língua portuguesa, para benefício da pessoa leitora que tenha dificuldade com a língua inglesa.

<sup>708</sup> BRITANNICA, The Editors of Encyclopædia. *Electromagnetic spectrum*. Encyclopedia Britannica, 11 Mar. 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/science/electromagnetic-spectrum>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

<sup>709</sup> ESPECTRO eletromagnético. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Espectro\\_vis%C3%ADvel#/media/Ficheiro:Electromagnetic\\_spectrum\\_-pt.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Espectro_vis%C3%ADvel#/media/Ficheiro:Electromagnetic_spectrum_-pt.svg)>. Acesso em: 28 abr. 2021. Original Horst Frank, with some modifications by Jailbird. Tradución da versión de Alebergen. - Obra derivada de image: Electromagnetic\_spectrum-es.svg, 15:39, 5 May 2011. Disponível em:

Há, então, um sem-número de ondas eletromagnéticas que não somos aptos a perceber, mas que podem ser “vistas” por aparelhos eletrônicos. Todas viajam no vácuo à velocidade da luz. Para além das frequências do espectro visível por nós, humanos, encontram-se os raios ultravioleta, raios x, gama, cósmicos; aquém, os infravermelhos, as micro-ondas, ondas de rádio, e as frequências extremamente baixas.

Sabemos que todas as ondas eletromagnéticas se propagam no vácuo com a velocidade da luz. As ondas eletromagnéticas transportam momento e energia para longe de uma fonte. É importante lembrar que as ondas eletromagnéticas se diferenciam pela sua frequência e comprimento de ondas, e a interação dessas ondas com a matéria depende da frequência da onda e da estrutura atômico-molecular da matéria.

A forma mais simples das ondas eletromagnéticas corresponde ao espectro eletromagnético que o nosso olho consegue enxergar.<sup>710</sup>

Além de abarcar pequeníssima faixa do espectro eletromagnético, nossa captação ocular também deixa escapar um número incontável de coisas muito pequenas, e... muito grandes.

Em decorrência do comprimento da luz máximo e mínimo visíveis e da própria estrutura do olho, o menor tamanho que podemos enxergar é de cerca de 100 micrômetros ( $100 \cdot 10^{-6}$  m), aproximadamente o diâmetro de um fio de cabelo. Para enxergarmos objetos menores, precisamos do auxílio de instrumentos ópticos, como os microscópios.<sup>711</sup>

Ao longo das eras, o mundo microscópico nos foi inacessível, até que,

Por volta da última década do século 16, enfim, dois holandeses, Zacharias e Hans Janssen (filho e pai, respectivamente), produziram o primeiro microscópio composto (com mais de uma lente).<sup>712</sup>

---

<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Electromagnetic\\_spectrum-es.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Electromagnetic_spectrum-es.svg)>. Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>710</sup> LUZ Visível. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/luz-visivel.htm>>. Acesso em: 08 out. 2021.

<sup>711</sup> QUAIS são os limites da visão humana? Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/quais-sao-os-limites-visao-humana.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>712</sup> VALÉRIO, Marcelo; TORRESAN, Clarissa. *A invenção do microscópio e o despertar do pensamento biológico*: um ensaio sobre as marcas da tecnologia no desenvolvimento das ciências da vida. REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio - ISSN: 1982-1867 - vol. 10, n. 1, p. 128, 2017

Embora o uso científico do microscópio tenha tardado, só se consolidando muitos anos após a invenção do aparelho – por décadas foi, sobretudo, brinquedo comercializado à realeza – seu impacto na ciência talvez não conheça rival.

Entre os séculos 17 e 19, toda a organização das áreas de conhecimentos biológicos recebeu influência, direta ou indireta, do advento e refinamento do microscópio e de seus resultados. E mais do que **revelar os mundos que se mantinham inacessíveis aos sentidos humanos**, olhar e ver pela(s) lente(s) do microscópio tornou possível a produção de novas realidades sobre as quais a ciência iria se debruçar.<sup>713</sup>

Ora, se a microscopia alterou a cosmovisão humana, em especial quanto às ciências da vida, em nível macroscópico tivemos o advento do telescópio, ensejando o estabelecimento da visão heliocêntrica, pela possibilidade de observação de corpos longínquos, muitos dos quais, imensos, como a supergigante vermelha VY CMa<sup>714</sup>. Nossos olhos nus, não apenas deixam de ver coisas muito pequenas. Pouco sabem das muito distantes.

Afora as limitações ópticas já citadas, ainda poderíamos mencionar<sup>715</sup>: a abertura visual máxima de 180°; a baixa resolução da visão periférica (distinta do centro da visão, chamada “foveal”); a demora de adaptação ocular, ao se passar, por exemplo, de um lugar escuro para um iluminado, e vice-versa; o limite de 6 a 7 milhões de cores detectáveis pelos cones; o limite da velocidade de captação e processamento das imagens; as ilusões visuais, genericamente denominadas “ilusões de ótica”.

Nesta era, observamos Deus e seu maravilhoso mundo com olhos baços. É assim que vemos. “Agora, portanto, enxergamos apenas um reflexo obscuro, como em um material polido”<sup>716</sup>. O termo “agora”, fala de “Um contraste entre esta dispensação e a futura (Grosheide)”<sup>717</sup>. Mas se esta visão tão limitada se desvanecer,

<sup>713</sup> VALÉRIO, Marcelo; TORRESAN, Clarissa. *A invenção do microscópio e o despertar do pensamento biológico*: um ensaio sobre as marcas da tecnologia no desenvolvimento das ciências da vida. REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio - ISSN: 1982-1867 - vol. 10, n. 1, p. 125, 2017.

<sup>714</sup> Para mais informações sobre essa estrela, sugerimos a leitura do artigo HUMPHREYS, Roberta. *Nasa Hubble Solves Mystery of Monster Star's Dimming*. Disponível em: <<https://www.nasa.gov/feature/goddard/2021/hubble-solves-mystery-of-monster-stars-dimming>>. Acesso em: 10 out. 2021. O título em português seria: Hubble resolve o mistério do escurecimento da estrela monstro. (tradução nossa).

<sup>715</sup> Para maiores discussões, sugerimos a leitura de: MEYER, Maximiliano. *Qual a resolução do olho humano?* Disponível em: <<https://www.oficinadanet.com.br/ciencia/23426-qual-a-resolucao-do-olho-humano>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>716</sup> 1ª aos Coríntios 13:12. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2240.

<sup>717</sup> RIENECKER, 1995, p. 320.

dando lugar ao pleno ver, supõe-se o pleno conhecer. No dizer de Paulo, “conhecerei perfeitamente, da mesma maneira como plenamente sou conhecido”<sup>718</sup>.

Lemos, em 1ª aos Coríntios 13:12, no Novo Testamento Trilíngue:

Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido.<sup>719</sup>

Quanto às flexões do verbo “conhecer”, comentam Rienecker e Rogers:

ἐπιγνώσομαι<sup>720</sup> fut. ind. méd. ἐπιγνώσκω<sup>721</sup> [...] conhecer, ter conhecimento específico. A prep. prefixada é diretiva [...]. ἐπεγνώσθην<sup>722</sup> aor. ind. pass. As palavras apresentam a inadequação do atual conhecimento humano de Deus, em contraste com o conhecimento que Deus tem do homem e o conhecimento de Deus que os homens terão na era futura (Barrett).<sup>723</sup>

Poder ver à semelhança da visão de Deus. Sem ocultações, sem ofuscamentos. Em mesma direção arrazoar o teólogo presbiteriano galês Matthew Henry:

Não haverá necessidade de línguas, e profecia e conhecimento inspirado, em uma vida futura, porque então a igreja estará em um estado de perfeição, completa tanto em conhecimento quanto em santidade. Deus será conhecido então claramente, [...] <sup>724</sup>.

Ao investigarmos estas coisas, levemos em conta que a expectativa de glorificação dos sentidos e, conseqüentemente, do saber, não se circunscreve, necessariamente, à curiosidade banal, frívola. É importante considerarmos a superação do não saber como sendo a própria superação de uma dor existencial profunda. Pois não saber dói, como bem descreve Maria Márcia Matos Pinto, analisando o poema Relógio do Rosário, de Carlos Drummond de Andrade:

Assim, a dor, que incomoda o homem tanto física como espiritualmente, é a melhor designação, no mundo moderno, para o conjunto de sensações e

<sup>718</sup> 1ª aos Coríntios 13:12. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2240.

<sup>719</sup> SAYÃO, 1998, p. 481.

<sup>720</sup> Translit. *epignosomai*.

<sup>721</sup> Translit. *epiginosko*.

<sup>722</sup> Translit. *epegnosthen*.

<sup>723</sup> RIENECKER, 1995, p. 320.

<sup>724</sup> MATTHEW Henry: Comentário sobre 1 Coríntios 13. Disponível em: <[https://www.blueletterbible.org/Comm/mhc/1Cr/1Cr\\_013.cfm?a=1075012](https://www.blueletterbible.org/Comm/mhc/1Cr/1Cr_013.cfm?a=1075012)>. Acesso em: 20 out. 2021.

sentimentos que leva o ser humano a querer decifrar os enigmas da sua existência, pois o não saber causa angústia, dói.<sup>725</sup>

Nessa poesia, Drummond expõe essa ânsia pela decifração do enigma da vida, por exemplo, quando lamenta: “O amor não nos explica. E nada basta, nada é de natureza assim tão casta que não macule ou perca sua essência ao contato furioso da existência”<sup>726</sup>. A existência ocasiona, a todas as coisas, uma perda essencial irremediável, a contaminação do mistério que há em tudo. Esse é o lá fora do mundo. Todo esse mundo encontra-se obscurecido, em enigma para quem o vê, como diria o apóstolo Paulo.

Em segundo lugar, não ousamos afirmar igualdade absoluta, pois o humano foi feito “imagem e semelhança” do Criador. Parecido, mas diferente, e assim permanecendo mesmo na consumação escatológica. Referindo-se à “Consumação da criação no Reino de Deus”, afirma Pannenberg:

[...] da parte da criatura sua autodiferenciação de Deus é a condição de sua comunhão com Deus [...] a verdade de que a autonomia da criatura também persistirá em sua consumação escatológica perante Deus, de que a criatura não será absorvida pela presença de Deus, será então evidenciada [...].<sup>727</sup>

E a participação da natureza divina faz e fará do humano partícipe nas virtudes, com a intensidade que Deus soberanamente quiser comunicar. No exemplo anterior paulino, se hoje a humanidade a tudo conhece com um saber parcial, no alvorecer da glorificação a humanidade redimida e exaltada saberá certas coisas com um saber total.

Dizemos “certas coisas” cientes de que Paulo deixa claro que “conhecerei como também sou conhecido”. Ora, o próprio Deus por vezes parece se furtar, nesta era, ao conhecimento absoluto de nós, humanos, quando queira, isto é, sempre quando isso parece adequado à sua autolimitação. Conclui-se que nos caberá, na era futura, o conhecimento daquilo que nos será adequado saber.

Ademais, há um saber restrito à experiência. Por exemplo, Deus sabe o que é ter criado o mundo, pois de fato o fez. Algum ser humano glorificado terá esse

<sup>725</sup> PINTO, Maria Márcia Matos. *O enigma da existência: leitura de “Relógio do Rosário”, de Carlos Drummond de Andrade*. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/download/6725/5722>>. Acesso em: 01 mai. 2021.

<sup>726</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma: Poesia*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1991, p. 126.

<sup>727</sup> PANNENBERG, 2009, v. 3, p. 728. [sic].



conhecimento na ressurreição, essa experiência? As almas perdidas saberão o que é estarem perdidas; os humanos glorificados compartilharão desse saber? Para estas e tantas outras possibilidades, a resposta será decisivamente “Não.”.

Essa ciência, o total conhecimento daquilo que convém saber, pode, assim, estar em pauta na expressão “então, conhecerei como também sou conhecido”. Ora, isso não reduziria novamente, e de modo radical, o saber humano? O conhecimento destinado às pessoas salvas glorificadas não ficaria limitado ao conhecimento que elas têm nesta era? Não, em absoluto. Certamente, mesmo se houver, como cremos, certos limites ao conhecimento que os humanos glorificados possuirão, esse saber despontará como algo distinto da atual capacidade humana de conhecer.

Pois o Cristo glorificado indica as potências e saberes do novo humano, na nova “casa”<sup>728</sup>, isto é, vestido do corpo glorificado. Assim, em se tratando da visão, poderíamos ter perguntado o que o Cristo, o Glorificado Filho do Homem, poderia ver? Teria ele contemplado<sup>729</sup>, quem sabe, o cardume de peixes à direita do barco, antes de ordenar aos discípulos que lançassem a rede<sup>730</sup>?

O corpo glorificado de Cristo é corpo de dois mundos, de duas dimensões. Tem ossos e carne, come e bebe<sup>731</sup>, assemelhando-se ao corpo natural. Conforme queira, surge e desaparece, supera distâncias como se não conhecesse os espaços<sup>732</sup>, alcança o interior dos recintos sem necessitar que se abram as portas<sup>733</sup>. Sobe aos céus como um vapor<sup>734</sup>, e pode ser tocado. É terrenal, mas celeste.

O Ressurreto é Deus-Homem, em quem a exaltação do Filho Eterno e a exaltação do Filho do Homem se realizam. E, sendo o Filho<sup>735</sup> as primícias da glorificação, nela certamente concorrem juntos tanto o retorno da natureza divina à glória eterna<sup>736</sup> quanto a exaltação da natureza humana que vai se assentar à direita de Deus.

---

<sup>728</sup> Cf. 2ª aos Coríntios 5:1 e 2.

<sup>729</sup> Seria esta uma última parábola? A dos “pescadores de almas”, que pescam quem Jesus está a ver?

<sup>730</sup> Cf. João 21:1-6.

<sup>731</sup> Cf. Lucas 24:36-43.

<sup>732</sup> Cf. Lucas 24:36.

<sup>733</sup> Cf. João 20:26.

<sup>734</sup> Cf. Atos 1:9.

<sup>735</sup> Cf. 1ª aos Coríntios 15:20.

<sup>736</sup> Veja-se o ponto 2.5.4: “O Filho e seu Pai, na antiga glória”.

A exaltação das duas naturezas numa só pessoa assinala que, em Cristo, a natureza humana participa da filialidade divina e, nela, do retorno do Filho à antiga glória. O que se dá no Filho ocorre, a partir dele, nos glorificados e glorificadas. Por meio da união hipostática das duas naturezas do Filho, na encarnação, isto é, mesmo antes da glorificação do ressurreto, é que se garante a culminação da *Theósis*.

A via descendente (*katabasis*) da Pessoa divina de Cristo tornou possível às pessoas humanas uma via ascendente, nossa *anabasis*, no Espírito Santo. Foi preciso que tivesse lugar a humilhação voluntária, a *kenosis* redentora do Filho de Deus, para que os homens decaídos pudessem realizar sua vocação, a da deificação (*theosis*) do ser criado pela graça incriada.<sup>737</sup>

Não se nega, com isso, o imensurável poder laudatório que acompanha a ressurreição, mas se ressalta a antiguidade do cumprimento da promessa, iniciado na encarnação. Retomando Atanásio, “Deus se fez homem para que os homens possam se tornar deuses”<sup>738</sup>. A descida do Deus que deixa o trono já é nossa coroação. Em nosso contexto imediato, aqui e agora, garante a dádiva da visão beatífica, portanto, a dádiva da “super” visão e da de todas as demais potências glorificadas.

Agora, “vemos como em espelho”. Isto é, a criação imperfeita não se deixa ver, e nós, humanos imperfeitos, dispomos de limitada capacidade de enxergar. Nós nos pomos diante de uma única possibilidade: o espelho tosco. O espelho grosseiro poderia até ser alvo de miragens, retransmitindo meras distorções da realidade, aparências flácidas, irrealidades. Muito pouco se compararia com a face que se oferece, ela mesma, a olhos que então a podem enxergar de perto. Mas, na era que há de vir, disporemos de algo melhor que o espelho com suas aparições, seus saberes indiretos.

Todo o saber futuro será não mediado<sup>739</sup>, direto, cara a cara<sup>740</sup>. Desaparecendo o espelho, tudo o que se puder ver se dará a conhecer enquanto todo o poder de ver será dado generosamente. E se, talvez com poucas restrições, Deus

---

<sup>737</sup> LOSSKY, Vladimir. *Redenção e Deificação*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/2015/12/vladimir-lossky-redencao-e-deificacao.html>>. Acesso em: 11 out. 2021.

<sup>738</sup> Vide nota 664, acima.

<sup>739</sup> Se a glorificação das pessoas salvas decorre justamente de sua filiação no Filho, isto é, por meio de sua mediação, podemos supor que os saberes, o conhecimento de Deus deixará de ser mediado. Tanto quanto o Filho vê e conhece o Pai de modo imediato, assim se dará com todos os humanos nele glorificados.

<sup>740</sup> Embora Cristo seja a Imagem de Deus para fora da Trindade, podemos esperar que, no interior desta, Pai e Filho igualmente mostrem o rosto. E a glorificação, como coparticipação na exaltação do Filho, tornaria possível essa contemplação absoluta do Pai e seu Unigênito.

se deixará ver pelas pessoas glorificadas do modo como ele as vê, Deus mesmo e tudo o mais serão inimaginavelmente visíveis.

Quando as pessoas glorificadas virem tudo o que hão de ver, caso pudessem lembrar da visão que possuíam nesta era, diriam como o cego de nascença: “[...] uma verdade eu sei: eu era cego; agora vejo”<sup>741</sup>. Bem pode ser esse o sentido de “Assim, já não haverá noite, nem necessitarão eles da luz dos candelabros, nem da luz do sol, pois o Senhor Deus os iluminará, [...]”<sup>742</sup>. Não se diz aqui, como em Apocalipse 21:23, que a cidade rebrilhará. Diz-se que as pessoas redimidas serão iluminadas por Deus. Ora, como, senão por meio da glorificação?

Tanto quanto para o Deus glorioso, trevas e luz são a mesma coisa<sup>743</sup>, assim ocorrerá com os glorificados. O Moisés que desce do monte com a face reluzindo<sup>744</sup> não sabe mais o que é andar no escuro, pois sua própria face ilumina o caminho; o Cristo glorificado, primícias da ressurreição, é pura luz.

E o que é maior: conhecer Deus ou conhecer sua criação? O criador não será incomensuravelmente maior que suas obras? Na verdade, o perfeito e amplo conhecimento de Deus já não implica forçosamente na visão e conhecimento de sua criação? Sim, certamente. Conhecê-lo pressupõe conhecê-la.

Vê-lo será sempre vê-la em seu desnudamento. Não é a partir do fruto que Adão e Eva conhecem como Deus; a partir de Deus é que seriam aptos a conhecer a natureza do fruto, e a da serpente, e os céus, e a terra.

O conhecimento de Deus é o fim da distância entre a realidade de cima e a de baixo<sup>745</sup>. A imanência do Altíssimo, na glorificação, sinal de consumação, quando Deus será absolutamente tudo em todos.

### **5.3.2 O anseio pela adoção-glorificação**

Discorrendo sobre “O caminho para fundamentar afirmações escatológicas”, Pannenberg principia seu argumento com a tensão apresentada na tese de seu

---

<sup>741</sup> João 9:25. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2046.

<sup>742</sup> Apocalipse 22:5. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2524.

<sup>743</sup> Cf. Salmo 139:12.

<sup>744</sup> Cf. Êxodo 34:29.

<sup>745</sup> Cf. Eclesiastes 5:2.

orientando Peter Cornehl<sup>746</sup> (1935- ): “Desde o Iluminismo o sentido e a necessidade de afirmações escatológicas não são mais evidentes. A tradição se torna carente de interpretação”. Pannenberg se mostra convicto de que o século das luzes igualmente desafiou a escatologia bem como todas as demais doutrinas do cristianismo.

A seguir, na história, à ideia hegeliana da presença dum espírito absoluto, a qual corroía a futuridade do *éschaton* e a cogitação da imortalidade dos indivíduos, somou-se o racionalismo que punha em dúvida a literal ressurreição dos mortos<sup>747</sup>. Mais tarde, quando, em 1892, Johannes Weiss publicou sua *Die Predigt Jesu vom Reiche Gottes* ("Proclamação de Jesus do Reino de Deus"), na qual afirmava que o núcleo da mensagem de Cristo era “uma expectativa de cunho apocalíptico do futuro do senhorio de Deus”<sup>748</sup>, não havia lastro para aderência ao seu pensamento. Muito ao contrário, relata Pannenberg, a obra avivou aquela já conhecida “impressão da estranheza e inatingível distância da mensagem de Jesus para o moderno ser humano”<sup>749</sup>.

A atualização da escatologia só ocorreu logo após o impacto sensibilizador da Primeira Guerra Mundial, quando Barth, em sua obra *Der Römerbrief* (“A Epístola aos Romanos”), publicada em 1919,

*Primeiramente* compreendeu o senhorio de Deus como a relação da própria realidade de Deus com os seres humanos e com o mundo, e *em segundo* lugar ensinou a compreender essa realidade como a do juízo sobre o mundo que se tornou independente diante de Deus.<sup>750</sup>

Entretanto, essa atualização se deu mormente no sentido de trazer de volta à discussão teológica os temas da escatologia, isto é, restabelecer sua importância no escopo geral da teologia, sem, contudo, reavivar a perspectiva específica do “último futuro do ser humano e do mundo”<sup>751</sup>. Falou-se, não de uma escatologia futura, mas,

---

<sup>746</sup> Cornehl defendeu, em 1966, na Universidade de Mainz, sob a orientação de Wolfhart Pannenberg, sua tese de teologia sistemática, publicada em 1971, intitulada “O futuro da reconciliação. Escatologia e emancipação no Iluminismo, em Hegel e na escola hegeliana”. CORNEHL, Peter. *Die Zukunft der Versöhnung*. Eschatologie und Emanzipation in der Aufklärung, bei Hegel und in der Hegelschen Schule. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1971.

<sup>747</sup> Especialmente em Kant e seus seguidores.

<sup>748</sup> PANNENBERG, 1995, v. 3, p. 703.

<sup>749</sup> PANNENBERG, 1995, v. 3, p. 703-704.

<sup>750</sup> PANNENBERG, 1995, v. 3, p. 704. [grifos do autor].

<sup>751</sup> PANNENBERG, 1995, v. 3, p. 705.

presente: a “confrontação, que acontece em todo o tempo, entre o mundo dos seres humanos e a eternidade de Deus”<sup>752</sup>.

Na esteira da abertura propiciada por Barth, Pannenberg aponta que as obras *Zukunft und Verheißung. Das Problem der Zukunft in der gegenwärtigen theologischen und philosophischen Diskussion* (“Futuro e promessa. O problema do futuro na discussão teológica e filosófica atual”), de Gerhard Sauter (1935- ), publicada em 1965, a obra *Theologie der Hoffnung* (“Teologia da Esperança”), publicada em 1964 por Moltmann (1926- ), e *Die Zukunft des Gekommenen* (“O Futuro do Que Veio”), 1961, da autoria de Walter Kreck (1908-2002), serviram à consolidação do retorno da perspectiva futura da escatologia, tendo em comum o “conceito bíblico da promessa”. Especialmente em Jürgen Moltmann, pessoa e obra de Cristo se mostram esperança de salvação futura.

Mas Pannenberg levanta uma questão de ordem lógica: somente a realidade de Deus pode sustentar a promessa da vinda de seu reino. Só Deus mesmo pode, no presente, afirmar esse futuro. A própria presença de Deus, portanto, deve estar pressuposta. O problema é que “a realidade de Deus nas discussões da história permanece controvertida”<sup>753</sup>, ainda mais se somarmos a isto “a explicação trinitária da revelação de Deus em Jesus Cristo”<sup>754</sup>. A escatologia precisaria buscar outros pressupostos.

Ora, a solução proposta por Pannenberg encontra-se no que ele chamou “comprovação antropológica”<sup>755</sup>. Apesar de não se ignorar que toda promessa escatológica, de realização última, certamente “ultrapassa de longe qualquer poder de pessoas”<sup>756</sup>, pois “depende da realidade e do poder de Deus e não do ser humano”<sup>757</sup>, o argumento antropológico permite “que aquilo que é asseverado e proclamado como promessa também possa ser ouvido como promissor e seja digno de crédito como promessa de Deus”<sup>758</sup>.

E no que consiste, propriamente, essa comprovação ou argumentação antropológica? Em síntese, se o Deus que promove a redenção final de suas criaturas

---

<sup>752</sup> PANNENBERG, 1995, v. 3, p. 705.

<sup>753</sup> PANNENBERG, 1995, v. 3, p. 710.

<sup>754</sup> PANNENBERG, 1995, v. 3, p. 710.

<sup>755</sup> PANNENBERG, 1995, v. 3, p. 711.

<sup>756</sup> PANNENBERG, 1995, v. 3, p. 711.

<sup>757</sup> PANNENBERG, 1995, v. 3, p. 711.

<sup>758</sup> PANNENBERG, 1995, v. 3, p. 711.

é o mesmo Deus Criador, opera em consonância com o ser e a destinação impostas por ele mesmo a essas criaturas. Essa consonância, por sua vez, concorda com o *Zeitgeist*<sup>759</sup>, pois a contemporaneidade

[...] se caracteriza pelo fato de que a natureza do ser humano é vista como base de tudo que culturalmente possui validade geral, de modo que os temas tradicionais da religião, mas também da metafísica precisam comprovar sobre esse chão suas postulações de ser universalmente compromissivas. Isso vale não por último também para a idéia de Deus, de maneira que nesse aspecto fica estabelecida uma base de argumentação comum para a apreciação da idéia de Deus e dos temas da esperança escatológica.<sup>760</sup>

Certamente a comprovação antropológica pannenberiana possui grande relevância. Todo o ser de todo humano anseia pela *Theósis*, clímax da *Huiiothesía*. Ela é altamente promissora.

O anseio pela era perfeita, e a agonia durante a espera, despontam em termos não-teológicos na poesia de Drummond. Em “A flor e a náusea”, escreve o poeta:

Preso à minha classe e a algumas roupas,  
vou de branco pela rua cinzenta.  
Melancolias, mercadorias espreitam-me.  
Devo seguir até o enjôo?  
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:  
**Não, o tempo não chegou de completa justiça.**  
**O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.**  
O tempo pobre, o poeta pobre  
fundem-se no mesmo impasse.<sup>761</sup>

Em termos teológicos, no coração de todos os filhos e filhas de Deus, arde a expectativa pela glorificação, pelo tão sonhado clímax da adoção.

### 5.3.3 *Theósis*, em Georges Florovsky

O título deste ponto bem poderia ser “O humano que sempre vê o Pai”, ou ainda “O humano, o qual vê e revela o Pai”, aludindo diretamente ao título similar utilizado em referência ao Unigênito<sup>762</sup>. O Filho, nesse tal lugar de intimidade, possui

<sup>759</sup> Termo alemão popularizado por Hegel, cujo sentido é “Espírito de determinada época; tudo aquilo que caracteriza um período específico”. ZEITGEIST. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/zeitgeist>>. Acesso em: 19 out. 2021.

<sup>760</sup> PANNENBERG, 1995, v. 3, p. 712.

<sup>761</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 14. [grifo nosso].

<sup>762</sup> Cf. item 2.5.3.

eternamente a visão beatífica. Possui-na porque é, como seu Pai, pura luz. É sua revelação.

Quando os humanos glorificados tomarem parte, por meio do Filho e à sua semelhança, na visão bem-aventurada, serão pura luz, não havendo qualquer sinal de corrupção. Apenas vida e santidade.

A partir do diálogo com o teólogo ortodoxo Georges Florovsky, enfatizamos esse fim da corrupção, isto é, ponhamos em relevo o aspecto de dignificação, o caráter laudatório da *Theósis*.

Para tanto, é grato que façamos agora um apanhado biográfico um pouco mais detalhado. Considerado um dos maiores expoentes da teologia ortodoxa no século XX, Florovsky nasceu a 9 de setembro de 1893, em “uma família de clérigos altamente educada”<sup>763</sup>, na cidade de Yelisavetgrad — à época, Império Russo — hoje, Kropyvnytskyi, situada no centro da Ucrânia. “[...] seu pai era reitor da paróquia da Apresentação de Jesus e professor de grego no Seminário Teológico de Odessa”<sup>764</sup>.

[...] recebeu sua educação inicial de seus pais: não foi uma educação apenas profana, mas também religiosa. Assimilou de seus pais um sentido de profunda piedade e um conceito muito elevado de tudo aquilo que diz respeito à religião: a Igreja, os ícones, a liturgia, a tradição, o clero. Realizou seus estudos clássicos num liceu de Odessa, formando-se em 1911. Foi sempre um dos melhores alunos. Ingressou então na Universidade de Odessa, onde inicialmente estudou história e filologia e depois filosofia, psicologia e ciências naturais (química e fisiologia). Em 1919, obteve o *Philosophiae Magister* e a livre docência em filosofia na Universidade de Odessa.<sup>765</sup>

Lecionou filosofia na Universidade de Odessa até 1920, quando deixou os pais e a irmã para buscar refúgio na Bulgária, após a Revolução Russa. Residiu em Sofia; depois, em Praga, onde lecionou na Faculdade de Direito da Rússia e se casou com Xenia Ivanovna Simonova, também da Rússia. Em 1926, mudou-se para Paris, onde ensinou patrística na Academia Teológica de São Sérgio, até o início da guerra<sup>766</sup> na Europa. [Foi] ordenado [ao] sacerdócio em 1932. [...] Em 1948, mudou-se para a América para ensinar teologia dogmática e patrística e tornou-se Reitor no Seminário Teológico St. Vladimir em Nova York. De 1956 a 1964 foi professor de história da Igreja Oriental na Faculdade de Divindades da Universidade de Harvard. Após se aposentar, foi nomeado professor visitante de eslavo e religião na Universidade de Princeton, servindo de 1964 a 1972. Esteve, então, no Seminário Teológico de Princeton, como professor visitante de história da Igreja, até sua morte, em 1979. [...] Autor de quatro livros e mais de 350 outros escritos: ensaios, artigos, resenhas de livros, prefácios, artigos de

<sup>763</sup> GEORGES Florovsky Papers. The father Georges Florovsky Library. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20141010072031/http://library.svots.edu/archival-collections/fr-georges-florovsky-papers>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>764</sup> MONDIN, 1979-1980, v. 2, p. 237.

<sup>765</sup> MONDIN, 1979-1980, v. 2, p. 238. [grifo do autor].

<sup>766</sup> 2ª Grande Guerra.

enciclopédia, escritos homiléticos, sermões. Seus escritos foram publicados em algumas dezenas de línguas. [...] Tornou-se conhecido por seus estudos pioneiros na patrística e no pensamento religioso russo, e por sua notável erudição bibliográfica.<sup>767</sup>

Na resenha da obra *Georges Florovsky: Intelectual Russo e Clérigo Ortodoxo*<sup>768</sup>, biografia escrita por Andrew Blane (1929-2019), professor de história da Rússia na Universidade de Nova Iorque<sup>769</sup>, é-nos dito que:

Como intelectual russo, ele foi uma figura importante naquela notável geração de russos que, após a revolução russa na emigração na Europa, preservou e estendeu a viva herança cultural de sua terra natal. Como um clérigo ortodoxo, ele foi um líder pioneiro no movimento ecumênico moderno, que hoje é reconhecido como o teólogo ortodoxo mais profundo do século XX.<sup>770</sup>

Por toda sua influência e grandiosidade, doravante ancoraremos nossa investigação dos sentidos da *Theósis* em seu texto intitulado “Criação e Redenção XI – A Imortalidade da Alma”<sup>771</sup>. Aí Florovsky nos apresenta os pontos cardiais para

<sup>767</sup> *Taught philosophy at Odessa University until 1920, when left with parents and sister to seek refuge in Bulgaria from Russian Revolution. Resided in Sofia; then Prague, where he taught at Russian Law Faculty and married Xenia Ivanovna Simonova, also from Russia. In 1926 moved to Paris where he taught patristics at the St. Sergius Theological Academy until the outbreak of war in Europe. Ordained to the priesthood in 1932. [...] In 1948 moved to America to teach dogmatic theology and patristics and become Dean at St. Vladimir's Theological Seminary in New York. From 1956 to 1964 was professor of Eastern Church History at Harvard University Divinity School. Upon retirement, was appointed Visiting Professor of Slavic and Religion at Princeton University, serving from 1964 to 1972, was then at Princeton Theological Seminary as Visiting Lecturer in Church History until his death in 1979. Author of four books and over 350 other writings: essays, articles, book reviews, forewords, encyclopedia articles, homiletical writings, sermons. His writings have appeared in some dozen languages. He became known for his pioneer studies in Patristics and in Russian religious thought and for his remarkable bibliographical erudition.* GEORGES Florovsky Papers. The father Georges Florovsky Library. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20141010072031/http://library.svots.edu/archival-collections/fr-georges-florovsky-papers>>. Acesso em: 24 nov. 2021. (tradução nossa).

<sup>768</sup> *Georges Florovsky: Russian Intellectual & Orthodox Churchman.* (tradução nossa).

<sup>769</sup> ANDREW Blane. Disponível em: <<https://andrewblane.squarespace.com/>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>770</sup> *As a Russian intellectual, he was a major figure in that remarkable generation of Russians who after the Russian revolution in emigration in Europe preserved and extended the lively cultural heritage of their native land. As an Orthodox churchman, he was a pioneer leader in the modern ecumenical movement who today is recognized as the most profound Orthodox theologian of the twentieth century.* GEORGES Florovsky: Russian Intellectual & Orthodox Churchman. Disponível em: <[https://www.amazon.com.br/Georges-Florovsky-Intellectual-Orthodox-Churchman/dp/088141137X/ref=sr\\_1\\_7?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=Georges+Florovsky&qid=1637785689&sr=8-7&ufe=app\\_do%3Aamzn1.fos.25548f35-0de7-44b3-b28e-0f56f3f96147](https://www.amazon.com.br/Georges-Florovsky-Intellectual-Orthodox-Churchman/dp/088141137X/ref=sr_1_7?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=Georges+Florovsky&qid=1637785689&sr=8-7&ufe=app_do%3Aamzn1.fos.25548f35-0de7-44b3-b28e-0f56f3f96147)>. Acesso em: 24 nov. 2021. (tradução nossa).

<sup>771</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021. Das muitas citações que Florovsky faz ao longo de seu texto, as referências bibliográficas são-nos escassamente oferecidas, ficando aqui apenas identificados os nomes dos respectivos autores.



nossa compreensão mais clara da *Theósis* no contexto contemporâneo da ortodoxia. Examinemos os rumos fundamentais de seu pensamento. Não nos desviemos dele; nem para a direita, nem para a esquerda. Vamos adiante, em direção à luz. Levantemo-nos. Vamos<sup>772</sup>. Uma porta se abriu.

### 5.3.4 *Theósis*: imortalidade, incorrupção, e incorporação a Cristo, em Florovsky

Em seu texto “Criação e Redenção XI – A Imortalidade da Alma”<sup>773</sup>, George Florovsky principia duvidando de que a fé cristã esteja obrigada a crer na imortalidade natural da alma, e interroga qual o sentido próprio de “imortalidade”. Afirma que, de modo geral, importantes escritos do cristianismo primitivo “negaram enfaticamente a imortalidade (natural) da alma”. Para corroborar seu pensamento, antes dos textos primitivos cita o “[...] filósofo cristão, francês, historiador do pensamento medieval, um dos mais eminentes estudiosos internacionais do século 20”<sup>774</sup>, Étienne Gilson (1884-1978):

No seu todo, o Cristianismo sem a imortalidade da alma não é completamente inconcebível — a prova está em que isso foi concebido. Ao contrário, o que é absolutamente inconcebível é um Cristianismo sem a Ressurreição do Homem.<sup>775</sup>

O reforço do argumento prossegue mediante referência ao “erudito Anglicano do século XVII, Henry Dodwell (1641-1711)”, o qual “coletou um enorme volume de

<sup>772</sup> Aludimos à frase do Senhor quando da chegada das densas trevas, no Jardim do Getsêmani: “Levantai-vos e sigamos! Eis que meu traidor está se aproximando”. Mateus 26:46. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1836. Disponível em: <<https://bibliaportugues.com/kja/matthew/26.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2021. Tanto quanto essa fala de Cristo introduz a sequência mais intensa da Paixão, culminando na cruz, o que agora passamos a examinar, como sequência final da tese, culmina com a chegada de toda a luz, propiciada pela mesma autoentrega de Cristo no Getsêmani e na cruz.

<sup>773</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>774</sup> *French Christian philosopher and historian of medieval thought, one of the most eminent international scholars of the 20th century*. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *Étienne Gilson*. Encyclopedia Britannica, 15 Sep. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Etienne-Gilson>>. Acesso em 07 dez. 2021.

<sup>775</sup> GILSON, 1932 *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021. Tito Luís Kehl é padre da OOH - Ordem dos Hospitaleiros Ortodoxos da Prelazia Sanjoanita de Piracicaba/SP.

informações das antigas doutrinas cristãs a respeito do homem”<sup>776</sup>, concluindo que a alma só pode ser feita imortal a partir da comunhão com Deus, o único possuidor de imortalidade (cf. 1ª a Timóteo 6:16). Dodwell publicou suas conclusões no que Florovsky considerou “um curioso livro” com um “desconcertante título”. O longo e irônico título do volume era: “Um Discurso Epistolar, provando, a partir das Escrituras e dos Primeiros Padres, que a alma é um princípio naturalmente mortal; mas realmente imortalizado pela vontade de Deus, para o castigo; ou para a recompensa, por sua união com o Divino Espírito Batismal. Pelo que está provado que ninguém tem o poder de dar este Divino Espírito Imortalizador, desde os apóstolos, senão somente os bispos (1706)”<sup>777</sup>.

Da ardente controvérsia levantada pelo escrito de Dodwell, o ataque mais intenso veio de um liberal famoso, iluminista de Westminster, chamado Samuel Clarke (1675-1729). Embora, como afirma Florovsky, Clarke pudesse “facilmente desprezar as doutrinas da Revelação”, contudo “não poderia aceitar nenhuma dúvida a respeito da ‘verdade’ da Razão”. Liberalismo e ortodoxia duelavam em torno de um “óbvio ‘retorno às posturas dos Primeiros Padres’”.

Georges Florovsky, enfim, se volta à patrística. Menciona o Diálogo com Trifão (entre 155-160), de São Justino Mártir (ca. 100 a ca. 165), em meio ao qual o patriarca discorre sobre seu abandono da “teoria platônica das ideias”, em decorrência de seu encontro com um mestre cristão que o leva a Jesus, e cujos argumentos sobre criação e imortalidade o convencem. Eis alguns desses argumentos: “somente Deus é não nascido e imortal”; se a alma fosse imortal por natureza, precisaria não ter tido começo; mas pode ter havido um tempo em que as almas não existiam; a alma não é vida em si mesma, mas dela “participa”; “o poder de viver não é um atributo da alma, mas de Deus”, que o concede conforme seu agrado. As palavras do ancião liquefazem

---

<sup>776</sup> DODWELL *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>777</sup> *An Epistolary Discourse, proving, from the Scriptures and the First Fathers, that the Soul is a Principle naturally Mortal; but immortalized actually by the Pleasure of God, to Punishment; or to Reward, by its Union with the Divine Baptismal Spirit. Wherein is proved, that None have the Power of giving this Divine Immortalizing Spirit, since the Apostles, but only the Bishops (1706)*. (Tradução nossa).

mesmo as “principais demonstrações clássicas da imortalidade, derivadas” de grandes diálogos platônicos como Fédon<sup>778</sup> (ca. 387 a.C.) e Fedro (ca. 387 a.C.)

Justino Mártir descartará, em vista de seu diálogo com o cristão idoso, a tese que séculos mais tarde seria explicitada e igualmente rejeitada pelo estudioso de Platão, e um dos presidentes da Sociedade Aristotélica de Londres (1928-1929), o filósofo Alfred Taylor (1869-1945)<sup>779</sup>. No dizer de Florovsky, Taylor notou que, “para a mente grega, *αθανασία*<sup>780</sup> ou *αφθαρσία*<sup>781</sup> normalmente significavam praticamente a mesma coisa que ‘divindade’, e incluíam concepções como não-gerado e indestrutível”.

Para a compreensão cristã que entende tudo, à exceção de Deus, como criatura, a imortalidade natural da alma é insustentável. Étienne Gilson assinala que “existem alguns seres que são radicalmente diferentes de Deus, no mínimo pelo fato de que, ao contrário Dele, poderiam não existir, e porque ainda poderão, a qualquer tempo, deixar de existir”<sup>782</sup>.

Ora, devemos ressaltar que, até agora, e daqui ao final, o argumento de Florovsky não consiste em mera defesa da mortalidade ou imortalidade da alma. De per se, ela não possui destinação alguma: nem morte, nem imortalidade. Ela é criatura, e seu futuro depende exclusivamente do Criador. Desfaz-se o raciocínio mediante o qual a alma *necessariamente* existe. Não! Afora Deus, tudo o mais é radicalmente contingencial, dependente. Isto é, pode, ou não, existir.

<sup>778</sup> Por exemplo, “Platão, no Fédon, argumentou que a alma é inerentemente indestrutível. Destruir algo, incluindo o corpo, é desintegrá-lo em seus elementos constituintes; mas a alma, como entidade mental, não é composta de partes e é, portanto, uma unidade indissolúvel”. *Plato, in the Phaedo, argued that the soul is inherently indestructible. To destroy something, including the body, is to disintegrate it into its constituent elements; but the soul, as a mental entity, is not composed of parts and is thus an indissoluble unity.* STEFON, M. et al. *Christianity*. Encyclopedia Britannica, 26 Nov. 2020. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Christianity>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

<sup>779</sup> Fontes biográficas: ARISTOTELIAN Society, The. *The Council: Past Presidents of the Aristotelian Society*. Disponível em: <<https://www.aristoteliansociety.org.uk/about/the-council/>>. Acesso em: 07 dez. 2021., bem como VAN ANDEL, Kelly (Universidade de Glasgow). *Alfred Edward Taylor. The Gifford Lectures. Over 100 years of lectures on natural theology*. Disponível em: <<https://www.giffordlectures.org/lecturers/alfred-edward-taylor>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

<sup>780</sup> “*αθανασία*, ας, ή *imortalidade* 1 Co 15.53s; 1 Tm 6.16”. GINGRICH, 1984, p. 12. [grifo do autor].

<sup>781</sup> “*αφθαρσία*, ας, ή *incorruptibilidade, imortalidade* Rm 2.7; 1 Co 15.42, 50, 53s; 2 Tm 1.10. *ευ ά. em imortalidade ou para sempre* Ef 6.24.”. GINGRICH, 1984, p. 37. [grifo do autor].

<sup>782</sup> GILSON *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI++A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

Diversos pais são aduzidos ao argumento, cada um enunciando aspectos dessa mesma verdade:

São Teófilo de Antioquia (?-180), apologista cristão:

‘Por natureza’, o Homem não seria nem ‘imortal’, nem ‘mortal’, mas ‘capaz de ambas as coisas’, [...]. ‘Porque se Deus tivesse feito o Homem imortal desde o início, Ele o teria feito Deus’. Se no começo o Homem tivesse escolhido as coisas imortais, em obediência ao mandamento de Deus, ele teria sido recompensado com a imortalidade e teria assim se tornado Deus, um ‘Deus adotivo’, deus assumptus, Θεός αναδειχθείς<sup>783,784</sup>,

Taciano, o Sírio (120-173): “A alma em si não é imortal, ó Gregos, mas mortal. Mas a ela é possível não morrer”<sup>785</sup>; Santo Irineu:

Foi colocado, diz Santo Irineu, que, para que a alma tenha existência ela deve ser ‘incriada’, pois de outro modo ela teria que morrer com o corpo. Ele rechaça esse argumento. Enquanto criaturas, as almas ‘duram tanto quanto Deus quer que elas durem’<sup>786</sup>. [...] Santo Irineu utiliza quase que as mesmas frases de São Justino. A alma não é vida em si; ela participa da vida, concedida por Deus. Somente Deus é Vida, e Ele é o único Doador da Vida;

Santo Atanásio, também chamado de Santo Atanásio de Alexandria ou Santo Atanásio, o Apostólico (293-373): “Todo o criado é ‘por natureza’ instável e está exposto a destruição”<sup>787</sup>; Santo Agostinho: “Conforme a transitoriedade dessa vida, podemos dizer que ela [a alma] é mortal”.

Enquanto criada sujeita a mudança, a alma poderia vir a morrer. A imortalidade, na verdade, sua simples existência, provém da graça. “Ela é

<sup>783</sup> Por analogia, a tradução do termo αναδειχθείς (translit. anadeichtheis) será “assunto, levantado, designado”. É o que sugere o verbete αναδεικνυμι (translit. anadeikumi), traduzível como: “1) proclamar alguém como eleito para um cargo público. 2) anunciar a escolha de um rei, general, etc. 3) levantar alguma coisa e exibi-la para todos ver”. STRONG, 2002, p. 1971. [sic].

<sup>784</sup> TEÓFILO DE ANTIOQUIA *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>785</sup> TACIANO, O SÍRIO *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>786</sup> SANTO IRINEU *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>787</sup> SANTO ATANÁSIO DE ALEXANDRIA *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

condicionada pelo *fiat* criador de Deus”, detendo uma existência por concessão, “que não é necessariamente transitória”. De fato, afirma Florovsky, “Deus criou o mundo simplesmente para a existência”, e “Não há previsão de que esse decreto criador seja revogado”.

Do tema da concessão de imortalidade à alma, Florovsky passa ao tema da morte como inimiga. O platonismo, defensor da ideia de morte como libertação da alma das mazelas do corpo, é confrontado com a perspectiva cristã de morte como último, ou definitivo, inimigo<sup>788</sup>. Mais ainda, apresenta-se uma total incongruência entre a realidade do Verbo que “se fez carne e habitou entre nós”<sup>789</sup> e a do platonismo que desprezava o corpo, conforme exemplificou Porfírio<sup>790</sup> (234-305) ao dizer, do filósofo grego Plotino (205-270), que este “parecia se envergonhar por ser de carne”<sup>791</sup>.

O ser humano é uma unidade de alma e corpo, o que faz da morte, a qual consiste justamente na separação dessas duas instâncias, uma terrível catástrofe. Florovsky enaltece a precisão de palavras que integram o tratado *Sobre a Ressurreição*, atribuído a São Justino:

Pois o que é o homem senão um animal racional, composto de corpo e alma? Será a alma por si só o homem? Não, ela é a alma do homem. Será o corpo por si só o homem? Não, mas ele é chamado de corpo do homem. Se nenhum desses dois são em si o homem, ao contrário, aquilo que é formado por ambos é chamado de homem, e Deus chamou o homem à vida e à ressurreição. Ele chamou, não uma parte, mas o todo, que é composto de corpo e alma.<sup>792</sup>

Morrer será, para o humano, desidentificar-se, corromper-se, visto que sua identidade se encontra na fusão de alma e corpo. Portanto, do modo como é trágica

<sup>788</sup> Cf. 1ª aos Coríntios 15:26.

<sup>789</sup> João 1:14. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2023.

<sup>790</sup> “Filósofo grego neoplatonista, importante tanto como editor quanto como biógrafo do filósofo Plotino”. *Neoplatonist Greek philosopher, important both as an editor and as a biographer of the philosopher Plotinus*. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *Porphyry*. Encyclopedia Britannica, 3 Jan. 2020. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Porphyry-Syrian-philosopher>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

<sup>791</sup> PORFÍRIO *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI++A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>792</sup> SÃO JUSTINO MÁRTIR *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI++A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

a morte, e inescapável, inversamente é gloriosa a ressurreição, e necessária. Atenágoras de Atenas (ca. 133 a ca. 190) desenvolve admiravelmente a questão, conta-nos o teólogo russo:

Deus concedeu existência e vida, não à natureza da alma em si, nem à natureza do corpo em separado, mas ao homem, composto de corpo e alma, de maneira que, com as mesmas partes com que ele é composto, tendo nascido e vivido, eles possam alcançar, depois do término de sua vida, seu fim comum; a alma e o corpo, compondo no homem uma entidade viva. A entidade que recebe o intelecto e a razão é um homem, e não apenas uma alma. Por conseguinte, o homem deve permanecer para sempre composto de corpo e alma.<sup>793</sup>

Pressupondo-se o corpo como elemento intrínseco da humanidade, a alma desencarnada, apresentada como ideal platônico, nem sequer é propriamente o ser *humano*. A ressurreição do corpo é o retorno do *humano* à vida. O corpo não é, como diziam os gregos, “a maldição da alma”, mas o é o pecado, que trouxe a morte como sua paga<sup>794</sup>.

Um corpo sem uma alma é um cadáver, e uma alma sem um corpo é um fantasma. O homem não é um fantasma sem corpo, e um cadáver não é uma parte do homem. O homem não é um ‘demônio sem corpo’, simplesmente confinado na prisão do corpo. É por isso que a ‘separação’ da alma e do corpo consiste na morte do homem em si, na descontinuidade de sua existência, de sua existência enquanto homem. Consequentemente, a morte e a corrupção do corpo são uma espécie de desvanecimento da ‘imagem de Deus’ no homem. Um homem morto não é plenamente humano.<sup>795</sup>

A morte é, não uma dificuldade metafísica intransponível, como se a alma por ela ansiasse. Tampouco um acidente na natureza corpórea do humano. É a materialização da distância entre a raça humana e seu Criador, o Doador da Vida. A humanidade não perdura, não se sustém em sua condição afetada pelo pecado. Morre, pois. É mortal.

Por isso mesmo, a ênfase patrística em morte e ressurreição entendia que “O fardo do pecado consistia [...] na extrema desintegração do complexo total da natureza

<sup>793</sup> ATENÁGORAS DE ATENAS *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>794</sup> Cf. Romanos 6:23.

<sup>795</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

humana”<sup>796</sup>. A morte, sem se considerar o tema do Inferno, já trata da degradação existencial do ser humano. Ela é a culminação da instabilidade na relação corpo-alma, fruto da separação de Deus. “Pois, tendo sido feita a partir do nada, a criatura passa a existir sobre um abismo de nada, sempre prestes a cair nele”<sup>797</sup>. A desintegração, a entropia, é o destino do humano decaído. Essa é a sua grande catástrofe.

Encarnou-se, porém, o Verbo da vida. A separação de Deus sucumbiu absolutamente, porquanto a natureza humana foi hipostaticamente unida à divindade. Na encarnação se deu o reerguimento, seu reavivamento, sua ressurreição.

Nesse reerguimento da natureza humana a uma comunhão perene com a Vida Divina, os Padres da Igreja primitiva viram unanimemente a própria essência da salvação: ‘É salvo aquilo que está unido a Deus’, disse São Gregório de Nazianzo. E o que não estava unido não poderia ser salvo de modo algum. Esse foi o tema central por toda a teologia primitiva – em Santo Irineu, Santo Atanásio, os Capadócijs, São Cirilo de Alexandria, São Máximo o Confessor.<sup>798</sup>

Contudo, mesmo assumindo nosso corpo e unindo-o à divindade, aquele que é a ressurreição e a vida<sup>799</sup> precisou morrer. Porquanto à natureza velha, àquela sempre tendente para a desintegração, entrópica, não bastava o perdão dos pecados nem sequer a reunião com Deus. Precisava, por sua morte, dela mesma ser resgatada, retirada de seu “ser para a morte”.

O Verbo de Deus se fez carne, de modo que,

tendo o homem se voltado para a corrupção, Ele pudesse reconduzi-lo à incorrupção, e erguê-lo da morte pela apropriação de seu corpo e pela graça da Ressurreição, banindo dele a morte, como quem retira uma palha do fogo.<sup>800</sup>

<sup>796</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>797</sup> SANTO ATANÁSIO DE ALEXANDRIA *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>798</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>799</sup> Cf. João 11:25.

<sup>800</sup> SANTO ATANÁSIO DE ALEXANDRIA *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em:

Como enfatizado por Santo Atanásio, “Foi para aceitar a morte que Ele recebeu um corpo”<sup>801</sup>. No dizer de Tertuliano<sup>802</sup> (ca. 155-220), a causa do nascimento de Cristo foi a assunção da “forma da morte”. E, ainda, Gregório de Nazianzo (329-389): “Precisávamos de um Deus Encarnado, de um Deus que pudesse ser levado à morte, para que pudessemos viver”<sup>803</sup>.

Ora, prossegue Florovsky, a morte não era capaz de separar alma e corpo do Verbo encarnado; era de todo inapta a cindir a união hipostática do homem-Deus. Essa impossibilidade, resultando na “morte incorrupta”, consistiu na desintegração da mortalidade e da corrupção. Na própria morte a ressurreição começou. Por isso, dizia São João Crisóstomo (347-407), “Hoje celebramos a festa, porque nosso Senhor foi pregado na Cruz”<sup>804</sup>.

A morte na Cruz é uma vitória sobre a morte, e não apenas por ter sido seguida da Ressurreição. Ela foi em si uma vitória. A Ressurreição apenas revelou e estabeleceu a vitória conquistada na Cruz. Ela já se realizara com a dormição do Deus-homem.<sup>805</sup>

Ao morrer, unindo a si mesmo os mortos, Cristo estendeu-lhes o poder de sua encarnação. O Não-Cindível, aquele que é, ele mesmo, a Vida, desceu àquele não-lugar

---

<<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>801</sup> SANTO ATANÁSIO DE ALEXANDRIA *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>802</sup> “[...] importante teólogo cristão primitivo, polemista e moralista que, como iniciador do latim eclesiástico, foi fundamental na formação do vocabulário e pensamento do cristianismo ocidental. Ele é um dos apologistas latinos do 2º século”. [...] *important early Christian theologian, polemicist, and moralist who, as the initiator of ecclesiastical Latin, was instrumental in shaping the vocabulary and thought of Western Christianity. He is one of the Latin Apologists of the 2nd century.* WILKEN, Robert L. *Tertullian*. Encyclopedia Britannica, 29 Oct. 2021, Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Tertullian>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

<sup>803</sup> SÃO GREGÓRIO DE NAZIANZO *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>804</sup> SÃO JOÃO CRISÓSTOMO *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>805</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.



de desencarnação e descorporificação desesperançadas, iluminado fracamente pelos raios oblíquos de um Sol não nascido, pelas esperanças e expectativas não cumpridas. É como se fosse uma espécie de enfermidade ontológica da alma, [...] um estado espiritual: “os espíritos aprisionados.”<sup>806</sup>

A entrada da Vida nos reinos da morte sentenciou a “escuridão da pálida morte” ao “brilho inesgotável da Vida”, banindo-a para sempre de seus próprios domínios. A dissolução da morte, seu poder de separação, dissolveu-se ante a Vida que chegou. E a ressurreição do Deus-homem “apenas revelou e estabeleceu a vitória conquistada na cruz”. O próprio Cristo proclama:

[...] Eu Sou o primeiro e o último. Eu Sou o que vive; estive morto, mas eis que estou vivo por toda a eternidade! E possuo as chaves da morte e do inferno.<sup>807</sup>

É somente na encarnação e na cruz que a fé cristã reconhece o poder da imortalidade. Não se trata de um poder natural, algum inatismo humano, mas da graciosa outorga mediada pela autorrevelação do Deus Salvador.

Ora, tendo sido vistas todas estas coisas, no que consiste a *Theósis*? Na completa aniquilação do poder da morte e da corrupção. Pois, como a semente lançada na terra, ao “morrer”, dá lugar a uma existência incomparavelmente maior — que possui certa continuidade com o grão semeado — embora morramos, diz São João Crisóstomo, contudo

não permanecemos na morte, e isso não é morrer (...) o poder e a própria realidade da morte consistem apenas nisso, em que um homem morto não tem a possibilidade de voltar à vida; mas se, após a morte, ele for reavivado e, mais do que isso, receber uma vida melhor, então ele não terá morrido, mas simplesmente adormecido.<sup>808</sup>

Cristo, o Verbo que na encarnação traz a eternidade para a história, a luz da vida para as trevas da morte, por meio da obediência e da pureza reintroduz o humano

<sup>806</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>807</sup> Apocalipse 1:17 e 18. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2485.

<sup>808</sup> SÃO JOAO CRISÓSTOMO *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

na exaltação com que foi concebido, opera uma nova, e definitiva, gênese. “A Ressurreição de Cristo é um novo começo. Trata-se de uma ‘nova criação’<sup>809</sup>”.

Porém, argumenta o teólogo ortodoxo, “temos que fazer uma clara distinção entre a cura da natureza e a cura da vontade”. Se é certo que a ressurreição afeta a todos os seres humanos, justos e injustos, sua natureza é compulsória. Em Cristo “*toda* a natureza humana (a ‘semente de Adão’) é plena e completamente curada de sua incompletude e mortalidade”. Mas ocorre uma heterogeneidade na ressurreição universal:

Multidões e multidões que dormem no pó da terra acordarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha, humilhação e para o desprezo eterno.<sup>810</sup>

Isto decorre do fato de a vontade humana não sofrer coerção, como a natureza, mas precisar se voltar livremente, por si mesma, para Deus.

Deve haver uma resposta de amor e de adoração, livre e espontânea, uma ‘conversão livre’. A vontade do homem só pode ser curada no contexto do ‘mistério da liberdade’.<sup>811</sup>

Sermos seres criados, ou seres recriados na ressurreição, independe da vontade. Entretanto, a eterna bem-aventurança será concedida “a todos os que amarem a sua vinda”<sup>812</sup>, isto é, entregaram-se àquilo que Florovsky denomina uma “obediência de amor, por uma autoconsagração e uma autodedicção a Deus, em Cristo”<sup>813</sup>.

Pois “o caminho da vida é o caminho da renúncia, da mortificação, do auto-sacrifício e da auto-oblação. É preciso morrer para si, para viver em Cristo”<sup>814</sup>. Santo

<sup>809</sup> Em grego, ἡ καινή κτίσις. MOUNCE, 2013, p. 334 e 378.

<sup>810</sup> Daniel 12:2. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 1633.

<sup>811</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>812</sup> 2ª a Timóteo 4:8. BÍBLIA King James Atualizada, 2012, p. 2373.

<sup>813</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>814</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

Inácio diria: “A menos que, por nossa livre escolha, aceitemos morrer em Sua paixão, Sua vida não virá a nós”<sup>815</sup>.

A esta altura, Georges Florovsky apresenta um elemento perturbador, a que o Evangelho chama “ressurreição da condenação”, que o autoconfinamento longe de Deus trará a lume na ressurreição geral. O exato oposto da *Theósis*. Ainda que não tenhamos intenção de novamente discorrer sobre esse triste desfecho, convém considerar o que comenta nosso ilustre teólogo: “nela se completará a tragédia da liberdade humana. Aqui ainda estamos no limiar do inconcebível e do incompreensível”.<sup>816</sup>

Florovsky levanta um dilema posto por Gregório de Nissa, segundo o qual, na ressurreição geral, tendo em vista o fim da instabilidade da natureza de todos os seres humanos, dar-se-ia

uma espécie de conversão universal das almas [...] quando a Verdade de Deus se revelar e se manifestar com evidência definitiva e convincente, quase obrigatória.

Mas essa ideia é devedora do equivocado pensamento grego, segundo o qual o pecado não passaria de uma ignorância a ser superada, evidentemente, pelo conhecimento. No entanto, muitos anos de ascetismo foram capazes de libertar desse “intelectualismo ilusório”.

O pecado se funda na vontade, e foi justamente essa a compreensão publicada por São Máximo o Confessor<sup>817</sup> (ca. 580-662). Nele encontramos “uma

---

<sup>815</sup> SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA apud FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. Blog caminho de oração. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>816</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>817</sup> “[...] o teólogo bizantino mais importante do século 7º, cujos comentários sobre o Pseudo-Dionísio, o Areopagita neoplatonista cristão do século 6º, e sobre os Padres da Igreja Grega, influenciaram consideravelmente a teologia e o misticismo da Idade Média”. [...] *the most important Byzantine theologian of the 7th century whose commentaries on the early 6th-century Christian Neoplatonist Pseudo-Dionysius the Areopagite and on the Greek Church Fathers considerably influenced the theology and mysticism of the Middle Ages*. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *St. Maximus the Confessor*. Encyclopedia Britannica, 9 Aug. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Saint-Maximus-the-Confessor>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

nova, mais profunda e remodelada interpretação” dessa cura da natureza, ou ἀποκατάστασις<sup>818</sup>.

Na ressurreição toda a criação será restaurada, isso é, será levada à perfeição e à estabilidade definitiva. Mas o pecado e o mal estão enraizados na vontade.<sup>819</sup>

De fato, não existe qualquer meio criado capaz de curar a vontade obstinada. Dito de outro modo, Deus é o Deus da liberdade de ser, que sequer força os obstinados à comunhão com ele. A *Theósis* será sempre o resultado de uma escolha. O Espírito de Deus “não produz uma resolução indesejada, mas transforma um propósito escolhido em *theosis*”<sup>820</sup>, dizia São Máximo.

O ser humano encontra-se preso à existência, sem a mínima possibilidade de uma salvação compulsória — pois, como dito, Deus é o Deus da liberdade de ser — e, de outro lado, o ser humano não conhece sequer a mínima possibilidade de um “suicídio metafísico” — pois Deus também é o Deus da compulsoriedade de existir.

E a existência humana é chamada à participação na *Theósis*. “Trata-se de uma tensão entre *destino* e *decisão*. [...] A Vida eterna foi *oferecida* ao homem, mas ele precisa *recebê-la*”.

O passo inicial é o arrependimento, “mudança interior, íntima e resoluta”, simbolizado no “Santo Batismo”, figura “da morte e ressurreição de Cristo”<sup>821</sup>. A pessoa crente, que se une a Cristo em sua morte, vive o que Paulo chama de “semelhança na morte”, e isto ultrapassa a simples parecença. É Cristo sendo “formado” na pessoa crente. Ele é o cabeça, enquanto os e as crentes, membros de seu corpo.

<sup>818</sup> ἀποκατάστασις, εως, ἢ lit. uma restituição ou restauração de algo a seu estado anterior; daí, a renovação de uma melhor e nova era, At 3.21”. MOUNCE, 2013, p. 107. [grifo do autor]. Translit. *apokatastasis*.

<sup>819</sup> SÃO MÁXIMO O CONFESSOR *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>820</sup> SÃO MÁXIMO O CONFESSOR *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>821</sup> Cf. Romanos 6:5.

No batismo, participamos por imitação da morte e sepultamento de Cristo, e realmente somos salvos. Ora, segue-se que a imitação não é mero plágio ou lembrança, mas “similitude”, diz Florovsky.

Cristo foi realmente crucificado e sepultado, mas a você é concedido ser crucificado, sepultado e ressuscitar com Ele em similitude. [...] O batismo é o início, αρχη, e a ressurreição é o final e a consumação, περας; e tudo o que acontecerá na grande Ressurreição tem já seu início e causa no batismo.

E a legitimidade da similitude com Cristo no batismo encontra-se, justamente, no fato de o humano ter sido criado “Imagem de Cristo”. Pois a *Imago Dei* é propriamente *Imago Filii*. São Cirilo de Alexandria (ca. 375 ou 378 – 444) conclui: “E a imagem se completa em você, pois é você a imagem de Cristo”<sup>822</sup>. Isto é, a base da união com Cristo em sua morte, sepultamento, ressurreição e, por conseguinte, na glorificação — último estágio da *Theósis* — não é outra senão a própria *Imago Dei*.

Mas, como o batismo é participação sacramental na morte *voluntária* de Cristo, deve igualmente se fazer acompanhar do amor sacrificial, voluntário, da pessoa crente; deve “se cumprir em liberdade”.

Nicholas Cabasilas (ca. 1320 – 1390), teólogo ortodoxo leigo, e liturgista, representante eminente da tradição teológica bizantina<sup>823</sup>, em sua *magnum opus* “A Vida em Cristo” sintetiza “admiravelmente toda a doutrina sacramental da Igreja do Oriente”<sup>824</sup>, ao afirmar:

Somos batizados exatamente para que morramos com Sua morte e renasçamos com Sua ressurreição. Somos ungidos com o crisma<sup>825</sup> para que possamos partilhar de Sua unção real de deificação (theosis). E quando somos alimentados com o santíssimo Pão e quando bebemos do Divino Cálice, partilhamos da mesma carne e do mesmo sangue que o Senhor assumiu, e assim nos unimos a Ele, que se encarnou por nós, morreu e ressuscitou (...) O Batismo é um nascimento, e o Crisma é a causa de atos e

<sup>822</sup> SÃO CIRILO DE ALEXANDRIA *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>823</sup> Nicholas Cabasilas, (born c. 1320, Thessalonica, Byzantine Empire—died c. 1390), Greek Orthodox lay theologian and liturgist who eminently represents the tradition of Byzantine theology. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *Nicholas Cabasilas*. Encyclopedia Britannica, 15 Nov. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Nicholas-Cabasilas>>. Acesso em: 02 dez. 2021.

<sup>824</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>825</sup> O sacramento da confirmação.

movimentos, e o Pão da vida e o Cálice de ação de graças são o verdadeiro alimento e a verdadeira bebida.<sup>826</sup>

A obra salvadora de Cristo, operada por meio de sua morte e ressurreição, é refletida nos símbolos sacramentais não somente como lembrança, mas como realidade e participação, posto que “O que teve lugar ‘no passado’ foi o começo daquilo que ‘dura eternamente’”<sup>827</sup>. E mais, afirma Cabasilas: “não é possível ir além, nem nada existe que possa ser acrescentado”<sup>828</sup>.

Desse modo, se no batismo a pessoa crente participa da morte de Cristo, o mesmo se dá na Eucaristia. De fato, conclui Florovsky, “A Eucaristia é a própria Última Ceia, rerepresentada por assim dizer uma e outra vez, embora jamais repetida”<sup>829</sup>, tendo sempre o próprio Cristo como Celebrante. São João Crisóstomo, na 5ª parte da Homilia 82, sobre Mateus, faz sensível declaração sobre o sacramento eucarístico:

Essa mesa é a mesma que aquela, e nada lhe falta. Pois não é que Cristo operou então, e agora opera o homem, mas é Ele quem opera em ambas as ocasiões. Essa é a mesma Câmara Alta<sup>830</sup> aonde estavam todos então.<sup>831</sup>

Resta claro que a oferta, o sacrifício na cruz, permanece como oferta perpétua de um sacerdócio eterno. Diz Florovsky: “A oferenda continua ainda”, isto é, “Cristo ainda age como o Alto Sacerdote nessa Sua Igreja”. Cristo é “sacerdote para sempre”<sup>832</sup>, advogado junto ao Pai, cujo propósito supera conceder imortalidade desincorporada e, mais ainda, uma imortalidade sem Deus.

<sup>826</sup> NICHOLAS CABASILAS *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>827</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>828</sup> NICHOLAS CABASILAS *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>829</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>830</sup> O cenáculo.

<sup>831</sup> SÃO JOÃO CRISÓSTOMO *apud* FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>832</sup> Cf. Hebreus 7:17.

Por meio da fé confirmada no batismo voluntário e na participação da Ceia sacramental, Cristo concede à pessoa crente aspirar

a uma comunhão eterna com Deus, [...] a uma theosis. Não existe nada de 'naturalista' ou de panteísta a respeito do termo. Theosis significa nada mais do que uma comunhão íntima das pessoas humanas com o Deus vivo. Estar com Deus significa habitar Nele e partilhar de Sua perfeição.<sup>833</sup>

União eterna, sempre crescente, planejada por Deus, concretizada na cruz, anseio e destino de todas as pessoas crentes.

#### 5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que, no texto desta pesquisa e na existência concreta, a *Theósis* desponte como fato derradeiro, consumação, é mantida em vista tanto nos inícios desta tese quanto nos primórdios da história da criação. Inspira-se na união eterna de Pai e Filho, e somente nela se realiza.

À luz da união íntima de Deus e seu Filho Eterno, se esse Deus concretiza sua união irrompível com a sua criação, união destinada à absoluta intimidade, a filialidade divina dos filhos e filhas adotados e adotadas em virtude da fé no Unigênito vai para além das perspectivas meramente ética e jurídica; revela-se concretamente, de modo ontológico e místico.

No prefácio de *Union With Christ*, escrevem Carl Braaten e Robert Johnson:

De acordo com o modelo forense de justificação, é como se fôssemos justos, enquanto em realidade não fôssemos. Mas, se pela fé realmente participamos em Cristo, tomamos parte no Cristo integral que, em sua pessoa divina, comunica a justiça de Deus. Aqui está a ponte para a ideia Ortodoxa de salvação como deificação ou teósis.<sup>834</sup>

A partir da dependência que Deus impõe voluntariamente a si na relação com o mundo, pela encarnação, e que só se satisfaz com uma justificação que, antes de ser forense, é ontológica, escatologicamente consumada, a partir desse desejo divino,

<sup>833</sup> FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

<sup>834</sup> *According to the forensic model of justification, it is as though we are righteous, while in reality we are not. But if through faith we really participate in Christ, we participate in the whole Christ, who in his divine person communicates the righteousness of God. Here lies the bridge to the Orthodox idea of salvation as deification or theosis.* BRAATEN, 1998, p. viii. (tradução nossa).

aos filhos e filhas pela união com o Unigênito garante-se a participação nas relações intratrinitárias.

Os salvos e salvas, como faz o Unigênito, contemplarão, sem qualquer distância ou impedimento, a face adorada de seu Criador.



## 6 CONCLUSÃO

Faz-se necessário irmos às reflexões últimas, as quais, em verdade, são o início de outras tantas por vir. Os acordes finais recuperam o tema da sinfonia que de novo, e de novo, poderemos ouvir, em belas variações.

Da relação sempiterna entre Deus Pai e Deus, o Filho, segue-se que paternofilialidade é uma realidade santa e eterna. A existência nada sabe da não-filiação, assim como desconhece a não-paternidade divina. Desse modo, o próprio caráter criatural da criação já é um chamado à existência filial, ficando, toda a criação, desprovida de qualquer realidade fora dessa relação.

Em termos trinitários, a criação está mais próxima do Filho, no sentido de que não é comparável ao Espírito, pois possui natureza material ou, no caso dos seres humanos, material-espiritual; nem ao Pai, tendo sido criada. Mais uma vez, não lhe resta qualquer efetiva possibilidade de ser, à parte da filiação.

Embora filiação não seja sinônima de ser criatura, de ser geração o é. Ao derivar do sopro intimíssimo, a humanidade é feita filha da manifestação de Deus para fora, é gerada pela divina automanifestação. Aí, os humanos, chegamos o mais perto que se pode chegar de Deus. Pois para além do sopro só encontramos Deus mesmo. Entre Adão e Deus, somente o sopro.

E como é santa a paternidade eterna de Deus, o Pai, sobre seu Unigênito, igualmente santa é a sua paternidade sobre os seres humanos. Deus é seu Pai como Pai de seu Filho. E como é santa a filiação eterna do Filho, é santa a filiação dos seres humanos, destinada à eternidade. São filhos e filhas no Filho.

Sacralidade acima de toda conceituação! Luz sobre todas as luzes! Oh, quão terrível seria a deposição de Deus! Oh, quão terrível seria a deposição dos filhos e das filhas do Altíssimo!

A *Huiiothesía*, podemos dizer, conquanto comum pela natureza, é especial pelo conteúdo. Comum, enquanto único destino possível à existência criada; especial, por sua grandeza. É destinação necessária, mesmo óbvia, em cuja obviedade não se encontra o menor apequenamento, mas glória exaltada, e trono, e divindade. Pois ela nada mais é que o chamado à renúncia de si, para que se abduque de toda pobreza.

O que se ganha, na rendição a Cristo, na sujeição a Deus, são coroa e trono e reino eterno. Nada menos.

A *Theósis*, podemos dizer, conquanto especial pela natureza, é comum pelo conteúdo. Especial, pois se revela inatingível por qualquer meio. Comum, por ser a futuridade esperada para tudo o que não seja Deus. Para além do Criador que se autolimitou a fim de haver algo mais que apenas Ele mesmo, tudo o que há só pode estar em sua proximidade. Pois o Autolimitado no tempo ainda é o Eterno e Onisciente; o Autolimitado no espaço, ainda o Onipresente. A criação só deve antever sua proximidade. E nada mais.

Gaba-se, a *Huiiothesía*, da *Theósis*: é seu ápice violentamente cobiçado. Descansa, a *Theósis*, na *Huiiothesía*, seu alicerce seguro e plácido. Na gênese do mundo, *Huiiothesía*; ao fim desta era, *Theósis*. Alfa. Omega. Tal como o início proclama o fim, e este, o início, a filiação contempla a divinização como promessa, enquanto a divinização carrega a filiação como garantia. *Huiiothesía* é semente; é a morte do eu rebelado. *Theósis* é ressurreição; a vida do eu glorificado. A primeira, Cristo em mim; a última, eu em Cristo.

Chega o dia, e logo vem, em que angústia e dor e mal nenhum afligirá homens e mulheres, filhos e filhas, glorificados e glorificadas. O novo dia, em que glorificados e glorificadas, filhos e filhas não mais pecarão, não mais pegarão em armas para mutuamente se ferirem, e o coração de Deus. Não mais praticarão a guerra. Haverá paz sem fim.

Chega o dia, e logo vem, quando o domínio e a espiritualidade e a coletividade, a *Imago Dei* no humano, serão a expressão perfeita de proximidade do Pai, da contemplação de sua face, do assentamento com Ele em seu trono, da imaculada posse de tudo.

Vem, Senhor! Fazemos esta oração ansiando pela ressurreição dos mortos, pelo imenso conforto, essa esperança radical e futura que supera toda dor e todo pranto.

Embora tenhamos sido, pela fé, incluídos em teu reino. Embora tenhamos sido libertos do Inferno, e conduzidos a uma intimidade completamente nova, ansiamos pelo milênio eterno, aquele milênio que jamais acabará. Vem, ó Cristo desejado! Oh! Como queremos contemplar a face adorada!

Ouve-nos, enquanto cantamos este hino<sup>835</sup>:

Vem, ó Cristo desejado!  
Vem depressa, Redentor!  
Salve o dia esplendoroso  
do regresso teu, Senhor!

[coro]  
Vem, esperança deste mundo!  
Vem o milênio inaugurar!  
Vem teus remidos despertar do sono!  
Oh, vem teu reino confirmar!

Vem, ó Cristo desejado!  
Vem o mundo libertar  
dessas dores em que geme!  
Teu poder vem demonstrar!

Vem ó Cristo desejado!  
Vem o mundo dominar,  
dispensando amor, justiça!  
Vem teu reino dilatar!

Vem, ó Cristo desejado,  
tua glória revelar!  
Vem, Senhor Jesus, nos ares  
para nos arrebatat!

Comemos pão e bebemos vinho com fartura.

Levantemo-nos. É hora de ir.

---

<sup>835</sup> Hino 106 do Cantor Cristão: O Desejado. Disponível em:  
<<https://cantorcristaobatista.com.br/CantorCristao/hino/show/106>>. Acesso em 14 dez. 2021.



## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

A BÍBLIA Sagrada. Almeida, Revista e Corrigida (2009). Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Mateus+6%3A22&version=ARC>> . Acesso em: 11 dez. 2019.

A BÍBLIA Sagrada, Edição Contemporânea. Flórida, EUA: Vida, 1995.

A BÍBLIA Sagrada. NVI-PT (1993). Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Jo%C3%A3o+1%3A18&version=NVI-PT>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

A BÍBLIA Sagrada. O Livro (2000). Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Jo%C3%A3o+1%3A18&version=OL>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

A BÍBLIA Vida Nova. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADMIRÁVEL Mundo Novo. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20140619143253/http://www.antigona.pt/catalogo/adminivel-mundo-novo-233/>>. Acesso em: 23 out. 2021.

ADOÇÃO: frustração das crianças que são devolvidas aos abrigos. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/O-Programa/noticia/2012/06/ocaminho-da-adocao-frustracao-das-criancas-que-sao-devolvidas-aos-abrigos.html>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. De magistro = Do mestre. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

AGOSTINHO, Santo. *Diálogo sobre a felicidade*. Lisboa: Edições 70, 2014.

ALFORD, Henry. *The Greek Testament: The Four Gospels*. London: Gilbert & Rivington Printers, Cambridge: John Deighton, 1859.

ALLEN, Clifton J. *Comentário Bíblico Broadman*. Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 1983, v. 1.

ALLEN, Clifton J. *Comentário Bíblico Broadman*. Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 1988, v. 11.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma*: Poesia. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1991.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

ANDREW Blane. Disponível em: <<https://andrewblane.squarespace.com/>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

ANTIOCHIAN Orthodox Christian Archdiocese. Disponível em: <<https://www.antiochian.org/>>. Acesso em: 24 set. 2021.

ARISTÓTELES. *Metafísica*: Livro 1 e Livro 2. Ética a Nicômaco. Poética. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ARISTOTELIAN Society, The. *The Council*: Past Presidents of the Aristotelian Society. Disponível em: <<https://www.aristoteliansociety.org.uk/about/the-council/>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, v.1.

ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, v.2.

ASHER Brown Durand: 1796 – 1886. American Art Gallery. Disponível em: <<http://americanartgallery.org/artist/readmore/id/37>>. Acesso em: 22 out. 2021.

ASIMOV, Isaac. *Asimov explica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

ATEÍSMO: A Breve História da Descrença - Episódio 01 - Sombras da Dúvida”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=iR7gUEzAkxE>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

AUGÉ, Marc. *Não lugares*: uma introdução à antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BALDWIN, Joyce G. *Daniel*: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008.

BARTH, Karl. *Carta aos Romanos*. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2008.

BARTH, Karl. *Credo*: comentários ao credo apostólico. São Paulo, SP: Editora Cristã Novo Século, 2005.

BARTH, Karl. *Esboço de uma Dogmática*. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo, SP: Paulus, 1997.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. *A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil*. Rev. psicopedag. v. 28, n.85, 2011, p. 67-75. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&nrm=iso. ISSN 0103-8486](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&nrm=iso. ISSN 0103-8486)>. Acesso em: 08 abr. 2014.

BENNETT, Stephen J. *Novo Comentário Bíblico Beacon: Eclesiastes e Lamentações*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2016.

BÍBLIA Conselheira: Novo Testamento: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: SBB, 2011.

BÍBLIA King James Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica Ibero-Americana; Abba Press, 2012.

BÍBLIA Shedd. São Paulo: Vida Nova; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

BIELER, Ludwig G.J. *St. Ignatius of Antioch: syrian bishop*. Encyclopedia Britannica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Saint-Ignatius-of-Antioch>>. Acesso em: 04 dez. 2021.

BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. São Paulo, SP: Vozes, 1988.

BOOM, Corrie ten. *O refúgio secreto*. Venda Nova: Editora Betânia, 1974.

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Ciência ou religião: quem vai conduzir a história?* São Leopoldo: Sinodal, 2006.

BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. *Union with Christ: the new Finnish interpretation of Luther*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1998.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *Asher B. Durand: American artist*. Encyclopedia Britannica, 13 Sep. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Asher-B-Durand>>. Acesso em: 06 dez. 2021.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *Confessing Church*. Encyclopedia Britannica, 27 Oct. 2014. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Confessing-Church>>. Acesso em: 06 dez. 2021.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *Electromagnetic spectrum*. Encyclopedia Britannica, 11 Mar. 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/science/electromagnetic-spectrum>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *Étienne Gilson*. Encyclopedia Britannica, 15 Sep. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Etienne-Gilson>>. Acesso em 07 dez. 2021.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *Nicholas Cabasilas: Greek theologian*. Encyclopedia Britannica, 15 Nov. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Nicholas-Cabasilas>>. Acesso em: 02 dez. 2021.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *Porphyry*. Encyclopedia Britannica, 3 Jan. 2020. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Porphyry-Syrian-philosopher>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *St. Justin Martyr*. Christian apologist. Encyclopedia Britannica, 23 Apr. 2020. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Saint-Justin-Martyr>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *St. Maximus the Confessor*. Encyclopedia Britannica, 9 Aug. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Saint-Maximus-the-Confessor>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

BRUCE, F. F. *Comentário Bíblico NVI*. São Paulo, SP: Vida Nova, 2009.

CALVINO, João. *A instituição da Religião Cristã*: Tomo 2, Livros III e IV. São Paulo: UNESP, 2009.

CANTOR Cristão. Disponível em: <<https://cantorcristaobatista.com.br/CantorCristao/>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

CARTA-TESTAMENTO de Getúlio Vargas. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/getulio-vargas/carta-testamento-de-getulio-vargas>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

CARVALHO, Lucas Correia. *Esfera pública e esfera privada: uma comparação entre Hannah Arendt e Jürgen Habermas*. Disponível em: <<http://www.habitus.ifcs.ufrj.br/6arendthabermas.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

CASALEGNO, Alberto. *Paulo, Evangelho do amor fiel de Deus*: Introdução às cartas e à teologia paulinas. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

CATECISMO da Igreja Católica: primeira parte - a profissão da fé: credo. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/catechism\\_po/index\\_new/p1s1c3\\_142-184\\_po.html#CREDO](https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p1s1c3_142-184_po.html#CREDO)>. Acesso em: 06 out. 2021.

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. 5. ed. São Paulo, SP: Hagnos, 2001, v. 1.

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. 5. ed. São Paulo, SP: Hagnos, 2001, v. 2.

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. 5. ed. São Paulo, SP: Hagnos, 2001, v. 3.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado*: versículo por versículo. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001, v. 1.



CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado*: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2002, v. 2.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado*: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2002, v. 3.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado*: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2002, v. 4.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado*: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2002, v. 5.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado*: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2002, v. 6.

CHESTERTON, G. K. *Ortodoxia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

CHESTERTON, G. K. *Santo Tomás de Aquino*. Campinas, SP: Ecclesiae Editora, 2015.

CHOURAQUI, André. *No princípio* (Gênesis). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1995.

COHEN, Ohad; BAKER, Sarah. *Hebraico Bíblico A: Unidades 1-30*. Ramat Gan, Israel: eTeacher Biblical; The Hebrew University of Jerusalem, 2012.

COMO SERÁ O CORPO DA RESSURREIÇÃO? Disponível em: <<https://hernandesdiaslopes.com.br/como-sera-o-corpo-da-ressurreicao/>>. Acesso em: 08 out. 2021.

CORNEHL, Peter. *Die Zukunft der Versöhnung*. Eschatologie und Emanzipation in der Aufklärung, bei Hegel und in der Hegelschen Schule. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1971.

DA COSTA, Ricardo; PEREIRA, Evandro Santana. *Ali haverá pranto e ranger de dentes: O Inferno na Arte e na Filosofia da Idade Média*. Disponível em: <<https://www.ricardocosta.com/artigo/ali-havera-pranto-e-ranger-de-dentes-o-inferno-na-arte-e-na-filosofia-da-idade-media>>. Acesso em: 28 out. 2021.

DAL COVOLO, Enrico. *The Historical Origin of Indulgences*. Disponível em: <<https://www.catholicculture.org/culture/library/view.cfm?recnum=1054>>. Acesso em: 26 out. 2021.

DARWINISMO Hoje 2008 Debate Histórico Eberlin Defendendo a TDI. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Oa2Jk4yiruY>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

DEALING with design. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/4341053a>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

DICIONÁRIO - D em Só Filosofia. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2019. Disponível em: <[http://filosofia.com.br/vi\\_dic.php?pg=2&palvr=D](http://filosofia.com.br/vi_dic.php?pg=2&palvr=D)>. Acesso em: 18 out. 2019.

DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/coisa>>. Acesso em: 19 out. 2021.

DIETRICH Bonhoeffer. Disponível em: <<https://culturadolivro.com.br/product-author/dietrich-bonhoffer/>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

DNA. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/dna.htm>. Acesso em: 09 jul. 2020.

DOOYEWEERD, Herman. *No crepúsculo do pensamento ocidental: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. São Paulo: Hagnos, 2010.

DORMAN, Ted. *Union with Christ: the new finnish interpretation of Luther*. First things, december, 1999. Disponível em: <<https://www.firstthings.com/article/1999/12/union-with-christ-the-new-finnish-interpretation-of-luther>>. Acesso em: 06 dez. 2021.

DOUGLAS, J. D. et al. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

DÚVIDA Linguística: uso de não- como elemento prefixal [Ortografia / Hífen]. Disponível em: <<https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/4398>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

EATON, Michael A. *Eclesiastes: introdução e comentário*. São Paulo, SP: Vida Nova; Mundo Cristão, 1989.

ECO, Umberto. *Semiótica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ática, 1991.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm; SCHENKER, Adrian. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

ESPECTRO eletromagnético. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Espectro\\_vis%C3%ADvel#/media/Ficheiro:Electromagnetic\\_spectrum\\_-pt.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Espectro_vis%C3%ADvel#/media/Ficheiro:Electromagnetic_spectrum_-pt.svg)>. Acesso em: 28 abr. 2021. Original Horst Frank, with some modifications by Jailbird. Tradución da versión de Alebergen. - Obra derivada de image: Electromagnetic\_spectrum-es.svg, 15:39, 5 May 2011. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Electromagnetic\\_spectrum-es.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Electromagnetic_spectrum-es.svg)>. Acesso em: 28 abr. 2021.

FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton. *Uma criança os guiará*. Viçosa, MG: Ultmato, 2010.

FERGUSON, Sinclair B. *Novo dicionário de teologia*. São Paulo, SP: Hagnos, 2009.

FIGUEIREDO, Fernando Antônio. *Curso de teologia patrística III: a vida da igreja primitiva (idade de ouro da patrística)*. Petrópolis: Vozes, 1989-1990.

FILHO, Kepler de Souza Oliveira; SARAIVA, Maria de Fátima Oliveira. *Danos ao olho por olhar diretamente ao Sol*. Disponível em: <<http://astro.if.ufrgs.br/eclipses/olho.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

FLOROVSKY, Georges. Criação e Redenção – XI: A Imortalidade da Alma. In: KEHL, Tito Luís. *Blog caminho de oração*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/search?q=Cria%C3%A7%C3%A3o+e+Reden%C3%A7%C3%A3o+XI+-+A+Imortalidade+da+Alma>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

FLOROVSKY, Georges. *São Gregório Palamas e a Tradição dos Padres*. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/s\\_gregorio\\_palamas\\_e\\_os\\_padres\\_da\\_igreja.html#6](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_gregorio_palamas_e_os_padres_da_igreja.html#6)>. Acesso em: 29 set. 2021.

FOOTE, Timothy. *Middle-Earth Genesis: The Silmarillion*. By J. R. R. Tolkien. Time. Monday, Oct. 24, 1977. Disponível em: <<http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,915707,00.html>>. Acesso em: 04 dez. 2021.

GAEDE Neto, Rodolfo. *Os pais da igreja e a questão social* (Apostila). Disciplina Diaconia e Cuidado, Faculdades EST, Mestrado Acadêmico em Teologia, 1º semestre de 2012. São Leopoldo: EST, 2012.

GEISLER, Norman L. *Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

GEISLER, Norman L. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Editora Vida, 2006.

GEORGES Florovsky Papers. The father Georges Florovsky Library. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20141010072031/http://library.svots.edu/archival-collections/fr-georges-florovsky-papers>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

GEORGES Florovsky: Russian Intellectual & Orthodox Churchman. Disponível em: <[https://www.amazon.com.br/Georges-Florovsky-Intellectual-Orthodox-Churchman/dp/088141137X/ref=sr\\_1\\_7?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=Georges+Florovsky&qid=1637785689&sr=8-7&ufe=app\\_do%3Aamzn1.fos.25548f35-0de7-44b3-b28e-0f56f3f96147](https://www.amazon.com.br/Georges-Florovsky-Intellectual-Orthodox-Churchman/dp/088141137X/ref=sr_1_7?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=Georges+Florovsky&qid=1637785689&sr=8-7&ufe=app_do%3Aamzn1.fos.25548f35-0de7-44b3-b28e-0f56f3f96147)>. Acesso em: 24 nov. 2021.

GERSTENBERGER, Erhard. *Teologias no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do Século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento: Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GLOAG, P. J.; SPENCE, H. D. M.; EALES, S. J. *The Pulpit Commentary: Thessalonians to Philemon*. Londres e New York: Funk & Wagnalls Company, [19-?].

GLOSBE: suaili-português dicionário. Disponível em: <<http://pt.glosbe.com/sw/pt/Mungu>>. Acesso em: 08 abr. 2014.

GRANDES Teólogos: Uma síntese do pensamento teológico em 21 séculos de igreja. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books/about/Grandes\\_te%C3%B3logos.html?id=iI4WDQAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp\\_read\\_button&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Atan%C3%A1sio%20enfativava&f=false](https://books.google.com.br/books/about/Grandes_te%C3%B3logos.html?id=iI4WDQAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q=Atan%C3%A1sio%20enfativava&f=false)>. Acesso em: 22 jul. 2020.

GREGÓRIO de Nissa, Santo. *A criação do homem: A alma e a ressurreição; a grande catequese*. São Paulo, SP: Paulus, 2011.

GUSSO, Antônio Renato. *O Pentateuco: introdução fundamental e auxílios para interpretação*. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2011.

HAGNER, Donald A. *Novo comentário bíblico contemporâneo: Hebreus*. São Paulo: Vida, 1997.

HAMMOND, Wayne G. J. R. R. *Tolkien: English author*. Encyclopedia Britannica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/J-R-R-Tolkien>>. Acesso em: 04 dez. 2021.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo, SP: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008.

HENRY, Michel. *Eu sou a verdade: por uma filosofia do cristianismo*. São Paulo: É Realizações, 2015.

HENRY, Michel. *Palavras de Cristo*. Lisboa: Colibri, 2003.

HOFF, Paul. *O Pentateuco*. São Paulo: Vida, 1997.

HOLLADAY, William L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HOLLENBERG, Johannes; BAUMGARTNER, Walter. *Gramática elementar da língua hebraica*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1991.

HUMPHREYS, Roberta. *Nasa Hubble Solves Mystery of Monster Star's Dimming*. Disponível em: <<https://www.nasa.gov/feature/goddard/2021/hubble-solves-mystery-of-monster-stars-dimming>>. Acesso em: 10 out. 2021.

JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1986.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo, SP: Paulinas, 1977.

KAPPELMAN, Todd. *Dietrich Bonhoeffer*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/192838210/Dietrich-Bonhoeffer>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

KATHRYN Kuhlman - Eu Acredito Em Milagres - Corrie Ten Boom - Parte 1 Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qytE5mPsa7E>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

KIDNER, Derek. *Gênesis: Introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

KIERKEGAARD, Soren. *Temor e tremor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1975.

KITTEL, Gerhard. *Dicionário teológico do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 2.

LAVIGNE, Jean-François. *Société Michel Henry*: Bienvenue sur le site de la Société internationale Michel Henry. Disponível em: <<http://societemichelhenry.free.fr/>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

LEWIS, C. S. *O grande abismo*. São Paulo, SP: Vida, 2006.

LEWIS, C. S. *O problema do sofrimento*. São Paulo, SP: Vida, 2006.

LIBERATI, Wilson Donizeti. *Adoção Internacional*. São Paulo: Malheiros, 1995.

LIMA, Nathan Willig. *et al. A história do fóton em livros de física*. X Congresso Internacional Sobre Investigación En Didáctica De Las Ciências, Sevilla: 5-8 de septiembre de 2017. Disponível em: <[https://ddd.uab.cat/pub/edlc/edlc\\_a2017nEXTRA/24\\_-\\_A\\_Historia\\_do\\_Foton\\_em\\_Livros\\_de\\_Fisica.pdf](https://ddd.uab.cat/pub/edlc/edlc_a2017nEXTRA/24_-_A_Historia_do_Foton_em_Livros_de_Fisica.pdf)>. Acesso em: 29 abr. 2021.

LOSSKY, Vladimir. *Ensaio sobre a Teologia Mística da Igreja do Oriente*. Capítulo III: Deus-Trindade. Disponível em: <[http://precedejesus1.blogspot.com/2019/01/vladimir-lossky-ensaios-sobre-teologia\\_10.html](http://precedejesus1.blogspot.com/2019/01/vladimir-lossky-ensaios-sobre-teologia_10.html)>. Acesso em: 04 out. 2021.

LOSSKY, Vladimir. *Ensaio sobre a Teologia Mística da Igreja do Oriente*. Capítulo X: O Caminho de União. Disponível em: <<http://precedejesus1.blogspot.com/2019/05/vladimir-lossky-ensaios-sobre-teologia.html>>. Acesso em: 29 out. 2021.

LOSSKY, Vladimir. *Redenção e Deificação*. Disponível em: <<https://precedejesus1.blogspot.com/2015/12/vladimir-lossky-redencao-e-deificacao.html>>. Acesso em: 11 out. 2021.

LUTERO, Martim. *Dez sermões sobre o credo*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987.

LUTERO, Martinho; CALVINO, João. *Sobre a autoridade secular: Sobre a autoridade secular, de Martinho Lutero. Sobre o governo civil, de João Calvino*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1995.

LUZ Visível. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/luz-visivel.htm>>. Acesso em: 08 out. 2021.

MAIA, Núbia Cristina de Freitas. *Fundamentos básicos da oftalmologia e suas aplicações*. Palmas, TO: Universidade Federal do Tocantins / EDUFT, 2018.

MARTIN, Ralph P. *Colossenses e Filemon*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1984.

MATTHEW Henry: Comentário sobre 1 Coríntios 13. *Blue Letter Bible*. Disponível em: <[https://www.blueletterbible.org/Comm/mhc/1Cr/1Cr\\_013.cfm?a=1075012](https://www.blueletterbible.org/Comm/mhc/1Cr/1Cr_013.cfm?a=1075012)>. Acesso em: out. 2021.

MATOS, Alderi. *Dos tais é o reino dos céus*. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/dos-tais-e-o-reino-dos-ceus>>. Acesso em: 20 out. 2021.

MCGRATH, Alister. *A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2013.

MENDONÇA, Andrey. *Theósis: a união com Deus na tradição cristã ortodoxa*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=8\\_GSuPhGAGg](https://www.youtube.com/watch?v=8_GSuPhGAGg)>. Acesso em: 24 set. 2021.

METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

MEYER, Maximiliano. *Qual a resolução do olho humano?* Disponível em: <<https://www.oficinadanet.com.br/ciencia/23426-qual-a-resolucao-do-olho-humano>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

MICHAELS, J. Ramsey. *Novo comentário bíblico contemporâneo: João*. Deerfield, Florida: Vida, 1994.

MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979-1980, v. 2.

MORRIS, Henry. *Criação ou evolução*. São José dos Campos: Editora Fiel, 1996.

MOUNCE, William D. *Léxico analítico do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

NAZIANZO, São Gregório de. *Discursos teológicos: Os Padres da Igreja 5*. Petrópolis: Vozes, 1984.

NEWELL, William R. *Romanos: versículo por versículo*. Grand Rapids, Michigan: Editorial Portavoz, 1949.

O LIVRO de Provérbios ensina que Jesus é um ser criado? (Provérbios 8: 22-25). *Blue Letter Bible*. Disponível em: <[https://www.blueletterbible.org/Comm/stewart\\_don/faq/accusations-against-jesus-answered/06-does-the-book-of-proverbs-teach-that-jesus-is-a-created-being.cfm?a=636025](https://www.blueletterbible.org/Comm/stewart_don/faq/accusations-against-jesus-answered/06-does-the-book-of-proverbs-teach-that-jesus-is-a-created-being.cfm?a=636025)>. Acesso em: 13 out. 2021.

OLIVEIRA, Juliano de Almeida. *Transcendência e Religião no Pensamento de H. C. de Lima Vaz*. Tese (Doutorado) - Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/11665/1/Juliano%20de%20Almeida%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 01 abr 2021.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal, EST, Petrópolis: Vozes, 2007.

PACKER, J.I. *O conhecimento de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. posição 2134 (edição Kindle).

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009, v. 1.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009, v. 2.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009, v. 3.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1973.

PENNA, P. Damasco. *Introdução à psicologia da criança*. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1980.

PERJANJIAN Novo Testamento: Versão Fácil de Ler (VFL). World Bible Translation Center, Inc. 1999. Disponível em: <<http://www.bible.com/pt-PT/bible/200/rom.8.vfl>>. Acesso em: 17 abr. de 2014.

PETERSON, Eugene. *A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea*. São Paulo: Vida, 2011.

PFEIFFER, Charles F. *Comentário bíblico Moody: Gênesis a Apocalipse*. São Paulo, SP: Imprensa Batista Regular, 1993.

PINTO, Maria Márcia Matos. *O enigma da existência: leitura de "Relógio do Rosário", de Carlos Drummond de Andrade*. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/download/6725/5722>>. Acesso em: 01 mai. 2021.

QUAIS são os limites da visão humana? - Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/quais-sao-os-limites-visao-humana.htm#:~:text=Quanto%20mais%20fechada%20ela%20estiver,ser%C3%A1%20a%20focaliza%C3%A7%C3%A3o%20da%20imagem>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, Wayne. *O novo comentário bíblico NT, com recursos adicionais: a Palavra de Deus ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.

RAHLFS, Alfred; HANHART, Robert. *Septuaginta: Septuaginta/ Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpreters*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006. 2 v. em 1.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. *Noções do grego bíblico: gramática fundamental*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

RESISTÊNCIA e submissão: Dez anos depois. Disponível em: <[http://www.sociedadebonhoeffer.org.br/dez\\_anos\\_depois.htm](http://www.sociedadebonhoeffer.org.br/dez_anos_depois.htm)>. Acesso em: 01 jul. 2014.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

ROPERO, Alfonso. *Lo mejor de Juan Clímaco: Escala espiritual. Sobre el pastor*. Barcelona: Editorial Clie, 2003.

ROPERO BERZOSA, Alfonso. *Gran Diccionario Enciclopédico de la Biblia*. Barcelona: Editorial Clie, 2014.

RUSSELL, Norman. 'Partakers of the Divine Nature' (2 Peter 1:4) in the Byzantine Tradition: From the homage to Joan Hussey ΚΑΘΗΓΗΤΡΙΑ. Disponível em: <[http://www.myriobiblos.gr/texts/english/Russell\\_partakers.html#1\\_bottom](http://www.myriobiblos.gr/texts/english/Russell_partakers.html#1_bottom)>. Acesso em: 24 set. 2021.

RITSCHL, Dietrich; HAILER, Martin. *Fundamentos da teologia cristã*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

RYRIE, Charles C. *Teologia Básica: ao alcance de todos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

SANTOS, Nilson Faria. *Adoção filial e plenitude do tempo/plenitude dos tempos: estudo exegético-teológico de Gl 4,1-7 e Ef 1,3-10*. 2005. Tese (Doutorado) - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <[http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqt ese=0124807\\_05\\_Indice.html](http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqt ese=0124807_05_Indice.html)>. Acesso em: 04 mai. 2017.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. *Novo Testamento trilingue: grego, português, inglês*. São Paulo, SP: Vida Nova, 1998.



SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

SHERMAN, Franklin. *Dietrich Bonhoeffer*. Encyclopedia Britannica, 05 Apr. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Dietrich-Bonhoeffer>>. Acesso em: 06 dez. 2021.

SHUTTLEWORTH, Mark (2005). *Theosis: Partaking of the Divine Nature*. Disponível em: <<http://ww1.antiochian.org/content/theosis-partaking-divine-nature>>. Acesso em: 24 set. 2021.

SILVA, Mauro Luiz Ferreira. *Institucionalização e adoção, à luz da teoria Bowlbyana do apego e da carta de Paulo a Filemom*. 2014. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014.

SOUZA, Hália Pauliv de. *Adoção é doação*. Curitiba/PR: Juruá, 2000.

SOUZA, José Neivaldo. *Por uma teologia da adoção*. III Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades, v. 3, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/3jointh?dd99=anais>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

SPROUL, R. C. *Salvo de quê? compreendendo o significado da salvação*. São Paulo: Vida, 2006.

STEFON, M. et al. *Christianity*. Encyclopedia Britannica, 26 Nov. 2020. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Christianity>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

STERN, David H. *Bíblia Judaica Completa: o Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]*. São Paulo: Vida, 2010.

STRECK, Gisela; SCHMITT, Flávio. *Manual de normas para trabalhos científicos: baseado nas normas da ABNT*. São Leopoldo, RS: EST, 2020.

STRONG, James. *Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri, SP: SBB, 2002.

TAYLOR, William Carey. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego: Dicionário*. 6. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

TEN Boom Museum. Disponível em: <<https://tenboom.org/>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

THOMAS, Dylan. *Do not go gentle into that good night*. Disponível em: <<https://poets.org/poem/do-not-go-gentle-good-night>>. Acesso em: 22 out. 2021.

TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 2000.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática: três volumes em um*. 2. ed. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987.

TOLKIEN, J. R. R. *O Silmarillion*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

TOMÁS de Aquino, Santo. *Compêndio de Teologia*. Porto Alegre, RS: Concreta, 2015.

TOMÁS de Aquino, Santo. *Suma Teológica*. [S.l.]: Alexandria Católica, [entre 1265 e 1273].

UNIVERSITÄT Erfurt. Prof. Dr. Peter Cornehl. Theologisches Forschungskolleg. Personen. Bisherige Fellows. Disponível em: <<https://www.uni-erfurt.de/katholisch-theologische-fakultaet/forschung/forschungsprofil/theologisches-forschungskolleg/personen>>. Acesso em: 17 out. 2021.

VALÉRIO, Marcelo; TORRESAN, Clarissa. *A invenção do microscópio e o despertar do pensamento biológico: um ensaio sobre as marcas da tecnologia no desenvolvimento das ciências da vida*. REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio - ISSN: 1982-1867 - vol. 10, n. 1, 2017.

VANGEMEREN, Willem A. *Novo dicionário internacional de teologia e exegese*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 1.

VANGEMEREN, Willem A. *Novo dicionário internacional de teologia e exegese*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 3.

VAN ANDEL, Kelly (Universidade de Glasgow). *Alfred Edward Taylor*. The Gifford Lectures. Over 100 years of lectures on natural theology. Disponível em: <<https://www.giffordlectures.org/lecturers/alfred-edward-taylor>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

VEDDER, Lee A. *Heeding the Call of Nature: Asher Brown Durand's Communion with the American Landscape*. Disponível em: <<http://www.tfaoi.com/aa/6aa/6aa4d.htm>>. Acesso em: 22 out. 2021.

VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. *Eclesiastes ou Qohélet*. São Paulo: Paulus, 1999.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; JR. William White. *Dicionário Vine: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

VITA, Rosemary, AKIL, Teresa. *Noções básicas de hebraico bíblico para ler e traduzir*. São Paulo, SP: Hagnos, 2004.

VONTADE. Virtuous Tecnologia da Informação, 2008-2021. Disponível em: <[http://filosofia.com.br/vi\\_dic.php?pg=2&palvr=V](http://filosofia.com.br/vi_dic.php?pg=2&palvr=V)>. Acesso em: 13 dez. 2019.

WACHHOLZ, Wilhelm; DREHMER, Darci. *A Confissão de Augsburgurgo: Edição comemorativa 1530-2005: Confissão de Fé apresentada ao Invictíssimo Imperador Carlos V. César Augusto, na Dieta de Augsburgurgo, no ano de 1530*. Edição

comemorativa. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre, RS: Concórdia; Curitiba, PR: Encontro Publicações, 2005.

WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2010.

WIESE, Werner. *A Cristologia na obra de Dietrich Bonhoeffer*. Disponível em: <<http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=375>>. Acesso em: 04 jul. 2014.

WILKEN, Robert L. *Tertullian*. Encyclopedia Britannica, 29 Oct. 2021, Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Tertullian>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Hagnos, 2007.

WONDRACEK, Karin H. K. *Desenvolvimento humano na lógica do Espírito: introdução às ideias de James E. Loder*. Joinville: Grafar, 2012.

YANCEY, Philip. *A Bíblia que Jesus lia*. São Paulo: Editora Vida, 2000.

YANCEY, Philip. *Feito de modo especial e admirável: a harmonia entre o mundo natural e o espiritual*. São Paulo: Vida, 2012.